

**LITERATURA, CULTURA E  
RESISTÊNCIA**  
1ª EDIÇÃO

**Joinville - SC  
Clube de Autores Publicações S/A**



**José  
Flávio  
da  
PAZ**

**Josimeire  
Santos  
da  
MATA**

**Lucinea  
dos  
Santos  
FERREIRA**

**Néstor  
Raúl  
González  
GUTIÉRREZ**

**Walnice  
Aparecida  
Matos  
VILALVA**

(Organizadores)

# **LITERATURA, CULTURA E RESISTÊNCIA**

**1ª Edição**

**Joinville/SC  
Clube de Autores Publicações S/A  
2020**

Copyright © 2020 – Todos os direitos reservados ao organizador.

Todos os direitos reservados – a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste livro só é autorizada pelos organizadores. A violação dos direitos do autor, conforme Lei nº 9.610/98 é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Coordenação Editorial:** *Casa Literária Enoque Cardozo*

### **Ficha catalográfica**

**Literatura, cultura e resistência.** / 1º edição. Organização José Flávio da Paz, Josimeire Santos da Mata, Lucinea dos Santos Ferreira, Néstor Raúl González Gutiérrez e Walnice Aparecida Matos Vilalva – Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2020.

542 p.

**ISBN: 978-65-87128-15-3**

1. Literatura. 2. Artes. 3. Interdisciplinaridade. 4. Educação. I. PAZ, José Flávio. II. MATA, Josimeire Santos da. III. FERREIRA, Lucinea dos Santos. IV. GUTIÉRREZ, Néstor Raúl González. V. VILALVA, Walnice Aparecida Matos.

### **NOSSO CONSELHO EDITORIAL e CIENTÍFICO:**

Carlos André Lucena da Cruz (Estácio-RN/Brasil); Deise Leite Bittencourt Friedrich (IFRS/Brasil); Ederson Luís Silveira (UFSC/SE-Brasil); Eva Cristina Francisco (IFSP/Brasil); Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA/Brasil); Gueidson Pessoa de Lima (IFRN/Brasil); José Eduardo Martins de Barros Melo (UNIR/Brasil); José Flávio da Paz (UNIR/Brasil); Paula Raphaele Soares Pompeu (Estácio-RN/Brasil); Rafael Ademir Oliveira de Andrade (UNISL/Brasil); Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT/Brasil)



Clube de Autores Publicações S/A - CNPJ: 16.779.786/0001-27  
Rua Otto Boehm, 48 Sala 08, América - Joinville/SC, CEP 89201-700  
[www.clubedeautores.com.br](http://www.clubedeautores.com.br)

# SUMÁRIO

**Apresentação** 9

**Capítulo 1 - SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE FEMINILIDADE/MASCULINIDADE EM TEXTOS DO JORNAL ALTO MADEIRA (PORTO VELHO-RO): ESTEREÓTIPOS E ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA** 11  
**Admilton José de Oliveira**

**Capítulo 2 - BOACÉ METLON. PALAVRA É CORAGEM. AUTORIA E ATIVISMO DE ORIGINÁRIOS NA ESCRITA DA HISTÓRIA** 37  
**Aline Rochedo Pachamama**

**Capítulo 3 - OS DESAFIOS DA SAÚDE PÚBLICA: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VESPASIANO** 57  
**Andréia Maria de Jesus Ferreira**

**Capítulo 4 - “ESPERANÇA: 50 ANOS DEPOIS...” HISTÓRIA E LITERATURA: OS FIOS NARRATIVOS ENTREMEADOS PELA MEMÓRIA** 81  
**Auxiliadora dos Santos Pinto**  
**Manoel Messias Feitosa Soares**

**Capítulo 5 - ISALTINA CAMPO BELO: A MULHER NEGRA LÉSBICA EM CONCEIÇÃO EVARISTO** 105  
**Celiomar Porfírio Ramos**  
**Marinei Almeida**

**Capítulo 6 - (DIS)JUNÇÃO DO SER E DA AÇÃO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO DE FIODOR DOSTOIEVSKI** 127  
**Dagoberto Rosa de Jesus**  
**Elisabeth Battista**

**Capítulo 7 - A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS: A FIGURA DO PROFESSOR COMO SINÔNIMO DE RESISTÊNCIA**

149

**Deise Leite Bittencourt Friedrich**

**Capítulo 8 - LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL: LINN DA QUEBRADA - LITERÁRIA E SOCIAL**

165

**Eduardo Dias da Silva  
Robson Coelho Tinoco**

**Capítulo 9 - UMA ANÁLISE EM TORNO DA OBSESSÃO PELA BUSCA DA BELEZA PERFEITA, NO CONTO “THE BIRTH-MARK” DE NATHANIEL HAWTHORNE**

179

**Ellen Cristina de Moura Nogueira  
Manuella Nogueira da Silva**

**Capítulo 10 - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR: AS ASAS DE UM ANJO**

203

**Francisco Jeimes de Oliveira Paiva  
Eduardo Dias da Silva**

**Capítulo 11 - A REVERBERAÇÃO DE VOZES NA POESIA PERFORMANCIAL – POETRY SLAM: MULTILETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA**

221

**Geane Valesca da Cunha Klein  
Patrícia Pereira da Silva**

**Capítulo 12 - ANCESTRALIDADE, LITERATURA E RESISTÊNCIA: O TRABALHO COLETIVO E A LITERATURA ORAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA GRANDE**

245

**Girlene da Cruz Ferreira  
Cláudio do Carmo**

**Capítulo 13 - POESIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA  
PERNAMBUCANA DOS ANOS 80: O MOVIMENTO DOS  
ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO (MEIPE)**

267

**José Eduardo Martins de Barros Melo  
Maria Elizabete Sanches**

**Capítulo 14 - LITERATURA INFANTOJUVENIL: RESISTÊNCIA E  
DESCOLONIZAÇÃO**

287

**Larissa Gotti Pissinatti  
Nerli Nonato Ribeiro Mori**

**Capítulo 15 - LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA: ESPAÇO  
POSSÍVEIS COM OBRAS DE AUTORIA INDÍGENA**

303

**Márcia Dias dos Santos**

**Capítulo 16 - HISTÓRIAS PARA OUVIR ANTES DE DORMIR: A  
POÉTICA NOS LIVROS DE ARTISTA NO BRASIL**

333

**Marcia Rosenberger**

**Capítulo 17 - PERSPECTIVAS POLIFÔNICAS DA/NA  
LITERATURA ANGOLA: CENÁRIO ATUAL, DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES**

351

**Rosário Ngunza**

**Capítulo 18 - A CANÇÃO DE RENATO RUSSO: ENTRE O  
ECONÔMICO E O CULTURAL, O SIMULACRO SEMIÓTICO**

363

**Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes**

**Capítulo 19 - Capítulo LITERATURA INFANTIL: ENCANTOS,  
APRENDIZAGEM, EMOÇÃO E DESCOBERTAS NA  
ALFABETIZAÇÃO**

381

**Rute Barboza da Silva**

**Capítulo 20 - E QUANDO O “OUTRO” É VOCÊ?: REFLEXÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA LITERATURA SURDA E O LUGAR DE FALA DO OUVINTE NESSE CONTEXTO** 401

**Shirley Barbosa das Neves Porto**

**Capítulo 21 - EM QUE CONSISTE UMA LITERATURA MUNDIAL?** 423

**Thiago Rodrigo de Almeida Cunha**

**Capítulo 22 - NAS FRANJAS DO ESTADO: O CASO DA POLÍTICA DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL** 441

**Wagner Guilherme Alves da Silva**

**RELATÓRIO DO CILCER 2020.** 459

**Coordenação Geral  
Comissão Organizadora**

**Alguns resumos do CILCER 2020.** 537



## APRESENTAÇÃO

A presente obra reúne os artigos dos palestrantes e dos comunicantes do **Congresso Internacional de Literatura, Cultura e Resistência**, realizado no último mês de maio de 2020, além de convidados.

Foi uma iniciativa reflexivo-discursiva acerca dos estudos sociais, literários, das linguagens artísticas e das culturas brasileira, angolana e de países latino-americanos em tempos de necessidades urgentes de resistências, frente aos processo de globalização massacrantes e o desrespeitos oriundos da falta de sensibilidade para com as adversidades que inerentes à população mundial e a ausência de interesse pelo estreitamento, respeito, valorização e reconhecimento das peculiaridades desses povos.

Para êxito desta empreitada, congregou-se, ainda que virtualmente, pesquisadores e pesquisadoras de locais brasileiros e continentes distintos, de modo que se garantiu a representatividade e o empoderamento dessas diferenças, suas falas e suas manifestações.

Logo, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, a saber:

- Adquirir conhecimentos sociais, literários, artísticos e culturais dos povos brasileiro, angolano e latino-americano, de maneira que se possa estabelecer relações colaborativas, cooperativas, reconhecimento e valorização das peculiaridades desses povos frente aos processos de globalização trazidos pelas expressões contemporâneas de inclusão e respeito as diferenças;

- Analisar o cenário ideológico, descolonizador e do não alinhamento predominante nas artes, nas literaturas e nas culturas do Brasil, Angola, Argentina, Peru e Colômbia;

- Reescrever a função social humana, enquanto centro da ordem planetária, a partir da sensibilização, recepção, promoção, crítico e criador das artes, das literaturas e das culturas;

- Colaborar no compartilhamento de iniciativas que elevem a condição humana frente as artes, as produções literárias e nas culturas dos povos dos países envolvidos nesta proposta.

Os detalhes do evento, você leitor ou leitora, poderá conferir no relatório constante na parte final desta obra.

Tenham uma excelente leitura!

Coordenação Geral.

Comissão Organizadora.

## SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE FEMINILIDADE/MASCULINIDADE EM TEXTOS DO JORNAL ALTO MADEIRA (PORTO VELHO-RO): ESTEREÓTIPOS E ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA

*Admilton José de Oliveira*<sup>1</sup>

### Considerações Iniciais

Este artigo corresponde à uma releitura da dissertação de mestrado defendida no ano de 2018, na Universidade Federal de Rondônia, na qual analisamos enunciações sobre a mulher em textos publicados no jornal *Alto Madeira* (Porto Velho – RO), entre 1975 e 1985. Procuramos discutir a presença de discursos de subalternidade e a manifestação da estereotipia nos discursos materializados em textos nos quais a mulher era representada, ao mesmo tempo em que demonstramos que essa representação das subjetividades atendia a um aparato de saber e de poder, constituído em uma relação de subalternidade. Em meio ao mar de estereótipos, identificamos textos poéticos que podem ser vistos como uma centelha de resistência.

Consideramos a linguagem como um processo dinâmico que permeia as inter-relações humanas e constitui o indivíduo em sujeito do discurso, no interior de um sistema de lugares. Nosso objetivo foi problematizar a constituição dos sujeitos, a fixação da identidade feminina e as relações autoritárias manifestas nos textos, bem como

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras-UNIR. Especialista em Libras-FAEL. Licenciado em Letras: Português/Inglês e respectivas Literatura - Faculdades Integradas de Cacoal (2014). Atualmente é professor de Língua de Portuguesa no Estado de Rondônia (SEDUC)

a sua contraposição (o movimento de resistência), tendo em vista promover uma análise crítica acerca dos padrões de conduta e comportamento estabelecidos para homens e mulheres.

Encontramos respaldo para a pesquisa no campo teórico dos Estudos Culturais, na História do Corpo e nas Teorias de Gênero. Operamos essa escolha teórico-metodológica por considerar que a análise de diferentes discursos materializados em diversos gêneros do discurso contribui para a compreensão dos processos de constituição das subjetividades que nas práticas cotidianas. Partimos da hipótese de que, nas diferentes enunciações, existe uma forma sujeito predominante que aparece como evidente, una, clara e precisa. Essa forma fixada historicamente impede o afloramento de outras, criando o efeito de um sujeito centrado e indiviso e dando a impressão de falar em uníssono. Porém, a análise mostrou momentos nos quais outras posições irrompem revelando a heterogeneidade dos sujeitos enunciadores – nos quais podemos situar os discursos de resistência.

### **O gênero como categoria de análise**

A dualidade sexo e gênero perdurou nos estudos e debates acerca da temática até a década de 1980 – o primeiro termo (sexo) era usado para retratar as questões da natureza no que concerne à sexualidade e o segundo (gênero) para incorporar a cultura a essas discussões. A feminista e historiadora Joan Scott foi uma das responsáveis (se não a principal) pela mudança de perspectiva nos estudos de gênero por ocasião da publicação do artigo intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), publicado originalmente em 1986. A autora

problematiza sobre os usos descritivos de gênero, que ocorrem quando se consideram estritamente as questões envolvendo mulheres e homens. Como uma teórica pós-estruturalista, Scott (1995) fundamenta sua perspectiva em Derrida, considerando necessário desconstruir essa oposição estanque, binária, universal e atemporal construída sobre o homem e a mulher. Além disso, Scott (1995) sofreu influências da perspectiva foucaultiana e passou a considerar o gênero como um saber acerca das diferenças sexuais, intimamente relacionado às questões de poder.

Scott (1995) tece crítica a um conjunto de trabalhos que se propunham a debater a temática gênero, porém mantiveram-se no rol dos estudos descritivos, tendo apenas feito uma troca de terminologia. A autora constatara que “os livros e artigos de todos os tipos que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo ‘mulheres’ por ‘gênero’” (1995, p. 75). Essa adequação terminológica, segundo a historiadora, servia apenas para “sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois ‘gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’” (SCOTT, 1995, p. 75). A crítica mais contundente feita por Scott (1995) sobre a supressão do termo ‘mulher’ e sua substituição por ‘gênero’ diz respeito ao apagamento e silenciamento que essa mudança impõe. Segundo Scott

Nessa utilização, o termo "gênero" não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo "história das mulheres" proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas

habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo "gênero" inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. (SCOTT 1995, p. 75)

Essa busca por legitimação dos estudos feministas na década de 1980 foi, de acordo com Scott (1995), um dos aspectos a se considerar quando são levantadas questões acerca da temática e, especialmente, do conceito de 'gênero'. Além disso,

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. (SCOTT, 1995, p. 75).

A autora assume esse posicionamento, dado não ser produtivo considerar a história das mulheres de forma separada, perpetuando a ideia equivocada de que a “experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo” (SCOTT, 1995, p. 75). Ademais, o termo ‘gênero’ refere-se às relações sociais estabelecidas e vivenciadas pelos sexos e rejeita as explicações biológicas usadas para justificar a subordinação e subalternidade feminina em construções do tipo “mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que homens têm uma força muscular superior” (SCOTT, 1995, p. 75). Destarte, “o termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os

papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). Nessa esteira, Meyer (2013) evidencia a extensão do termo ‘gênero’, ressaltando que ele rompe com a perspectiva anatômica e biológica segundo a qual gênero e sexo estariam conectados de maneira natural. Assim,

[...] com o conceito de gênero pretendia-se romper com a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resultava em diferenças inatas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. (MEYER, 2013, p. 17).

Scott (1995, p. 75) salienta que a ampliação dos estudos a respeito de sexo e sexualidade tornou o termo ‘gênero’ particularmente útil, permitindo que se distinguíssem as práticas sexuais “dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens”. De acordo com Rago (1995, p. 87-8), “é importante destacar o deslocamento que os estudos feministas operam ao privilegiarem em suas discussões e pesquisas a categoria de gênero em detrimento do objeto ‘mulheres’”. Conforme a autora, trata-se de promover uma desconstrução da generalização “mulheres” (que remeteria a uma imagem unificada e adequada aos padrões: branca, classe média, heterossexual) para considerar as multiplicidades “e, sobretudo, para se pensar as diferenças sexuais enquanto construções sociais e culturais” (RAGO, 1995, p. 88). Assim,

A despeito das discussões entre as teóricas do feminismo em torno de uma definição precisa do gênero, é evidente a preocupação em evitar as oposições binárias fixas e naturalizadas, para trabalhar com relações e perceber por meio de que procedimentos simbólicos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder nossas referências culturais são sexualmente produzidas.

Dizer que “as referências culturais são sexualmente produzidas” (RAGO, 1995, p. 88) implica pensar que essas referências se instituem por meio de símbolos, emanam de jogos de significação e estão imbricadas nas diferentes relações: de poder, familiares e de parentesco, econômicas e políticas. Uma vez que nós compreendamos que as diferenças sexuais não são simplesmente “naturais”, mas existem enquanto construções culturais, torna-se inevitável a desconstrução das representações que enquadram os indivíduos e delimitam a maneira como podem ou devem ser, agir ou se comportar. Assim, ao evitar a binaridade e perceber as relações de poder, os estudos assumem uma nova postura metodológica. Conforme Rago:

Com esta nova proposta metodológica, insiste-se em que consideremos as diferenças sexuais enquanto construções culturais, desmontando e sexualizando conceitualizações que fixam e enquadram os indivíduos, seus gestos, suas ações, suas condutas e representações. [...] Além disso, propõe-se pensar as relações de gênero enquanto relações de poder, e nesse sentido a dominação não se localiza num ponto fixo, num “outro” masculino, mas se constitui nos



jogos relacionais e de linguagem. (1995, p. 88)

Ao assumir essa proposta metodológica e tomarmos o gênero como nossa categoria de análise precisamos nos desvencilhar dos discursos arraigados em nossa sociedade e que fundam os sujeitos em padrões pré-definidos conforme uma divisão sexual binária. Assim, o trabalho de análise deve servir para repensar as relações de gênero enquanto relações de poder, dado que as diferenças sexuais convencionalmente vistas como naturais são construídas culturalmente.

### **As enunciações sobre a mulher em textos do jornal *Alto Madeira*: textos e contextos**

Apresentamos aqui reflexões acerca do entorno que circunscreve as enunciações sobre a mulher em textos do jornal *Alto Madeira*, veiculados no período de 1975 a 1985. Entendemos que as enunciações correspondem a usos de enunciados em determinadas situações pragmáticas, veiculando discursos que, por sua vez, estão intimamente relacionados como o poder. Refletir acerca dos significados fixados e cristalizados em um processo de estereotipia e de instauração de relações de subalternidade implica em uma ação de resistência, a qual equivale ao questionamento sobre essas formas, padrões, conceitos. Interrogar sobre os modos de constituição dos significados, limites e ambiguidades das práticas cotidianas é fundamental para que se possam “promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos” (FOUCAULT, 1995, p. 239).

Na perspectiva por nós assumida, a mídia corresponde a um dispositivo (pragmático ou

performativo) capaz de produzir sujeitos, constituindo modos possíveis das experiências de si. Compreendemos que a cultura midiática apresenta um caráter normativo e desempenha uma função disciplinar, promovendo a identificação dos sujeitos a determinadas posições identitárias. Ademais, os textos publicados nos jornais diários emanam de uma instituição que restringe as enunciações e na qual se cristalizam inúmeros conflitos, de modo que o sujeito ocupa um lugar determinado para poder enunciar do interior dele. Por este motivo, os textos não se reduzem à produção de um indivíduo, mas estabelecem-se no correlato de uma posição sócio histórica (os enunciadores são substituíveis). Em função da não-coincidência entre o sujeito que fala e aquele de quem se fala, os textos veiculados no *Alto Madeira*, ainda que escritos por mulheres e representativos de uma certa experiência “individual”, acabam por retratar mais do que essa experiência individual, pois refletem os discursos e ideologias pré-existentes e que fazem a representação ser elaborada de uma maneira e não de outra.

Ao explicitar as formas de presença da subjetividade e da alteridade nas enunciações consideramos as semelhanças e diferenças, percebendo como os discursos se articulam para configurar o interdiscurso gerador dos possíveis sentidos. Fizemos isso porque na prática cotidiana, comumente nos deparamos com séries de repetições de formas fixas definidoras das subjetividades e vivenciamos situações nas quais o discurso pretensamente uno e transparente, por vezes desliza e demonstra uma heterogeneidade não pretendida, silenciada por aparatos de saber e poder. Esse paradoxo aflora a necessidade de analisar os diferentes tipos de discursos, a fim de compreender os processos de subjetivação tornados

possíveis pelas formações discursivas sustentadoras dos dizeres e representantes de vozes.

### **Os sentidos e significados de feminilidade/masculinidade na sociedade: tabus e imposições**

Embora a sexualidade acompanhe a humanidade, os estudos sobre sua história são recentes e ainda cercados por tabus. Há casos de autores que se dedicam a tratar de comportamentos exóticos a título de curiosidade ou com o intuito de excitar, chocar, constranger – esse tipo de relato, além de não corresponder a aspectos referentes à sexualidade da maioria das pessoas acaba reforçando os estereótipos e estigmas. De acordo com Stearns, a sexualidade “sempre foi uma parte essencial do panorama da história mundial; observá-la com atenção ajuda a traduzir os padrões da história mundial para uma compreensão da vida cotidiana e do comportamento humano comum” (STEARNS, 2010, p. 10). Os valores atribuídos às diferentes práticas da sexualidade não são perenes, mesmo questões consideradas biológicas mudam conforme os hábitos de uma dada comunidade – exemplo disso é a puberdade, cuja idade varia dependendo de fatores como alimentação e do contexto social. A história da sexualidade relaciona-se a outros temas de interesse social, como os estudos de gênero e de classe social. Dessa forma, estudos que versem sobre a história da sexualidade auxiliam na compreensão do funcionamento da sociedade geral. Conforme Stearns (2010), os comportamentos sexuais que uma sociedade desaprova fogem inclusive do alcance da história de uma maneira mais ampla. Assim é que alguns temas se tornam tabus e entre eles podemos citar o homossexualismo (em alguns momentos históricos e

sociedades chega a ser ato criminoso), a masturbação, o aborto e até o controle de natalidade.

No interior dos estudos sobre a sexualidade encontram-se relatos de comportamentos considerados próprios do homem ou da mulher, os quais são ou não aceitáveis dependendo se há uma correspondência entre quem pratica o ato e o que é esperado de uma pessoa de determinado sexo. Entretanto, não há uma definição estanque sobre os comportamentos aceitos como próprios de homens ou de mulheres. Destarte, ao longo da história a percepção acerca dos comportamentos tidos como femininos ou masculinos foi mudando e moldando a própria sociedade e cultura na qual essas representações emergiam.

Os sentidos e significados de feminilidade/masculinidade são produzidos, social e culturalmente, nas diferentes relações sociais e instituem as normas, práticas, obrigações e prioridades para cada gênero. Eles encontram-se presentes nos mais diversos textos, sem ser necessariamente percebidos pelos enunciadores. De fato, os discursos manifestos nos textos indicam padrões de comportamento aceitáveis para um ou outro gênero e fixam as maneiras de ser, de se comportar ou realizar práticas corporais, construindo um quadro de sentidos e significados para a feminilidade/masculinidade. Assim são definidos e difundidos os valores, gestos corporais, atitudes e comportamentos aceitáveis conforme o gênero, os quais se estendem para todas as instâncias sociais, regrando práticas corporais e de sexualidade.

## Os discursos sobre a mulher: subalternidade e estereotipia

Os discursos sobre a mulher manifestos na maioria das publicações apresentam uma estrutura dialética que simultaneamente reflete e determina os papéis que a mulher pode/deve ocupar na sociedade, transmitindo velhas e novas ideias, valores, concepções e normas. A presença constante de estereótipos femininos construtores de uma verdade sobre o que significa ser mulher e a repetição exaustiva deles corroboram para a cristalização de imagens, as quais oscilam como positivas ou negativas. De acordo com Bhabha (2013), essa aparente contradição está na essência do estereótipo, enquanto um modo ambivalente de construção do discurso colonial. Ao mesmo tempo em que vemos nos cadernos literários a reprodução de poemas (escritos por homens) exaltando as mulheres, ou nas páginas sociais as parabenizações por datas festivas ou por presenças em festas e eventos que as elevam a posições de adoração e estima, as páginas policiais estão repletas de casos de violência contra a mulher por motivos banais.

Como se pode aduzir, os estereótipos residem em várias esferas e discursos, haja vista que o centro de nossa sociedade – e, por conseguinte, de nossa cultura – é homogêneo e hegemônico: heterossexual, masculino, ocidental e branco. Disto decorre que a mulher ocupa uma posição sempre marginal ou, conforme Hutcheon (1991, p. 96), uma posição ex-cêntrica – entendida enquanto o “ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e apesar disto, fora”. Nesse sentido, torna-se relevante lembrar da importante obra de Gayatri Chakravorty Spivak, intitulada *Pode o subalterno falar?* – fundada em um questionamento que traz em si a vontade de mudança projetada pelos

precursores dos estudos da subalternidade. A autora discute ao longo do texto a dupla opressão a que as mulheres são submetidas: de um lado pela dominação imperial na divisão internacional do trabalho e, de outro, pela dominação masculina na construção ideológica de gênero. De acordo com Spivak, “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2014, p. 85).

Simone de Beauvoir (1967), na obra *O Segundo Sexo*, aborda de uma maneira inédita e transgressora a construção das relações de gênero. A autora discute a forma pela qual as sociedades definiram a representação masculina como correspondente a um sujeito uno e universal e a mulher como sendo o outro do homem.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Desta feita, nos diferentes produtos culturais vemos representada uma imagem de mulher fundada em estereótipos e ocupando um lugar de subalternidade, a exemplo do que ocorre nos filmes e novelas televisivas em geral. Os estereótipos não se limitam a questão de gênero, pois mulheres brancas e negras são representadas de maneira diferenciada, bem como mulheres pobres ou ricas também o são. O estereótipo de beleza, por exemplo,

normalmente associa-se à mulher branca e rica; enquanto a mulher negra normalmente ocupa posições sociais inferiores e a ela associam-se imagens de sensualidade, exotismo, sexualidade aflorada, “selvageria”, “indocilidade” – o que despertaria os “instintos masculinos” de dominação. A mulher negra normalmente aparece em relações de subserviência e subalternidade, servindo aos senhores da classe média ou alta. A mulher mestiça, denominada via estereótipo como “mulata”, é representada de maneira caricatural como dona de “exuberantes dotes”.

Spivak (2014) observa que uma mulher negra ocupa uma posição mais periférica que uma mulher branca e uma mulher negra e pobre ocupa uma posição ainda mais à margem em função da conjunção de fatores inerentes ao gênero e as condições sociais e econômicas. De acordo com a autora, uma pessoa pobre, negra e mulher é oprimida de três maneiras: sofre o peso de sua condição de gênero e racial, e sente também a condição social acarretada pelo processo de exploração colonizadora. Assim, “com respeito à ‘imagem’ da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação” (SPIVAK, 2014, p. 84). Outro fator que determina a subalternidade da mulher enquanto sujeito encontra-se na herança cristã, embora o silenciamento imposto às mulheres não seja exclusivo do cristianismo ou simplesmente decorrência dele, a opressão feminina é inegável nessa tradição.

Da imagem de mulher reforçada e exaltada pelo patriarcado a imagem estereotípica da mulher naturalmente criada para garantir a reprodução da espécie humana e, por conseguinte, a imagem da mulher capacitada “naturalmente” para a maternidade –

estereótipo do qual emana outro: as mulheres são dotadas de uma capacidade de amar e se entregar incondicionalmente ao outro. Antes de ser mãe, porém, deve encaixar-se em outro ideário: o casamento, o qual “permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe” (BEAUVOIR, 1967, p. 67). Desde a mais tenra idade as meninas são incentivadas a sonhar com seu príncipe encantado, a imaginar o casamento dos sonhos, a esperar por aquele que irá mudar sua vida para sempre e a quem será fiel e submissa independentemente das circunstâncias. Assim, a moça ao se casar “se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor” (BEAUVOIR, 1967, p. 67).

O casamento corresponde a uma instituição ritual fundante da família moderna e por isso mostra-se tão presente no imaginário coletivo. As meninas desde crianças são incentivadas a casar e ter filhos e, para conseguirem esse objetivo, são orientadas a ter bons modos, ser prendadas e administrar o cuidado de si. Aos homens é ensinado quase o contrário: a eles é dada a liberdade de ser do modo que quiser - desde que enquadrado ao padrão heteronormativo.

A tentativa de controle dos corpos das mulheres e dos comportamentos e atitudes é constante, haja vista que se a mulher conquistasse o domínio sobre os corpos e tomasse consciência de si e dos papéis que assume, esse (re)conhecimento poderia colapsar a própria estrutura da sociedade, fundada no modelo patriarcal. Ao passo que os homens sempre foram incentivados a iniciar a vida sexual nos primeiros anos de puberdade, as mulheres sofreram a imputação de um pesado véu que as cerceava de quaisquer



experiências sexuais antes do casamento. Com as modificações da sociedade, as revoluções femininas e o acesso, principalmente, à educação, as mulheres passaram a exigir liberdade para seus corpos e o poder de decisão sobre questões como a virgindade.

Embora a grande maioria dos textos publicados ao longo da “década da mulher” seja fundada por estereótipos e simultaneamente os reproduza, encontramos alguns exemplos de textos poéticos que servem como contraponto a esses discursos, colocando em evidência a sexualidade feminina, os desejos e os direitos sobre os corpos e comportamentos. É o que vemos no poema reproduzido abaixo, publicado em 22 de junho de 1975, sobre a assinatura de akika.

<b>MARTÍRIO DAS HORAS</b>	ora
<b>(akika)</b>	por uma senhora
Martírio das horas	adúltera
liquefeito de orgasmo	cujo útero
do latente desejo	inflamado
do mártir	(não opado)
que (sem hora)	pega fogo.

Outro poema que ecoa vozes de resistência foi publicado em 07 de março de 1976, por Beth Costa, reproduzido a seguir:

<b>Fecundação</b>	É preciso	em tantos gritos:
Beth Costa	dimensionar	o rito
	o tempo	o gesto
Necessário o	- Fazei da terra o	de tantos
consumir-se	vosso útero	totens
em si mesmo	no corpo	taramelados
a vida inteira	suportando	desse medo.
a sua beira	o outro corpo	
a sua eira		

- Mulheres de todo o mundo fecundai os vossos maridos fazei-os dóceis gestantes.	nos gemidos conflitados engasgados no inexplicável gesto do por-si-só ser amado!
--	---

O poema mostra-se transgressor desde o título, haja vista utilizar-se de uma das palavras que mais pesam socialmente para uma mulher. Isso porque, ao lado do matrimônio, um estereótipo que figura constantemente quando se trata de pensar acerca das representações sobre a mulher é o da maternidade. A maternidade se impõe como uma prerrogativa fundamental para a existência de uma mulher e até hoje propaga-se que a concepção é a maior dádiva que pode ser concedida a uma mulher, daí que estar grávida é entrar “em estado de graça”.

Além disso, chama a atenção a presença da releitura do reconhecido *slogan* socialista "Trabalhadores do mundo, uni-vos!" (originalmente *Proletarier aller Länder, vereinigt euch!*), presente no *Manifesto Comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels e utilizado em protestos socialistas. No poema em epígrafe vemos “Mulheres de todo o mundo / fecundai os vossos maridos / fazei-os dóceis gestantes”.

É claro que a maneira como se entende a reprodução afeta a sociedade como um todo, mas o direito de decidir como ocorre ou de que maneira os processos relacionados à reprodução devem ser conduzidos não pode partir de mentes masculinas, como tem acontecido historicamente. A mulher é mais do que um corpo e este é mais do que um aparelho reprodutor, de modo que a vida das mulheres não pode ser definida pela sua capacidade de gerar outra vida.

Embora a partir da década de 1970 as lutas pelas políticas de igualdade de gênero tenham se intensificado, perduram os tabus sobre temas como o aborto, ou mesmo o divórcio. Assim, afetando e sendo afetado pela sociedade da qual o jornal faz parte, o que vemos é a persistência de um discurso conservador – revelado não só no que foi noticiado, mas na postura assumida diante dos fatos (visível pela maneira como foi escrita a notícia e levando-se em consideração que o texto materializa relações sociais e culturais). Vale lembrar que, além do papel histórico, as mídias funcionam como aparelhos ideológicos que permitem o controle social.

### **A subjetivação pela domesticação e o amor pela dor: a naturalização da violência contra a mulher**

A relação entre os sexos e a posição da mulher na família e na sociedade em geral constituem um sistema de dominação patriarcal. Desta forma, debater sobre a violência contra a mulher implica compreender este assusto como uma forma de violência de gênero. O conceito de violência de gênero abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Os discursos manifestos nos textos publicados no jornal *Alto Madeira*, entre 1975 e 1985 indicam padrões de comportamento (in)aceitáveis para um ou outro gênero e fixam as maneiras de ser, de se comportar ou realizar práticas corporais, construindo um quadro de sentidos/significados para a feminilidade/masculinidade. Tais parâmetros se estendem para todas as instâncias sociais e definem as práticas corporais e o próprio exercício da sexualidade.

Os estereótipos construtores de uma verdade sobre o que significa ser mulher subsistem em diferentes

instâncias, objetos e suportes. De acordo com Minayo (2005), é próprio da cultura patriarcal do ocidente tomar o masculino como o sujeito e o feminino como seu objeto, de modo que ao homem cabem as ações, as decisões e o provimento material. Segundo o autor, disso decorre o papel (naturalizado) de agente investido do poder da violência. Nas palavras do autor,

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas. (Minayo. 2005, p. 23-4).

Podemos afirmar que as ações de violência contra a mulher constituem um fenômeno sócio-histórico e multifacetado, decorrente da própria construção da identidade masculina, pois, muitas vezes, na infância os meninos são incentivados pelos próprios pais a cometerem atos violentos, tidos como comportamentos de homem. As meninas, educadas para o casamento e a maternidade, vivem a expectativa de conhecer o homem que irá lhe

cuidar. Desta premissa advém uma outra construção social e cultural: a mulher é frágil e inferior aos homens, e por consequência dela o ideário do casamento se valida: “porque física e moralmente ela se torna então inferior aos rapazes e incapaz de rivalizar com eles: renunciando a uma vã competição, confiaria a um membro da casta superior o cuidado de lhe assegurar a felicidade” (BEAUVOIR, 1967, p. 67). Ao contrário das meninas que adentram na puberdade oprimidas e submergidas, os meninos por volta dos 13 anos “fazem um verdadeiro aprendizado da violência, que desenvolvem sua agressividade, sua vontade de poder, seu gosto pelo desafio; é exatamente nesse mesmo momento que a menina renuncia aos jogos brutais” (BEAUVOIR, 1967, p. 68).

De fato, na prática da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar o comportamento recebendo a autorização ou, pelo menos, a tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Os textos analisados retratam uma violência doméstica tão recorrente que é vista com naturalidade: as situações mais absurdas são tratadas de maneira simplória ou, até mesmo, em tom jocoso. Em um país cuja herança escravocrata naturalizou a dor e os castigos físicos e cujo passado recente da ditadura militar imprimiu a ideia de que o “castigo corporal” era apenas uma ação disciplinar contra “aqueles que mereciam”, por serem “delinquentes”, “subversivos” ou “mal elementos”, a violência contra a mulher chega a ser vista como necessária por alguns ou é justificada dado o comportamento da mulher, que “procurou” sofrer a violência ao cometer atos considerados impróprios.

Dentre os textos por nós analisados para o trabalho de mestrado, destacamos a presença frequente da palavra ‘surra’ (a qual atenua a agressão, dando ideia de correção

necessária, procedimento pedagógico), a trivialidade das situações e o motivo fútil/torpe para a agressão. Mesmo quando não se trata de surra ou outra forma de violência física, a violência é constante, seja do marido sobre a mulher ou do pai sobre a filha. Essas surras, supostamente pedagógicas, eram usadas pelos homens tendo em vista cumprir o papel que a eles era destinado: chefe da família e senhor da casa. Mesmo quando não se trata de surra ou outra forma de violência física, vemos que a violência é uma constante, seja do marido sobre a mulher ou do pai sobre a filha, conforme podemos ver nas manchetes: *Pai surra filha que usou “topless”* (08/03/1980); *Uma causa de anulação de casamento* (26-27/10/1980); *Mulher gestante levou surra porque atrasou o almoço* (12/06/1980); *Surrou mulher, jogou álcool e ateou fogo* (17/03/1976); *Surrou mulher que não aceitava ser maltratada* (06/11/1981); *Mulher foi baleada na costa porque não quis tomar banho* (30/04/1975); *Quase era morta porque deixou queimar o feijão* (13/08/1975).

O discurso que associa violência à correção torna legítimas as ações de agressão – necessárias para que o indivíduo indócil se submeta às ordens do chefe de família, conforme a cultura do patriarcado. Perrot (2016) também destaca o silêncio dos vizinhos diante de casos de violência doméstica, segundo ela “Tal comportamento era tolerado pela vizinhança, principalmente nos casos que as esposas tinham reputação de serem donas de casa ‘relaxadas’” (p. 77). Na prática da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a comportamento recebendo por vezes a autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. É o que vemos denunciado no seguinte poema, publicado em 4 de abril de 1976:

**DRAMA Nº 1**

beth costa	mandou que ela fosse embora olhos nenhuns	nem mesmo um suspiro
O livro dilacerou as entranhas da noite e ele	apareceram nas janelas nem mais um soluço	e o silêncio - novamente – tomando conta de tudo...

Nos textos que figuram na página policial do jornal, é notável a banalidade para efetuar agressões contra a mulher: tudo é motivo. E mais: os textos descambam para uma sátira, tendo seus fatos narrados em tom jocoso ou com expressões dúbias. Entende-se que a violência contra a mulher não só é corriqueira, mas que não deve ser motivo de preocupação – algo como o dito “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, presente no imaginário social e que contribui para que diante de casos de agressões as pessoas permaneçam indiferentes.

Um poema datado de 20 de fevereiro de 1977, assinado por Beth Costa, chamou nossa atenção em função de colocar em pauta justamente a banalização do que hoje chamamos de feminicídio – que só é recente enquanto nomenclatura. O poema recebe o nome de uma mulher como título: Maria Teresa, uma mulher como outra qualquer, uma mulher que “anda, conversa, sorri” mas que, a despeito da trivialidade da vida que leva “um dia encontrarão/Maria Teresa/Morta”. Embora a morte possa acontecer a qualquer ser vivo, o poema deixa evidente que a causa não será natural ou acidental, mas resultado de uma ação de forte violência, motivada por um impulso emocional – as notícias envolvendo atos de violência contra a mulher normalmente estão associadas a ciúmes,

obsessão, sentimento de posse ou não aceitação de término de relacionamento.

O poema começa quase como uma notícia dada a um interlocutor incrédulo que questiona: “Maria Teresa, / Morta?/ Nas páginas do jornal?”, pois as vítimas de violência contra a mulher muitas das vezes são pessoas que aparentam viverem relacionamentos estáveis e felizes e frequentemente dissimulam suas dores e escondem as agressões sofridas, encontrando explicações para as marcas das agressões: “Maria Tereza / Alegre e triste / Na sua tristeza / Nas suas andanças / Nos lábios um sorriso / No rosto uma cicatriz”. Vejamos o poema:

## MARIA TERESA

beth costa

Um dia encontrarão

Maria Teresa

Morta

Crime Passional

- Maria Teresa,

Morta?

Nas páginas do jornal?

Maria Teresa

Anda

Conversa

Sorri

Na roda/no samba

No verso

Corda bamba

- a vida em si –

Amante-da-vida – amante

Amante-da-vida – errante

Amante-da-vida – amor

Maria Tereza

Alegre e triste

Na sua tristeza



Nas suas andanças  
Nos lábios um sorriso  
No rosto uma cicatriz  
Maria Teresa,  
Feito criança,  
Vivia na esperança:  
O mundo seria paz  
A vida seria amor

Como se vê, a desigualdade é estrutural, isto é, histórica e culturalmente a sociedade designa à mulher um lugar de submissão e de menor poder em relação ao sexo oposto. O desemprego, o alcoolismo, o ciúme, o comportamento da mulher, a vestimenta ou o jeito de praticar sua sexualidade, embora não sejam as causas, servem como justificativas socialmente admitidas para que as mulheres continuem a sofrer violência. Em outras palavras as mulheres têm sido vítimas de violências pelo fato de serem mulheres.

### **Considerações Finais**

O estudo aqui sistematizado permitiu-nos compreender melhor a constituição do imaginário sobre a subjetividade feminina. A análise empreendida permitiu-nos discutir os modos pelos quais os sujeitos são constituídos socialmente e que se revelam um problema político, ético, social e filosófico. Em última instância, esperamos ter contribuído para que se pensem caminhos para a transformação dos paradigmas estabelecidos e que definem a feminidade e a masculinidade em nossa sociedade.

A partir das análises observamos que aquilo que se apresenta como próprio de um determinado gênero (em

especial, o feminino) vai muito além de uma aparente bipolaridade de sexos e resulta de um misto de componentes culturais. Os textos veiculados no jornal exercem papel importante na difusão/fixação de performances comportamentais desejáveis à mulher — bem como do rechaço àquelas tidas como inadequadas ou próprias aos indivíduos do sexo masculino.

Constatamos que as relações sociais resultantes dessa aparente naturalização de comportamentos femininos e masculinos são estabelecidas a partir de uma forte e clara dominação masculina e de regime heteronormativo que institui um padrão de masculinidade dominante e de uma feminilidade subalterna e subjugada. Essa masculinidade dominante faz com que sexo e gênero sejam associados de maneira imediata e inequívoca, construindo um modelo hegemônico de homem e de mulher — negando tudo que não se encaixe na dicotomia homem — mulher/feminino/masculino.

Essa falsa dicotomia tornada verdade pela repetição via estereótipo contribui para a instituição/naturalização de papéis sociais. Deste modo, o gênero mostra-se como uma categoria construída social e culturalmente, constituindo as relações sociais baseado na suposta bipolaridade. Essa lógica binária exclui o que nela não se encaixa, evitando qualquer equívoco e, assim, revela-se como uma norma social que rege os corpos e regula os comportamentos, a qual funda-se numa ideia linear de corpo — gênero — desejo (determinado pelo órgão sexual que justificaria certas ações masculinas como instintivas).

A estereotipia de gênero funda regras e papéis diferenciados para homens e mulheres, desencadeando a segregação em grupos (homens/mulheres), instituindo a designação de tarefas específicas (mulher limpa a

casa/homem lava o carro) e atribuindo papéis sociais (mulher é mãe e dona da casa, homem é o provedor e independente). A estereotipia de gênero, portanto, faz parecer natural a “preferência” por certas temáticas, a “escolha” por certo tipo de esporte ou de parceiros, a forma de vivência da sexualidade, o uso de roupa e a adequação de comportamentos, as atitudes e percepções do mundo.

Apesar de avanços legais e mudanças culturais que abriram o leque dos direitos das mulheres (graças ao movimento feminista e a luta por direitos iguais entre homens e mulheres), os textos evidenciam que, em uma década de publicações, a representação da mulher pouco foi alterada, prevalecendo os estereótipos e formas fixas que designam um lugar de subalternidade. Destarte, não só os textos publicados no Alto Madeira sustentam esses estereótipos e discursos de subalternidade, sendo próprio da cultura ocidental, de maneira geral, a hierarquização dos gêneros.

A naturalização dessas relações apaga a história e oculta o jogo de poderes produtor e difusor de “verdades”. Além disso, a instituição de papéis a homens ou mulheres gerou uma simplificação que desencadeou os estereótipos de gênero. Conforme nossas análises, o caráter redutor na representação da mulher define os estereótipos de gênero e as representações investidas de valor social, que designam o que homens e mulheres podem/devem ser ou fazer.

Por meio da estereotipia, ocorre um “fechamento” nos modos de se constituir enquanto uma subjetividade e mesmo os discursos que aparentam ser uma ruptura aos estereótipos culturalmente instituídos são apenas simulações de igualitarismo e servem também ao interesse de preservação de uma certa representação. Isso porque a

ambivalência é necessária para sustentar a natureza dos constructos sociais.

### Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995, p. 231-249.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo – História, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira.
- MINAYO. Maria Cecília de Souza. **Laços perigosos entre machismo e violência**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1.pdf>>. Acesso em: 04/07/2020
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed., 3ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2016.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In*: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In*: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p.71-99, jul/dez, 1995.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 2ª reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- STEARNS, Piter N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

**BOACÉ METLON**  
*Palavra é coragem*

Autoria e ativismo de originários na escrita da História

*Aline Rochedo Pachamama*<sup>2</sup>

*Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. (KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015, p. 76.)*

A partir de nossas inquietações, escrevemos. Para honrar nossas ancestrais, escrevemos. Escrevemos porque há uma floresta em nós, afetos e uma luta. Escrevemos para desconstruir registros colonizadores.

Pensando sobre o lugar dos Povos Originários na história, tendo em vista a construção de sua invisibilidade enquanto sujeitos históricos e considerando o nosso protagonismo pulsante, defendemos o quanto é necessário que a história da(o) originária(o) seja por ela/ele escrita. Nosso lugar é na História, na Literatura, nas Ciências, na

---

<sup>2</sup>Pertence ao povo Puri. Historiadora, escritora e ilustradora. Doutora em História Cultural pela UFRRJ. Mestra em História Social pela UFF. Idealizadora da Pachamama Editora (editora formada por mulheres). Participa dos Movimentos dos Povos Originários, elabora e executa ações em prol da valorização e preservação de Línguas dos Povos Originários, bem como divulgação de suas Culturas a partir da História Oral.

Geografia, na Biologia, nas Artes, na Poesia. Há uma lacuna, relacionada ao registro escrito por indígenas, que estamos prontas (e prontos) a preencher. Consolidou-se uma perversa hierarquia científica no campo da História, atribuindo, direta ou indiretamente, aos Povos Originários (e também às mulheres), a invisibilidade, um lugar de inferioridade e passividade.

Em suma, há uma tendência na historiografia de seguir uma postura excludente perceptível: o “ofício do historiador” (dos “cientistas”, “filósofos”, “sociólogos”) é um ofício de homens, que escreveram a história no masculino, patriarcal e colonizador. Os Povos Originários, por muito tempo, foram “objeto” de estudo; tornou-se lugar comum escrever sobre os indígenas, mas nunca com eles, ou mesmos sendo eles os próprios autores. Como ressalta a autora potiguara Graça Graúna, a escrita indígena é um lugar de vozes silenciadas e exiladas (escrita) ao longo dos mais de 500 anos de colonização:

Os direitos dos Povos Indígenas de expressar seu amor à terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas, de manifestar suas crenças nunca foram considerados de fato. Mas, apesar da intromissão de valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência (GRAÚNA, 2013, p.15).

A publicação de autoras e autores indígenas intenta atravessar “os muros da História oficial” e, com isso, possibilitar que as pessoas entendam que os originários são parte da sociedade, que têm direitos e que podem falar e

escrever sobre os temas que desejarem, inclusive e, principalmente, sobre a história do povo do qual fazem parte.

Há uma vasta bibliografia indigenista que não foi escrita pelo indígena. Tais escritos se apropriam de nossos conhecimentos e saberes, muitas vezes, traduzidos em vários idiomas, menos no idioma daquele que inspirou o registro. E o autor é sempre o outro. Um Povo, que é Originário, não será mais silenciado em seu próprio território e em seu conhecimento. Então, também por isso, decidimos escrever.

### **Da oralidade à escrita**

Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar esse fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não é atualizada. É preciso notar que a memória procura dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma delas (...). E é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais (MUNDURUKU, In: DORRICO. org, 2019, p. 83).

A oralidade é a forma de preservação das Línguas e Culturas dos Povos Indígenas e tem a capacidade de revelar a identidade de uma etnia, seus rituais, assim como o modus operandi de cada grupo. Disponibilizar o acesso aos bens do patrimônio cultural e de memória dos Povos Originários é de grande importância para as comunidades Originárias, instituições educacionais e à sociedade. Como sinaliza o autor Daniel Munduruku:

A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avôs, estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas. A memória é, ao mesmo tempo, passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que, por sua vez, abrigarão elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo da história.(MUNDURUKU, In: DORRICO. org., 2019, p. 81).

A oralidade desempenha um papel crucial, não apenas como uma ferramenta de comunicação, educação, integração social e desenvolvimento, mas também como um repositório para a singularidade das identidades, a história cultural, as tradições e a memória, como defendido no artigo 216 da Constituição de 1988:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às



manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [Destacou-se] (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, p. 62).

O histórico do trágico contato com os colonizadores revela, além do genocídio, também o etnocídio que, juntamente com outros fatores, ainda limita a compreensão da “sociedade” (refiro-me à não-indígena) ao real protagonismo e atuação do originário. A vasta pluralidade étnica do Brasil, ainda, é desconhecida por parcela majoritária da sociedade, como ressalta o autor Tiago Hakiy, do Povo Sateré-Mawé:

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. Poucas pessoas despertam no meio da multidão para cantar e declamar a poucos ouvidos o universo multicultural dos povos da floresta. O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira. (HAKIY, In: DORRICO.org, 2019, p. 37).

Nessa perspectiva, a escrita de oralidades e memórias é instrumento de compreensão, pois privilegia a participação de pessoas que foram testemunhas de um processo histórico no Brasil. A pluralidade, proposta pela

transição da oralidade à escrita, desdobra-se em rico diálogo.

## Catequização é Colonização

Os primeiros colonizadores jesuítas estabeleceram o uso da língua indígena como facilitadora para negociação e escravidão. Em decorrência do contato com jesuítas, a colonização obrigou os indígenas a utilizar a língua geral ou *nheengatu*<sup>3</sup>, uma forma simplificada do tupi antigo, adaptado, amplamente difundido e falado, em grande parte no Brasil, nos primeiros séculos da colonização portuguesa. A chamada “Língua Geral”, que tinha a matriz no tronco Tupi, privou aos originários a livre comunicação em sua língua, desrespeitando os troncos linguísticos de suas etnias, como o Macro-Jê, por exemplo.

No que se refere à história dos registros das Línguas, foi, inicialmente, marcada pela atuação da Companhia de Jesus (1549) até a expulsão dos jesuítas por Pombal, em meados do século XVIII. Os estudos jesuíticos tinham como eixos a gramática, retórica, as humanidades, a filosofia e teologia. Havia uma divisão clara de ensino: as aulas, lecionadas para os originários (índios), ocorriam em escolas improvisadas, construídas por eles mesmos, nas chamadas missões, que objetivavam a catequização forçosa e a implementação de uma cultura colonizadora, inclusive, impondo outra língua, como supracitado. Das primeiras tentativas de sistematização de gramáticas pelos missionários jesuítas, que vinham acompanhando os colonizadores, o trabalho de Anchieta, em 1595, é o mais conhecido.

---

<sup>3</sup>Atualmente, essa língua representa uma marca da identidade cultural para algumas etnias do Amazonas, além de ser muito usada na calha do rio Negro.

No absolutismo Ilustrado do século XVIII, mudaram-se os compêndios, os livros jesuíticos foram proibidos e, tendo a prioridade ao “nacional”, é dada ênfase ao estudo da língua Portuguesa. Segundo Domingues (2000), o uso da língua portuguesa foi empregado como um critério nas disputas de fronteira entre Portugal e Espanha, baseadas no princípio do *uti possidetis*. A língua portuguesa teria, então, dois papéis principais: interferiria na identidade dos “índios” e comprovaria a efetiva ocupação lusitana. Como base o *Diretório* pombalino, o principal objetivo era integrar os “índios” à sociedade colonial e, para isso, foi imposta a obrigatoriedade da língua portuguesa e a proibição da língua indígena:

[...] para estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, “**não consentindo** por modo algum, que os meninos, e meninas, que pertencem as escolas, e todos **aqueles índios, que** forem capazes de instrução nesta matéria, **usem da língua própria das suas nações, ou da chamada geral; mas unicamente da portuguesa,** na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína espiritual, e temporal do Estado.<sup>4</sup> (grifo nosso)

No início do século XIX, com a vinda da família real e da corte portuguesa para o Brasil, o quadro das instituições educacionais brasileiras sofre sensíveis mudanças, na forma de Império liberal; a pauta de debates públicos incluiu temas como a consolidação da cidadania,

---

<sup>4</sup>Diretório, parágrafo 6, in Rita Heloísa de Almeida.

a constitucionalidade da monarquia e a definição da nacionalidade brasileira. A política indigenista do Império efetivou-se a partir das disputas por terras nas antigas aldeias coloniais; nos discursos de desaparecimento dos “índios”; nas guerras ofensivas contra os povos considerados selvagens. O indianismo brasileiro e as construções de imagens dos “índios”, na literatura, nas artes e nos discursos de políticos, intelectuais e viajantes, serviam à construção do nacionalismo, cuja proposta era criar a nação em moldes europeus, em que não havia lugar para pluralidades étnicas e culturais. Como sinaliza a autora indígena Graça Graúna, “apenas ao outro (não índio) era concedida a representação da beleza, da sacralidade e o direito” (GRAÚNA, 2013. p.102).

Para Rodrigues (1993), estima-se que cerca de 75% das línguas foram extintas em 500 anos e, provavelmente, eram faladas cerca de 1273 línguas. A população aproximada de originários, que existia no território brasileiro, no período da primeira colonização, foi de aproximadamente 1.000.000.00 de várias etnias, número que baixou para cerca de 100.000 nos dias atuais, distribuídas em cerca 305 etnias.

Diante desse fato, o ano de 2019 foi eleito como ano internacional das Línguas Indígenas, pela Unesco, com o tema “Indigenous languages matter for sustainable development, peace building and reconciliation” (em tradução livre: Línguas indígenas são importantes para o desenvolvimento sustentável, a construção da paz e a reconciliação). Tanto a Unesco quanto outras instituições (representantes dos povos indígenas, sociedade civil, academia, mídia, organizações de informação e memória, agências das Nações Unidas, instituições públicas de harmonização e documentação de línguas, além de

membros do setor privado) vêm discutindo e pensando novos paradigmas para salvaguardar, promover, além de fornecer acesso ao conhecimento e à informação aos versados nas línguas indígenas.

Ao longo do ano de 2019, os Povos Originários promoveram ações com o objetivo de ampliar o debate, aumentar a conscientização e o acervo das Línguas Indígenas, não apenas para beneficiar originários, mas também para que a sociedade perceba a contribuição cultural e histórica a elas conferida.

### **Povos Originários e os arquivos de documentação**

Tanto na História, na literatura, nas artes e nos discursos de políticos, intelectuais e viajantes, o lugar dos índios, na historiografia do século XIX (quando se inicia a preocupação com a escrita histórica nacional), é o da exploração de obra indígena, em diversas regiões do Império, além do discurso de sua extinção. Como sinaliza Almeida (2012), atuantes nos sertões, vilas, aldeias e cidades do Brasil oitocentista, povos e indivíduos indígenas agiam e reagiam diferentemente às múltiplas formas de aplicação da política para eles traçada. Lutavam e continuavam reivindicando direitos na condição de originários, enquanto discursos políticos e intelectuais, em muitos casos, já os consideravam desaparecidos, como resultado dos processos de civilização e mestiçagem.

Após a chegada da Biblioteca Nacional no Brasil, em 1810, a instituição passou a receber acervos - cujo tema e relevância fossem considerados importantes para a escrita da história nacional. Antes da lei do depósito legal (de 2004), não era de competência da BN coletar publicações e documentos. Isso ficava a cargo e ao critério de

pesquisadores e cidadãos, que os entregavam para a formação do acervo. Então, a ausência de documentos produzidos por indígenas, ou que sinalizassem seu protagonismo e diversidade cultural, efetiva-se muito a partir do apagamento das identidades originárias e de informações sobre eles.

Arquivos de documentação linguística existem em muitos países e são importantes espaços de pesquisa e recuperação histórica. Os acervos brasileiros, disponíveis à comunidade indígena e não indígena, poderão colaborar para a manutenção e, em alguns casos, à recuperação das Línguas e Manutenção das Culturas Originárias. Nas Coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional (que foram as fontes com as quais mais tive contato, por conta do trabalho com línguas indígenas, em especial, do meu povo, bem como livros bilíngues), disponíveis ao pesquisador, há acesso a informações de conteúdo, dimensão, localização no acervo, parcela significativa de temáticas que abrangem o tema “índios”. Em pesquisa prévia, com intuito de exemplificar o processo de estudo, acessei documentos das coleções custodiadas pela Divisão de Manuscritos. Ao buscarmos pela expressão “Povos Originários”, o sistema informa: “apenas um registro encontrado”, na coleção Angelise. No caso do termo “índios”, são 1.107 registros encontrados; e, pelo termo “indígenas”, 218 registros encontrados. Ao optarmos por “Línguas Indígenas”, apenas 38 registros são encontrados. Ao pesquisar por meio dos nomes de troncos Linguísticos, como o Macro-jê, o sistema informa: Nenhum registro encontrado.

Os documentos, referentes a vários grupos indígenas e produzidos no decorrer do tempo, não obstante suas muitas deficiências, constituem, em muitos casos, a única

fonte para o estudo histórico da cultura de uma etnia e podem também contribuir para um melhor conhecimento do povo existente. Materiais referentes a um mesmo grupo, produzidos por diferentes estudiosos - em uma mesma época ou em épocas distintas -, podem permitir, com sua análise, acompanhar, ainda que em linhas bem gerais, devido às divergências de registro, as mudanças ocorridas na língua e/ou costumes; além disso, podem, talvez, esclarecer questões relacionadas às trajetórias de algumas etnias.

Nos vocabulários, a inserção de alguns norteadores sobre os troncos linguísticos, aos quais a língua pertence, a região na qual foram coletadas as palavras e as peculiaridades do povo indígena, referente à língua registrada, poderiam ampliar as possibilidades de pesquisa e de conhecimento sobre os povos originários brasileiros. A catalogação, e mesmo a transcrição de alguns vocabulários, também facilitaria a busca no caso de pessoas originárias e não-indígenas, não habituadas com as pesquisas acadêmicas. Outra observação foi que parcela das palavras indexadas para facilitar a pesquisa não informa o grupo étnico dos grupos indígenas brasileiros, sendo identificados como “indígenas da América do Sul”; o termo “catequese” (que abriga vasto acervo linguístico) também há de ser analisado, por significar, para além das questões doutrinárias, a imposição da língua do colonizador ao originário.

As abordagens, feitas a partir desses materiais, levaram à conclusão de que os povos indígenas não fazem parte da sociedade e que essas relações só se efetivaram na época da chegada dos colonizadores ao Brasil, principalmente, porque esse assunto aparece nos livros somente quando abordado tal período específico da

História do Brasil. Não apresentam a participação indígena nos períodos posteriores. Esse apagamento é contrariado pela ação política dos próprios originários, que desafiavam os discursos e processos de invisibilidade, afirmando a identidade originária, sua língua e seus direitos.

### **Não somos “índios”!**

Não me chame de “índio”, porque  
Esse nome nunca me pertenceu  
Nem como apelido quero levar  
Um erro que Colombo cometeu  
(...)  
Esse nome me traz muita dor  
Uma bala em meu peito transpassou  
Meu grito na mata ecoou  
Meu sangue na terra jorrou  
(...)  
Ele veio sem permissão  
Com a cruz e a espada na mão  
Nos seus olhos uma missão  
Dizimar para a civilização. (Kambeba, 2018,  
p. 27).

A poesia “Índio eu não sou”, da autora originária Márcia Kambeba, ilustra o panorama de uma percepção histórica equivocada sobre os Povos Originários, a começar pela denominação “índio”, uma palavra que nos invisibiliza, que não faz parte de nenhuma língua indígena, tampouco a portuguesa, e que apenas minimiza nossa pluralidade. A escrita “oficial” da nossa história sempre registrou um Brasil fora do Brasil, do lado de fora, olhado de longe, sem valorar a história impregnada nessa terra. Talvez, seja ainda lúcido sinalizar que não temos uma história brasileira em nosso currículo, se olharmos por esse ângulo. Na chamada “cultura ocidental”, as histórias sobre



os Povos Originários e sua representação são marcadas por invisibilidades, silenciamento, violências físicas e simbólicas.

As críticas a tais narrativas têm contribuições específicas de integrantes de movimentos de originários, que causaram/causam impactos à percepção e construção histórica de nosso tempo. Sobre esse apagamento, Ailton Krenak desabafa:

Há uma história de resistência do povo indígena, que é uma história de luta, mas também há uma história de submissão e de submetimento do povo indígena que é a marca do pensamento brasileiro sobre como tratar as sociedades originárias daqui, os donos originários deste território, não no sentido de dono como alguém pode ser dono de uma garrafa d'água ou de uma mesa, mas no sentido de herança cultural, no sentido de herança material, de guardadores deste território, não para que alguém viesse tomar posse dele depois, mas para as nossas próprias gerações futuras.(KRENAK, In: DORRICO(org, 2019, p. 32).

Nos registros oficiais do ensino de História no Brasil, podemos analisar esses processos de construção de memórias e histórias que privilegiam um grupo específico. A partir de meados do século XIX, a Assembleia Nacional Constituinte discutiu amplamente debates para fortalecimento do conceito de nação. O melhor modelo, eleito pelo IHGB, a se escrever a História do Brasil, ainda em 1938, foi a dissertação do alemão Karl Philipp Von Martius, um olhar de fora e colonizatório. Von Martius, tendo formação em medicina, propôs uma história que tinha por norteador a mistura das três raças para explicar a formação da nacionalidade, ressaltando, nessa análise, a

valorização ao elemento branco, além de sugerir um progressivo branqueamento “como caminho seguro para a civilização”. Nesse processo, com a intenção de inserir mecanismos de controle, a educação escolar e a escrita de uma história brasileira tornaram-se a possibilidade de consolidar a conformação social e cultural, na qual indígenas, afro-brasileiros, mulheres e a população, de forma geral, eram inferiores. A recuperação do passado estaria relacionada aos interesses de uma parcela da sociedade.

Segundo Almeida (2012), discutia-se, essencialmente, se os “índios” deviam ser integrados ao processo de forma pacífica ou violenta. As concepções políticas e ideológicas sobre os “índios” se associavam e eram fundamentalmente influenciadas pelas realidades econômico-sociais do novo Estado.

Esse processo de registro histórico consolidou o preconceito evidenciado nas formas pejorativas de se referirem a nós, como “coisa de índio”, “modelo tupiniquim”, dentre outros. Lembramos, ainda, que não somos “índios”, não escolhemos essa forma de chamamento. Inclusive, é bom sinalizar que, se quiséssemos o mês de abril como espaço de memória das lutas indígenas, que fosse para lembrar Galdino Pataxó Hã Hã Hãe, brutalmente assassinado, em Brasília, por 5 jovens de alta classe (que, atualmente, ocupam altos cargos políticos), no dia 20 de abril de 1997:

Não podemos esquecer que um índio foi morto, enquanto dormia, numa parada de ônibus próxima ao prédio da FUNAI, em Brasília. Exposto ao preconceito de cinco jovens de classe média que atearam fogo em seu corpo, o pataxó Galdino foi assassinado

na madrugada de 20 de abril de 1997. Galdino estava em Brasília para reivindicar a demarcação do território Pataxó que foi invadido por fazendeiros na localidade de Pau Brasil, na Bahia. (...) essa tragédia retrata a deficiente política de combate aos crimes cometidos contra os povos indígenas (GRAÚNA, 2013, p.30).

O lugar dos Povos Originários, na historiografia, identifica seu protagonismo em relação à manutenção de seu idioma, à resistência na exploração da mão de obra escrava, às novas missões religiosas e modelos colonizadores de escrita.

### **Não somos Iracemas!**

Quem ensinou às crianças a história do povo que aqui vive, contou a história de outros, não a nossa. Mas, estamos aqui. Não apenas em uma voz, mas no coletivo, porque essa é a nossa força (PACHAMAMA, 2018).

Os intelectuais, responsáveis pela construção das imagens sobre os “índios”, bem como os viajantes, cujas descrições contribuíam para reforçá-las, comungavam, grosso modo, com as ideias de assimilar os índios como incapazes. Na literatura, José de Alencar praticamente estreou na escrita com “A carta sobre a Confederação dos Tamoios” (1856), na qual delineou o seu projeto literário de como deveria ser escrita uma literatura cujos personagens protagonistas indígenas fossem fadados à morte. Em Iracema (1865), a pesquisa dos costumes e da língua de uma “raça extinta” foi base como critério de nacionalidade. Os originários são figuras tangenciais da narrativa da nacionalidade e já eram representados como

raça extinta. O autor, que ainda havia figurado a morte do indígena, no desfecho de Iracema, com o falecimento da virgem dos lábios de mel e com o nascimento de Moacir - representante de uma “nova raça” -, não mais falou das tradições indígenas como constituidoras da personalidade nacional. Em Ubirajara (1874), os índios formavam nações que não se confundem com a nação brasileira, representando a proto-história do país. José de Alencar, que nunca favoreceu o conhecimento sobre os Povos Originários, de uma maneira perversa, criou personagens “protagonistas”, fadados à morte no final de seus enredos, além de uma Iracema, anagrama de América, que até hoje é leitura obrigatória em algumas escolas. Apesar da escrita de José de Alencar ser um desserviço aos Povos Originários, ela refletiu o pensamento dos sujeitos de um período histórico. Suas obras contribuíram para formar uma imagem equivocada dos Povos Originários brasileiros. Esse “desserviço”, em contrapartida, instigou um movimento de protagonismo indígena para desfazer tais equívocos históricos.

As discussões sobre práticas de brandura ou de violência para lidar com os “índios” foram foco de intensos debates ao longo de registros historiográficos dos séculos XIX e XX. Sem abordar essa complexa discussão, importa ressaltar a predominância das teorias racistas e discriminatórias entre políticos e intelectuais que, em parcela significativa, concordavam com a ideia da inferioridade dos “índios”.

No decorrer do século XX, tanto na literatura quanto em registros históricos, generalizam a participação do originário como “índio”, colaborando para afirmar a suanão-contemporaneidade, como se fossem um todo

homogêneo, sem pluralidades, que faz parte apenas do passado.

## Somos protagonistas

A população indígena é protagonista de sua história. Apesar dos esforços no sentido de impor a língua portuguesa aos povos indígenas, estes optaram, enquanto puderam e atualmente, pela manutenção de suas culturas. Os processos de etnogênese<sup>5</sup> dos nossos dias apontam para a importância de se repensar a presença e a atuação indígena na história. No caminho inverso da historiografia, anciãos, historiadores, antropólogos, escritores e artistas originários, estão, hoje, ainda que lentamente, caminhando da invisibilidade ao protagonismo histórico dos Povos Originários. Para a autora originária Julie Dorrico, do povo Macuxi:

A literatura indígena brasileira contemporânea está marcada pela atuação direta dos escritores/autores, pela voz e pela letra, na publicização do pensamento indígena em livros/CDs/mídias sociais. Diante da pluralidade de pertencimentos étnicos, de estilísticas que perpassam a oralidade e a escrita alfabética, os sujeitos indígenas enunciam sua voz e/ou sua letra em um movimento de auto expressão e autovalorização de suas ancestralidades e costumes, bem como na dinâmica de resistência física, lutando pela demarcação de suas terras, e de resistência simbólica, reivindicando uma revisão dos

---

<sup>5</sup>Etnogênese é um conceito antropológico que pretende assimilar o desenvolvimento histórico de grupos étnicos como consequência de processos migratórios, conquistas, invasões, fusões ou fissões dentro de um panorama sócio-histórico estabelecido. Também, utilizado para compreender os processos de emergência político-social dos grupos étnicos tradicionalmente submetidos a relações de dominação.

registros oficiais que os escanteiam, (DORRICO, 2019, p.229).

Para nós, Povos Originários, a palavra tem a alma de quem fala e escreve. E escrevemos por isso. Para que nossa alma esteja pulsante. Também, para propor reflexão sobre tais atos e construção de memórias e verdades. Não é o tempo de sustentarmos hipocrisias. Mas de estarmos despertos. E, a você, pessoa que lê, meu respeito e gratidão por estar ouvindo. Abya Yala em nós, Tsatêh.

Schuteh Poteh. Boa Luz!

## Referências

- ALMEIDA, M. Regina Celestino de. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. 301p.
- \_\_\_\_\_, M. Regina Celestino de. **Quando é preciso ser índio: identidade étnica como força política nas aldeias do Rio de Janeiro**. In: REIS, Daniel A. et al. (Org.). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010. p.47-60.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001, p.14.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.
- DORRICO, Julie [et. al.] (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Ed. Fi, 2018.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOORE, D.; GALÚCIO, A.V.; GABAS Junior, N. (2008). O Desafio de documentar e preservar as línguas Amazônicas. *Scientific American (Brasil) Amazônia (A Floresta e o Futuro)*, n. 3, p. 36-43, setembro de 2008.

PACHAMAMA. Aline Rochedo. **Guerreiras: mulheres indígenas na cidade, mulheres indígenas nas aldeias**. Pachamama Editora. Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. O artigo definido e os numerais na língua Kirirí: vocabulários português-kirirí e kirirí-português. *Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba*, v. 2, p. 179-212, 1942.

\_\_\_\_\_. **Os estudos de linguística indígena no Brasil**. *Revista de Antropologia: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú* <http://www.etnolinguistica.org>, v11, p 09-21, 1963.

\_\_\_\_\_. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986

\_\_\_\_\_. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. *Delta, São Paulo*, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, p. 257-290, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. *História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TREECE, David. **Exilados, aliados, rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado--nação imperial**. São Paulo: Edusp, 2008.





# OS DESAFIOS DA SAÚDE PÚBLICA: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VESPASIANO

Andréia Maria de Jesus Ferreira<sup>6</sup>

## Introdução

No Brasil, ao longo de sua história político-administrativa, a população vem passando por grandes transformações, inclusive no âmbito profissional, modificando significativamente as atividades desempenhadas pelos trabalhadores e pelas sociedades.

A Constituição Federal de 1988 foi um marco para criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que preceitua a saúde como um direito de todos e dever do Estado (BRASIL, 1988). Nesse sentido, mesmo diante do período de transição, graças ao seu compromisso histórico com a saúde pública e a sua força política e econômica, o Brasil se encontra em uma posição privilegiada para atingir suas ambiciosas aspirações (PAIM et al., 2011).

A questão da saúde é um dos principais desafios dos governantes e da população brasileira. O sistema público de saúde expõe falhas em seus principais programas como, por exemplo, o Programa Saúde da Família (PSF), focado em prevenção de doenças. Segundo o Tribunal de Contas da União (TCU), 64% dos hospitais brasileiros estão sempre com superlotação e somente 6% nunca estão cheios (BRASIL, 2015).

---

<sup>6</sup> Graduada em Enfermagem pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana e em Engenharia de Produção pelo Centro Universitário Estácio. Mestranda em Consultoria das Organizações UMSA (Argentina). E-mail: [andreiajesusferreira@hotmail.com](mailto:andreiajesusferreira@hotmail.com)

Tais problemas, aliados à crise que abala o Brasil, fruto da má gestão de nossos governantes, leva ao comprometimento do atendimento em centros de saúde, postos e hospitais.

Este descaso com a saúde pública é um problema crônico que se arrasta por muitos anos, sem uma ação eficiente para sua melhoria. Com isto aumenta a demanda das famílias, que necessitam de atendimento público de qualidade. Infelizmente, em muitas vezes, encontram unidades falidas, com baixa qualidade nos atendimentos e poucas vagas para internação em várias especialidades.

Considerando esta também a realidade de Vespasiano, em Minas Gerais, a questão central a ser respondida é: por que o sistema de saúde pública não consegue atender adequadamente a população do município?

O objetivo geral deste trabalho é analisar os fatores que levam ao atendimento insuficiente do sistema de saúde de Vespasiano. Especificamente, pretende-se mapear o funcionamento do sistema público de saúde do município para, então, analisar a oferta e qualidade relacionada à atenção básica. Por fim, apresentar uma proposta de melhoria do sistema de redistribuição de atendimento.

## **Revisão da literatura**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como sendo não apenas a ausência de doença, mas a perfeita situação de bem-estar físico, mental e social (OMS, 2013). Por outro lado, Batistela (2018) critica a subjetividade do conceito, argumentando que o mesmo não considera toda a diversidade do tema.

Segundo Almeida Filho (2003), Saúde Pública é a ciência e a arte de prevenir doenças e incapacidades, prolongar a vida e desenvolver a saúde física e mental, por meio de esforços organizados da comunidade para o saneamento do meio ambiente. Soma-se a isso o controle de infecções na comunidade, a educação dos indivíduos nos princípios da higiene pessoal e a organização de serviços médicos e paramédicos para o diagnóstico precoce e o tratamento precoce de doenças. São esses aspectos de aperfeiçoamento da máquina social que irão assegurar a cada indivíduo, dentro da comunidade, um padrão de vida adequado à manutenção da saúde.

Na saúde pública trabalha-se com o sistema de atenção primária à saúde, que tem como estratégia orientar a organização do sistema de saúde e responder as necessidades da população, que exige o entendimento da saúde como direito social e o enfrentamento dos determinantes sociais para promovê-la.

Segundo Chiesa e Veríssimo (2001), a Estratégia de Saúde da Família (PSF) possui como foco principal o indivíduo como sujeito integrado à família e à comunidade, com ênfase em uma atenção integral e contínua.

Para uma gestão de saúde eficiente, os municípios devem buscar atender as necessidades e particularidades da população, seguindo as orientações estabelecidas pelo Ministério da Saúde, que norteia procedimentos como a implantação das unidades, os critérios para escolha do local e a composição da equipe de trabalho (BRASIL, 2006).

A ESF tem como objetivo fornecer atendimento primário, reduzir o volume de demandas nos hospitais e prontos-socorros, diminuir o consumo abusivo de medicamentos e minimizar o uso indiscriminado e

desnecessário de equipamentos de alta tecnologia nas unidades de atendimento (BESEN et al., 2007).

Infelizmente, há algum tempo, o sistema público enfrenta uma crise que se agrava a cada dia, e acaba comprometendo o atendimento hospitalar. Os desafios da saúde pública atingem boa parte dos municípios do Brasil, e não seria diferente no município de Vespasiano, que inclusive sofre com a falta de repasses de recursos da saúde por parte do Estado de Minas Gerais (VESPASIANO, 2017).

Um dos problemas mais graves no município de Vespasiano é a carência de vagas de atendimentos para clínica geral. Pacientes chegam a centro de referências médicas para realizarem uma consulta com clínico e, dependendo do horário, não são atendidos. Os que persistem, buscam atendimento eletivo na Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

Sendo assim, o paciente pode passar por mais de uma unidade até conseguir atendimento clínico.

## Métodos

Para a elaboração do presente artigo optou-se pela utilização do estudo de caso, tendo como objeto o município de Vespasiano, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Desta forma, o estudo de caso é reconhecido pela literatura como uma metodologia qualitativa, sendo largamente utilizada em pesquisas na área de ciências sociais (YIN, 2001).

Utilizou-se, ainda, de métodos quantitativos, com a apuração de estudos estatísticos e análise de dados levantados no período de 2012 a 2017, por meio do DataSUS, bem como visitação *in loco*. A partir destes dados

buscou-se contextualizar e problematizar algumas questões pontuais referentes à saúde do município de Vespasiano.

A pesquisa desdobrou-se sobre aspectos descritivos e explicativos. Assim, correlaciona-se a descrição e análise, de forma geral, dos motivos que levam ao atendimento insuficiente do município de Vespasiano, bem como retratar as possíveis causas deste problema comum a muitos municípios brasileiros.

Por fim, quanto ao problema exposto nesse artigo, um dos métodos de coleta de dados foi a pesquisa documental, por meio de revisão da bibliografia correlata ao tema, incluindo documentos oficiais produzidos pelo Estado. Desta forma, entende-se serem os mais adequados para tratar desta temática, considerando-se necessário evidenciar conceitos sobre os problemas de saúde encontrados nos atendimentos do município de Vespasiano.

## **Resultados e discussões**

### **O sistema público de saúde de Vespasiano**

O município de Vespasiano encontra-se localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no ano de 2018 apresentava uma população estimada em 125.376 pessoas.

Quanto aos aspectos relacionados à saúde, o município possui 24 estabelecimentos ligados ao SUS e apresenta índices de mortalidade infantil de 8,56 óbitos por mil habitantes e de internações relacionadas com diarreia da ordem de 0,2 internações por mil habitantes (IBGE, 2018). Assim, quando comparados com os demais municípios mineiros, Vespasiano encontra-se nas posições

493 e 566, em relação aos índices de mortalidade infantil e internações relacionadas com diarreia, respectivamente, ocupando posições medianas considerando o universo de 853 municípios que compõe o Estado de Minas Gerais.

Em relação à Atenção Básica de Saúde, conforme dados do Relatório de Gestão Anual (RGA), de 2017, elaborado pela Secretaria Municipal de Saúde, o município possui 13 unidades básicas de saúde, sendo 11 municipais e 2 estaduais. Conta ainda com 18 equipes de ESF, realizando uma cobertura de 48% da população.

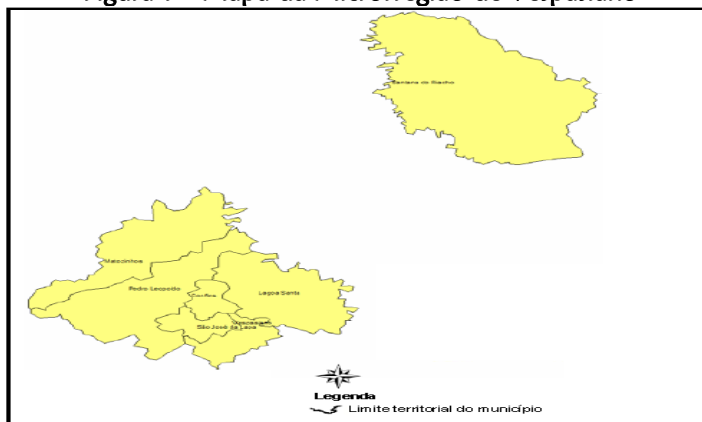
Quanto aos aspectos sanitários correlatos ao meio-ambiente, que podem impactar diretamente na qualidade de vida e saúde da população, o município apresenta 91% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, ficando, neste quesito, na posição 61 no Estado, algo considerável em face da totalidade de municípios já mencionados (IBGE, 2018).

A difusão do sistema de saúde pública do município acompanha a regionalização realizada pela Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES/MG). O Plano Diretor de Regionalização (PDR), que é um instrumento de planejamento e gestão da área de saúde, utilizado no estado desde 2003, tem como função precípua fornecer subsídios para estruturação e descentralização dos sistemas de cogestão dos serviços de saúde. Sua finalidade é direcionar, de forma mais equitativa, a implementação de políticas públicas.

Trata-se de instrumento disponibilizado para melhor se compreender as dinâmicas de atenção à saúde aos municípios e fornecer ferramentas para o aprimoramento do sistema de saúde e, conseqüentemente, atender melhor às necessidades da população.

‘Desta forma, o município de Vespasiano consolidou-se no PDR como sede de sua microrregião, sendo que os demais municípios que compõe esta área são: Confins, Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo, Santana do Riacho e São José da Lapa, conforme ilustrado na Figura 1:

**Figura 1 – Mapa da Microrregião de Vespasiano**



Fonte: Plano Diretor de Regionalização da Saúde de Minas Gerais SES/MG (2010)

**Figura 2 – Mapa da Microrregião de Vespasiano**



**Fonte:** Mapa vetor norte Belo Horizonte

Neste sentido, o município de Vespasiano se destaca pela importância para sua região, incumbindo-lhe, em certa medida, o aporte para fornecer cobertura populacional, como referência para os municípios vizinhos que por ventura demandem de sua rede de atenção à saúde.

Relata-se ainda que, em 2012, o governo de Minas Gerais inaugurou a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Vespasiano, que foi formulada para realizar 400 atendimentos diários no âmbito da urgência e emergência, reforçando assim a importância do município no contexto de regionalização da saúde (MINAS GERAIS, 2012).

Quanto aos aspectos básicos do SUS pode-se destacar, conforme instrução do Ministério da Saúde, o primeiro nível de atenção, também conhecida como atenção básica a saúde. Nesse nível compreende-se um conjunto de ações, de caráter individual e coletivo, voltadas para a promoção da saúde, a prevenção de agravos, o tratamento e a reabilitação. Uma atenção primária de qualidade tem um potencial de resolução de até 85% dos problemas de saúde (MENDES, 2012).

Desta forma, o sistema de saúde pública tem a pretensão de atender a todos os brasileiros, sem distinção. Contudo, verifica-se falhas em um de seus principais programas mitigadores de prevenção, a exemplo do Programa de Saúde da Família (PSF), que tem por objetivo atuar na prevenção de doenças, alterando um modelo de saúde centrado nos hospitais.

O PSF surgiu por meio da Portaria nº 648 de 28 de março de 2006, do Ministério da Saúde, e dentre seus vinte e dois anos de existência, nenhum estado alcançou 100% de cobertura (BRASIL, 2006). Tal quadro não difere no



município de Vespasiano, cuja área de abrangência deste programa ainda se encontra muito limitada.

Ressalta-se que o PSF constitui a principal estratégia para o fortalecimento da atenção primária no país. Entre 2006 e 2016, a proporção da população atendida pelo PSF em Vespasiano passou de 28,03% para 46,76%, segundo dados do Índice Mineiro de Responsabilidade Social da Fundação João Pinheiro (IMRS, 2016).

## **Indicadores de desempenho**

O conceito de “internação por condição sensível” diz respeito às internações que ocorrem no sistema de saúde causadas pela falta de atendimento adequado do paciente na atenção básica, ou seja, hospitalização desnecessária. Assim, doenças que poderiam ser tratadas ou mesmo prevenidas, caso a atenção básica fosse eficiente, não seriam agravadas a ponto de demandar ocupação de leitos na rede pública.

A análise da internação sensível torna-se um indicador importante, pois quando se evidencia altas taxas de internações por condições sensíveis em uma população ou, em um subgrupo, pode-se evidenciar a gravidade quanto ao acesso ao sistema de saúde básico, bem como sobre a eficácia de seu desempenho (ALFRADIQUE et al., 2009). Destaca-se ainda que altas taxas de internações por condições sensíveis podem estar correlatas com a deficiência na cobertura dos serviços, bem como baixa resolutividade da atenção primária para determinados problemas de saúde.

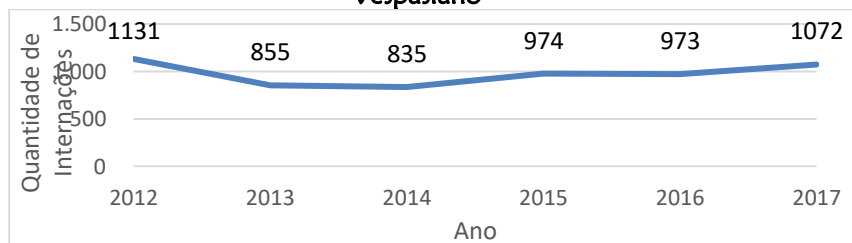
Este indicador tem sido utilizado como uma medida indireta da qualidade da assistência primária à saúde da população. Uma elevada proporção de hospitalizações por

problemas passíveis de prevenção ou de tratamento no nível da atenção primária sinaliza a existência de ineficiências do sistema de saúde. É importante destacar que há variáveis intervenientes nessa relação, a exemplo de fatores socioeconômicos, disponibilidade de leitos hospitalares e idade. Sendo que esse último apresenta maior ocorrência de internações por condições sensíveis à atenção primária na população que compõe os extremos da distribuição etária (LEITE, 2008).

Segundo Rouquayrol (1993), indicadores de saúde são parâmetros utilizados internacionalmente com o objetivo de avaliar, sob o ponto de vista sanitário, a higidez de agregados humanos, bem como fornecer subsídios aos planejamentos de saúde. Assim, permite-se o acompanhamento das flutuações e tendências históricas do padrão sanitário de diferentes coletividades consideradas à mesma época ou da mesma coletividade em diversos períodos de tempo.

Desta forma, buscou-se analisar os dados disponíveis para o município de Vespasiano, por meio do DataSUS, e verificar as variações ocorridas no período compreendido entre 2012 e 2017, conforme pode ser observado no Gráfico 1.

**Gráfico 1 – Internações por condições sensíveis de residentes de Vespasiano**



**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados no sistema DataSUS (2018)

Nota-se que no município de Vespasiano as internações sensíveis apresentaram uma tendência de aumento nos últimos anos. Assim, a partir de 2014, após um período de redução, as internações por condições sensíveis voltaram a subir, sendo que de 2016 para 2017 houve um crescimento de quase 10%. Este aumento verificado para o período pode ser um indicador de falhas quanto à atenção básica prestada pelo município, uma vez que as referidas internações poderiam ser evitadas por meio de uma atenção primária de qualidade.

Quanto às doenças mais frequentes, que por falta de atenção básica tempestiva se convertem em internações desnecessárias, tem-se uma série de doenças que estão listadas na Portaria nº 221, de 17/04/2018, do Ministério da Saúde, denominada “lista de Condições sensíveis à Atenção Primária”. Em análise ao município de Vespasiano, buscou-se identificar as doenças mais frequentes e que levaram à internação no período analisado, conforme Tabela 1.

**Tabela 1 – Causas mais frequentes de internações por condições sensíveis de residentes de Vespasiano**

	Infecção rim e trato urinário	Doenças pulmonares	Ins. cardíaca	Pneumonias bacterianas	Infecção de pele e tecido subcutâneo	Doenças cerebrovasculares	Diabetes melitus	Doença Infla. órgão pélvicos fem.	Asma	Gastro. Infecciosas
2012	59	35	67	59	33	7	17	42	1	16
2013	76	75	70	39	40	16	14	14	25	6
2014	79	76	42	22	32	28	15	8	26	9
2015	126	74	35	21	44	34	9	2	6	18
2016	120	29	54	51	25	36	19	8	10	9
2017	134	39	60	45	46	32	25	12	8	10
Total	594	328	328	237	220	153	99	86	76	68

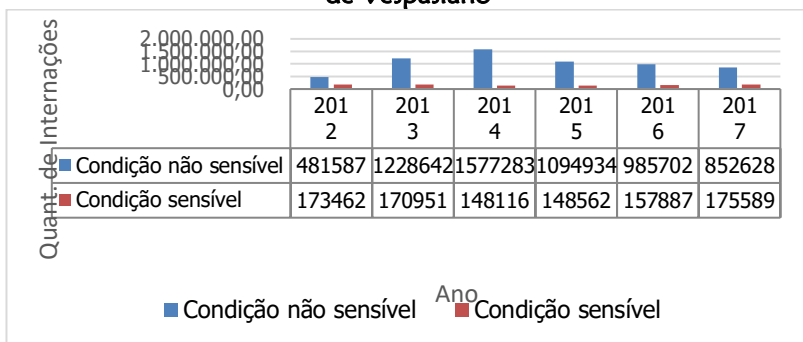
**Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados no sistema DataSUS (2018)**

Percebe-se que doenças relativamente simples, tais como aquelas agrupadas sob “infecção de pele” (furúnculo, por exemplo), configuram entre as 10 causas de internação

no município. Destaca-se “infecção no rim e trato urinário”, que para o período avaliado foi a que mais acometeu os pacientes, sobretudo no período a partir de 2015.

Outro ponto a se destacar é o total de gastos no período com internação por condição sensível que, a priori, poderiam ser evitados, possibilitando a utilização de recursos em outras áreas, como aquelas destinadas ao fortalecimento da atenção básica de saúde. Assim, é possível visualizar no Gráfico 2 que os gastos permaneceram regulares para o período, com uma leve tendência de aumento a partir de 2015.

**Gráfico 2 – Gastos (R\$) com internações de residentes do município de Vespasiano**



**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados no sistema DataSUS (2018)

Vale destacar que o gasto total com internações para o município vem reduzindo nos últimos anos, representando uma queda de 40,41% entre 2014 e 2017. Uma hipótese para tal fenômeno, considerando que as internações sensíveis se mantiveram relativamente estáveis, com uma leve tendência de crescimento, é que as internações de média complexidade foram reduzidas. Tal fato pode estar relacionado à incapacidade de atendimento

ou mesmo deslocamento de parte desses atendimentos para outros municípios, sobretudo Belo Horizonte<sup>1</sup>.

Destaca-se que para o período avaliado o total estimado com internação sensível foi de R\$ 974.565,80, o que corresponde aproximadamente 13,5% dos gastos com internações. Ressalta-se que tais recursos poderiam ser destinados ao fortalecimento da atenção básica, trazendo economicidade e maior qualidade de vida para seus municípios.

Quanto às condições de acesso à saúde no município, conforme Plano Diretor de Vespasiano (2017), apontou-se um cenário de extrema polarização da oferta de serviços de saúde na região central e praticamente inexistência deles nas regiões periféricas, marcadamente na região sudoeste do município, onde concentram-se faixa de populações mais vulneráveis.

Observa-se que a cidade de Vespasiano não foi uma cidade planejada e, por ser próxima a região de Belo Horizonte, tornou-se um polo atrativo para novos moradores. Contudo, a cidade tem capacidade limitada de aumentar os atendimentos para esta nova demanda populacional, o que compromete a qualidade dos serviços prestados. De acordo com o RGA, o Plano de Saúde Municipal, elaborado para o período de 2018 a 2022, busca solucionar problemas relacionados com a baixa cobertura populacional pelo PSF, fato esse que interfere diretamente no resultado de indicadores de saúde do município.

Soma-se a isso os postos de saúde não implantados ou com funcionamento precário. Em reportagem recente,

veiculada no dia 01/11/2018 no Telejornal Bom Dia Minas<sup>7</sup>, moradores do Bairro Vida Nova reclamam da não entrega da Unidade Básica de Saúde Porte II<sup>8</sup>. A placa que anuncia a obra, apresentada na Figura 2, com prazo de 18 meses e custo previsto de R\$ 1.170.513,70, serve atualmente para fechar a entrada ao local.

**Figura 2 - Unidade Básica de Saúde Bairro Vida Nova – Obra paralisada, cercada com tapumes improvisados, e em más condições de conservação**



**Fonte: Foto tirada pelos autores em 10/11/2018**

De acordo com a reportagem, a obra está paralisada e o prazo de entrega já venceu. Em resposta, a Prefeitura de Vespasiano afirmou que a obra não foi terminada por falta de recursos e a previsão de entrega é para o primeiro semestre de 2019.

Em outra matéria, veiculada no Telejornal Record Minas em 05/05/2017, moradores de Vespasiano reclamam das condições precárias<sup>9</sup> de atendimento do

<sup>7</sup> Jornal da Rede Globo Minas. “Moradores de BH e região metropolitana cobram direito a saúde”. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7130027/programa/>. Acesso em 09/11/2018.

<sup>8</sup> UBS destinada e apta a abrigar, no mínimo, 2 (duas) Equipes de Atenção Básica, com número de profissionais compatível a 2 (duas) Equipes de Atenção Básica.

<sup>9</sup> Relato dos usuários afirmavam ainda que no posto provisório não havia médico disponível e que foram informados que não adiantava se deslocarem até o local enquanto não fosse providenciado contratação de profissionais da saúde. Disponível em

Posto de Saúde da Família do Bairro Jardim Encantado. Após sofrer danos com enchente, em outubro de 2016, toda sua infraestrutura passou para um posto de saúde localizado em bairro vizinho, alegou-se à época que a mudança seria provisória. Contudo, em visita *in loco* verificou-se que o PSF Jardim Encantado permanecia fechado (Figura 3) e os atendimentos continuavam sendo realizados em outro bairro.

**Figura 3 – Estratégia Saúde da Família – Oeste. Unidade fechada desde Outubro de 2016**



**Fonte: Foto tirada pelos autores em 16/11/2018**

Por fim, relata-se ainda o grau de comprometimento das receitas próprias municipais, com ações relacionadas à política de saúde. Entre 2005 e 2015, a despesa com saúde em relação ao total das receitas de impostos e transferências de impostos de Vespasiano passou de 18,9% para 31,7% (IMRS, 2016). Percebe-se que houve avanços quanto ao nível de investimento no município, não obstante a insuficiência em atender toda a demanda do município.

---

<https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-no-ar/videos/posto-fechado-em-2016-deixa-moradores-de-vespasiano-mg-sem-atendimento-de-saude-05052017>. Acesso em 09/11/2018.

## Proposta de melhoria do atendimento no sistema de saúde municipal

A saúde básica, por meio da ESF, tem a função de ir à casa das pessoas e conferir, por exemplo, se os assistidos estão com a medicação em dia e realizando a posologia da forma correta. Aproveita-se para observar se os cuidados recomendados pela equipe estão sendo atendidos ou se já estão na época de realizar um novo check-up.

Assim, busca-se antecipar possíveis doenças, atuando de forma preventiva. Para que ocorra um melhor atendimento de saúde no sistema público do município de Vespasiano sugere-se realizar alguns ajustes na gestão dos recursos enviados para o município.

A qualificação dos gestores municipais, ligados à área de saúde, é uma alternativa para gerir o sistema nesse contexto de recursos limitados. Sugere-se ao município investir na saúde e, sobretudo, na atenção quanto aos profissionais da área, com o intuito de minimizar o estresse inerente à profissão, ofertando melhores condições de trabalho. A melhora no ambiente de trabalho dos profissionais da saúde reflete-se ainda na qualidade do serviço ofertado, reduzindo-se os desgastes em decorrência das reclamações dos usuários do sistema de saúde.

Ademais, uma proposta de melhoria quanto à atenção básica pode se respaldar em um estudo, realizado pelo município, referente às causas das doenças mais frequentes de internações por condições sensíveis. Desta forma, poderia se discutir a viabilidade de implementação de programas cujo objetivo seria atuar especificamente na prevenção e tratamento dessas doenças.

Assim, boas práticas para gestão de um sistema de saúde demandam intervenções multidisciplinares, que vão além



das intervenções clínicas. Requer, primeiramente, implementação de ações efetivas de prevenção e, em um segundo momento, atuação e execução de medidas curativas e/ou paliativas junto à população assistida.

De forma sucinta, não obstante as dificuldades financeiras passadas pelos municípios, como congelamento de gastos com saúde e falta de repasse dos recursos por parte dos governos federais e estaduais, sugere-se algumas ações para a melhoria do atendimento no sistema de saúde municipal, conforme Quadro 1.

**Quadro 1 - Proposta de melhoria do atendimento no sistema de saúde municipal**

O que	Para que	Quem	Quando	Onde	Como
Realizar contratação de profissionais para compor Equipes de Saúde da Família	Necessidade de mão de obra qualificada	Prefeitura de Vespasiano	Após elaboração de Edital e mapeamento de demandas	Unidades Básicas de Saúde	Realização de Processo Seletivo
Promover capacitação técnica de gestores e funcionários	Otimizar qualidade da prestação de serviço	Secretaria Municipal de Saúde em parceria com Organizações Sociais	Após contratação de novos funcionários	Unidades Básicas de Saúde	Realização de cursos de qualificação

Realizar mapeamento das UBS não implantadas ou com funcionamento precário	Necessidade de priorizar ações para funcionamento pleno das unidades	Secretaria Municipal de Saúde	Imediato	Unidades Básicas de Saúde	Visita <i>in loco</i> por profissionais designados pela administração local
Realizar levantamento das principais doenças causadoras de internações sensíveis	Necessidade de implementar políticas públicas específicas para combate dessas doenças	Secretaria Municipal de Saúde	Imediato	Secretaria Municipal de Saúde e Unidades de Saúde do Município	Dados estatísticos das Unidades de Saúde e também extraídos de outros sistemas (ex: DataSUS)

Fonte: Elaborado pelos autores

## Considerações finais

A reflexão aqui realizada consistiu em demonstrar alguns fatores que podem estar agravando o funcionamento do sistema de saúde de Vespasiano, por meio da análise de dados estatísticos, revisão bibliográfica e visitas *in loco*. Buscou-se apontar porque o sistema de saúde pública não consegue atender adequadamente a população do município.

Assim, identifica-se que o fortalecimento da Atenção Básica à Saúde constitui-se em um processo de suma importância para a construção de uma rede integrada e eficiente de atendimento ao cidadão. Torna-se impar o

aprimoramento da gestão pública da saúde, visando otimizar os recursos públicos escassos destinados à essa área. Sugere-se a adoção de programas específicos que visem minimizar o número de internação por condições sensíveis, de forma a desafogar a rede e disponibilizar vagas para o atendimento de média complexidade.

Por fim, cabe destacar a importância do fortalecimento do SUS enquanto política pública universal, considerando o contexto de ascensão neoliberal e a crise do Estado. Conforme nos demonstra Menicucci (2011), ganha força movimentos de inflexão em direção ao mercado pago de promoção da saúde, enfraquecendo a proposta universalizante definida na conjuntura da democratização e positivada na Constituição Federal.

Reforçar e consolidar a imagem do SUS, em contraposição às representações negativas e depreciativas dos serviços públicos, nem sempre construída por experiências concretas, torna-se fundamental para implementação de boas práticas a melhoria da gestão e fomento do controle social e, conseqüentemente, maior qualidade dos serviços de saúde prestados à população.

### Referências

ALFRADIQUE, Maria Elmira et al. **Internações por condições sensíveis à atenção primária: a construção da lista brasileira como ferramenta para medir o desempenho do sistema de saúde** (Projeto ICSAP - Brasil). Cad. Saúde Pública [online]. 2009, vol.25, n.6, pp.1337-1349. ISSN 0102-311X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000600016>>. Acesso em: 25/10/2018.

ALMEIDA FILHO, N. de . **Introdução à epidemiologia moderna**. 2. ed. rev. atual. Belo Horizonte: Coopmed, 2003. 184p.

Associação Mineira de Municípios. **Manual de gestão pública municipal: saúde**. Belo Horizonte, 2017, 74p.

BATISTELA, Carol. **Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde**. Disponível em: <[http://www.epsjv.fiocruz.br/pdtsp/index.php?livro\\_id=6&area\\_id=2&capitulo\\_id=14&autor\\_id=&arquivo=ver\\_conteudo\\_2](http://www.epsjv.fiocruz.br/pdtsp/index.php?livro_id=6&area_id=2&capitulo_id=14&autor_id=&arquivo=ver_conteudo_2)>. Acesso em: 14/03/2018.

BESEN, G. R.; RIBEIRO, H.; JACOBI, P. R.; GÜNTHER, W. M. R.; DEMAJOROVIC, J. **Evaluation of sustainability of municipal programs of selective waste collection of recyclables in partnership with scavengers organizations in Metropolitan São Paulo**. In: Kurian J.; Nagendran R.; Thanasekaran. K. (Org.). **Sustainable Solid Waste Management**. 1 ed. Chennai: Allied Publishers Pvt. Ltd., v. único, p. 90-96, 2007

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Censo populacional 2016. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 25/10/2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de Informática do SUS - DATASUS**. Disponível em <http://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em 29/10/2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde. **Portaria nº 648/GM de 28 de março de 2006 que Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica**

para o Programa Saúde da Família (PSF) e o Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS).

CHIESA, A. M.; VERISSÍMO, M. R. **A educação em saúde na prática do PSF: manual de enfermagem**. Brasília, DF: Instituto para o Desenvolvimento da Saúde, 2001.

MENDES, E. V. **A construção social da atenção primária à saúde**. Conselho Nacional de Secretários de Saúde – CONASS. 2015

MEZOMO, J. C. **Gestão da qualidade na saúde: princípios básicos**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 301 p

MINAS GERAIS. Agência de Desenvolvimento da Região metropolitana de Belo Horizonte. **Plano Diretor de Vespasiano – Diagnóstico-síntese do município de Vespasiano**. Dezembro de 2017. Disponível em: <[http://www.agenciambh.mg.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/PDRMBH\\_PRD07\\_VESPASIANO\\_R02.pdf](http://www.agenciambh.mg.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/PDRMBH_PRD07_VESPASIANO_R02.pdf)>. Acesso em: 25/10/2018.

MINAS GERAIS. Fundação João Pinheiro. **Índice Mineiro de Responsabilidade Social**. Disponível em: <http://fjp.mg.gov.br/index.php/produtos-e-servicos/2741-indice-mineiro-de-responsabilidade-social-imrs-2>. Acesso em: 25/10/2018.

MINAS GERAIS. Diário Oficial de Minas Gerais. **Inaugurada Unidade de Pronto Atendimento em Vespasiano**. Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/index.php?/saude/saude-arquivo/Inaugurada-Unidade-de-Pronto-Atendimento-em-Vespasiano.html>>. Acesso em: 12/11/2018.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Aprova a Estratégia da Regionalização da Assistência Farmacêutica (ERAF) e as normas de financiamento do Componente Básico do Bloco da Assistência Farmacêutica (CBAF) no âmbito do SUS-MG**. Disponível em:<

<http://www.saude.mg.gov.br/sobre/institucional/deliberacao-cib-susmg>>. Acesso em: 12/03/2018.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Plano Diretor de Regionalização da Saúde de Minas Gerais (PDR/MG)**. Março de 2011. Disponível em: <<http://www.saude.mg.gov.br/parceiro/regionalizacao-pdr2>> Acesso em: 18/10/2018.

OLIVEIRA, E. M.; SPIRI, W. C. **Programa saúde da família: a experiência da equipe multiprofissional**. Revista de Saúde Pública, v. 40, n. 4, p. 723-733, 2006.

PAIM, J. T. C., Almeida, C., Bahia L, Macinko J. **The Brazilian health system: history, advances and challenges**. The Lancet [Periodicoonline] 2011; [publicado online em 9 de maio 2011]. DOI:10.1016/S0140-6736(11)60054-8. Disponível em <<http://www.thelancet.com/series/health-in-brazil> [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)60054-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(11)60054-8)>. Acesso em: 25/10/2018.

PORTAL R7. Belo Horizonte. **Posto fechado em 2016 deixa moradores de Vespasiano (MG) sem atendimento de saúde**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-no-ar/videos/posto-fechado-em-2016-deixa-moradores-de-vespasiano-mg-sem-atendimento-de-saude-05052017>>. Acesso em: 09/11/2018.

RAEFFRAY, Ana Paula Oriola de. **Direito da Saúde: de acordo com a Constituição Federal**. 1 ed. São Paulo: QuartierLatin, 2005.

REDE GLOBO MINAS. Belo Horizonte. **Moradores de BH e região metropolitana cobram direito a saúde**. Disponível em:

<<https://globoplay.globo.com/v/7130027/programa/>>. Acesso em: 09/11/2018.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; BARBOSA, L. M. M.; Aderaldo, Lúcio Cartaxo; XAVIER, L. G. M. **Principais**

**causas de morte no Brasil, 1979 - 1988. Informe Epidemiológico do SUS** (Cessou em 2002. Cont. ISSN 1679-4974 Epidemiologia e Serviços de Saúde), v. 5, p. 28-37, 1993.

VESPASIANO. Secretaria Municipal de Saúde. **Relatório Anual de Gestão – Período de janeiro a dezembro de 2017.**

Disponível

em:<

[https://sargsus.saude.gov.br/sargsus/login!usuarioLogado.action?SARGSUS\\_TOKEN=4O42-Y9XX-67NP-71A2-MOUU-4J6E-93C4-J445](https://sargsus.saude.gov.br/sargsus/login!usuarioLogado.action?SARGSUS_TOKEN=4O42-Y9XX-67NP-71A2-MOUU-4J6E-93C4-J445)>. Acesso em: 14/11/2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.





# “ESPERANÇA: 50 ANOS DEPOIS...” HISTÓRIA E LITERATURA: OS FIOS NARRATIVOS ENTREMEADOS PELA MEMÓRIA

*Auxiliadora dos Santos Pinto*<sup>10</sup>  
*Manoel Messias Feitosa Soares*<sup>11</sup>

## Introdução

Este artigo apresenta resultados de uma análise da obra literária “Esperança: 50 anos depois...” de autoria do escritor rondoniense Paulo Saldanha, destacando-se a inter-relação entre a literatura e a história e a utilização de elementos da história e da memória como recursos estéticos/composicionais na construção do romance em estudo.

---

<sup>10</sup> Doutora em Letras – Literaturas em Língua Portuguesa-IBILCE/UNESP/SJRP. Mestre em Linguística-UNIR. Especialista em Metodologia do Ensino Superior-UNIR; em Recursos Humanos, pela UNIR; em Gestão Pública, pela UNIR. Graduada em Letras-UNIR. Graduada em Administração de Empresas-UNIR. Professora Adjunta do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem (DACL), Curso de Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Guajará-Mirim. Membro do Grupo de Pesquisa Filologia e Modernidades. Membro do Grupo de pesquisa Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO. Vice-líder do Grupo de Estudos interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas-GEIFA. E-mail: [auxiliadorapinto@unir.br](mailto:auxiliadorapinto@unir.br).

<sup>11</sup> Mestre em Letras – Linguagem e Identidade-UFAC. Especialista em Psicologia Educacional e Escolar-UNINORTE. Graduado em História-UFAC. Acadêmico do curso de Psicologia-UFAC - Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas-GEIFA. Grupo de pesquisa Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO. E-mail: [messiasfeitosaes@gmail.com.br](mailto:messiasfeitosaes@gmail.com.br)

A referida obra foi objeto de estudo da Tese de Doutorado da Professora Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto, defendida em 26 de agosto de 2016, intitulada “A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO.” A configuração da obra se pauta em uma releitura crítica de um episódio histórico, “A implantação dos seringais na Amazônia”, porém, o autor não intenciona nenhum compromisso com a história oficial, visa, apenas, promover reflexão sobre os fatos econômicos e socioculturais ocorridos neste processo.

O estudo foi norteado pelos seguintes questionamentos: Como a história e a memória se inter-relacionam na obra em estudo? De que forma os aspectos da formação histórica, geográfica, sociopolítica e cultural dos seringais amazônicos são representados no romance em epígrafe?

Desse modo, infere-se que as vivências do escritor na Amazônia rondoniense, principalmente nos vales dos rios Mamoré e Guaporé, na fronteira Brasil-Bolívia, contribuíram para a composição da obra, a qual expressa aspectos históricos, geográficos, políticos, socioculturais e memoráticos do processo de implantação dos seringais amazônicos.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a obra literária “Esperança: 50 anos depois...”, de autoria do escritor rondoniense Paulo Saldanha, destacando-se os elementos da história e da memória como recursos estético-composicionais utilizados pelo escritor e mostrando de que forma a memória e a história se inter-relacionam na obra em estudo, expressando os aspectos da formação sociopolítica, histórica, geográfica e cultural dos seringais da

Amazônia rondoniense. Para alcançar o objetivo proposto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: proceder à análise estrutural e temática da narrativa; focalizar o modo como se dá o entrecruzamento do discurso histórico com o discurso literário.

O estudo do tema justifica-se porque é necessário discutir sobre a importância da Literatura Amazônica/Regional, dentro do contexto literário e histórico, mostrando à sociedade como a literatura pode influenciar e facilitar a compreensão da memória histórica e dos processos de ocupação humana na Amazônia. Além disso, enfatiza as historicidades amazônicas e privilegia a memória como fonte de reconstituição das vivências, através do discurso literário.

A pesquisa, do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, foi fundamentada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria e da Análise literária e pelos estudos da Literatura de expressão amazônica, destacando-se as obras dos seguintes autores: Reis (2012), Loureiro (2014), Delgado (2006), Silva (2015), Baccega (2007), Nunes (2013), Pizarro (2012), Pinto (2016), dentre outros.

A pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, foi desenvolvida a partir da utilização do método analítico, tomando-se como base os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria e da Análise Literária (prosa) e dos estudos da Literatura e História. Dessa forma, a partir da tessitura da narrativa, buscamos identificar elementos da história e da memória para compreender as representações das relações estabelecidas nos contextos dos seringais e em outros espaços socioculturais amazônicos, com o intuito de identificar no discurso literário de

Saldanha (2011) elementos que contribuíram para a formação cultural das sociedades amazônicas

Os resultados evidenciam presença de elementos da memória como fio condutor na tessitura da narrativa. Expressam, também, aspectos históricos, socioeconômicos e culturais dos contextos dos seringais, destacando-se as contribuições e legados da população autóctone e dos migrantes e imigrantes que participaram do processo de ocupação e formação da Amazônia rondoniense.

### **Percurso metodológico da pesquisa**

Nesse tópico, apresentamos os aspectos metodológicos utilizados na análise literária do romance “Esperança: 50 anos depois...”, dando ênfase à inter-relação da história com a literatura e destacando-se os elementos da memória como recursos estético-composicionais.

Na coleta e na análise dos dados foi aplicado um roteiro, construído a partir dos estudos da Teoria literária e Análise literária (prosa), fundamentado pelos estudos dos autores Reis (2013) e pelos estudos da literatura de expressão amazônica, destacando-se Loureiro (2014). O roteiro foi organizado em duas partes, conforme descrição a seguir: a) Informações contextuais (sobre o autor e sobre a obra); b) Leitura e análise de características estruturais e temáticas da narrativa. Também discutimos sobre o contexto histórico em que a obra foi concebida e sua importância no cenário literário amazônico.

## Apresentação e análise dos resultados da pesquisa

“*Esperança: 50 anos depois...*” é um romance histórico. A obra foi ambientada em Rondônia e, a partir da reconstituição da memória, aborda diversos aspectos da formação sociopolítica, histórica, geográfica e cultural da Amazônia, destacando-se o processo de implantação dos seringais e a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, entre 1907 e 1912. Naquela época, os investidores tinham o objetivo de construir uma estrada que pudesse competir com o Canal do Panamá.

O enredo de *Esperança*, tecido em uma região da Amazônia, mobiliza a memória e o imaginário coletivo, marcando, principalmente, a cobiça humana e a exploração desordenada do Meio Ambiente. Conforme Saldanha, a ideia de escrever o romance surgiu quando ele releu uma série de textos produzidos pelo historiador e Professor Abnael Machado de Lima, cuja temática era “*A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica.*”

O autor explica que no início do século XX, devido à construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) e da exploração de seringais, houve um intenso fluxo migratório na região Amazônica. Nesse contexto, o processo de implantação dos seringais na Amazônia foi marcado por conflitos pela exploração das riquezas, posse de terras e detenção do poder. Nesse contexto, também destacamos a resistência da população autóctone e a luta em defesa dos rios, florestas e de suas terras.

Sobre esse aspecto, Loureiro (2014), no artigo intitulado “Mundamazônico: do local ao global”, afirma que a literatura amazônica pode ser caracterizada como

uma estética singular que emerge do “*ethos* amazônico” e que agrega um conjunto de traços específicos, caracterizados pelas belezas naturais e pela diversidade de povos e costumes.

No romance, a maioria das personagens participam do processo de implantação dos seringais, destacando-se: Guido Kaufmann e Marlene, sua esposa; os nordestinos Ambrósio, Urbano e Irênio, companheiros de Guido, e suas esposas Augusta, Yolanda e Prudência; Nicolau Kaufmann, filho de Guido e Marlene, e sua esposa Esperança, filha de Florêncio Reis de Alencar e de Magnólia. Generosa, irmã de Esperança; Atifa Nasser, filha de um comerciante libanês já falecido e Sarah Assaf Nasser, amante de Nicolau Kaufmann; Junior, filho de Atifa Nasser e Nicolau Kaufmann; Franquilino, gerente geral e guarda-livros do Seringal Esperança, e sua esposa Malvina; Os religiosos, Padre João Nicoletti e as irmãs Salesianas Carlota Rena, Elizabeth Negri e a Noviça Sebastiana Assis; Os médicos alemães, Ernest Lueger, Adolf Köeller Von Schönerer e Georg Vom Rommel e as enfermeiras; Edison Kaufmann, filho de Nicolau Kaufmann e Esperança, sua esposa Adriana e os netos Ivo e Vera Lucia Matoso Kaufmann; Ivo de Alencar Kaufmann, neto de Esperança e esposo de Yasmine Gibran Mansur e outros.

Dessa forma, as personagens ligam os acontecimentos e dão dinamismo às tramas estabelecidas nas interações sociais descritas no interior da narrativa. Pode-se dizer, também, que o próprio seringal “Esperança” se constitui como uma personagem central em torno da qual circulam outras personagens, de várias nacionalidades e etnias. Nesse sentido, Reuter (2004, p. 54) afirma que: “As personagens têm um papel essencial na organização das histórias. Elas determinam as ações, vivenciam-nas, religam-

nas e dão sentido a elas. De uma certa maneira, toda história é história das personagens." As personagens proporcionam a sequência e as diferentes nuances das narrativas ficcionais e históricas.

No aspecto temporal, a obra não apresenta linearidade. A estrutura temporal na constituição do romance demonstra uma interposição de diferentes temporalidades, destacando-se: o tempo da história, o tempo da memória, o tempo mítico e outros. Porém, a narrativa é marcada pelo tempo da memória e pelo tempo da história e a construção temporal do enredo da obra é organizada em duas fases: a primeira e a segunda geração da família Kaufmann.

De acordo com Nunes (2013, p. 21), “[...] o tempo histórico representa a duração das formas históricas de vida, e podemos dividi-los em intervalos curtos ou longos, ritmado por fatores diversos.” Nesse aspecto, o romance entrelaça o passado com o presente, reconstituindo as histórias dos seringueiros que aqui chegaram e todo processo de formação dos seringais. Conforme Delgado (2006), “A memória é a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas [...] A memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos.” (DELGADO, 2006, p. 38).

Ao discutir sobre a caracterização da narrativa literária, Reis (2013, p. 246), afirma que “[...] os textos narrativos literários concretizam um processo de representação eminentemente dinâmica, sobretudo pela ação de mecanismos temporais. [...]” O referido autor também afirma que [...] a narrativa literária estrutura-se em dois planos fundamentais: o plano da história relatada e o plano do discurso que a relata, articulados num ato de

enunciação que é a instância da narração [...]. (REIS, 2013, p. 246). Dessa forma, pode-se inferir que os processos composicionais utilizados por Saldanha se estruturam a partir de múltiplas temporalidades.

Para marcar a escolha desses tempos, o autor destaca inúmeros acontecimentos históricos, dentre eles: os ciclos migratórios, a construção, funcionamento e fechamento da E.F.M.M, a estrutura sociopolítica dos seringais e do Vale do Guaporé e o processo de criação do Estado de Rondônia. Conforme Delgado (2006): “O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas [...]”. Dessa forma, na tessitura da narrativa, o tempo é um elemento muito importante para a compreensão e constituição da História.

Para construir o romance, Saldanha apresenta, como pano de fundo, o cenário de um seringal implantado em plena selva amazônica, na fronteira formada pelas cidades gêmeas, Guajará-Mirim/Brasil e Guayaramerín/Bolívia, a qual é composta por muitos povos, territorialidades, histórias, memórias, representações, linguagens e biodiversidades, constituindo, assim, vivências, saberes e modos de vida singulares.

Em relação aos espaços geográficos apresentados na narrativa, destacamos: o contexto das cidades de Guajará-Mirim, Porto-Velho, Abunã, Nova Mutum e Vila Murtinho. Entretanto, dentre os espaços apresentados pelo autor, destacam-se: espaços das cidades e espaços dos seringais. Segundo Pizarro (2012, p. 38) “[...] O território é inexpugnável, a selva é como uma grande muralha sobre a qual se tecem uma infinidade de histórias [...]”. Dessa forma, podemos inferir que a caracterização político, social, histórica e cultural da Amazônia rondoniense representada



no romance “Esperança: 50 anos depois”, não se aplica às percepções e aos conceitos homogeneizadores representados nas literaturas dos escritores amazonialistas.

Na obra, os espaços urbanos são caracterizados como locais de progresso e desenvolvimento tecnológico, que podem proporcionar a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos que habitam nas áreas produtoras do extrativismo. Estas localidades eram valorizadas por todos, em detrimento dos seringais e colocações produtoras de riquezas. As cidades recebiam os seringalistas para suas comemorações, transações comerciais, passeios, além de servirem de espaços para a educação de seus filhos nas artes e nas ciências, objetivando a formação das novas gerações de administradores dos empreendimentos familiares.

O espaço do seringal era o local onde os seringalistas mantinham suas transações comerciais. Ele é caracterizado como o lugar do atraso em relação aos grandes centros urbanos, tanto em comparação às cidades brasileiras quanto em proporção aos centros europeus que a narrativa põe em destaque, onde os seringalistas iam desfrutar suas férias ou realizar negócios ou, ainda, se atualizar com o que havia de mais moderno no campo científico em se tratando de tecnologias. Na obra, destacam-se os seringais fictícios Monte Cristo e Esperança.

O seringal Monte Cristo é o local onde Guido, amigos e esposas iniciam o empreendimento de produção e comercialização de mercadorias e produtos extrativistas. O seringal Esperança é o segundo empreendimento e nasce com objetivos mais grandiosos, sendo nele implantada uma estrutura cidadina, visando atender às necessidades dos moradores do "feudo", com oficinas, restaurantes, hospital, teatro, igreja e uma movimentada vida social.

Os escritórios, as residências, os armazéns, um refeitório enorme com a respectiva cozinha, uma caixa-d'água, as fossas anaeróbicas, a captação d'água a partir de uma nascente descendo por gravidade, numa distância próxima de mil metros - advinda de uma ravina fora canalizada -, uma escola, e ainda reservou um lote destinado a abrigar u pequeno hospital, com indicação para crescimento, foram projetados. (SALDANHA, 2018, p. 66).

Segundo o narrador, o local foi escolhido para a implantação do seringal porque se localizava às margens do barrento rio Madeira. Nessa perspectiva, nas palavras de Silva (2015, 208-209), na Amazônia, os rios são:

[...] vias que transportam também os homens [...] como caminhos fundamentais para a ocupação dos espaços “vazios” aberturas de seringais cujas sedes ficavam geralmente às margens dos rios [...]. a relação do homem com as águas amazônicas é duradoura e carregada de múltiplos sentidos [...].

Assim, a partir de uma minuciosa descrição dos rios e de algumas localidades, Saldanha possibilita ao leitor uma viagem pela memória geográfica da região e pela história da constituição dos seringais. Na narrativa, esses elementos foram utilizados para destacar as intempéries enfrentadas pelos desbravadores:

Chamaram a atenção do empreendedor as cachoeiras e as corredeiras desafiadoras que tiveram que vencer, como o Ribeirão (como as duas de Guajará-Mirim e a de Bananeiras,

já suas conhecidas), Misericórdia, dos Periquitos, Araras, dos Macacos, de Morrinhos, Pederneiras, Chicolatal, Três irmãos, Pau Grande, o Caldeirão do Diabo (este perigosíssimo, um verdadeiro tombo), Jirau, Santo Antônio; e entre outros [...]. (SALDANHA, 2011, p. 25).

O espaço dos seringais é apresentado como um lugar de riquezas e belezas naturais, além de ter destaque as águas dos rios com suas quedas d'águas e cachoeiras. Rios, "caminhos molhados", vias que possibilitavam a chegada de pessoas e de gêneros alimentícios e produtos manufaturados, além de permitir o escoamento das riquezas produzidas nos seringais ou nas localidades situadas próximas aos espaços urbanos.

[...] Aquela Amazônia que detinha a maior diversidade, ente todos os Continentes, em que enorme quantidade de espécimes, espécies de bichos só aqui eram encontradas, haja vista a biodiversidade traduzida pelos diferentes animais, répteis, peixes, quelônios e vegetais de todos os tamanhos, cores e circunferências. (SALDANHA, 2018, p. 115).

Os seringais amazônicos também são representados como espaços místicos, onde imperavam as verdades permeadas pelas lendas e mitos, mediando os fazeres dos seringueiros na coleta e extração dos produtos da floresta.

É que ele falava, e repetia como se verdade verdadeira fosse que "sempre que for penetrar na floresta peça permissão à mãe da mata, como também à mãe da seringueira quando for cortar seringa; faça oferenda ao curupira e ao caipora, deixando na orla da

mata um pedaço de tabaco e uma caneca de cachaça, pronunciando: 'Isto é presente para você curupira ou caapora"'. (SALDANHA, 2018, p. 83).

Neste contexto de riquezas e belezas naturais, na trama são, também, apresentadas identidades “rudes”, humanamente atrasadas em relação aos sujeitos que habitavam nos centros urbanos, pois estes indivíduos ainda estavam sobre a égide dos valores culturais que valorizavam os mitos e lendas nas suas relações laborais, nos cultos e oferendas aos guardiões das florestas e rios.

[...] e repetia como se verdade verdadeira fosse que "sempre que for penetrar na floresta peça permissão à mãe da mata, como também à mãe da seringueira quando for cortar seringa; faça oferenda ao curupira e ao caipora, deixando na orla da mata um pedaço de tabaco e uma caneca de cachaça, pronunciando: 'Isto é presente para você curupira ou caapora"'. (SALDANHA, 2018, p. 83).

Nos espaços dos seringais, as relações eram embrutecidas, pois poucas pessoas tinham cultura letrada. Segundo o narrador, devido à ausência de mulheres nos seringais, muitos homens mantinham relações sexuais com animais, outros, construía famílias com a “ralé” das mulheres das cidades próximas. A construção desse imaginário de subdesenvolvimento dos sujeitos que habitavam os empreendimentos extrativistas em relação aos habitantes dos espaços das cidades, se expressa, em sua forma mais desumana, quando os sujeitos são descritos como semi-humanos, ao manterem relações sexuais com animais selvagens domesticados para estes fins. "[...] É que

quando cheguei na colocação do Dorival, sem ser pressentida, vi ele fazendo safadeza com a anta dele, de criação. Aí, não gostei do que vi." (SALDANHA, 2018, p. 49). Na obra, os conflitos que ocorriam entre os seringueiros, principalmente, devido à ínfima presença de mulheres nos seringais é mencionado com riqueza de detalhes:

[...] o Pernambuco, parecia homem normal. Meio calado, fala mansa. [...] ele foi abandonado pela mulher. [...] se revelou recalçado e embrutecido e resolveu possuir à força a esposa do seringueiro Ananias; sendo rechaçado a estuprou, na frente dos filhos pequenos. Após satisfeito, para não deixar testemunhas, matou a mulher e as três crianças, cena parcialmente observada de longe pelo garoto de 7 anos, escondido em cima de uma árvore. (SALDANHA, 2011, p. 39).

Dessa forma, podemos inferir que a narrativa expressa os costumes das diferentes épocas presentes no enredo e o tratamento dispensado pela sociedade ao sexo feminino, desvelando que as mulheres não tinham seus desejos respeitados nem a liberdade diante dos seus sentimentos.

A obra exalta os valores citadinos e detrimento dos saberes e relações sociais, dos sujeitos forjados nas lides desenvolvidos nas florestas amazônicas. Segundo o narrador, as mulheres que vinham para os seringais construir famílias com os seringueiros eram provenientes de classes sociais desprestigiadas e, muitas delas, eram prostitutas, vendidas aos seringueiros como gêneros de primeira necessidade.

Por sua vez, as mulheres provenientes de famílias abastadas, as filhas dos seringalistas e comerciantes ricos, são representadas como senhoras do lar, perpetuadoras da família. Contudo, mesmo apresentando uma excelente formação e fluência em outras línguas não tinham autonomia diante do poder patriarcal que imperava naqueles contextos, como fica evidente em diversas passagens do enredo, conforme fragmento descrito a seguir:

Marlene, uma moça bem educada, instruída, ainda estudava para ser normalistas, era linda, predada e possuía um olhar intenso, brilhante, adornado por dois pontos azuis que lhe ampliava a formosura, embora recebendo a corte de tantos rapazes, acabou preferindo logo agarrar um marido, uma questão de honra na época. (SALDANHA, 2018, p. 26).

Outro aspecto relevante expresso na narrativa é a invisibilidade das mulheres que trabalhavam na corte da seringa, na pesca, e na coleta de outros produtos extrativistas. Assim, como apagamento da participação das mulheres indígenas na formação dos indivíduos que compuseram a diversidade de grupos sociais amazônicos.

O narrador descreve as relações de trabalho entre seringalistas e seringueiros nos espaços dos seringais enfatizando que os patrões eram os responsáveis pela manutenção dos utensílios de trabalho e pelo fornecimento de gêneros alimentícios para as pessoas que habitavam naquelas localidades produtoras, segundo a passagem da obra a seguir:

Era o sistema de "aviamento do seringueiro", em que este recebia o financiamento da produção na forma de mercadorias, fossem gêneros de primeira necessidade, fossem ferramentas, tigelas, espingardas e munição, coisas indispensáveis. (SALDANHA, 2018, p. 45).

Destacamos que essa relação comercial não era mantida só com os seringueiros, mas sim com os demais trabalhadores do seringal, além das trocas de mercadorias dos patrões com alguns grupos indígenas, assim como, com os trabalhadores das pequenas comunidades estabelecidas na região. Ao apresentar a estrutura dos seringais, o autor traz à tona as dimensões socioculturais vivenciadas na região amazônica naquele momento histórico, porém, a relação entre seringalistas e seringueiros é mostrada a partir do olhar do colonizador, sendo harmoniosa e pacífica, ou seja, no romance, as relações de poder instauradas nos seringais não eram marcadas pela dominação e pelo autoritarismo.

Na obra “Esperança: 50 anos depois...”, os contextos históricos e socioculturais apresentados integram as vivências e a memória afetiva do autor. Além disso, as experiências pessoais de Saldanha nos eixos Madeira, Mamoré, Guaporé e, posteriormente, em diversos contextos amazônicos também irão favorecer a compreensão de que a obra literária é resultado das relações estabelecidas entre o escritor e a sociedade.

Nesse sentido, segundo Baccega (2007), a História também nos possibilita fazer uma avaliação e uma interpretação sobre as transformações do homem e o seu relacionamento com o mundo, no desenvolvimento e composição das sociedades:

O estudo da História nos permite conhecer o passado, saber como os homens, em culturas diferentes, portanto com outros meios, lutaram por seus valores. Permite-nos, também, avaliar, interpretar como ocorreram as transformações do homem no seu relacionamento com o mundo, no processo de construção das sociedades. Para que esse objetivo seja alcançado, é preciso ter ouvidos para ouvir e olhos para ver a História dos vencidos, dos silenciados pela força. Essa é a História que a História oficial não contempla. (BACCEGA, 2007, p. 66).

Dentre os acontecimentos históricos presentes na obra Saldanha (2018) destacam-se: roubo das sementes da seringueira e sua plantação na Ásia pelos ingleses; os processos que culminaram na Revolução Industrial; Em 11 de novembro de 1918 a Primeira Guerra tinha fim; 1939 a Alemanha invade a Polônia; Surgimento, ao final da Segunda Guerra, já logo depois do armistício, a chamada Guerra Fria; Entre 1950 e 1953 eclode a Guerra da Coreia.

No plano nacional, Saldanha (2018), destacados os seguintes acontecimentos, situando a trama no espaço/tempo da narrativa: No ano de 1888, no dia 13 de maio, a Princesa Isabel decreta o fim da escravidão; Em 1889 a República é proclamada; Deodoro, em 15 de novembro, se instala na Presidência do Brasil; De noite, no dia 28, a Rádio Nacional levava a notícia sobre a Intentona Comunista; a Revolução de 1930, que colocou o Getúlio Vargas no poder; 1943, no dia 13 de setembro, fora criado, pelo Ditador Getúlio Vargas, o Território Federal do Guaporé.



Enquanto no espaço regional e local podemos apresentar os seguintes acontecimentos presentes na obra em análise: início da exploração da floresta amazônica, a Revolução Acreana, o Tratado de Petrópolis, o primeiro e o segundo ciclo da borracha, a Construção da E.F.M.M., a criação do Território Federal do Guaporé e outros. A transformação dos grandes seringais em empreendimentos agropecuários, e o surgimento de várias cidades e povoados a partir da implantação de projetos de povoamentos realizados pelos governos federal e estadual, com a execução do INCRA.

Para evidenciar a pluralidade étnica e cultural existente no contexto do seringal, já no segundo capítulo, o narrador descreve o encontro dos seringueiros, na sua maioria nordestinos, com os povos indígenas, bolivianos e negros.

[...] tinham como companheiros três nordestinos: Ambrósio, Urbano e Irênio. Ambrósio era mateiro de primeira, casado com Augusta; Urbano, um abridor de piques, casado com Yolanda e Irênio, amigado com Prudência, mais velha que ele, se dividia: ora desenvolvia atividades variadas, mas era comboieiro dos bons. Foram todos contratados por Guido. (SALDANHA, 2011, p. 23).

Conforme Pinto (2016, p. 86), no processo de implantação dos seringais na Amazônia, “[...] as relações entre seringueiros e indígenas nunca foram pacíficas, pois, ao terem suas terras invadidas, os indígenas resistiam e os confrontos eram inevitáveis.” A respeito desses embates entre brancos e índios, a autora também afirma que os povos originários eram invisibilizados e, muitas vezes,

dizimados por estarem na contramão dos interesses dos colonizadores, porém, por se tratar de uma obra de ficção, a relação entre seringalistas, seringueiros e indígenas na obra em estudo é, intencionalmente, “romantizada”.

Os índios foram chegando ao barracão, com suas mulheres e crianças [...]. Houve troca de presentes, primeiramente entre Ambrósio e o Tuxaua, depois os demais, que foram aproximando-se; presentearam com cocares e colares de contas e dentes de animais, aos demais homens e mulheres com colares, pulseiras, abanos, cestas e paneiros, sendo retribuído com produtos fabricados pelos brancos, como terçados, facas machados, panelas, espelhos, colares, pulseiras e tecidos. (2011, p. 26-27).

A partir do fragmento acima apresentado, pode-se afirmar que a relação entre os seringueiros e indígenas é apresentada a partir do olhar do colonizador, sendo harmoniosa e pacífica, diferindo das relações estabelecidas entre esses grupos nas demais regiões onde houve ocupações realizadas pelos exploradores brancos, na extração dos produtos extrativistas e os moradores originários.

De acordo com Baccega (2007):

[...] o discurso literário sofre influência do meio literário daquela sociedade, o qual, por sua vez, sofre a influência das várias formações ideológicas/formações discursivas historicamente constituídas e inscritas nas obras literárias; sofre influência, também, dos domínios ideológicos, daquele momento social daquela sociedade. Resulta, portanto, de numerosos intercâmbios, de

numerosos diálogos. É o discurso dialógico por excelência [...]. Também o discurso literário alimenta-se dos outros discursos literários daquela sociedade. E também dos discursos históricos e de outros discursos, já que todos se utilizam da matéria-prima palavra, cuja verdadeira substância e o fenômeno social da interação verbal. Estabelece-se um verdadeiro diálogo entre os discursos. (BACCEGA, 2007, p. 87-88).

Destacamos que mesmo o discurso literário não tendo o objetivo de ser testemunho das verdades estabelecidas pelas culturas de uma dada vivência ocorrida e um tempo/espço, como é mister dos fazeres dos historiados, consideramos que a narrativa ficcional não deve se negar a apresentação dos ocorridos nas interações sociais de determinados sujeitos sociais presentes na narrativa, pois sabemos que o discurso literário não suje do imaginário do escritor, mas é resultado de suas experiências e alimentados pelas vivências e reminiscências de seus antepassados e contemporâneos.

O autor também utiliza elementos simbólicos próprios de cada cultura, reconstituindo, dessa forma, a memória dos fatos e dos sujeitos que participaram dessa saga na Amazônia. E, apesar de refletir sobre as práticas de exploração humanas existentes na maioria dos seringais, o narrador procurou justificar que nem todos os seringalistas compactuavam com essa prática. Ele deixa claro, na obra, que alguns seringalistas procuravam conquistar os indígenas, mediante a oferta de presentes e de apoio material.

[...] de noite, o jantar, da mesma forma, e uma comemoração no terreiro iluminado

por uma grande fogueira, havendo o som de sanfona, do zabumba e das violas, bem como exibição de danças bolivianas, nordestinas (até xaxado teve) e indígenas que coroaram a festa. [...] Guido dava início ao seu império! Cultivava ele excelente relacionamento com os silvícolas e, quando da contratação dos homens arregimentados para o seringal os advertia, proibindo qualquer ato de violência ou agressão aos índios. (SALDANHA, 2011, p.27).

O narrador apresenta, com riqueza de detalhes, os tipos sociais que participaram do processo de ocupação da Amazônia rondoniense, destacando, principalmente, os modos de vida e as relações sociais nos seringais. Abaixo, apresentamos um fragmento que expressa a rotina dos seringueiros:

Todos os dias, levanta-se de madrugada, acende o fogo e põe o feijão na panela e, com a poronga na cabeça sai, levando um balde, a faca, seu bernal com balas ou cartuchos, um terçado, alguns levam farinha e açúcar para desfrutar mais tarde de um chibé, enquanto percorre "as estradas", fazendo os cortes nas árvores de seringueira identificadas anteriormente pelos mateiros, após o que espalha as tigelinhas para recolher o leite. (SALDANHA, 2011, p. 45).

De forma mais significativa, podemos destacar elementos de cultura imaterial presentes no seguinte trecho da obra de Saldanha (2011, p. 86): “Muitas das residências, notadamente aquelas de famílias de origem boliviana, tinham o seu forno de barro onde diversos pratos eram preparados, inclusive o famoso bolo de arroz. [...]”. Na

obra, os modos de vida, os saberes e a cosmovisão também são expressos de forma intencional e poética, pois ao reconstituir a memória e a história dos seringais dos vales do Guaporé e do Mamoré, o narrador rememora, reconstitui e registra, de certa forma, a saga da família Saldanha, que participou ativamente da constituição da história regional.

### **Considerações finais**

Este trabalho objetivou a análise da obra literária “Esperança: 50 anos depois...”, de autoria do escritor rondoniense Paulo Saldanha com o intuito de destacar elementos temáticos, históricos e memoráticos que contribuíram para a constituição da obra.

A partir da análise, constatamos que a obra discute sobre diversos aspectos da formação sociopolítica, histórica, geográfica e cultural do estado de Rondônia, problematizando a saga dos migrantes nordestinos, que, diante da falta de perspectiva de trabalho e de sobrevivência em suas cidades de origem, aventuraram-se nos seringais da Amazônia. Além disso, descreve a origem dos povos que compuseram a Amazônia rondoniense, mencionando, dentre outros povos, o europeu, o negro, o boliviano e o indígena.

No romance “Esperança: 50 anos depois...”, o discurso histórico e o discurso literário se inter-relacionam expressando os aspectos da formação sociopolítica, histórica, geográfica e cultural dos seringais da Amazônia. Os dramas vividos pela população autóctone e pelos migrantes, o contato com os moradores da fronteira boliviana e o conseqüente desenraizamento e hibridismo cultural também são temas abordados na obra.

As vozes e marcas identitárias dos sujeitos que participaram do processo de implantação dos seringais na Amazônia estão presentes na literatura produzida por Saldanha, principalmente, a partir das representações e simbologias.

Na narrativa, a água é apresentada como objeto de sensibilidades e a floresta é carregada de múltiplos sentidos, configurando-se como um espaço de poder, sempre alvo de disputas. A representação dos espaços amazônicos é verossímil: a abertura de seringais é feita às margens dos rios, furos e igarapés e a instalação de cidades também são feitas às margens dos rios, evidenciando marcas do processo de colonização.

Por fim, afirmamos que a construção da E.F.M.M. os ciclos da borracha e os movimentos migratórios serviram de inspiração para a produção da obra “Esperança: 50 anos depois...”, romance histórico, que representa, metaforicamente, o processo de colonização da Amazônia rondoniense.

## Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Abnael Machado. **Respondendo a uma consulta sobre literatura de Rondônia**. Disponível em: <<http://www.gentedeopinião.mht>>. Acesso em 10 mai.2020.

LOUREIRO, J. J.P. **Mundoamazônico: do local ao global**. Revista Sentidos da Cultura. Belém/PA, 2014.

Disponível em:  
<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/view/352>

Acesso em: 20/05/2020.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. In: ALBUQUERQUE, Gérson Rodrigues de.; NENEVÉ, Miguel. SAMPAIO, Sônia Gomes. (Org.). **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan Editora, 2015. p. (19-35).

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PINTO, Auxiliadora dos Santos Pinto. **A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim**. São José do Rio Preto/SP, 2016. (Tese de Doutorado). IBILCE/UNESP/SP.

REIS, Carlos; LOPES. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2013.

SALDANHA. Paulo Cordeiro. **Esperança: 50 anos depois...** @. Ed. São Paulo: Scortecci, 2018.

SILVA, Francisco Bento da. **Sobre águas, lugares, gentes e identidades: literatura e história na Amazônia acreana**. In: ALBUQUERQUE, Gérson Rodrigues de.; NENEVÉ, Miguel. SAMPAIO, Sônia Gomes. (Org.). **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan Editora, 2015. p. (207-227).





## ***ISALTINA CAMPO BELO: A MULHER NEGRA LÉSBICA EM CONCEIÇÃO EVARISTO***

*Celiomar Porfírio Ramos*<sup>12</sup>

*Marinei Almeida*<sup>13</sup>

### **Considerações iniciais**

Nos últimos anos, os estudos relacionados às mulheres negras têm ganhado visibilidade na academia. Alguns pesquisadores brasileiros (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011) e em nível internacional (COLLINS, 2012; HOOKS, 1984, 2000; DAVIS, 2016), para citarmos somente alguns, têm se dedicado a esse tema, que, por um longo período, passou “desapercebido”. Os estudos de gênero e os movimentos feministas, em especial o feminismo negro, têm contribuído, de forma significativa, para que o tema seja estudado, cada vez mais, pois a mulher deixou de ser vista como um objeto e tornou-se sujeito na e da história, tendo voz, portanto, podendo expor seu ponto de vista, oportunizando, assim, discussões profícuas sobre si, sobre o mundo e, também, sobre a sociedade.

Quando propomos uma discussão sobre o tema mulheres, devemos ter em mente que, na contemporaneidade, o “ser mulher” varia muito, de

---

<sup>12</sup> Doutorando em Estudos Literários (UNEMAT), Mestre em Estudos de Linguagem. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8734803201063388> Contato: [celiomarramoss@hotmail.com](mailto:celiomarramoss@hotmail.com);

<sup>13</sup> Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Universidade Federal de Mato Grosso) e do Programa de Estudos Literários (Universidade do Estado de Mato Grosso). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9246658373031683> E-mail: [marineir.almeida@unemat.br](mailto:marineir.almeida@unemat.br).

acordo com o lugar, a classe social e o momento histórico (PISCITELLI, 2009). Estabelecendo relação com o exposto, a filósofa estadunidense, Judith Butler (2017), fomenta que se alguém “é” uma mulher, isso não é tudo, pois o gênero, por não se representar de maneira coerente no que diz respeito ao contexto histórico, estabelece diálogo com outros aspectos, dentre os quais podemos citar os raciais, os classicistas, os étnicos, os sexuais e os regionais. Sendo assim, “[...] se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ de interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2017, p. 21).

A perspectiva de Piscitelli dialoga com a de Butler e trazem à tona um elemento importante para se refletir sobre as mulheres: a perspectiva interseccional<sup>14</sup>. Isso se deve ao fato de que elas compreendem que as mulheres são múltiplas e plurais e, conseqüentemente, para tratar sobre elas é necessário estabelecer relações com outros elementos que influenciaram/influenciam em sua constituição.

Fátima Lima (2018), ao tratar sob a perspectiva interseccional realiza a seguinte afirmação: “Raça, interseccionalidade e violência: falar sobre raça, gênero, sexualidade, a partir de uma perspectiva interseccional constitui uma tarefa um tanto provocadora, pois coloca três marcadores dinâmicos da diferença – raça, gênero e sexualidade – em debate” (LIMA, 2018, p. 101).

---

<sup>14</sup> “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

O exposto demonstra o quanto é relevante e, também, desafiador adotar a perspectiva acima, pois ela coloca em evidência categorias da diferença, logo, podemos compreendê-la como elemento fundamental para pensar parte da sociedade, sobretudo, as ditas minorias, nas quais estão inseridas as mulheres negras subalternizadas em virtude de, no mínimo, três aspectos: ser mulher, ser negra e, geralmente, ser oriunda das classes menos favorecidas<sup>15</sup>.

Isto posto, propomos realizar uma leitura analítica, a partir da perspectiva interseccional, refletindo sobre o corpo feminino negro que foge do padrão heterossexual, situado numa sociedade patriarcal, racista e machista. Para isso, tomamos como *corpus* de análise o conto *Isaltina Campo Belo*, presente na obra **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2016).

### ***Isaltina Campo Belo: uma leitura interseccional***

A produção literária da escritora afro-brasileira, Conceição Evaristo, tem alcançado espaço e visibilidade no meio acadêmico, não somente aqui, no Brasil, como em outros países, oportunizando que a mulher negra que, outrora, na literatura brasileira, figurava apenas em lugares subalternos, muitas vezes estereotipada, por ser constituída a partir da ótica de homens, brancos, oriundos dos grandes centros, como demonstra Regina Dalcastagnè (2007),

---

<sup>15</sup> Temos consciência de que não devemos generalizar afirmando que “geralmente” as mulheres negras são oriundas das classes menos favorecidas, porém tal afirmação tem como base a pesquisa apresentada por Márcia Lima, Flávia Rios e Danilo França, intitulada: “Articulando Gênero e Raça: a participação da mulher negra no mercado de trabalho (1995 – 2009)”, que demonstra que a mulher negra, em virtude de questões raciais e de gênero, recebe menos, tem menos oportunidades no mercado de trabalho o que, conseqüentemente, reflete em sua condição social.

agora, é apresentada sob a perspectiva de outra mulher, que carrega consigo o fato de ser mulher e negra.

É preciso ter em mente, quando falamos sobre mulheres negras, que há elementos dentro desse grupo que as subdividem; temos as mulheres negras ricas, pobres, instruídas formalmente, sem instrução formal, heterossexuais, lésbicas, transexuais e outros subgrupos. Sendo assim, não é coerente, ao realizar uma leitura acerca da mulher negra, tomando-a como um todo, pois há elementos que as une, como o fato de ser mulher e negra, bem como, outros que as fracionam.

É pensando nisso que selecionamos o conto *Isaltina Campo Belo*, pois temos uma mulher negra e lésbica. Se a mulher negra foi apresentada na literatura de forma estereotipada e, apenas, como objeto na/da literatura, as mulheres negras lésbicas foram “esquecidas” ou “apagadas”, possivelmente de maneira proposital nos textos literários.

Em virtude desse “esquecimento” e/ou “apagamento” proposital das mulheres negras lésbicas nas produções literárias, é que o conto em análise se torna extremamente relevante, pois traz à tona elementos que subalternizam a personagem, primeiramente, pelo fato de ser mulher, posteriormente, pelo fato de ser negra e, por fim, em virtude do gênero da protagonista do conto, Isaltina Campo Belo. Podemos perceber que o estabelecimento de relações entre esses elementos torna possível uma leitura analítica mais coerente e necessária, pois reflete sobre as particularidades do grupo ao qual a personagem pertence.

Fátima Lima (2018), em seu texto intitulado *Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas*, realiza algumas considerações que dialogam com

o exposto, afirmando que as lésbicas negras têm seu corpo-subjetivação atravessado por três fortes eixos de opressão: raça, gênero e sexualidade. Ela ressalta que não existem apenas esses eixos de opressão, há outros, dentre os quais, classe, geração, território, entre outros que, somados, acentuam os processos de exclusão.

Conceição Evaristo, assim como outras autoras negras, visa rasurar os estereótipos criados acerca das mulheres negras, “[...] vestindo a personagem negra feminina com novos significantes que indiciam outras possibilidades de significância e de interferência nos processos de alçamento do corpo feminino como corpo de linguagem” (MARTINS, 1996, p. 112). Dado o exposto, visando reestruturar o imaginário da mulher na literatura, muitas vezes, as escritoras negras elegem o corpo feminino como tema de sua produção.

A obra **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** é constituída por treze contos, todos eles tendo como título o nome de mulheres negras que são, geralmente, as protagonistas. *Isaltina Campo Belo*, conforme já indicado, retrata, por meio da memória, a história da personagem, desde sua infância. Ao realizar a leitura desse texto, compreendemos que há duas vozes presentes no conto: a voz da narradora que, às vezes, se confunde com a voz da autora, aspecto que pode ser visto como uma estratégia de produção de Conceição Evaristo, em especial se considerarmos a seguinte afirmativa “[...] da voz outra, faço a minha, as histórias também” (EVARISTO, 2016, p. 7). Há, também, a voz da própria personagem, que, na incapacidade de a narradora de relatar a experiência cruel vivida pela personagem, oportuniza que ela conte sua história, conforme é possível verificar no seguinte fragmento: “[...] eu tive a impressão de que Campos Belo

falava para a filha e não para mim. Não fiz uma interferência, nenhuma pergunta. Guardei o silêncio, o momento de fala não era meu” (EVARISTO, 2016, p. 56). Tais excertos, em certa medida, sustentam a leitura realizada de que há duas vozes narrativas no texto, porém a que sobressai é a da personagem, pois, conforme mencionado pela autora, o momento é da personagem protagonista de relatar suas memórias.

No início do conto, a voz narrativa da autora apresenta a protagonista e afirma que estamos tratando de uma mulher negra, Campo Belo, como prefere ser chamada e que tem uma filha de 35 anos, Walquíria. Posteriormente, Campo Belo ao ser oportunizada a falar, relata que, desde a infância, carrega consigo um grande conflito acerca de sua identidade e gênero, pois, apesar de ter nascido com o sexo biológico de uma mulher, não se sentia como uma, o que é evidenciado no seguinte fragmento: “[...] desde menina – assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos – eu me sentia diferente” (EVARISTO, 2016, p. 53).

Os elementos textuais do excerto acima nos levam à compreensão de que Campo Belo não deu início apenas à narrativa de seu conflito, mas evidencia que a sua vida começou com um conflito, em virtude da inadequação aos padrões sexuais, o que a faz se sentir “diferente”. Apesar de pertencer a uma família tradicional e “estruturada”, segundo os padrões sociais - com mãe, pai e irmãos -, ainda assim há certa inadequação:

Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado nome errado, me tratam de modo errado, me vestiam de maneira

errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino (EVARISTO, 2016, p. 57)

A personagem, ao narrar seu conflito, traz à tona alguns elementos importantes: primeiramente, o fato de ninguém perceber o conflito de gênero que ela está vivenciando na infância. O “ninguém perceber”, aqui, pode ser compreendido de duas formas: o não perceber de fato o conflito de gênero que Campo Belo estava vivendo, ou, por outro lado, pode ser que a família tenha “fechado os olhos” para a situação. Campo Belo se vê intrigada por pertencer a uma família com pessoas instruídas, o pai funcionário público e a mãe enfermeira do grande hospital público da cidade, todavia, apesar da instrução, eles jamais enxergaram o conflito por ela vivenciado.

O conflito de gênero se instaura muito cedo; a personagem relata que, com menos de cinco anos de idade, ela já se percebe diferente: “[...] ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo” (Evaristo, 2016, p. 58). No fragmento em questão podemos perceber que há, sempre, uma expectativa de que o(s) outro(s) compreenda(m) o conflito que ela vivenciou, porém a falta de diálogo e de esclarecimento acerca do tema faz com que Campo Belo carregue dúvidas acerca do sua identidade de gênero e viva o conflito descrito, com o sentimento de inadequação.

Discutir sobre gênero, sobretudo, no âmbito de uma família tradicional, continua sendo um tabu e, em alguns casos, não é aceito. A ausência de discussões sobre o tema no âmbito familiar, portanto, leva o indivíduo, como é o caso de Campo Belo, a um conflito que começa desde a mais tenra infância até a vida adulta e, em alguns casos,

tem como consequência um desfecho traumático. Campo Belo, ao tratar sobre a relação com a família e a falta de sensibilidade para perceber seu conflito de identidade de gênero, relata:

Até eu completar dez anos, mais ou menos, descia alternando um sentimento de ódio e de amor por minha mãe. A todos eu perdoava o desconhecimento que tinha a meu respeito, menos à minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse quem eu era. Por que ela agia daquela forma comigo? Quanto ao meu irmão e minha irmã, eu os supunha muito ingênuos, distraídos até. Como meu irmão não percebia que eu era igual a ele e como a minha irmã não percebia que eu era diferente dela? E minha mãe sempre cumprindo o papel de minha algoz. Por que ela não corrigia os demais? De meu pai, não sei o porquê, nunca pensei que ele pudesse me ajudar nas inconfessáveis urgências de minha infância (EVARISTO, 2019, p. 59)

Conceição Evaristo, ao trazer para o centro de sua escrita questões de gênero, pensando a mulher negra e, neste caso, a mulher negra com um conflito acerca de sua identidade de gênero, contribui de forma significativa para que aspectos até então “esquecidos” e/ou “silenciados” sejam debatidos. Além disso, possibilita refletir sobre a responsabilidade de alguns eixos da sociedade, em especial da família, em discutir temas que ainda hoje são considerados tabus no âmbito familiar.

O sentimento de inadequação e o fato de se sentir diferente se acentuam ao longo dos anos ao ponto de a narradora protagonista chegar à conclusão de que ela



estava fora do lugar, pois, apesar de acreditar que carregava um menino dentro de si, ou seja, de se sentir como um menino, ela percebia que seu corpo, assim como o de sua irmã, tinha as mesmas mudanças, enquanto o corpo do seu irmão ganhava outros contornos: “[...] lembro-me de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão” (EVARISTO, 2016, p. 61).

Neste momento, constatamos o que podemos denominar como a vivência de um conflito de identidade de gênero, pelo fato de a personagem, nesse contexto, não se reconhecer como mulher, apesar de possuir a genitália feminina e seu corpo se desenvolver como o de uma mulher. Porém, o conflito não se resume à identidade de gênero, uma vez que a Campo Belo relata que se sentia atraída por mulheres, ou seja, estamos tratando também da orientação sexual da personagem, todavia, ela reprime seus desejos, conforme é possível verificar no seguinte fragmento:

O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, dolorosamente tudo mudou (EVARISTO, 2016, p. 62).

Campo Belo traz elementos importantes que possibilitam discussões relevantes sobre os conflitos presentes na vida de uma adolescente, e, aqui, mulher negra, que não se encaixa aos padrões heteronormativos, dentre eles, o fato de crescer contida, tendo como resultado a repressão dos desejos e, também, a constante fuga e justificativa do desinteresse pelo sexo oposto.

Além desses elementos que, em certa medida, oprimem a mulher que não se encaixa nos padrões heteronormativos, temos, ainda, mais um que é mencionado por Campo Belo, o qual diz respeito à cobrança constante da sociedade para com a mulher de estabelecer uma relação amorosa/afetiva com o sexo oposto. Em alguns casos, como o da personagem, essa cobrança acontece de forma mais acentuada no âmbito familiar, pois já há um lugar instituído socialmente à mulher: primeiramente, ser filha, depois, ser namorada, por conseguinte, ser esposa e, por fim, tornar-se mãe.

Considerando o fato de que Campo Belo não se encaixava como mulher nos padrões “convencionais” impostos socialmente, seu ímpeto foi mudar de cidade, buscando um mundo que a coubesse, onde não houvesse cobranças, ou, pelo menos, a cobrança acerca dos papéis impostos à mulher fossem menos incisivos:

Resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse. Mas que me coubesse sozinha. E achei, ou melhor, acreditei ter achado. Com um diploma nas mãos e algum conhecimento de enfermagem, parti para a cidade, buscando emprego e mais estudos. Ali fiz amigos e, por uns tempos, ninguém me perguntou nada que eu não soubesse ou quisesse responder.

Meus dias seguiam tranquilos (EVARISTO, 2016, p. 63).

A fuga, principalmente do âmbito familiar, é, muitas vezes, a solução para aqueles que não se encaixam nos padrões da heteronormatividade. A narradora protagonista utiliza esse elemento como uma tentativa para se livrar das cobranças e, por um período, obteve êxito, uma vez que ninguém a incomodava com questionamentos a que ela não quisesse responder. Todavia, o fragmento apresenta elementos textuais que nos levam a compreender que é possível evadir-se do ambiente familiar, mas não das cobranças da sociedade patriarcal, na qual o papel das mulheres está previamente estabelecido.

Corroborando o exposto, com o passar do tempo, um colega de faculdade de Campo Belo começa a se encantar por ela e, apesar de ela se entender como “[...] uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim”, cede às investidas e inicia o namoro. Vale ressaltar que esse relacionamento é definido por Campo Belo como “[...] um namoro sem jeito, só de palavras e gestos comedidos”. O fragmento em questão nos leva a compreender que, por um período, o relacionamento se restringiu a afagos e palavras, não contemplando o sexo.

Dado o vínculo de confiança estabelecido entre ela e o namorado, quando ele tentou ir mais adiante no relacionamento, ou seja, tentou fazer sexo com Campo Belo, ela, sem apresentar desejo algum, decidiu se abrir com ele:

Um dia, em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a me palpitar por dentro e por fora, falei de minha vida até ali. Falei do menino que carregava

em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirma, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afirma, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p. 63-64)

Campo Belo, ao revelar para o namorado sobre o menino que trazia dentro de si, desde a infância, busca romper o silêncio que carregou consigo desde o momento em que tomou consciência desse conflito, na infância. Ao contrário do que ela esperava – compreensão -, a personagem é surpreendida com outra atitude. O namorado, entre risos, afirmou que não acreditava em tudo o que ela estava dizendo e complementa que ela deveria gostar muito de homem.

É importante mencionar que ele utiliza o advérbio de intensidade “muito”, duas vezes, buscando enfatizar e, ao mesmo tempo, convencer Campo Belo de seu posicionamento. O namorado de Campo Belo, que não é nomeado no conto, ao apresentar esse posicionamento, representa uma sociedade heteronormativa e patriarcal, a qual compreende a orientação sexual apenas sob a perspectiva binária da heterossexualidade, ou seja, o imaginário de mulher por ela apresentado é aquele de que a mulher, necessariamente, é heterossexual e, conseqüentemente, gosta “muito e muito de homem”. Além disso, a partir da fala do personagem, o discurso por

ele apresentado demonstra que não aceita as demais identidades de gênero que destoam da cisgeneridade<sup>16</sup>.

Ainda tratando do excerto acima, deparamo-nos com a reverberação de um dos inúmeros estereótipos que as mulheres negras historicamente carregam, talvez, o mais costumeiro: a hiperssexualização das mulheres por serem negras. Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior (2019) ao abordarem os estereótipos de mulheres negras, referindo-se especialmente ao cinema brasileiro, porém podendo ser aplicado as outras artes, dentre elas a literatura, afirmam:

[...] a representação das mulheres pardas ou “mulatas” como símbolo sexual faz parte de uma iconografia festejada dentro de uma concepção de nação brasileira miscigenada. Não obstante, essas representações encobrem a violência sofrida pelas mulheres como fruto da hiperssexualização dos seus corpos (DAFLON, 2014). A figura da “mulata” costuma ser apresentada como um objeto sexual ao qual não é creditado a possibilidade de reconhecimento mútuo em relações de amor e afeto (CANDIDO; JUNIOR, 2016, p. 3)

A discussão apresentada acima é confirmada pela fala do namorado de Campo Belo, ao afirmar com veemência, que, por ser negra, ela “tinha fogo”. O termo fogo aqui é apresentado de forma conotativa, sendo sinônimo de hiperssexualização, de que seria normal essa mulher, por ser negra, ter apetite sexual acima das mulheres que não eram negras.

---

<sup>16</sup> Segundo Jesus (2012, p. 10) “chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento”.

Após Campo Belo relatar ao pretenso namorado o conflito de gênero que ela vivia, os dois se tornaram amigos, pelo menos, era em que a personagem acreditava. Certo dia, ele a convida para uma festa de aniversário a que iria com alguns colegas de trabalho e acontece o seguinte fato:

Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo; Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher (EVARISTO, 2016, p. 64)

A violência perpetrada contra Campo Belo já ocorrera desde o momento em que ela se abriu com o namorado, acerca do conflito de gênero que sofria. Ele não levou a sério tal confissão, pelo contrário, além de não dar crédito a ela, não aceitou tal premissa. Porém, podemos notar que, aparentemente, é uma violência sutil, que neste contexto, utilizando o termo cunhado por Bourdieu (2017), compreendemos como violência simbólica, compreendida como uma “[...] violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas [as mulheres]” (BOURDIEU, 2017, p. 12). Porém, a violência em questão toma proporções maiores, chegando à violência física, o estupro coletivo, cinco homens “[...] deflorando a inexperiência e a solidão” do corpo da personagem, com uma única finalidade: ensinar Campo Belo a ser mulher.

A violência, segundo afirma Constância Lima Duarte (2016), é um tema pouco abordado na literatura produzida por mulheres, e, quando tratada, reduz-se a uma violência simbólica. Entendemos que a escrita afro-brasileira, em

certa medida, rompe com esse paradigma, sendo a produção de Conceição Evaristo exemplo claro de uma escrita que traz à tona a violência, aliás, as violências de que as mulheres negras são vítimas, uma vez que elas são as protagonistas em sua produção literária. O termo violência aqui é utilizado no plural, pois, segundo Irme Salete Bonamigo (2008), não há como pensar na contemporaneidade o termo violência no singular, pois ele comporta múltiplos significados.

Campo Belo, após ser vítima da violência sexual, por nojo, vergonha e por se sentir impotente, tem somente uma reação: o silêncio, sendo ele rompido trinta e cinco anos após o estupro, uma vez que, até então, Campo Belo jamais havia relatado o ocorrido a ninguém.

O resultado do estupro foi uma gravidez “[...] uma possibilidade, na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco” (EVARISTO, 2016, p. 65), percebida após o sétimo mês, dado o quanto foi traumática a violência sofrida pela personagem. Embora Walquíria, a filha, tenha sido resultado de um estupro, Campo Belo afirma que vivia para ela, como um ato de superação, não permitindo que a violência sexual sofrida interferisse na relação entre elas: “[...] eu vivia por ela. Tudo em mim adormecido, menos o amor por minha filha. Entretanto, bons ventos também sopram. E quem me trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha. Como? Digo eu, como” (EVARISTO, 2016, p. 66).

É importante pensar que outra mulher, a filha, possibilitou que Campo Belo, apesar das dores e traumas, continuasse a seguir adiante. Esse aspecto nos remete ao termo sororidade, compreendido por Bernardes (et al, 2016, s/p) como:

[...] a sororidade, enquanto termo e enquanto sentimento, surge e se fortalece da necessidade das mulheres de compartilharem experiências subjetivas a partir de relações positivas e saudáveis umas com as outras, formando e fomentando alianças pessoais, sociais e políticas, empoderando-se e criando elos importantes para combater e eliminar as diversas formas de opressão perpetuadas ao longo dos séculos pelo patriarcado.

A partir do conceito de sororidade, entendemos que Walquíria e Campo Belo formam uma aliança que visa, sobretudo, superar as marcas indelévels deixadas pela violência em Campo Belo, ainda que Walquíria não tenha consciência disso.

O nome das duas personagens são extremamente significativos neste contexto, pois Campo Belo, embora tenha o primeiro nome seja Isaltina, gosta de ser chamada de Campo Belo, possibilitando inferir que, apesar dos traumas sofridos, ela insiste em permitir que o trauma sofrido não impeça que brote em si o amor, personificado, aqui, pela filha, que tem o nome de uma flor. Walquíria não só é a personificação do amor, mas é aquela que indiretamente medeia o amor de sua mãe com outra mulher:

Na primeira reunião do jardim de infância, em que matriculei Walquíria, naquele momento, apreendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim reapareceu crescido (EVARISTO, 2016, p. 66).



A ideia de sororidade volta a ser latente aqui, pois quando Walquíria intervém indiretamente na relação entre Campo Belo e a professora, Miríades, tem como resultado a fomentação de uma aliança entre mulheres, vale ressaltar que são mulheres que não se encaixam no padrão heteronormativo. Essa aliança tem como resultado a resolução de um conflito interno acerca do gênero, que Campo Belo carregava desde a infância:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estudo como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (EVARISTO, 2016, p. 66 – 67).

O encontro com Miríades é, sem dúvidas, um divisor de águas na vida de Campo Belo. Isso se deve ao fato de que, ao ter esse encontro, Isaltina, conforme já mencionado, tem a oportunidade de resolver conflitos internos e chegar a algumas conclusões, dentre elas, (1) o fato de que ela era uma mulher cisgênero lésbica; (2) que as violências sofridas – violência simbólica, física e sexual - não era um castigo merecido por ela não se encaixar nos padrões, mas uma violência gratuita, fruto de uma sociedade machista e patriarcal que, muitas vezes, não aceita e, ao invés disso, rechaça aqueles que não se encaixam nos padrões por eles tidos como “normais”; (3)

o encontro entre Campo Belo e Miríades permitiu que a primeira se aceitasse como mulher e como lésbica. O termo aceitar, neste contexto, torna-se significativo, quando Campo Belo encontra alguém que, assim como ela, é uma mulher que se permite se encantar por alguém do mesmo sexo; (4) o processo de aceitação é, considerando o conto, muitas vezes, demorado e, também, pode ser dolorido, uma vez que se torna necessário enfrentar a si mesmo até chegar à conclusão de que pode se encantar por alguém do mesmo sexo e, também, por ter que enfrentar a sociedade e os padrões impostos por ela; (5) por fim, a narradora protagonista chega à compreensão de que as mulheres são múltiplas e diversas e, por isso, não precisa se encaixar nos padrões impostos socialmente, constata-se isso quando ela afirma “[...] eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam”.

Tal encontro torna-se ainda mais significativo quando possibilita a Campo Belo que ela aprenda a se conhecer, a se aceitar e instaure a paz dentro de si, depois de viver a infância, a adolescência e parte da vida adulta submersa em um conflito acerca de sua identidade de gênero e sua orientação sexual. Campo Belo define o encontro com Miríade como um chamamento à vida: “[...] e todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve” (EVARISTO, 2016, p. 67).

Mencionado anteriormente, Campo Belo, no conto, narra suas memórias e, a partir do presente, “olha” para seu passado. Miríade, no momento em que a narradora protagonista relata a sua história não está mais viva, como Campo Belo descreve “[...] ela já faz parte do

espaço eterno”. Todavia, deixa bem claro que Miríade foi de suma importância para que ela, como mulher se encontrasse, se aceitasse e, por fim, fosse feliz, aliás, que fossem felizes, ao escrever “[...] tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu” (EVARISTO, 2016, p. 67).

### Considerações (in)conclusivas

O conto *Isaltina Campo Belo* nos permite, por meio da memória da personagem protagonista, refletir acerca da mulher, aqui, em especial, a mulher negra, uma vez que ela é negra, que não se encaixa nos padrões heteronormativos e nos faz pensar ainda nos inúmeros conflitos que as pessoas podem enfrentar quando não se encaixam nos padrões sociais impostos acarretam. Além disso, permite refletir o quanto a sociedade, pensando a sociedade machista e patriarcal na qual estamos inseridos, pode ser cruel e violenta com as ditas minorias, mais especificamente, estamos pensando nas mulheres lésbicas, pois há um lugar historicamente destinado à mulher e, caso ela não se encaixe, a família e os homens, de modo geral, tentarão a qualquer custo, como aconteceu com Campo Belo, moldar essa mulher, mesmo que de forma violenta, para inseri-la nos modelos impostos

A leitura deste conto fica, sem dúvida, um tanto mais coerente, sobretudo, quando tratamos de gênero, quando adotada a perspectiva interseccional, pois, como mencionado, no início, quando pensamos sobre a “mulher”, devemos ter em mente que elas são múltiplas e diversas e, por isso, o fato estabelece diálogo com outros aspectos que influenciarão suas vidas, como ocorreu no conto analisado.

Pensar sobre a mulher, hoje, em especial, a mulher negra, protagonista na escrita de Conceição Evaristo, é, sem dúvida, de extrema relevância, pelo fato de refletir sobre o lugar histórico destinado à mulher negra, os estereótipos criados para e sobre elas, as violências a que elas são expostas e, conseqüentemente, tentar rasurar esse imaginário, possibilitando, assim, não apenas contar as histórias a partir da perspectiva de mulheres negras, mas (re)construir histórias e demonstrar que elas, apesar de todos os ventos que sopram contra, continuam superando, (re)existindo e ressignificando a história individual e a do grupo ao qual pertencem: o de mulheres negras.

### Referências

- BENARDES, C. R. O. et al. O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre? In **Carta Capital**, jun. 2016. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2016/06/02/oque-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. “**Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54549, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos**

ao gênero. Revista de estudos feministas, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18- 31, dezembro 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política.** São Paulo, Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo, Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. **Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** Belo Horizonte: Idea, 2016. p.147-57

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira.** Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

\_\_\_\_\_. **Becos da memória.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017.

\_\_\_\_\_. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

\_\_\_\_\_. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

\_\_\_\_\_. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

\_\_\_\_\_. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Rio de Janeiro: Malê, 2017

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p 223-244

hooks, bell. *Black Women: Shaping Feminist Theory*. In:

\_\_\_\_\_. **Feminist Theory from Margin to Centre**. Cambridge: South End Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *Feminist Politics*. In: \_\_\_\_\_. **Feminism is for everybody** –

**Passionate Politics**. Cambridge, South and Press, 2000.

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Vol 04, N. 02 - Abr. - Jun., 2018.

PISCITELLI, Adriana. “Gênero: a história de um conceito”. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. pp. 116-148.

## (DIS)JUNÇÃO DO SER E DA AÇÃO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO DE FIODOR DOSTOIEVSKI<sup>17</sup>

Dagoberto Rosa de Jesus<sup>18</sup>

Elisabeth Battista<sup>19</sup>

### Introdução

O presente artigo se insere no contexto da disciplina História e teoria da narrativa, nesta senda, conduzindo nosso pensar pelas veredas literárias, assistimos o declínio e a morte do herói clássico, no romance, na companhia de cavaleiros andantes, mulheres apaixonadas e donas de seus viveres, homens que vivem no subsolo e produzem anotações, entre tantos outros viventes de papel. Neste caminho fomos de Cervantes a Machado de Assis fazendo uma reflexão a respeito do romance enquanto gênero com suas idiossincrasias.

Nossa jornada iniciou-se no texto de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote* (1605), discutimos alguns aspectos do romance enquanto gênero; o fim do herói no sentido clássico, a presença do hibridismo e o embricamento dos gêneros clássicos na configuração do

---

<sup>17</sup> Artigo publicado na revista Athena - vol. 15, no 2, (2018) - ISSN: 2237-9304 (Online)

<sup>18</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do estado de Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT; Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT; Possui graduação em Letras pela UNESP (Assis) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e Professor de linguagem e Literatura no IFMT/ Campus Primavera do Leste.

<sup>19</sup> Docente e pesquisadora lotada na Faculdade de Educação e Linguagem da Universidade do estado de Mato Grosso-FACEL/UNEMAT, Campus de Cáceres. Atua no Programa de Pós-graduação – *Mestrado e Doutorado* – em Estudos Literários – PPGEL da UNEMAT – Campus Universitário de Tangará da Serra.

romance moderno. No romance tudo cabe: o soneto, a carta, o testamento, o bilhete, a fotografia etc. Nesta perspectiva se estabelece como um gênero aberto ao hibridismo. Também cabe um efeito de perspectiva e de fragmentação, o mundo não é mais único como na epopeia, ele pode ser contemplado pelos olhos do bufão, Sancho Pança, ou pelo olhar do sonhador, Dom Quixote.

Embora a figura do cavaleiro andante se apresente de forma imperativa nestas primeiras linhas não é dela que buscaremos falar neste trabalho, para além da obra de Cervantes durante estes estudos tivemos a oportunidade de pensar, ler, refletir a cerca de tantos outros romances caros a literatura universal. Cabe ressaltar que fazer este caminho por si só já representa um trabalho prazeroso, embora hercúleo, mas tivemos a sorte de fazer este trajeto guiado por um fio de Ariadne. Foi assim que vencemos os moinhos de ventos, que caminhamos pelas alas do castelo em *Afinidades eletivas*, acompanhamos os encontros de Ema Bovary, constatamos as negativas de Brás Cubas, compartilhamos as angústias de um *homem no subsolo*.

Isto posto, neste trabalho pretendemos pensar em um desses romances estudados: “*Memórias de Subsolo*” de Fiódor Dostoievski. O que buscaremos aqui é refletir a respeito de alguns aspectos deste romance escrito no ano de 1864, quando o autor tinha quarenta e três anos de idade. Como veremos posteriormente a vida do autor foi marcada por tribulações, um exemplo disso é que enquanto escrevias as “*Memórias de subsolo*” sua mulher sofria com uma tuberculose que a levou a morte. Este entre tantos outros fatos, marcam a sua vida, e por que não dizer, a obra do escritor russo que tem encantado gerações com seu narrar que parece dissecar os mais profundos confins da alma humana. Neste romance, o autor concebe um



narrador e protagonista em primeira pessoa que faz uma trajetória moral, psicológica, filosófica e existencial. Procuramos fazer apontamentos que destaquem características deste personagem, suas relações com os temas caros aos homens nas suas relações com os outros e com a sociedade. Dito de outra forma, como o homem do subsolo de Dostoievski percebe a ciência do ser, a doutrina do humano, a ontologia.

## **O filho do médico e o médico**

Fiodor Dostoievski, filho de médico, nasceu em Moscou no ano de 1821, onde viveu sua primeira infância, até aproximadamente os sete anos. Seu pai trabalhava em um hospital que atendia aos pobres. O que fez com que o escritor de *Gente pobre* (1846) convivesse desde cedo com a escassez e com as mazelas humanas. Isso no contexto da Rússia de meados do século XIX.

Com a morte precoce da mãe em decorrência de tuberculose, foi enviado para a escola de engenharia em São Petersburgo. Dois anos depois, morre seu pai, Dostoievski se culpa por ter desejado a morte do pai. Esse dado biográfico do autor foi estudado, em sua obra, por Sigmund Freud, no famoso artigo “Dostoievski e o parricídio” de 1928.

Com uma biografia rica em sofrimentos, traumas e dores, Dostoievski produz uma literatura que permanece através dos tempos e tem na sondagem da alma humana o seu maior valor. Ao entrar nas páginas de “Memórias de subsolo” somos aprisionados em um labirinto escuro, a partir daí somos conduzidos, como cegos, por um guia amargo e rancoroso.

Erza Pound afirma, em seu “*ABC da Literatura*” (2006), que não há literatura no vácuo. Sabendo um pouco sobre a biografia de Dostoievski, o leitor mais afoito pode, a partir da afirmativa de Pound, de forma simplista, atribuir a qualidade e a densidade dos personagens à sua biografia. Certamente as vivências do autor, em uma certa medida, podem refletir na obra, não quero incorrer aqui no erro de buscar estabelecer uma relação direta entre vida e obra. Visto se tratar da arte literária, nesta corroboram não apenas o dito, mas o como é dito. O labor com o verbo, neste o escritor russo constrói mundos que certamente transcendem sua experiência biográfica. Posto que o literário se resinifica a cada leitura e releitura.

Nesta senda, acontecimento que vale nota é o fato de em abril de 1849, por conta de seu engajamento político Dostoievski é preso e condenado. Em novembro do mesmo ano, foi sentenciado a morte. No dia 22 de dezembro chegou a ser levado ao pátio para ser fuzilado, mas na última hora teve a pena de morte substituída por quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria. Certamente uma experiência tão forte assim deixa marcas.

Não podemos reduzir um autor ao seu contexto, ou à bibliografia, na medida em que sua grandeza se faz porque em este autor consegue romper com esta barreira do tempo e do espaço e sobrepôr sobre dias e eras, configura se assim como um clássico. No dizer de Calvino.

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 2007,p.10)

## Ou ainda

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). [...] Lendo Kafka, não posso deixar de comprovar ou de rechaçar a legitimidade do adjetivo kafkiano, que costumamos ouvir a cada quinze minutos, aplicado dentro e fora de contexto. Se leio Pais e filhos de Turguêniev ou Os possuídos de Dostoievski não posso deixar de pensar em como essas personagens continuaram a reencarnar-se até nossos dias. (CALVINO, 2007,p.12)

O trabalho de Dostoievski teve e tem ressonância que transcende o campo literário, perpassa os dias e as épocas, influencia gerações de pensadores, escritores, cientistas etc. Ao ler “Memórias de sobsolo” o leitor desavisado pode muito bem pensar que Dostoievski foi leitor de Freud e de Kafka, por exemplo. Posto que este parece apresentar reflexões que só ganharam notoriedade com os segundos. Porém, o médico neurologista, pai da psicanálise, nasceu em 6 de maio de 1856, na República Checa. Kafka em 3 de julho de 1883, também na República Checa. Certamente leitores do filho do médico nascido 11 de novembro de 1821, Moscou, Rússia: Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski.

## O HOMEM DO SUBSOLO

### Quem o homem do subsolo acredita ser?

Nos primeiros meses de 1864, enquanto sua mulher sofria com uma tuberculose que lhe seria fatal, Dostoiévski escrevia “Memórias de subsolo”. O livro conta a história de um aposentado sem nome que se mostra voltado a si e aos seus pensamentos, num monólogo interior em que purga toda sua solidão.

O romance é dividido em duas partes, a primeira parte que se subdivide em onze capítulos. Nestes o narrador se apresenta de forma nua e crua. Em uma espécie de monólogo, um fluxo de consciência em que o narrador conta a sua vida no subsolo, tece uma autoimagem, fala de sua condição e faz reflexões sobre a sociedades e sua relação com ela. Faz comentários sobre si, sua personalidade, ideias, fazendo uma autoanálise, expondo uma psique conturbada.

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos. Ademais, sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso.) Não, se não quero me tratar, é apenas de raiva. Certamente não compreendeis isto. Ora, eu

compreendo. Naturalmente não vos saberei explicar a quem exatamente farei mal, no presente caso, com a minha raiva; sei muito bem que não estarei a “pregar peças” nos médicos pelo fato de não me tratar com eles; sou o primeiro a reconhecer que, com tudo isto, só me prejudicarei a mim mesmo e a mais ninguém. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.10)

Notamos que o protagonista tem uma consciência de si e de certa forma parece escolher sua condição, atende a um capricho de não ceder a medicina mesmo pagando com a dor e o sofrimento, orgulha-se do seu grau de instrução, de sua inteligência. Nota-se neste fragmento também que a todo momento o narrador se refere a um possível interlocutor (*Certamente não compreendeis isto*) com quem reafirma seus argumentos e ideias, para logo em seguida contradizê-las, ou rechaçá-las. Acabamos por apreender um pouco das impressões deste narrador a partir das relações que estabelece com este interlocutor, ou interlocutores, “entre este temos uma relação dialógica com o narrador.” A constituição deste homem do subsolo se dá por estas relações dialógicas, entendidas aqui no sentido que atribuiu Mikael Bahktin.

Quando essas reflexões que nos são apresentadas na primeira parte do livro, sob o título de “O subsolo”, o narrador está com quarenta anos. No fragmento em que ele nos dá esta informação, mostra o seu descontentamento com a vida e a sociedade. Segundo o narrador, em ambos o lugar para o homem inteligente e reflexivo é extremamente reduzido, só tendo espaço para um tipo de homem menor, os imbecis.

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso — que para nada serve — de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem. Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter; e uma pessoa de caráter, de ação, deve ser sobretudo limitada. Esta é a convicção dos meus quarenta anos. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.15)

Observamos também está condição de limitação do homem do subsolo, cabendo a ele, homem inteligente do século XIX ser condenado ao seu canto, ao subsolo. Cultiva assim uma raiva que para nada serve. Porém esse lugar que muitas vezes o narrador diz terrível e incomodo parece lhe bastar, ora como um fardo que carrega de forma resignada, ora como uma opção consciente. Cabe ressaltar que a argumentação do narrador não obedece a um esquema dialético em que há uma tese, uma antítese que resultam em uma síntese, numa estrutura fechada. Seu pensamento é dialógico, é em sua argumentação percebemos uma profusão de vozes. O binômio bem e mal não é suficiente. Ao falar de si os binômios não lhe atendem, mau/bom, canalha/honrado, herói/inseto, não consegue chegar a nada. Nem ao não humano; o inseto.

O herói do subsolo tem plena consciência de tudo e compreende perfeitamente o impasse do círculo pelo qual se desenvolve a sua relação com o outro. Graças a essa relação com a consciência do outro, obtém-se um original *perpetuum mobile* da polêmica interior do herói com o outro e consigo mesmo, um diálogo sem fim no qual uma réplica gera outra, a outra gera uma terceira em movimento perpétuo. (...) Estamos diante de uma precária infinitude de diálogo, que não pode deixar de terminar nem concluir-se. (BAKHTIN, 1981, p. 202).

Neste processo de construir e desconstruir argumentos, o narrador tece o seu solilóquio, nele não poupa nada e ninguém, nem a si mesmo. Ao perguntar, retoricamente, ao seu interlocutor quem vive além dos quarenta anos, ele mesmo responde, os imbecis e os canalhas, assim ele que durante todo o seu narrar afirma ser um homem inteligente, aqui se diz um homem com mais de quarenta anos.

Estou agora com quarenta anos; e quarenta anos são, na realidade, a vida toda; de fato, isso constitui a mais avançada velhice. Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral! Quem é que vive além dos quarenta? Respondei-me sincera e honestamente. Vou dizer-vos: os imbecis e os canalhas. Vou dizer isto na cara de todos esses anciões respeitáveis e perfumados, de

cabelos argênteos! Vou dizê-lo na cara de todo mundo! Tenho direito de falar assim, porque eu mesmo hei de viver até os sessenta! até os setenta! até os oitenta!... Um momento! Deixai-me tomar fôlego... (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.16)

Embora afirme ter quarenta anos uma idade limítrofe, reafirma o desejo de viver até os oitenta, ignora o fato de que isto é um atributo apenas de canalhas e imbecis. Temos aqui um efeito cômico, ao acabar de dizer que deseja viver até os oitenta, o que denota saúde para tanto, pede um momento para tomar fôlego, o que o contradiz. Mas este riso do leitor dura pouco, logo na sequência o narrador nos coloca novamente no espaço, ou melhor, no ambiente do subsolo. “*Pensais acaso, senhores, que eu queira fazer-vos rir? É um engano. Não sou de modo algum tão alegre como vos parece, ou como vos possa parecer; aliás, se, irritados com toda esta tagarelice...*”

Nesta primeira parte do romance, o narrador parece deslocar apenas pelo espaço da reflexão. Segundo o próprio autor primeiro trecho, intitulado “O subsolo”, personagem se apresenta, explicita seus pontos de vista e como que deseja esclarecer as razões pelas quais apareceu em nosso meio. Na Segunda parte do romance já se encontrarão realmente “memórias” alguns acontecimentos da sua vida.

### **As ações confirmam isso que ele acredita?**

Na segunda parte do livro, o narrador desenvolve algumas ações, estas reduzidas a alguns acontecimentos; estes confirmam o retrato traçado pelo narrador



personagem na primeira parte do romance. Se no primeiro bloco é traçado uma imagem do protagonista em que podemos contemplar de forma bem explícita a nudez de sua condição humana, na segunda parte ele mostra como esse homem se desloca dentro do campo das ações, ou da falta delas. Entre estes relatos, três episódios, marcam a vida do homem do subsolo, esses se deram quando ele tinha vinte anos.

O primeiro quando ele encontra um oficial numa taberna e este lhe dá um empurrão, este fato que nos parece se corriqueiro, sob a pena de Dostoievski e o olhar do homem do subsolo parecem tomar uma grande dimensão.

Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse. Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse. [...]

O diabo sabe o que não daria eu, naquela ocasião, por uma briga de verdade, mais correta, mais decente, mais — como dizer? literária! Fui tratado como uma mosca. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.63)

Para Todorov, a lógica que alimenta o protagonista e explica todas as suas ações e a dimensão que

ele lhes atribui, é a do senhor e do escravo, ou de desprezo e da humilhação.

O homem subterrâneo vive num mundo de três valores: inferior, igual, superior; mas é apenas na aparência que estes formam uma série homogênea. Em primeiro lugar, o termo “igual” só pode existir negado: é da própria natureza da relação senhor-escravo ser exclusiva, não admitir nenhum terceiro termo. Quem aspira a igualdade por isso mesmo prova não há possuir; ser-lhe-á pois atribuído o papel de escravo. Desde que uma pessoa ocupa um dos polos da relação, seu par se vê automaticamente ligado ao outro. (TODOROV, 1980, 141)

Segundo esta leitura o homem do subsolo quer ser igual, na medida em que reivindica este lugar, evidencia o seu espaço de inferioridade em relação ao outro. Isso se dá de forma bem clara neste primeiro e no segundo evento, em que o protagonista encontra antigos colegas de escola, estes colegas se comportam como não se o percebessem. Isso desperta nele o desejo quase que obsessivo de provar que é um igual. Neste movimento acaba por ficar claro o seu lugar, segundo esta lógica.

Encontrei ali mais dois colegas de escola. Pareciam tratar de um caso importante. Nenhum deles notou a minha chegada, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas. Nem mesmo

na escola me haviam tratado daquele modo, embora todos me odiassem lá. Compreendia, naturalmente, que deviam desprezar-me pelo fracasso da minha carreira de funcionário e pelo fato de eu ter decaído muito, de andar mal-trajado etc., o que, aos seus olhos, era um sinal evidente da minha incapacidade e insignificância. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.82)

No terceiro episódio, depois de ir com os amigos a um bordel, ficar bêbado e ser deixado por eles. Acorda num quarto ao lado de uma prostituta, Liza, com quem ele tem um longo diálogo. Deste diálogo após dar conselhos a jovem e orientá-la sobre como ela deve conduzir o seu viver. Deixa a jovem com seu endereço e a impressão de que ficou com uma imagem de superioridade, diante da jovem que se prostituía, e provavelmente via nele um homem superior. Nesta relação com Liza nós podemos ver toda a crueldade e vileza do homem de subsolo.

Eu olhava em torno. Não podia ainda compreender. Maquinalmente, lancei um olhar para a moça que entrara: entrevi um rosto fresco, jovem, um tanto pálido, de sobrancelhas retas, escuras, olhar sério e como que um tanto surpreso. Isto me agradou no mesmo instante; eu a odiaria se ela tivesse sorrido. Pus-me a olhá-la mais fixamente, com certo esforço: ainda não tinha conseguido concentrar meus pensamentos. Havia naquele rosto algo de singelo e bondoso, mas que parecia

estranhamente sério. Estou certo de que aquilo a prejudicava ali e que nenhum daqueles imbecis a notara. Aliás, não se poderia chamá-la de beldade, embora fosse de estatura elevada, forte e bem-proporcionada. Vestia-se com extrema simplicidade. Algo mau me mordeu e aproximei-me muito dela... (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.102)

Neste encontro, o homem do subsolo assume o lugar do senhor, cabe a Liza o espaço de buscar e se mostrar igual ao protagonista. Na relação com Liza, podemos observar como este protagonista se apresenta vil, se coloca no lugar de senhor. Neste espaço se faz moralista e toma ares de um herói romântico, capaz de salvar a jovem prostituta de sua condição. Parece retomar assim o poema que serve como epígrafe da segunda parte do romance. A propósito da neve molhada.

Quando da treva dos enganos  
Meu verbo cáldo e amigo  
Ergueu a tua alma caída,  
E, plena de profunda mágoa,  
Amaldiçoaste, de mãos juntas,  
O vício que te envolvera;  
Quando açoitaste com a lembrança  
A consciência que olvida,  
E me fizeste o relato  
De tudo o que houve antes de mim,  
E, de repente, o rosto oculto,  
Repleta de vergonha e horror,  
Tudo desabafaste: um pranto  
De indignação, de comoção...  
(DOSTOIÉVSKI, 2000, p.53)

O poema parece demonstrar um diálogo, ainda que doloroso. A escolha do poema para iniciar a segunda parte do romance conota a importância dada pelo narrador a sua aventura com a jovem Liza. Ela nos parece ter sido uma possibilidade real do homem do subsolo romper com o signo da carência e da solidão.

Ao homem de subsolo cabe a sua solidão, preso ao seu mundo e as suas limitações, ele não considera busca sempre o lugar do oprimido, ainda que o mal diga. O homem não existe sem o olhar do outro, dos outros. Fica a constatação de Schopenhauer, somos o que podemos ser.

### **Concluindo - a razão não ilumina o subsolo do homem**

Logo na primeira página o autor nos apresenta uma nota, nesta ele apresenta de forma clara a relação entre ficção e realidade, entre literatura e vida social. Paralelo a isso oferece no romance um retrato de um tipo humano, que não se restringe aquele tempo, estão e estarão presentes em tempos presentes e futuros.

Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade, desde que consideremos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou. O que pretendi foi apresentar ao público, de modo mais evidente que o habitual, um dos caracteres de um tempo ainda recente. Trata-se de um dos representantes da geração que vive os

seus dias derradeiros. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.10)

Nesta nota, o autor aponta que este personagem, embora seja fictício deve existir na sociedade, destaca também que se deve considerar a circunstâncias em que se formou. Em suas memórias de subsolo, Dostoiévski constrói um texto denso, na primeira parte podemos observar um olhar sobre o mundo e mais obsessivamente um olhar sobre a psique do próprio narrador. Metonimicamente podemos pensar este narrador como partes das gentes daquele tempo, das gentes do nosso tempo.

Ao apontar que *“pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade”* nos rememora as palavras do Italiano Ítalo Calvino em sua fala a respeito de estética e de leveza. Calvino explica que no início de sua carreira como escritor buscava trazer em seu texto um pouco da realidade que o cercava, com todas suas idiossincrasias. Isso atribuía a seu texto um peso muito grande, como se o seu narrar fosse tocado pelo olhar petrificante da Medusa.

Quando iniciei minha atividade literária, o dever de representar nossa época era um imperativo categórico para todo jovem escritor. Cheio de boa vontade, buscava identificar-me com a impiedosa energia que move a história de nosso século, mergulhando em seus acontecimentos coletivos e individuais. Buscava alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático ora grotesco, e o ritmo

interior picaresco e aventuroso que me levava a escrever. Logo me dei conta de que entre os fatos da vida, que deviam ser minha matéria-prima, e um estilo que eu desejava ágil, impetuoso, cortante, havia uma diferença que eu tinha cada vez mais dificuldade em superar. Talvez que só então estivesse descobrindo o pesadume, a inércia, a opacidade do mundo — qualidades que se aderem logo à escrita, quando não encontramos um meio de fugir a elas. Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa. Quando iniciei minha atividade literária, o dever de representar nossa época era um imperativo categórico para todo jovem escritor. Cheio de boa vontade, buscava identificar-me com a impiedosa energia que move a história de nosso século, mergulhando em seus acontecimentos coletivos e individuais. Buscava alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático ora grotesco, e o ritmo interior picaresco e aventuroso que me levava a escrever. Logo me dei conta de que entre os fatos da vida, que deviam ser minha matéria-prima, e um estilo que eu desejava ágil, impetuoso, cortante, havia uma diferença que eu tinha cada vez mais dificuldade em superar. Talvez

que só então estivesse descobrindo o pesadume, a inércia, a opacidade do mundo — qualidades que se aderem logo à escrita, quando não encontramos um meio de fugir a elas. Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa. (CALVINO, 2003, p27)

Esse peso de que nos diz Calvino, nos parece, permeia todo o Subsolo de Dostoievski, mas neste o peso não surge como um efeito colateral, como em Calvino, mas como uma intenção e consciência de um autor maduro, sabedor de seu engenho.

Nesse narrar em primeira pessoa somos convidados a conhecer este subsolo, o mundo que habita o protagonista. Como um anfitrião a primeira coisa que esse narrador faz é se apresentar, não com seu nome, profissão ou virtude, mas com uma nudez assustadora. Somos seduzidos linha a linha, palavra a palavra num labirinto que mais parece o interior da mente do homem do subsolo, sentimos o pesadume, o hálito e o olhar da Gorgona a nos petrificar. Parte desse efeito petrificante se faz pela densidade da escrita e a complexidade de seus personagens, que se compõem perpassados por um processo dialógico.

Logo nas primeiras orações ele já afirma “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.” E a partir daí temos o tom desta primeira parte, um homem que tem no sofrer, no incomodo o seu



lugar de vida. Ele vive no subsolo, entendido aqui como um estado de ser.

A tessitura dessas memórias é construída a um narratário, alguém para quem o narrador tem como interlocutor. A este ele se reporta justificando seu narrar, seu ponto de vista, porém o conteúdo de suas memórias muitas vezes, dado a sua crueza e nudez, se avizinha do “infalável”. Dito de outras formas, impressões de que só dividimos conosco, temas para um monólogo, ou sendo mais extremos; um solilóquio.

Tenho agora vontade de vos contar, senhores, queirais ouvi-lo ou não, por que não consegui tornar-me sequer um inseto. Vou dizer-vos solenemente que, muitas vezes, quis tornar-me um inseto. Mas nem disso fui digno. Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove e que tenha, além disso, a infelicidade de habitar Petersburgo, a cidade mais abstrata e meditativa de todo o globo terrestre. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.14)

O Senhor, vocês, vós são algumas das palavras com que o protagonista se volta ao leitor das suas memórias, não para criar proximidade, como faz um Machado de Assis, mas para estabelecer relações de alteridade, e assim desenhar um pouco de sua identidade, ou identidades. Isto

porque, o "eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro".

Embora o narrador se dirija para um ou mais interlocutores ele faz questão de frisar que estas memórias não têm como objetivo ser escritas para serem lidas. Ele faz questão de afirmar reiteradamente que escreve apenas para atender a si mesmo. Com esta e outras considerações sobre a razão de sua escrita, procuramos concluir.

Mesmo agora, passados tantos anos, tudo isso me vem à memória de modo demasiado mau. Muita coisa lembro agora realmente como um mal, mas... não será melhor encerrar aqui as "Memórias"? Parece-me que cometi um erro começando a escrevê-las. Pelo menos, senti vergonha todo o tempo em que escrevi esta novela: é que isto não é mais literatura, mas um castigo correcional. (2000, p.148).

(...) um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados intencionalmente todos os traços de um anti-herói, e... tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida. (...) Sei que talvez ficareis zangados comigo por causa disto, e gritareis, batendo os pés: 'Fale de si mesmo e das suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer 'todos nós'. Mas com licença, meus senhores, eu não estou me justificando com este todos. E, no que se

refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez... (...) Para nós é pesado, até, ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, próprios; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram. (...) Mas chega; não quero mais escrever 'do Subsolo' (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.145 a 147)

Nele o subsolo é o espaço da impotência, da carência, onde o narrador se desnuda em toda sua persona. Ele imprime uma consciência de sua condição limítrofe, preso ao subsolo, e todas as possibilidades pensadas pelo narrador de sair deste espaço fazem com que ele tenha consciência que está fadado a ficar neste lugar. Estamos diante de um narrador que diz escrever apenas a si mesmo, isso seria realmente verdadeiro?

A parte isso, concluímos com o próprio narrador. *“O fim dos fins, meus senhores: o melhor é não fazer nada! O melhor é a inércia consciente! Pois bem, viva o subsolo!”*

## Referencias

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1992.

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Por que ler os clássicos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- FREUD, Sigmund, “Dostoiévski e o parricídio (1928[1927])” in **O Futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**, Rio de Janeiro, Imago. 1996
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. “Notas do subterrâneo”. In: TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

## A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS: A FIGURA DO PROFESSOR COMO SINÔNIMO DE RESISTÊNCIA

*Deise Leite Bittencourt Friedrich<sup>20</sup>*

### Considerações iniciais

A figura singular do professor, em especial o de Letras, e a atuação docente seja na educação básica, técnica ou superior, em pleno século XXI, está sendo colocada cada vez mais, como sinônimo do resistir às adversidades impostas pela elite brasileira. Elite misógina, homofóbica, racista, machista e altamente fascista, que vem atingindo arduamente à educação e a pessoa do professor, para além do seu fazer didático-pedagógico.

Como identificar-se em sua atuação docente frente ao fascismo imperante, então? Como está a construção da identidade do professor em um mundo onde nada mais parece ser fixo ou estável? É a partir de tais questionamentos, que se fomenta uma reflexão sobre as identidades, em especial, de professores de Letras em diferentes atuações: básicas, média ou superior. É objetivo do presente trabalho, mediante o aparato dos estudos discursivos, refletir como esses profissionais se auto identificam e a sua atuação no âmbito profissional na sociedade pós-moderna.

---

<sup>20</sup> Doutoranda em Letras com ênfase em Linguística-UERJ. Professora efetiva de Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-IFRS - Campus Porto Alegre. <http://lattes.cnpq.br/8443370679013081>.

## A historicidade da língua portuguesa imposta pelos conquistadores

Para melhor explicitar a relação: professor, elite brasileira e educação na pós-modernidade, se faz necessário um breve resgate histórico para melhor elucidarmos essa relação. Em que língua, cultura e história estão imbricados. Optou-se por um breve resumo histórico que marca a presença da língua portuguesa e o seu surgimento no Brasil.

O que nos remonta à chegada dos conquistadores tanto portugueses e espanhóis que em nome da cruz e da espada impuseram sua dominação desde o início da formação do povo brasileiro. Povo esse que sempre teve que lutar bravamente contra toda forma de opressão, exclusão e violência impensáveis e inimagináveis a que foram submetidos.

Nesse sentido, a educação no Brasil colônia já nasce nas mãos dos conquistadores e da elite da época que aqui se forma com a chegada de D. João VI. Os filhos da elite iam estudar na Europa, sobretudo em Portugal, onde muitos retornavam ao Brasil como Bacharéis em Direito. Segundo Teixeira (1989), até o começo do século XIX, a Universidade do Brasil foi a de Coimbra onde iam estudar os brasileiros, em que mais de três primeiros séculos, mais de 2.500 nascidos no Brasil. O referido autor menciona que o Brasil nasceu sob a influência de uma classe intelectual, que trazia consigo além da paixão pelas Letras e saber da época, o prestígio do poder e da influência.

A primeira forma de dominação também perpassa pelos domínios da língua, em que a língua portuguesa, já nasce em nosso país como uma língua estrangeira. Ou seja, a língua portuguesa vem a ser a língua do contato linguístico do português para com os indígenas, que através

da catequese impuseram a sua língua materna, uma prática de dominação do português, em que descaracterizou a língua, a cultura e a história de muitos povos indígenas.

Temos nos fatos históricos a comprovação do quanto língua, história e cultura podem ampliar significativamente a identidade e a formação de um povo. No caso do Brasil, a figura do professor vem com os padres jesuítas e ficou a cargo da igreja Católica, por 210 anos. Eles foram os responsáveis pela educação básica até 1759, quando são expulsos por Marquês de Pombal. O que corrobora para a redução das línguas gerais, e a coroa portuguesa decreta a língua portuguesa, como sendo a língua oficial do Brasil.

### **O surgimento do curso de Letras no Brasil e o ensino das línguas estrangeiras**

Como vimos anteriormente a língua portuguesa nasce sob a égide dos conquistadores em impor sua língua, descaracterizando por sua vez, a língua, a cultura e a história dos índios aqui existentes. A formação da língua em nosso território então, inicialmente nasce como sendo a língua estrangeira inicial da dominação portuguesa.

Por outro lado, com a criação do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro temos o início do ensino tradicional que coloca o ensino de línguas estrangeiras no currículo, como primeiras temos: o inglês e o francês, além do latim e do grego como línguas clássicas. Com a implantação das línguas por D. João VI devido a acordos comerciais temos então duas formalizações: a formalização do ensino tradicional e a formalização das línguas.

A formalização do ensino e das línguas vai fomentar uma busca para a formação de profissionais da educação

voltados ao ensino das línguas estrangeiras. Uma vez que, os professores que aqui se tinha e se dedicavam ao ensino das línguas estrangeiras, eram pessoas de famílias abastadas ou estrangeiros vindos da Europa.

Com a necessidade de profissionais de línguas estrangeiras nos currículos escolares tem-se a iniciativa de criar os primeiros cursos de Letras no país, para garantir essa mão de obra para as escolas implantadas pelo governo brasileiro. O que temos ao longo dos anos então será uma sucessão de reformas de criação de cursos que levará efetivamente ao decreto nº 19.850 de 11 de abril de 1931 ( que cria o Conselho Nacional de Educação-CNE), e o decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, temos a criação do estatuto da Universidade Brasileira que estabelecia o ensino superior e implementava o regime universitário e estabelecia um modelo único de organização para todas as universidades. O que se percebe claramente no início de sua redação:

O ensino universitário tem como finalidade: elevar o nível de cultura geral, estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior; concorrer enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade, pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias para a grandeza da nação e para o aperfeiçoamento da humanidade. (BRASIL, 1931).

Temos então, a institucionalização dos Cursos de Letras que nasce concomitante aos cursos das Faculdades de



Filosofia e voltados para os estudos clássicos de línguas e literaturas. Segundo Lajolo (s/d), esses cursos tinham como critérios:

a) Preparar os trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada e técnica;

b) Preparar candidatos ao magistério do Ensino Secundário, Normal e Superior;

c) Realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem objeto de ensino.

Dos itens acima mencionados destacamos os itens “a” e “c” que estavam diretamente relacionados à titulação do Bacharelado, que nada mais era do que uma espécie de “premiação”, que recebiam àqueles que faziam parte da elite e, conseqüentemente, aos que estariam em altos cargos da Administração Pública ou na Política. Desde a implementação dos Cursos de Letras, o que fica evidente nos critérios da época, não havia nenhuma preocupação em ter a formação docente para o exercício do magistério. Uma vez que essa preocupação era dada às Faculdades de Educação e de Pedagogia. Os Cursos de Letras apresentavam:

(...) uma trajetória de aproximadamente oitenta anos em que os cursos de Letras se dedicam a valorizar os saberes acadêmicos desvinculados das situações vividas no cotidiano do trabalho docente. (DAHER; SANT'ANNA, 2009, p.16)

Conforme Lajolo (s/d) os cursos de Letras nasceram em duas direções antagônicas: de um lado a formação docente para o magistério (Secundário, Normal e Superior), e a formação para ser pesquisador, de outro. Se tínhamos a licenciatura considerada como um “anexo” do

curso de letras, após completar um ano de Bacharelado, esse “modelo três mais um” (BRASIL, 1939), foi perdurar até a Reforma das licenciaturas que se inicia em 2002.

Com a Reforma de 2002 vai haver uma diversificação de “modelos” em todos os cursos de Letras por todo o país, porque cada instituição de ensino acaba tendo autonomia para construir e diversificar a grade de seus currículos, a partir do olhar de cada realidade e do universo acadêmico que se apresenta. Restando apenas com que as universidades respeitem o número de carga horária do curso, horas obrigatórias de estágio e as práticas curriculares conforme a organização didático-pedagógica de cada curso.

O Colégio Pedro II por ter sido o primeiro a ser criado em 1837, tem seu currículo como modelo escolar para as demais escolas e para alguns cursos superiores de nível secundário. O currículo de Letras, em nível secundário, teve sua implementação no ano de 1931, no governo de Getúlio Vargas<sup>21</sup>, visava:

(...) dar organicidade ao ensino secundário, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para o ingresso no curso superior. Além disso, equiparou todos os colégios secundários oficiais ao Colégio Pedro II, mediante a inspeção federal e deu a mesma oportunidade às escolas particulares que se organizassem, segundo o Decreto, e se submetessem à mesma inspeção. (Romanelli,1986, p.134-136, apud CASIMIRO,2003)

---

<sup>21</sup> Decreto nº 20.833, de 21 de dezembro de 1931.

A reforma acima permitiu que fosse criado o ensino superior de Letras para o ensino secundário, cuja organização curricular esteve pautada no modelo do Colégio Pedro II, uma vez que ele foi pioneiro por inserir as línguas estrangeiras em sua grade curricular. Teve diferentes idiomas contidos no seu currículo desde 1858, tais como: o alemão, o francês, o grego, o latim e o inglês. Teve-se também com o decreto de dezembro de 1931, a implantação de um método direto do ensino de línguas, em que se tinha a determinação que toda aprendizagem delas fosse exclusivamente ensinada na própria língua em estudo, evitando-se assim, usar a língua portuguesa. Como podemos constatar pelo próprio decreto: “*Só excepcionalmente caberá ao professor da faculdade de recorrer à língua portuguesa para explicações indispensáveis, que ainda não possam ser dadas pelo método direto*”. (BRASIL, 1931)

Devido ao decreto de abril de 1942 ocorre uma redução na carga horária do ensino das LÊs, trazendo também a substituição da língua alemã, pelo ensino da língua espanhola que foi incorporada, de modo obrigatório, no currículo das escolas. Já no ano de 1958 temos o projeto de lei nº 4.606/58, que vai incluir o ensino do espanhol equiparável e concomitante ao ensino do inglês em todo território nacional. No ano de 2000 foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio da Silva, em 5 de agosto de 2005 a lei nº 11.161/2005 que tornava obrigatório o ensino do espanhol em todas as escolas, podendo ser facultativa para o aluno, e, não obrigatória na educação básica( do 6º ao 9º ano), sendo seu ensino concomitante com o inglês.

O decreto de 2005 viabilizou ao ensino de línguas estrangeiras e, no caso do espanhol, maior variabilidade de

métodos e técnicas de ensino de LEs, além de proporcionar muita qualificação aos professores, fez com que muitos docentes ampliassem suas metodologias e técnicas de ensino e aprendizagem do idioma. No seio das universidades houve ampliação do número de vagas nas licenciaturas em línguas estrangeiras, qualificação e inúmeros cursos de pós-graduação para o ensino de espanhol e o fortalecimento das línguas estrangeiras foram estabelecidos.

Por outro lado, se no início do ensino do espanhol houve super valorização do “professor nativo”, ainda que esse não possuísse formação acadêmica e nem pedagógica, que pudesse orientar a sua prática docente, a criação e ampliação de cursos formadores para qualificação desses e tantos profissionais das Letras, fez com que houvesse grande crescimento intelectual e grandes trocas de saberes entre muitos docentes em todo Brasil e em nível de Mercosul. O que ficava evidente era o imenso entusiasmo com que muitos docentes aliavam projetos com colegas dos países vizinhos, em nosso caso, muitos projetos foram realizados nas fronteiras do Rio Grande do Sul, entre: Brasil-Argentina, Brasil-Bolívia, Brasil - Uruguai e Brasil-Paraguai.

Infelizmente hoje, a realidade que se apresenta é bem diferente dos cursos de Letras que tínhamos até agosto de 2016. Vivenciamos o contrário dos ganhos que se teve desde a implantação do espanhol em 2000 e o auge de cursos em 2005.

O que os profissionais de Letras vivenciam nos cursos de licenciatura em pleno 2020 é um profundo resistir à falta de oportunidades e o combate ao desmantelamento, ao sucateamento a que estão sendo submetidos os cursos de

licenciaturas como um todo, sobretudo o de formação do profissional de Letras.

Se antes tínhamos projetos a concretizar com o apoio de uma política educacional não excludente, o que temos hoje é que lutar arduamente contra um sistema educacional precário e ineficaz, que vai na linha contrária do que até a própria LDB prevê. Tempos sombrios em que o profissional das licenciaturas tem mais do que uma missão a zelar, mas a criticidade de lutar por uma educação que prime por garantir uma formação docente de resistência contra o sistema opressor, a que estão submetidos, todos os profissionais da educação, desde o golpe ocorrido nesse país em agosto de 2016.

### **Um olhar sobre o professor de línguas estrangeiras**

A pessoa do professor está ao longo da história de sua formação, sempre sendo colocado em profundas mudanças angustiantes, há uma constante desvalorização de seu papel social e educacional, por parte de incontáveis governantes desse país.

O que requer uma atuação que não nos percamos no limbo, em que querem nos lançar; mas sim, seguirmos juntos e unidos: escola, comunidade e esfera social, para que tantos alunos em formação nos cursos de Letras se sintam imbuídos de não esmorecer diante das inúmeras dificuldades que nos impingem.

Traz-se então uma reflexão no âmbito educacional, mais especificamente, ao campo do ensino de línguas estrangeiras. Quem é o professor de línguas na pós-modernidade e como este se representa diante das várias situações entre o ser e o estar de sua prática docente? Ao traçar o perfil do educador do ensino de línguas

estrangeiras, Celani (1996) considerava o professor de línguas estrangeiras um graduado com habilidades para manusear o conhecimento de maneiras definidas, através de uma prática reflexiva, construída ao longo de um processo, com base em uma visão crítica da linguagem e da aprendizagem, ou seja, um profissional envolvido em um processo aberto de desenvolvimento contínuo, inserido na prática, e não derivado de um método ou de um modelo teórico específicos.

As palavras de Celani são de extrema importância na medida em que leva em consideração a busca por um profissional não somente capaz de reproduzir modelos, como também de reconhecer os mecanismos de funcionamento da linguagem que trabalha com seus alunos. Porém, a autora, refletindo anos depois sobre o perfil do profissional que se quer e que o país precisa, pontua uma constatação que afeta de maneira direta aquele profissional idealizado por ela mesma em 1996. Segundo ela:

A profissão, e particularmente a profissão de ensinar línguas estrangeiras, é invadida por todos os lados. Qualquer um pode ser professor. Chegase ao absurdo de propostas das autoridades máximas da educação para que profissionais de outras áreas, ou de nenhuma, assumam o ensino de disciplinas com falta de professores. Não se cogita de dar melhor formação e melhores condições de trabalhos para professores de uma determinada área, mas afirma-se que muitas vezes os profissionais de outras áreas são mais competentes, sem se perguntar o porquê dessa situação. Talvez a resposta a essa pergunta seja por demais perturbadora e insuportável (CELANI, 2006, p. 36).

Se as identidades se encontram fragmentadas e isso envolve quem podemos nos tornar, é possível aplicar as mesmas ideias no contexto da formação do profissional de Letras. Conforme Celani (2006), a formação do profissional não brota do nada. Deve ser educado para tal e o lócus privilegiado para essa educação é a Universidade.

Entretanto, muitos profissionais, que não passaram por um currículo diversificado e, em que não se teve uma autonomia no currículo de sua universidade ou com lacunas, deixam falhas na formação desse profissional de Letras. Que requer sim, um grande acompanhamento durante toda sua formação acadêmica, para oportunizar uma licenciatura em que possa levá-lo a ter uma formação de alta criticidade e de comprometimento com a promoção da cidadania.

Essa questão parece ser ainda pertinente para outra discussão. Seria mesmo a universidade o local adequado de formação dos professores de línguas? Seria possível transferir a responsabilidade de se forjar uma identidade de professor mediante uma licenciatura com duração média de 4 anos? Afinal, a quem compete a formação de professores de línguas estrangeiras?

Na concepção de Llobera (1993) compete à Universidade, instituição capaz de realizar uma formação articulada de professores de línguas estrangeiras concreta, prática, adequada às necessidades de atuação dos docentes e que permita a integração dos conhecimentos teóricos com a prática, possibilitando ao futuro professor a realização de seu trabalho com segurança e competência.

Porém, é necessário ressaltar que os ideais de segurança e instituição também foram abalados diante da instabilidade que assola o mundo contemporâneo. É passível de questionar se o lócus universitário é capaz de

abarcam todos os aspectos necessários na formação de professores, ou ainda, se os que passam por tal locus possuem características que os distinguem significativamente de outros profissionais.

Nas palavras de Moita Lopes (1996), o professor de línguas recebe uma formação pautada por dogmas. Os alunos que passam pelo curso de licenciatura, experimentam um modelo de formação que, muitas vezes, não os habilita a exercitar a prática da língua estrangeira de maneira adequada e tampouco possibilita a relação entre a aprendizagem de língua e cultura e os construtos didáticos e pedagógicos, importantes na formação de futuros educadores.

Ao vivenciarem um modelo unívoco de formação docente, então, os alunos de cursos de Letras não aprendem a dar conta das múltiplas e complexas situações de ensino-aprendizagem que fazem parte da realidade das salas de aula (CASTRO, 2006).

Sendo assim, é a partir de tais afirmações que se confirma que o professor de línguas estrangeiras, que passa pelo curso de Letras, não é mais a certeza de um profissional completo e apto para a prática de ensino. Embora a qualificação seja sempre um adendo em qualquer profissão, especialmente na área de ensino, somente a graduação pode não ser mais um diferencial entre o profissional com formação específica e aquele que possui outras formações, como uma vivência no exterior ou proficiência na língua estrangeira a ser ensinada, como se pensava em décadas anteriores.

Nos dizeres de Leffa (2006), achar que um profissional de letras possa ser formado nos bancos da universidade é uma ilusão, necessária ou não:



Será necessária na medida em que o professor formador vai precisar dessa ilusão para dar continuidade ao seu trabalho. Possivelmente não há tempo e nem condições para isso na universidade. A formação de um verdadeiro profissional reflexivo, crítico, confiável e capaz de demonstrar competência e segurança no que faz, é um trabalho de muitos anos, que apenas inicia quando o aluno sai da universidade. (LEFFA, 2006, p. 361).

Com isso, somente o lócus universitário talvez não sirva como garantia para uma preparação definitiva na formação do profissional de Letras, ainda se faz necessária repensar e reconfigurar a formação desse profissional frente aos desafios da sociedade pós-moderna. Em que se possa estimular os acadêmicos a um olhar mais significativo pela pessoa do seu “eu” professor.

A universidade, sobretudo a pública, deve primar ainda mais por promover uma educação de qualidade e imbuída de qualificar esse profissional de Letras, em ser um agente de resistência frente às intempéries a que os docentes estão constantemente sendo subjugados por governos antidemocráticos.

Cabe sim, às universidades o comprometimento em dar à sociedade um profissional docente questionador, reflexivo, professor-educador, consciente do seu fazer-pedagógico, uma vez que a universidade também possui o papel de amparar e acompanhar o desenvolvimento profissional de seus alunos e futuros docentes.

## **Considerações finais**

A intenção desse estudo foi apresentar uma reflexão para os docentes dos cursos de Letras de nosso país, a partir

das questões que norteiam o agir docente na atualidade. A questão de nossa atuação docente enquanto professores de línguas estrangeiras e discutir sobre a formação do professor de línguas, não tão somente universitária, mas para além dela.

Foi necessário, para isso, reconhecer que as relações humanas passam por transformações e que as representações profissionais não apresentam mais aspectos rígidos e fixos como os de antigamente. Mas também, repensar como o olhar sobre a educação e sobre a figura do professor é sempre sinônimo de resistência pelo amor à educação e aos alunos.

No âmbito dos cursos de Letras em meio à diversidade curricular, metodológica e pedagógica que os futuros profissionais mesmo que imbuídos por diferentes saberes de linguagens, possam ao mesmo tempo aliar amor a todos os atos de sua formação, se faz necessário buscar ancoragem em leituras de resistência, para que possam ressignificar a sua prática docente. Acima de tudo primar por um amor profundo ao educar, pautado por um olhar singular pela linguagem em todas as esferas das ideias linguísticas e literárias em uma prática docente do (re) existir em todas as instâncias do seu fazer docente, para além dos muros das universidades.

Assim, o olhar e o papel do professor de línguas estrangeiras requerem resistência em todas suas esferas discursivas e semióticas. Que esse professor em formação saiba estar imbuído de uma semiótica dos afetos, que o leve a ver a língua como forma e substância, de não se deixar abater em meio a dogmas fascistas, que querem dominar a educação brasileira. Que saiba reconhecer o legado do grande educador Paulo Freire e ser agente de transformação na luta contra o opressor e defender os

oprimidos na busca pelo bem social, pelo coletivo e democrático bem viver.

## Referências

BRASIL. **Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Decreto lei nº 11.530. Reorganiza o ensino secundário e o superior da República.

\_\_\_\_\_. Decreto lei nº 19.851. Dispõe sobre o ensino superior no Brasil.

\_\_\_\_\_. Decreto lei nº 1.190. Da organização da faculdade nacional de filosofia.

CASTRO, S. T. R. Formação da competência do futuro professor . In: LEFFA, V. J. (org.) **O Professor de Línguas Estrangeiras – Construindo a Profissão**. Pelotas: Educat, 2006.

CELANI, Maria Antonieta Alba (org). **Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. Campinas, SP. DAHER, Del Carmen; SANT'ANNA, Vera. Do otium cum dignitate dos cursos de Letras á formação dos professores de línguas. **Trajetórias em enunciação e discurso. Práticas de Formação docente**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, p.15-27.

LAJOLO, Marisa. No Jardim das Letras, o ponto da discórdia. Projeto Memória de Leitura. Campinas Instituto de Estudos da linguagem, Unicamp. Disponível em: [www.unicamp.br/iel/memori/ensaios](http://www.unicamp.br/iel/memori/ensaios). Acesso: 20 de maio de 2019.

LEFFA, V. J. (org.) **O Professor de Línguas Estrangeiras – Construindo a Profissão**. Pelotas: Educat, 2006.

LLOBERA, M. Aspectos sobre la formación de profesores de lengua extranjera. In: Didáctica del español como lengua extranjera. Madrid: Fundación Actilibre, 1993.

MOITA LOPES, L. P. Oficina de Linguística Aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

TEIXEIRA, A. Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1989. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

## LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL: LINN DA QUEBRADA - LITERÁRIA E SOCIAL

*Eduardo Dias da Silva*<sup>22</sup>

*Robson Coelho Tinoco*<sup>23</sup>

### Introdução

Na evolução e na popularização das Tecnologias e das Artes, de um modo geral, tem se apresentado no bojo destas áreas, novos conceitos de cultura e de informação, e também na substituição de velhos dogmas que já vinham sendo discutidos ao final do século XX e das primeiras duas décadas do século XXI, sinalizam mudanças sistemáticas acontecendo, em velocidade crescente, como apontado por Pennycook (2001; 2006) que pretende-se mostrar ao longo desse trabalho.

Das favelas (comunidades) para o mundo, do morro para redes sociais, do funk entretenimento para o *pop* politizado e engajado. Linn da Quebrada, sujeito cosmopolita na definição de *globalização contra-hegemônica* de Sousa-Santos (2005), na qual há a valorização da cultura local com ancoragem em elementos e tendências globais, dessa forma, travestindo o global com

---

<sup>22</sup> Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e Pedagogo na Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador nos Grupos CNPq FORPROL e GIEL. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5262032700960455> E-mail: [edu\\_france2004@yahoo.fr](mailto:edu_france2004@yahoo.fr)

<sup>23</sup> Professor Titular do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB). Orientações de mestrado e de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLIT) da UnB. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4786357071287726> E-mail: [robson@unb.br](mailto:robson@unb.br)

aspectos locais, por vezes antagônicos, para com isso mostrar uma visão combatida e, ao mesmo tempo, indignada.

Linn da Quebrada e suas letras poético-musicais são sujeitos frutos de uma sociedade, que de acordo com alguns pensadores, estão inseridos em uma *sociedade líquida* (Bauman, 2009) ou *pós-moderna* (Lyotard, 2011) ou em um processo de *modernidade tardia* (Giddens, 2002) cujos os elementos estão fragmentados/diluídos, deixando simplesmente de existir, sendo necessário recorrer a fragmentos, fatos ou “pedaços” da história para dar sentido à materialidade do sujeito na interação social mediada pela linguagem, de acordo com Silva (2014).

Pode-se dizer que a modernidade líquida/tardia/pós-moderna é a época atual em que se vive. É o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dão base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incertezas e inseguranças. É nesta época que toda rigidez, certeza e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelos autores como Bauman, Lyotard e Giddens como modernidade de outrora, são retiradas de cena para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.

Na busca da (in)completude dos termos ou denominações supracitadas que tentam definir ou que procuram explicar o atual quadro social no qual se insere Linn da Quebrada e suas letras poético-musicais, já é de se pensar que outros tantos termos serão e são também difíceis de conceituar, mostrando a polissemia e a descentralidade das pesquisas sociais e literárias atuais,

e nesse processo de comunicação, a possível mensagem veiculada giraria em torno da afirmação da pessoa negra pelo que ela é. E isso vai além de suas características físicas, fenotípicas e biológicas. A construção da identidade [...] é uma construção interdiscursiva e multicultural. A identidade é uma construção social e política (ALMEIDA, 2015, p. 101).

Proporcionando, desse modo, ricas contribuições para a compreensão ou tentativa de compreensão do mundo em que sujeitos como Linn da Quebrada vivem e das relações humanas nelas inseridas, buscando “ter voz, então, é primordial para subverter a ordem onde os estereótipos constituem o controle social. Dar voz à menina negra [Linn da Quebrada] contribui para a diminuição da negação e invisibilidade na literatura em geral”, segundo Almeida (2015, p. 116), para artistas contemporâneos como Linn da Quebrada.

A proposta dessa pesquisa qualitativa de análise documental é colocar em evidência o teor literário, cosmopolita e social da “Bixistranha, loka preta da favela” que Linn da Quebrada relata/representa em sua letra poético-musical por intermédio da canção *Bixa Preta* (2017), pois acredita-se que “há um processo de associação entre a identidade pessoal e a identidade social. Ou seja, ‘a identidade social’ é fruto do processo da inter-relação da ‘identificação do indivíduo’ (ALMEIDA, 2015, p.106-107, grifos da autora), relativas ao artista em tela. Desse modo,

a pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído

basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. [Enquanto que] A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

As análises estão embasadas teórico-metodologicamente no Realismo Crítico (BARROS, 2015), na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1979; 2009) e na Análise Crítica do Discurso (ACD) de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001).

A Teoria das Representações Sociais tem baseamento nas representações coletivas preconizadas tanto na vida social quanto na vida mental das pessoas e são constituídas por representações que, depois de sedimentadas, tornam-se quase autônomas e exteriores às consciências individuais, de acordo com Moscovici (1979; 2009).

O Realismo Crítico mostra a vida como ela realmente é, tem uma postura objetiva, descreve o que está errado de forma natural, e até certo ponto estimula mudanças, pois a ciência deve servir para revelar algo que sirva para transformar a realidade social, como elucidado por Silva (2017, p. 54). Sendo assim, comparado ao Positivismo e ao Interpretativismo, o Realismo Crítico endossa e, é compatível com uma gama relativamente ampla de métodos de pesquisa, mas tem implícito que “as escolhas particulares devem depender da natureza do objeto de estudo e daquilo que se quer apreender acerca



do mesmo” (Sayer, 2000, p. 20). Ou complementando essa ideia, nos dizeres de Silva (2017, p. 55-56),

“a abordagem da ACD está em consonância com o realismo crítico por entender o mundo social como um sistema aberto, em constantes transformações. O pesquisador, segundo a ACD, não é neutro; ao contrário, deve ser crítico e transformador”.

O modelo de análise proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), baseado na crítica explanatória de Bhaskar (1998; 2002), sugere cinco momentos, de acordo com Papa (2011): i) Identificação do problema; ii) Obstáculos a serem enfrentados; iii) Função do problema na prática; iv) Possíveis maneiras de superar os obstáculos; v) Reflexão da análise para explicar a realidade atual, seus atores e suas interações. Vale, também, esclarecer que o foco da ACD não é a linguagem como estrutura ou como ação individual, mas, sim, a linguagem como prática social. A importância desta entidade social para a ACD, assim como para a ciência social crítica, decorre de sua qualidade de intersecção entre estruturas abstratas e seus mecanismos, e eventos concretos na sociedade e pessoas vivendo suas vidas, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999) e Ramalho (2009). Dessa forma, “a percepção de vida social organizada em torno de práticas sociais ajuda a evitar o foco estrito na agência humana ou em textos, por um lado, e na estrutura ou no sistema lingüístico, por outro”, como elucidado por Ramalho (2009, p. 10).

## Lacradora, lacração, lacrar

Destruir paradigmas sexuais, de identidade e de gênero é, uma das possíveis, luta da funkeira MC Linn da Quebrada. Ela se define, de acordo com seu *site* oficial como “Bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero”. Ativista, ela colaborou com a formação da organização não-governamental *ATRAVESSA* (Associação de Travestis de Santo André) e atua como performer no *Coletive Friccional*. No clipe de seu primeiro *single*, intitulado *Enviadecer*, Linn destrói a hierarquia aceita como *normal*, em que as gays efeminadas cobiçam os machões. Segundo, relato de Linn da Quebrada no seu site,

“Essa bixa preta também sou eu, mas, além disso, são muitas outras além de mim”, comenta Linn sobre a mensagem abordada na canção. “O nosso corpo é visto como um corpo errado, preterido, com o qual ninguém quer se relacionar. Para a sociedade, a bixa preta é isso, mas o que eu quero com a música é dizer que podemos nos amar e nos desejar. Ser bixa preta é resistência, é poder e é afeto” (QUEBRADA, s/d).

A letra poético-musical de *Bixa Preta*, lançado em fevereiro de 2017 pela artista e performer MC Linn da Quebrada, traz em sua letra um aviso direto contra as imposições de gênero da sociedade: “...se liga macho, presta muita atenção, senta e observa a tua destruição”. *Bixa Preta* (2017) clama por mais respeito aos corpos e suas inúmeras possibilidades de transformação, por meio de um

funk dançante inspirado no sucesso de *Baile de Favela*, do MC João, esses artistas ganham o mundo.

*Bixa*, palavra estranha, nem tanto no universo gay, tão pouco no mundo das travestis, mas cuidado para os desinformados que chamá-las de *bixa* sem ser do meio, cuidado de quem quiser fazer dessa palavra ofensa. Ser *bixa* é envidescer, mas não é só dar o cú, tão pouco tem a ver com pau, MC Linn da Quebrada já alertava antes. *Bixa* é ser livre, resistência, quem faz do corpo o que quer, sua arte, se expressa em *generofoda-se*. Corpo político para além de toda e qualquer normatividade hetero-branco-fálica, a todo momento causando a dúvida, o desconforto – é menino ou menina? Melhor, aquilo que nem devia existir, mas que, por existir sem dever, entorna, transforma, não deixa a norma intacta, causa estranhamento.

Mas e se além de *bixa*, ela ainda for preta, pobre e favelada? *Bixa preta*, música, corpo, atitude que além de político, agora é campo de guerra – a letra poético-musical do novo *single* da Mc Linn da Quebrada, artista atroz, terrorista de gênero, como ela se intitula – pauta os corpos pretos marginalizados, tratados como verdadeiros monstros, “no olhar do macho quando a gente passa”, corpo que aprende a fazer do escárnio combustível e, assim, esse “macho” tem que se cuidar e muito, porque ela é “bixistranha, loka, preta da favela (...) elas tomba, fexa, causa, elas é muita lacração” – ela como tantas outras *bixas pretas* são orgulhos, são sobre saber que aquele riso do “macho” é de nervoso, é de quem tá com medo não de ser só destruído, mas desconstruído, de se ver igual, livre da ditadura do pau.

No trecho “Quando ela tá passando todos riem da cara”, tem-se o primeiro momento, conforme asseguram Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001), o

analista crítico do discurso deve identificar o problema que pode estar em alguma parte da vida social, *bixa preta* que precisa impor sua existência na comunidade pobre da qual ela faz parte, buscando não só aceitação, mas visibilidade para além dos morros.

No segundo momento, o analista crítico do discurso deve reconhecer os possíveis obstáculos a serem enfrentados. Precisa fazer uma análise denominada por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001) de análise de conjuntura. Conforme os autores, a conjuntura a que eles se referem representa um trajeto particular de uma rede de práticas que constituem as estruturas sociais. Percebidas em,

“se liga maxo/ Presta muita atenção/ Senta e observa a tua destruição/ Que eu sou uma bixa loka preta favelada/ Quicando eu vou passar/ e ninguém mais vai dar risada/ Se tu for esperto, pode logo perceber/ Que eu já não to pra brincadeira/ Eu vou botar é pra fuder [...]” (QUEBRADA, 2017, s/p).

Ao proceder a análise de conjuntura, deve atentar-se para a análise de uma prática em particular ou práticas sociais. Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001) identificam quatro momentos da prática social: atividade material; relações sociais; fenômenos mentais e discurso apresentados no excerto supracitado.

No terceiro momento, procura-se olhar a função do problema na prática. Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001) explicitam a necessidade de que seja considerado o ‘se’ e o ‘como’ o aspecto problemático do discurso tem uma função particular dentro da prática social. Significa dizer que deve se concentrar em apenas um

aspecto da análise, acima dos obstáculos, para conseguir abordar o problema. Significa também mudar do ‘é’ para ‘deve’, ou seja, passar da fase da explanação da prática que conduz ao problema, para a fase da avaliação da prática, em termos de resultados.

“Que bixistranha, insandecida/ Arrombada, perversa/ Ela tomba, fecha, causa/ Elas são mta lacração/ [...] A minha pele preta, é meu manto de coragem/ Impulsiona o movimento/ Envaidece a viadagem/ Vai desce, desce, desce, desce/ Desce a viadagem!” (QUEBRADA, 2017, s/p).

No quarto momento, procura-se as possíveis maneiras de superar os obstáculos. Deve-se também mudar do ‘é’ para ‘deve’, isto é, se as práticas estiverem problemáticas ou danificadas, o pesquisador tem que procurar transformá-las. O analista crítico do discurso deve, portanto, investigar os efeitos reprodutivos das práticas, como elucidado por Papa (2011). No quinto e último momento, deve-se fazer uma reflexão da análise, isto é, manter-se como um pesquisador reflexivo, tendo em vista ser a pesquisa social uma pesquisa crítica. Nesse sentido, a reflexão deve levar em consideração se o que está sendo realizado é de fato uma pesquisa que visa algum tipo de mudança na prática social.

“Sempre borrarreira com um que de chinderella/ Eu saio de salto alto/ Maquiada na favela/ Mas, se liga maxo/ Presta muita atenção/ Senta e observa a tua destruição/ Que eu sou uma bixa loka preta favelada [...] e ninguém mais vai dar risada/ Se tu for esperto, pode logo perceber/ Que eu já não to pra brincadeira/ Eu vou botar é pra fuder

[..]/ Mas que pena, só agora viu que bela aberração?/ É muito tarde, macho alfa/ Eu não sou pro teu bico/ Não” (QUEBRADA, 2017, s/p).

Antes da finalização do presente trabalho, tenciona-se ressaltar que os estudos das representações sociais e do Realismo Crítico na letra poético-musical de *Bixa Preta* (2017) podem somar esforços aos grupos que intencionam a desconstrução da possibilidade de existência de uma verdade absoluta “e que pode contribuir para o rompimento dos estereótipos voltados à menina negra [Linn da Quebrada], como meio de repensar o presente tendo em vista a construção do futuro” (ALMEIDA, 2015, p. 116), cuja concepção é fruto da revolução científica que dá início, por vezes, ao pensamento crítico-reflexivo, segundo Alaminos e Mattos (2007) e Silva (2014).

### Considerações finais

Neste artigo, sobre pesquisa em andamento, apresentou-se algumas reflexões teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD), ressaltando aspectos do Realismo Crítico (RC) na letra poético-musical da “Bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero” MC Linn da Quebrada, considerados relevantes para analistas críticos do discurso que desejam agir de forma a transformar as estruturas sociais de poder e opressão na atualidade brasileira.

As considerações feitas aqui baseadas em estudos de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001), com base no Realismo Crítico de Bhaskar (1989), permitiram uma reflexão sobre como a letra poético-

musical de *Bixa Preta* (2017) de MC Linn da Quebrada, na identificação do problema do gay efeminado, pobre, negro, nas periferias do Brasil, tendo que superar os obstáculos de aceitação de gênero, de sexualidade e de identidade na formação cultural brasileira.

A função do problema na prática trazida pela “Bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero” Linn da Quebrada não é rotular pessoas, e sim, empoderar e dar visibilidade as *bixas pretas* de que há espaço para todos e todas na sociedade brasileira. A música é um dos veículos de massa para as possíveis maneiras de superar os obstáculos sociais, ideologias e culturais na aceitação da diversidade de gênero, de sexo e de identidades.

As relações de poder, hegemonia e opressão devem ser apenas uma parte da análise realizada pelos pesquisadores sociais críticos. Pois, é preciso não apenas desvelar as estruturas sociais de poder, ideologia, opressão etc., mas, a partir delas, buscar soluções para a sua superação. Contribuindo, significativamente, para a compreensão dos mecanismos sociais de dominação e resistência ou de emancipação e de transformação social, MC Linn da Quebrada é a *bixa preta* que traduz mudança e reflexão no comportamento social dos brasileiros e das brasileiras na busca de uma sociedade caleidoscópico de cores e não monocromática.

## Referências

ALAMINOS, C.; MATTOS, E. A. Teorias das representações sociais e inclusão escolar. In: SILVA, E. R.; UYENO, E. Y.; ABUD, M. J. M. **Cognição, Afetividade e Linguagem**. Taubaté-SP: Cabral, 2007.

- ALMEIDA, D. M. **A Menina Negra Diante Do Espelho**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). POSLIT/UnB. Brasília, 2015. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18852/1/2015\\_Dalva%20Martins%20de%20Almeida.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18852/1/2015_Dalva%20Martins%20de%20Almeida.pdf)> Acesso em: 12 ago. 2017.
- BARROS, S. M. **Realismo crítico e emancipação: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso**. Campinas; Pontes editores, 2015.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BHASKAR, R. **Critical Realism: essential readings**. In: ARCHER, M.; BHASKAR, R.; COLLIER, A.; LAWSON, T.; NORRIE, A. **Centre For Critical Realism**. London: Routledge, 1998.
- BHASKAR, R. **From Science to Emancipation. Alienation and the Actuality of Enlightenment**. Sage Publications. New Delhi/London, 2002.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Editora: Universidade de Brasília, 2001.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp. 2002.
- LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.



MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PAPA, S. M. B. **Análise Crítica do Discurso e Realismo Crítico: Reflexões teórico-metodológicas**. In: **Revista Linguagem**, 16º Ed., UFSCAR, 2011. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao16/art\\_003.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao16/art_003.pdf)> Acesso em: 12 ago. 2017.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics: a critical introduction**, 1, Mahwah, USA: Erlbaum Associates, 2001.

PENNYCOOK, A. **Uma Linguística Aplicada Transgressiva**. Tradução de Luiz Paulo da Moita Lopes. Em: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

QUEBRADA, L.: *Bixa Preta*. S/l, 2017.

QUEBRADA, L.: *Relese*. <<https://www.linndaquebrada.com/>> Acesso: em 12 ago. 2017.

RAMALHO, V. **Análise de Discurso e Realismo Crítico: princípios para uma abordagem crítica explanatória do discurso**. In: **Anais da XII...** Universidade Federal Fluminense, 2009. CD ROM v. XII. Disponível em: <<http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/7T.pdf>> Acesso em: 13 ago. 2017

SAYER, A. **Características-chave do Realismo Crítico na prática: um breve resumo**. Estudos de Sociologia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 6. n. 2. p. 7-32, 2000.

SILVA, E. D. **A-TUA-AÇÃO**: o texto teatral, o corpo e a voz como mediadores na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira (francês). 116f Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada).

PPLGA/LET/UnB. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17176/1/2014\\_EduardoDiasdaSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17176/1/2014_EduardoDiasdaSilva.pdf)> Acesso em: 3 jul. 2017.

SILVA, E. D. Je speak español: Aquisição/aprendizagem de língua estrangeira por alunos do quinto ano do ensino fundamental em um CIL do Distrito Federal. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 54-61, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcens/o/article/view/142>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

# UMA ANÁLISE EM TORNO DA OBSESSÃO PELA BUSCA DA BELEZA PERFEITA, NO CONTO “THE BIRTH-MARK” DE NATHANIEL HAWTHORNE

*Ellen Cristina de Moura Nogueira*<sup>24</sup>

*Manuella Nogueira da Silva*<sup>25</sup>

## Introdução

A psicanálise foi adotada há mais de 100 anos, assim como a própria crítica literária psicanalítica e propõe o estudo do sentido que é expresso por meio das obras literárias, possuindo orientação interpretativa em relação a elas, procurando captar um sentido próprio às intenções que o autor revela em sua escrita. Com a crítica literária psicanalítica percebe-se a essência única de compreensão da obra literária e em seus respectivos temas e peculiaridades que estão inseridos na área da psicanálise. É sob esta perspectiva que este artigo foi elaborado. Nesta acepção, o presente trabalho tem por objetivo analisar a obsessão do personagem Aylmer em busca de uma beleza perfeita, e a maneira que o autor Nathaniel Hawthorne expressa esta obsessão, na construção da imagem psicológica dos personagens Aylmer e Georgiana no conto “The Birth-mark” (1843).

A utilização da crítica literária psicanalítica na análise do conto “The Birth-mark”, possibilita uma compreensão da forma que ocorre a obsessão pela busca de uma beleza

---

<sup>24</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras-Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

<sup>25</sup> Professora na escola EMEB Nossa Senhora Aparecida. Mestre em Estudos Literários-Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

perfeita, bem como, as consequências ocorridas no conflito das personagens e as suas transformações no decorrer do conto.

Na obra “The Birth-mark”, vários pontos da crítica literária psicanalítica são perceptíveis, tais como: a exposição de uma grave neurose obsessiva, sentimentos de medo, o grande poder de persuasão que chega até o convencimento, e à projeção.

Por meio de trechos do conto “The Birth-mark” (1843) de Nathaniel Hawthorne a análise será realizada, com a utilização da crítica literária psicanalítica e juntos poderão comprovar a obsessão e suas consequências para as personagens Aylmer e Georgiana, utilizando-se de autores que versem esta temática, comprovando o que é a neurose obsessiva; como ocorre, e quais consequências que podem ser advindas da obsessão.

A pesquisa realizada é de cunho bibliográfico, feita com base na teoria do estudo da crítica literária psicanalítica e da discussão em torno da Beleza/Belo. Desta forma, buscou-se aporte teórico em autores como Freud (1900 - 1930), Hall (1984) e Bataille (2013) Umberto Eco (2004).

O conto “The Birth-mark” conjectura grande contribuição à literatura norte americana e à crítica literária psicanalítica de modo que possui diversas temáticas a serem trabalhadas e discutidas. Além de possuir uma linguagem simples e ao mesmo tempo poética.

### **O belo, a estética e a beleza.**

O belo é uma forma de se atingir o ideal, que pode ser observado, por meio da percepção, como afirma Mikel Dufrenne (2002): “Assim o belo é a manifestação do “ideal”; o ideal não é abstrato é a idéia presente e

transparente no objeto idealizado; [...]” (DUFRENNE, 2002, p. 44) então o belo nos transmite a intensão de ser algo idealizado pelo ser, estando ele presente em todos os campos de existência, como característica única de uma pessoa, não possuindo certo padrão para existir ou ser inserido no meio social.

De acordo com Hilton Japiassú (2006) o belo possui um conceito normativo fundamental da estética, sendo este aplicado a apreciações que podem gerar emoção ou sentimento estético “Todo belo é o resultado de uma apreciação, de um juízo de gosto subjetivo, isto é, pressupõe que não haja nada para ser conhecido.” (JAPIASSÚ, 2006, p. 28). A apreciação percebida no que é belo pode ocorrer advinda de um estado natural, como as imagens de belas paisagens ou por meio de algo produzido pelo ser, a arte (arquitetura, pintura, música etc.). O belo também seria algo que ao ver do ser humano, agrada a todos, ou seja, possui um caráter universal, e por vezes pode ocorrer por meio da sensibilidade estética.

O termo denominado “estética” é utilizado para indicar o estudo da sensação que pode ser encontrada no belo. Japiassú (2006, p. 94-95) aborda que ““a ciência do belo”, referindo-se à empiria do gosto subjetivo, àquilo que agrada aos sentidos, mas elaborando uma ontologia do belo”. Então se a estética vem a ser a ciência do belo por ser algo que agrada os sentidos, a beleza, acaba fazendo parte e sendo um caráter do belo, podendo ser observada nas pessoas, ou na própria arte por meio da estética. Segundo George Bataille (2013), existe na beleza um desejo, e ele a define:

A beleza é seu sentido. Constitui seu valor. Com efeito, a beleza é, no objeto, o que o designa ao desejo. Em particular, se o desejo,

no objeto, visa menos à resposta imediata (a possibilidade de exceder nossos limites) do que à longa e calma posse. (BATAILLE, 2013, p. 166).

A beleza é advinda de um desejo, e possui seus valores, um efeito que pode causar nas pessoas e que por vezes, quando não visa uma resposta imediata acaba fazendo com que o ser possa exceder seus próprios limites e submeter-se aos encantos do simples ato de desejar tornando isto, uma obsessão. Umberto Eco (2013, p. 24) confere que “a Beleza é um valor primário a ser realizado a qualquer custo (muitos viverão a própria vida como obra de arte);” encontramos essa presença de tal valor e de não se obter limites para se alcançar esse ideal de beleza no conto “The-Birth-mark”.

O conceito de “beleza” surge por meio da existência do belo o que o faz ser mais definido e menos abrangente como estereótipos e padrões pré-estabelecidos por uma determinada sociedade. Pode-se perceber que o belo é algo universal, a estética é a ciência que o estuda e a beleza é algo que transmite a emoção estética, desta forma a busca da perfeição estética se encontra exposta, sendo o ponto central no desenrolar da narrativa, por meio dela, desenvolvem-se os conflitos dos personagens.

A beleza pode ser um bem ideal para se alcançar, mas caso o desejo se torne exagerado, podendo chegar a uma grave obsessão, manter suas características físicas e psicológicas se torna o ideal de beleza a se atingir. Bataille, (2013, p. 166) expressa isso dizendo: “Há na procura da beleza ao mesmo tempo um esforço por atingir, para além de uma ruptura, a continuidade, e um esforço por escapar a ela.” Nesse sentido, a beleza, para muitas pessoas, é sinônimo de perfeição o que nos leva a pensar na existência

de uma beleza atrelada a determinados padrões impostos pela sociedade.

## A crítica psicanalítica

A crítica psicanalítica segundo Adalberto Souza (2003) sofre censura de outras críticas literárias, por ser uma forma de afastamento das Ciências Humanas, pois dentro dos estudos literários ela não é considerada uma forma de análise, no entanto pode funcionar como uma metodologia a estudar os campos do inconsciente humano e outros elementos, isto é, tanto os conflitos tematizados em obras literárias, ou expressos por personagens, quanto à relação da escrita do texto, autor e leitor.

A psicanálise não é uma prática literária. É uma metodologia clínica e terapêutica. Tem, contudo, um relacionamento complexo com as práticas de leitura e de escrita e com os pressupostos que se faz sobre o porquê de as pessoas escreverem e como os textos afetam os leitores. (SOUZA, 2003, p. 185)

Nessa perspectiva, a crítica psicanalítica busca interpretar o sentido que o autor acrescenta em seu texto, com suas características e a essência do mesmo. Souza (2003) trata dos temas de forma que abrangem problemas inseridos na sociedade e que são tratados como algo real na literatura e para o autor “A crítica literária psicanalítica levanta esse problema, toca numa questão que atinge frontalmente os textos literários que abordam temas tais como o racismo, a loucura, a censura, o politicamente correto, a doença, a homossexualidade, a delinquência.” SOUZA (2003, p. 254), ou seja, surgem vários problemas

sociais que acabam por se tornar psicológicos, e podem ser definidos e analisados pela crítica psicanalítica.

Em se tratando de crítica psicanalítica, acredita-se que a psicanálise se refere ao sujeito, e a literatura vem a ser o objeto, com isso a literatura é uma linguagem que pode ser analisada, por meio do relacionamento entre, escritor, obra e leitor, na qual se pode ter uma interpretação do texto tornando necessária a crítica psicanalítica, nesta acepção de tal crítica Souza (2003) aborda:

Nota-se, portanto, que há vários fatores pelos quais a psicanálise associou-se à literatura e esta, por sua vez, apropriou-se das descobertas realizadas pelos psicanalistas. Sobretudo porque a psicanálise, cumpre-se repetir; é uma experiência que se constrói unicamente pela linguagem, sendo esta sua base metodológica. Haja vista a observação dos *atos falhos*, da *livre associação*, por parte do paciente ou do objeto analisado e, por parte do analista, *atenção fluente*, que deve escutar ou observar, sem preconceitos, sem partidarismo, o discurso ouvido ou lido, mas, em seguida, ser muito atento e preciso para formular sua interpretação. (SOUZA, 2003, p. 244)

Além disso, a crítica psicanalítica pode atribuir um sentido de como funciona as vontades do ser. Sigmund Freud (1900/1995a, p. 594-595) aborda que “[...] O reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção.” Compreende-se então o



desejo como precursor da obsessão, pois para se chegar a uma obsessão propriamente dita, inicia-se com um desejo e se finda com a realização dele. É observado no conto “The-Birth-mark”, uma obsessão contida na ideia fixa de Aylmer em dizer que a marca de nascença de sua esposa Georgiana a torna imperfeita.

A importância da crítica literária psicanalítica e seus termos principais como: o narcisismo, o sadismo, o masoquismo, o complexo de Édipo e tantos outros termos que adentram nas obras literárias e podem ser observados por meio de uma simples leitura, encontram-se com referencial principalmente em mitos e obras clássicas, Freud em seus estudos e análises sobre tais termos, utiliza-se de várias obras conhecidas, para determinar o complexo de Édipo, conforme SOUZA (2003): “[...] ele acrescentou o romance de Dostoievski, *Os irmãos Karamazov*, para reforçar sua teoria, além de ampliar suas pesquisas a obras menos canônicas como *Gradiva*, de Jensen.” Temas como a obsessão, também são trabalhados e podem ser encontrados em diversas obras, como o conto “The Birth-mark” a ser analisado.

A obsessão, neurose que acaba sendo encontrada no conto “The Birth-mark” e definida por Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998) como:

Forma fundamental de neurose\* identificada por Sigmund Freud\* em 1894, a neurose obsessiva (ou neurose de coerção) é, ao lado da histeria\*, a segunda grande doença nervosa da classe das neuroses, segundo a doutrina psicanalítica. Tem como origem um conflito psíquico infantil e uma etiologia sexual caracterizada por uma fixação da libido\* no estágio\* anal. No plano clínico, manifesta-se através de ritos conjuratórios

de tipo religioso, sintomas obsessantes e uma ruminação mental permanente, na qual intervêm dúvidas e escrúpulos que inibem o pensamento e a ação. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 538)

A psicologia define que a obsessão propõe ações que podem gerar mudanças na vida do ser. Para tanto, a teoria psicanalítica irá mediar a análise proposta segundo os princípios Freudianos, pois no conto em análise, a obsessão é característica principal para o desenrolar de toda a narrativa, uma vez que o personagem Aylmer sofre de tal neurose tanto em relação a sua vida profissional, quanto a busca por uma beleza perfeita, desta forma desencadeia a ação de retirada da marca de nascença do rosto da sua esposa.

## **Análise**

### **Obsessão pela mudança, Busca de uma beleza perfeita, utilizando a ciência**

A ciência implica em grandes descobertas, e Aylmer era um bom cientista, estava sempre em busca de algo inovador na ciência, de novos métodos, novos estudos, e com isso, acaba percebendo em sua esposa uma grande chance de ser reconhecido e renomado, por meio da transformação estética.

O personagem percebe uma “imperfeição” em sua esposa, uma pequena marca de nascença em formato de mão do lado esquerdo de seu rosto, e a questiona sobre isto, e sobre a imperfeição que a pequena marca lhe causava, o que deixa Georgiana triste, pois para ela e até mesmo para outras pessoas a marca era considerada um

charme. A pequena marca de nascença de Georgiana se torna um grande objeto de obsessão para Aylmer na insistente busca por uma beleza perfeita, pois mesmo sua esposa sendo linda fisicamente e psicologicamente ele não estava totalmente satisfeito com a aparência dela.

"To tell you the truth it has been so often called a charm that I was simple enough to imagine it might be so." "Ah, upon another face perhaps it might," replied her husband; "but never on yours. No, dearest Georgiana, you came so nearly perfect from the hand of Nature that this slightest possible defect, which we hesitate whether to term a defect or a beauty, shocks me, as being the visible mark of earthly imperfection. (HAWTHORNE, 1843, p. 5)<sup>26</sup>

Observa-se neste trecho do conto que, por sua mulher ser muito bonita a marca torna-se uma imperfeição, desta forma, seu rosto deixa de ter uma aparência bela para o marido. Conforme Bataille (2013) a beleza é algo para ser atingido, mas muitas pessoas acabam tendo um enorme esforço para escapar a ela, era o que Georgiana queria, porém para Aylmer cada vez que olhava para sua mulher e a marca alcançava proporções maiores que a própria Georgiana, pois as proporções que aquela minúscula e simples marca de nascença toma na vida do casal faz com que apenas a marca seja vista por Aylmer, deixando sempre

---

<sup>26</sup> - Para dizer a verdade, foi tão frequentemente chamada de um encanto, que eu era simples o suficiente para imaginar que poderia ser assim. "Ah, em outro rosto talvez possa", respondeu seu marido; "Mas nunca no seu... Não, querida Georgiana, você veio tão perto da mão da natureza que o menor defeito possível, que hesitamos em chamar de defeito ou de beleza, me choca como sendo a marca visível da imperfeição terrena. (HAWTHORNE, 1843, p. 5, Tradução nossa)

Georgiana em segundo plano, para ele a marca lhe causava tanto espanto que até mesmo acordar todos os dias e olhar o rosto de sua esposa o incomodava.

Uma vez que Aylmer idealiza a retirada da marca de nascença do rosto de sua esposa Georgiana, enche-a de indagações acerca da mesma, persuadindo sua esposa a fazer a retirada de algo tão horrível que acabava tirando dela a beleza, e a deixando cada dia mais triste, pois as perguntas e insinuações que Aylmer fazia já estavam frequentes, e devido a querer agradar seu marido e também tentar ficar mais bonita para ele, Georgiana acaba sendo influenciada por Aylmer que a convence de que retirar a marca é o certo a se fazer.

Acerca da persuasão a autora Ana Maria Lé Sénéchal-Machado (MACHADO 1997, p. 28 *apud* PASCAL, 1658, p.184-185) aborda que: “A arte de persuadir tem uma relação necessária com a maneira pela qual os homens consentem naquilo que lhes é proposto e com as condições da coisa que se quer fazer crer. A maneira mais natural é a do entendimento [...]”, para obter seus objetivos Aylmer faz a utilização da persuasão e finda convencendo sua esposa de que a retirada poderia fazê-la alcançar a plenitude em uma beleza jamais vista anteriormente uma beleza perfeita.

Nesta perspectiva, Eco (2004) trata que a beleza é algo para se realizar a qualquer custo de toda e qualquer forma, então Aylmer se utiliza da fragilidade da esposa em querer agradá-lo e poder obter uma vida feliz ao lado do marido, pois agradando-o ela poderia obter mais atenção, e ser ainda mais amada e percebida por ele. Tal momento caracteriza sua obsessão pela retirada e mostra que o personagem não vê limites para obter o que almeja.

Ela percebe que o interesse de Aylmer era pela marca de nascença, primeiro para tornar-se um reconhecido cientista, utilizando a própria mulher para alcançar o tão almejado sucesso profissional. Nesse sentido, Aylmer impedia a si mesmo de enxergar que possuía ao seu lado uma mulher com uma beleza única, tal motivo, o impedia de obter a real felicidade, pois para ele a felicidade só poderia ser alcançada por meio da beleza perfeita, beleza esta que seria modificada por ele de acordo com todo o conhecimento científico que possuía para que chegasse a ser alguém importante e reconhecido por todos. Tal análise se aparenta ao que Freud aborda na questão da felicidade como motivo predominante na busca da fruição da beleza, segundo ele:

(...) podemos passar à consideração do interessante caso em que a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento – a beleza das formas e dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. (...) A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuamente intoxicante. (FREUD, 1930/1995b, p. 90).

Georgiana em sua simplicidade era feliz, e via beleza na forma natural de sua marca, mas com a fala insistente de seu marido, em relação à pequena imperfeição que a marca transfigurava em sua face, Georgiana começa a crer que a ideia construída por ele em relação ao sinal de nascença, é

a mais correta. Assim, a visão que possuía anteriormente de sua própria beleza é aniquilada, sendo substituída pela ideia que o marido construiu.

Para Alymer com aquela marca terrível sua esposa não poderia fazê-lo feliz, pois ele não conseguia olhar para ela e admirá-la sem que a imagem da imperfeição viesse à tona e o afastasse de Georgiana. O que nos remete ao que foi discutido no aporte teórico, a beleza faz com que as pessoas se sintam bem, como afirma Bataille (2013) a beleza vem por meio de uma vontade, um desejo, ou seja, a beleza necessita acima de tudo de uma vontade de ser, de uma vontade de mudar, ou até mesmo de uma vontade de permanecer. O desejo é o que irá influenciar como se seguirá, ou mesmo como se alcançará a felicidade que tantos procuram para se chegar à beleza de formas, gestos, coisas, e pessoas, os questionamentos em volta da palavra “beleza” surgem advindos de uma particularidade do ser, que poderá enxergar a beleza em si mesmo.

Devido sempre questionar sua esposa, Aylmer inicia um processo de obsessão em torno da marca e seu formato de uma minúscula mão, chegando até a sonhar com ela, tal sonho demonstra o quanto a ideia é fixa pela marca, sendo este o motivo de imperfeição na aparência da esposa, e que já havia tomado grandes proporções na vida do personagem.

Nesse sentido, o sonho apresenta-se como forma de análise no conto, já que dentro da psicanálise o sonho é uma forma de interpretar os motivos que perturbam o ser, sendo detectadas no conto, as noções de deslocamento e elaboração secundária. Na obra “The Birth-mark” a interpretação do sonho se dá primeiro por meio do deslocamento, que para Souza (2003, p. 245) “O deslocamento é realizado quando uma representação

aparentemente insignificante fica investida de uma intensidade visual e de uma carga afetiva que incomoda, chama a atenção. Através da análise dessa insignificância que se sobressai, pode-se, então, descobrir desejos inconscientes”, desta forma, percebe-se que o personagem cria os sonhos em torno da marca de nascença de sua esposa, que o incomoda. Como foi dito anteriormente, no início do conto, Georgiana era uma mulher perfeita para seu marido e após este sonho ele busca resgatar a perfeição que via em sua esposa.

Em seguida, se observa também no sonho de Aylmer as características da elaboração secundária, pois segundo Souza (2003, p. 245) a “[...] *elaboração secundária* ocorre com a intervenção do subconsciente quando a narrativa do sonho é elaborada pelo paciente.” é o que ocorre na narrativa, há a presença do conteúdo manifesto no inconsciente, pois tudo que Aylmer pensava enquanto estava acordado era na marca de nascença, e em como ela tornava sua esposa imperfeita, então enquanto dorme seu inconsciente acaba manifestando a ideia que ele possuía enquanto estava acordado, e tentando assim solucionar seu problema por meio de um sonho que traria a ele a resolução de todos os seus problemas e o tão sonhado reconhecimento profissional.

Nesta acepção, constrói-se uma ideia fixa na mente do personagem, que se transforma em uma neurose. Em um desses sonhos Aylmer atordoado com a ideia perturbadora do sinal de nascença, reproduz a relação do seu trabalho científico a ela, ou seja, reflete o quão vantajosa seria a possibilidade de retirada da marca, pois alcançaria uma grande descoberta científica, e obteria reconhecimento, ao alcançar via ciência a beleza perfeita

em Georgiana, assim, novamente é demonstrado no conto, a mente obsessiva de Aylmer.

Aylmer now remembered his dream. He had fancied himself with his servant Aminadab, attempting an operation for the removal of the birthmark; but the deeper went the knife, the deeper sank the hand, until at length its tiny grasp appeared to have caught hold of Georgiana's heart; whence, however, her husband was inexorably resolved to cut or wrench it away. (HAWTHORNE, 1843, p. 7)<sup>27</sup>

Nota-se neste fragmento que no sonho o personagem Aylmer em sua neurose, imagina o procedimento ocorrendo de forma real, a ponto de ele quase chegar a arrancar o coração da esposa, a marca está tão profunda que em sua retirada ele acaba perfurando o frágil coração de Georgiana, ao acordar Aylmer reflete que após a retirada da marca de nascença, ele se livraria do perturbador sinal de nascença e teria ao seu lado a mulher mais bonita e perfeita de todas, isso, além de ser o responsável por um enorme avanço no campo da ciência, pois seria realizada por ele a descoberta de um antídoto que suprisse os desejos de beleza e estética das pessoas.

No fragmento acima, pode-se também perceber a forte presença da marca na vida conjugal do casal e o quanto Aylmer odiava o sinal de Georgiana, pois o

---

<sup>27</sup> Aylmer agora se lembrou de seu sonho. Ele se imaginou com seu servo Aminadab, tentando uma operação para a remoção da marca de nascença; Mas quanto mais fundo a faca entrou, mais fundo afundou a mão, até que sua minúscula garganta parecia ter apanhado o coração de Georgiana; De onde, no entanto, seu marido estava resolvido de forma irredutível a cortá-lo ou arrancá-lo. (HAWTHORNE, 1843, p. 7, Tradução nossa).



personagem realiza um processo de projeção. Ana Lucia Barreto da Fonsêca (2008) expressa que a projeção, é um mecanismo que consiste em procurar a origem do desprazer e este pode ser transferido a outras pessoas, a autora aborda que:

Para Freud (1915-1926/1985) o mecanismo projetivo consiste em procurar no exterior a origem de um desprazer, defendendo o sujeito daqueles sentimentos, desejos, que não suportaria percebê-los como próprios. [...] a projeção se origina na pulsão – excitação geradora de tensão, geralmente proveniente da sexualidade. Esta excitação é dividida em pulsão de vida – produtora de energia vital e mantedora do sujeito em funcionamento – e a pulsão de morte – produtora de processos destrutivos. (FREUD *apud* FONSÊCA, 2008, p. 03 -04)

Tal processo ocorre com Aylmer, pois ele transfere a sua obsessão em relação ao trabalho para a marca de nascença presente no rosto de sua esposa, de forma a produzir processos destrutivos à mulher em função da obsessão na busca de uma beleza perfeita, logo, gera-se uma tensão ao personagem, quando ocorre a projeção.

Junto a esse processo projetor, manifesta-se também ao longo do texto um poder de convencimento presente na personalidade de Aylmer, como se pode evidenciar no seguinte fragmento: “As he led her over the threshold of the laboratory, Georgiana was cold and tremulous.” (HAWTHORNE, 1843, p. 9)<sup>28</sup> percebe-se o poder de persuasão que Aylmer tem sobre a esposa, mas acima de

---

<sup>28</sup> Enquanto ele a conduzia pelo limiar do laboratório, Georgiana estava fria e trêmula. (HAWTHORNE, 1843, p. 9, Tradução nossa).

tudo o desconforto dela com os procedimentos que se seguiriam para a retirada da marca. Observa-se que ela sabia o quão feliz o marido ficaria em poder relacionar seus dois amores ao mesmo tempo. Então se inicia um processo de experiência científica, na qual Aylmer faz uso de seus conhecimentos para ter a mulher mais bela e em sua mente, a mais perfeita do mundo. Percebe-se que Aylmer demonstra um interesse pessoal, relacionado ao seu próprio bem comum no processo de convencimento da retirada da marca objetivando a perfeição. Neste aspecto de análise, Hall (1984, p. 124) afirma que:

[...] O homem é motivado por um interesse social inato, que o faz subordinar o interesse pessoal ao bem-estar comum. A imagem do homem perfeito, vivendo em uma sociedade perfeita, apagou a figura do homem forte e agressivo, que domina e explora a sociedade. O interesse pessoal substitui o interesse próprio. (HALL, 1984, p. 124)

Desta forma, Aylmer almeja ter muito sucesso em seu procedimento, pois além de tudo também seria o cientista mais renomado e conhecido, chegando a ter uma melhor ascensão social e prestígio em meio a tantos outros cientistas da época, de forma que seu interesse era ser um homem completo, por meio de seus avanços e seus métodos científicos. Neste prisma, Aylmer não busca obter uma beleza perfeita para beneficiar sua esposa, ou para ajudá-la, ao contrário, parte de um interesse comum, para um interesse próprio, pois em prol do seu próprio ego, por meio de Georgiana, alcançaria uma beleza insuperável, tendo-a também somente para ele, além de ser fruto de seu trabalho e experimentos.

A experiência inicialmente o deixa satisfeito, e Georgiana convencida por Aylmer a se submeter a todo e qualquer tratamento imposto, confia no talento de seu esposo, e sabe o quanto seria importante para ele obter sucesso. Porém, ao mesmo tempo em que Georgiana diz confiar no marido, e Aylmer demonstrar segurança em seu próprio potencial científico, é notável ainda sim a presença do medo no casal. Em Aylmer por saber das consequências de uma experiência errada, podendo chegar até a morte da esposa. Acerca do medo, Hall (1984, p. 35) aborda que: “Para enfrentar as ameaças externas de sofrimento e destruição, o indivíduo apresenta reação de medo. A pessoa ameaçada fica, em geral, medrosa. Sobrecarregado com o excesso de estimulação, que não pode controlar, o ego sente-se tomado de angústia”. Já Georgiana por sua consciência de conhecer os riscos e perigos que poderia sofrer pela a obsessão do marido em chegar a uma beleza perfeita, torna-se medrosa, a preocupação e o medo de ambos podem ser observados nos seguintes trechos:

When the dream had shaped itself perfectly in his memory, Aylmer sat in his wife's presence with a guilty feeling. Truth often finds its way to the mind close muffled in robes of sleep, and then speaks with uncompromising directness of matters in regard to which we practise an unconscious self-deception during our waking moments. Until now he had not been aware of the tyrannizing influence acquired by one idea over his mind, and of the lengths which he might find in his heart to go for the sake of giving himself peace.

"Aylmer," resumed Georgiana, solemnly, "I know not what may be the cost to both of us to rid me of this fatal birthmark. Perhaps

its removal may cause cureless deformity; or it may be the stain goes as deep as life itself. Again: do we know that there is a possibility, on any terms, of unclasping the firm gripe of this little hand which was laid upon me before I came into the world?" (HAWTHORNE. 1843, p. 8)<sup>29</sup>

Ao desenrolar da narrativa, observa-se que Georgiana entrega-se à experiência, e que Aylmer e Aminadab – assistente de Aylmer em suas experiências – buscam maneiras e possibilidades de fazer a retirada da marca sem prejudicar o rosto ou até mesmo o corpo de Georgiana, pois Aylmer não buscava menos que a perfeição, então não poderia de maneira alguma prejudicar o sucesso que alcançaria com sua experiência bem-sucedida.

## Consequências desastrosas da obsessão

Ao se submeter às vontades de seu marido em busca da beleza perfeita Georgiana deixa para trás suas convicções, seus desejos e sua identidade, possuindo assim um sentimento de inferioridade. Em relação a tais

---

<sup>29</sup>Quando o sonho se moldou perfeitamente em sua memória, Aylmer sentou-se na presença de sua esposa com um sentimento de culpa. A verdade geralmente encontra o caminho para a mente fechada, abafada em roupões de sono, e depois fala com uma franqueza intransigente de assuntos em relação aos quais praticamos uma auto-decepção inconsciente durante nossos momentos de vigília. Até agora, ele não tinha tido conhecimento da influência tiranista adquirida por uma idéia sobre sua mente, e dos cumprimentos que ele poderia achar em seu coração para se dar a paz.

- "Aylmer?", retomou Georgiana, solenemente: "Não sei o que pode ser o custo de ambos para livrar-me desta marca de nascença fatal. Talvez a remoção possa causar deformidade sem cura, ou a mancha pode ser tão profunda quanto a própria vida. Mais uma vez: sabemos que existe uma possibilidade, em quaisquer termos, de soltar a firme queixa dessa pequena mão que me foi colocada antes de entrar no mundo?. (HAWTHORNE, 1843, p. 8, Tradução nossa).

sentimentos, Hall (1984, p. 122) afirma que “[...] os sentimentos de inferioridade decorrem de um senso de imperfeição em alguma esfera da vida.”. Dessa forma o sentimento de inferioridade que Georgiana passa a ter é atrelado a sua marca de nascença, mas a marca era o que formava a sua identidade, o mundo ao qual ela pertencia, e o que a diferenciava dos demais tornando-a única.

"Where am I? Ah, I remember," said Georgiana, faintly; and she placed her hand over her cheek to hide the terrible mark from her husband's eyes.

"Fear not, dearest!" exclaimed he. "Do not shrink from me! Believe me, Georgiana, I even rejoice in this single imperfection, since it will be such a rapture to remove it."

"Oh, spare me!" sadly replied his wife. "Pray do not look at it again. I never can forget that convulsive shudder." (HAWTHORNE, 1843, p. 11)<sup>30</sup>

Georgiana resolve entregar sua vida para tornar-se uma mera experiência de laboratório, sendo possível perceber no trecho acima a perda da identidade da personagem, o que permite caracterizá-la como uma pessoa psicologicamente fraca, uma vez que ela se transforma em um simples objeto de trabalho de seu marido, dessa maneira, Georgiana perde sua identidade

---

<sup>30</sup>"Onde estou? Ah, eu me lembro", disse Georgiana, fracamente; E ela colocou a mão sobre a bochecha para esconder a marca terrível dos olhos do marido.

"Não temas, querida!" Exclamou ele. "Não se esquive! Acredite em mim, Georgiana, até nesta única imperfeição eu me alegro, será um prazer removê-la".

"Oh, poupe-me!" Tristemente respondeu sua esposa. "Ore, não olhe novamente. Eu nunca poderei esquecer esse tremor convulsivo". (HAWTHORNE, 1843, p. 11, Tradução nossa).

pessoal e física, pois um pedaço de si seria retirado, razão essa que a distância de sua identidade psicológica, a medida que aceita ser um objeto de experimento.

Conforme aborda Hall (1984, p. 122) “[...] a luta pela superioridade pode manifestar-se de muitas formas, e que cada pessoa possui seu modo de alcançar a perfeição. O neurótico, por exemplo, luta pela auto-estima, pelo poder e pelo auto-engrandecimento, em outras palavras, por objetivos egoístas” e Aylmer buscava por isso, por poder, por sucesso profissional, e ademais desejava ter a mulher mais bonita e perfeita. Para Aylmer realizar seus objetivos profissionais por meio da retirada de uma simples marca de nascença seria apenas o primeiro passo de suas convicções e planos pessoais e profissionais.

Georgiana não era mais vista por seu marido por sua beleza e sim apenas pela “imperfeição” da marca de nascença, tornando-se um monstro na concepção de Aylmer. Devido a obsessão dele, Georgiana perde sua própria identidade, perdendo a opinião própria, transformando-se em uma simples experiência de laboratório, para obter a denominada beleza perfeita: inalcançável, e inatingível, pois tais propósitos chegam apenas findando na destruição de si mesma e culminando em sua trágica morte.

Alas! it was too true! The fatal hand had grappled with the mystery of life, and was the bond by which an angelic spirit kept itself in union with a mortal frame. As the last crimson tint of the birthmark—that sole token of human imperfection—faded from her cheek, the parting breath of the now perfect woman passed into the atmosphere, and her soul, lingering a moment near her husband, took its heavenward flight. [...]

Yet, had Alymer reached a profounder wisdom, he need not thus have flung away the happiness which would have woven his mortal life of the selfsame texture with the celestial. [...] (HAWTHORNE, 1843, p. 19)<sup>31</sup>

Percebe-se na escrita da trágica morte de Georgiana, um eu poético, que faz com que a morte da personagem seja descrita de forma sobrenatural e delicada, mostrando que ao se chegar à perfeição almejada, que seria a retirada da marca de nascença, Aylmer perde parte de si, pois a total perfeição não pode ser obtida por meros procedimentos cirúrgicos, e experimentos de laboratórios, mas sim pela aceitação pessoal, esta é a verdadeira perfeição a ser alcançada.

### Considerações finais

Pode-se afirmar que a obsessão pela busca de uma beleza perfeita, acarreta aos personagens diversas consequências, percebidas ao decorrer da leitura. A busca por uma perfeição torna as pessoas mutáveis, sendo que as consequências advindas destas mudanças não podem ser alteradas, a partir da análise do conto percebe-se que a morte da personagem Georgiana é o símbolo do desastre obsessivo, uma neurose obsessiva, uma vez que a perfeição

---

<sup>31</sup>Infelizmente! Era muito verdadeiro! A mão fatal tinha lutado com o mistério da vida, e era o vínculo pelo qual um espírito angélico se mantinha em união com um quadro mortal. Como o último tom carmesim da marca de nascença - esse único símbolo de imperfeição humana - desapareceu de sua bochecha, o sopro de despedida da mulher agora perfeita passou para a atmosfera, e sua alma, querendo persistir na presença de seu marido, subiu para o céu. Então uma risada rouca e arrependida foi ouvida novamente! [...]No entanto, se Alymer tivesse alcançado uma sabedoria mais aprofundada, ele não precisaria, ter lançado a alegria que tecia sua vida mortal para uma vida celestial. [...]. (HAWTHORNE, 1843, p. 19, Tradução nossa).

não pode ser manipulada, pois ela não existe, ela só existe se o indivíduo sente-se bem consigo mesmo e é capaz de se aceitar a aparência que possui, mas Aylmer querendo mostrar-se eficiente e almejando que na aspiração por um reconhecimento profissional põe em risco a vida da própria esposa, acarretando em consequências desastrosas na experiência química, que vão desde a perda da identidade psicológica da personagem até a sua própria morte.

A beleza deve ser expressa por meio do individual, o que cada pessoa enxerga no outro e em si mesmo, o único que pode decidir ou optar por mudar é o próprio indivíduo, sabe-se que algumas mudanças estão atreladas a uma vida saudável e são necessárias, mas os exageros acabam sendo cometido em muitos casos. Deve-se ter a consciência que a nossa volta existem diversos e variados tipos de belezas. Salienta-se ainda que as pessoas possuem características únicas, uma essência que as diferencia dos demais.

A análise por meio da crítica literária psicanalítica permitiu observar a construção dos personagens e de suas convicções, seus desejos e vontades, demonstrando especificamente que o personagem Aylmer, diferente de Georgiana, não perde suas características individuais, pois inicia e finda o conto buscando obter sucesso, e prestígio profissional, desejando sempre a perfeição em sua esposa e não mede esforços para alcançar seus objetivos, adquirindo assim uma neurose obsessiva, desencadeado pela ideia fixa em tornar sua esposa uma mulher provida da beleza mais perfeita.

O conto expressa o valor da vida, o valor da simplicidade de uma marca de nascença, pois quando Aylmer e Georgiana chegam ao objetivo almejado, atingindo a esperada beleza perfeita Georgiana perde o



fôlego de vida e ainda que Aylmer pretendesse ser feliz não poderia, pois para ele a perfeição era mais importante que tudo, sendo mais importante que o amor por sua própria esposa. Desta forma, a perfeição que ele buscava na esposa com a retirada da marca, só a tornaria alguém comum sem singulares, com a retirada da marca ele estava apenas tirando a identidade da esposa e a tornando um experimento científico. Georgiana é um exemplo de que a felicidade está sim atrelada a beleza, porém está atada à beleza interior, à beleza da simplicidade humana, e à perfeição encontrada no coração de cada um, junto à aceitação de suas características particulares.

### Referências

- BATAILLE, Georges. **A Beleza In: O Erotismo**; tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 164 - 171
- DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. Ed. 3. São Paulo: Perspectiva, 2002
- ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FREUD, Sigmund. (1995a). **A Interpretação dos sonhos** (Edição Standard 142 Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- \_\_\_\_\_. (1995b). **O Mal estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- FÔNSECA, Ana Lucia Barreto da; MARIANO, Maria do Socorro Sales. **Desvendando o mecanismo da projeção**. v. 1. 2008.

- HALL, Calvin Springer. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: EPU, 1984.
- HAWTHORNE, Nathaniel. **The Birth-Mark**. Feedbooks, 1843
- JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. 4º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MACHADO, Ana Maria Lé Sénéchal. **Psicologia, ciência e profissão**. 1997.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: RIBEIRO, Vera; MAGALHÃES, Lucy – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SOUZA, Adalberto de Oliveira. **Crítica Psicanalítica**. In: BONICCI, Thomas; ZOLLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003. p. 185-196.

## AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *LUCÍOLA*, DE JOSÉ DE ALENCAR: *AS ASAS DE UM ANJO*<sup>32</sup>

*Francisco Jeimes de Oliveira Paiva*<sup>33</sup>

*Eduardo Dias da Silva*<sup>34</sup>

### Introdução

Neste capítulo, objetivamos analisar as representações sociais na estética alencariana de construção das personagens femininas em *Lucíola* (2012), demarcando os aspectos literários referentes aos movimentos literários Romantismo e Realismo na construção da representação da mulher oitocentista a partir da dualidade entre as personagens; a cortesã Lúcia/Lucíola e a angelical Maria da Glória. Neste romance, pode-se apreender que a

---

<sup>32</sup> Alusão a uma peça que segundo Moraes (2012), em 1858, José de Alencar escreveu *As asas de um anjo* que correspondeu a uma espécie de um “prelúdio de *Lucíola*”, visto que a protagonista Carolina era uma cortesã assim como Lúcia e José de Alencar tencionava incluir em seus textos representações do feminino que já era comum na tradição europeia, e cujo público estava acostumado a encontrar tais personagens.

<sup>33</sup> Mestre em História e Letras - Universidade Estadual do Ceará-FECLESC/UECE. Professor de Língua Portuguesa/Literaturas da Secretaria de Educação Básica do Estadual do Ceará (SEDUC/CE). Pesquisador no Grupo de Estudo Práticas de Letramento, Gêneros Textuais, Tecnologias e Formação Tecnológica do Professor (PRAGENTEFORTE) e no Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos (GPADC/CNPq/UECE). E-mail: [jeimespaivaece@yahoo.com](mailto:jeimespaivaece@yahoo.com)

<sup>34</sup> Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada-Universidade de Brasília-UnB. Pesquisador nos Grupos CNPq FORPROLL (Formação de Professores de Língua e Literatura) e GIEL (Grupo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem). Professor e Pedagogo na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). E-mail: [edu\\_france2004@yahoo.fr](mailto:edu_france2004@yahoo.fr)

construção da personagem Lucíola sintetiza à questão de uma sociedade que transforma amor, casamento e relações humanas em mercadoria. O assunto do romance, a prostituição, mostra-nos a degradação a que o dinheiro pode conduzir o ser humano. Teremos como base nessa pesquisa os estudos de Lacan (1993; 1998), Leite (1979), Longo (2006), Moraes (2012), Pommier (1987), Proença (1966), Ribeiro (1996), Paiva e Silva (2018), dentre outros(as) autores(as).

A obra de Alencar, *Lucíola* (2012 [1862]) demarca os aspectos literários referentes ao Romantismo e ao Realismo, embora o desfecho seja romântico traz na construção das personagens femininas, sobretudo de Lúcia características pré-realistas. Sabemos que o movimento romântico marcou não apenas a transformação estética e poética, mas também representou um histórico processo de construção social, no qual estão inclusas a Revolução Industrial, ao longo do século XVIII, e a Revolução Francesa, em 1789. Tais eventos históricos ofereceram o crescimento da burguesia e a consolidação política do liberalismo econômico. No que se refere à estética, como elucidado por Ribeiro (2008), este movimento irrompeu com a tradição neoclássica setecentista e com as ideias racionalistas dos iluministas.

Nesta obra de Alencar (2012), a noção de beleza romântica está personificada em Lucíola, com sua virgindade de alma tão pura e absoluta, que não lhe tiraram os pecados do corpo. Por isso, mesmo nas horas em que mais lhe espelnde a glória de cortesã, o romancista a veste simbolicamente de branco. De símbolos, aliás, estão cheios os seus romances, e nem sempre Alencar se lembra de colocá-las junto à chave desveladora, que chega a parecer que nem ele mesmo percebeu a realidade sob a

imagem. A virgindade é um talismã. Todavia, “[...] as virgens, inclusive viúvas e esposas virgens, concedem entrevistas noturnas aos que as amam e aqueles a quem amam, sem medo e sem risco [...]” (PROENÇA, 1966, p. 89).

Alencar (2012), neste romance urbano, retrata os costumes e os preconceitos da sociedade na Corte, Rio de Janeiro. Ressalta-se o lado negativo dessa sociedade viciosa, subjugada ao poder, ao *status* e ao dinheiro. Um pequeno universo de futilidades e mundanismos nas vias públicas, nos teatros, nos salões e nas festas. Revelação do passado se dá apenas ao final do romance.

### ***Lucíola* sob o olhar da crítica literária e da teoria das representações sociais**

Sob a égide da crítica literária encontramos argumentos que denotam a caracterização da personagem Lúcia ao longo do romance: “Por mais cortesã que fosse, havia nela um lado cristão e puro. E, ao final e antes que comece a narrativa, transforma-se em musa cristã, vestida de virtude, onde não faltam sequer os símbolos do pudor [...]” (RIBEIRO, 1996, p. 88). Por isso, mesmo nas horas em que mais lhe espelnde a glória de cortesã, o romancista a veste simbolicamente de branco.

As representações sociais da personagem Maria da Glória (anjo, moça bela, recatada e virginal), sob a ótica da Psicologia Social<sup>35</sup>, remetem a construção de alguém que

---

<sup>35</sup> Na década de 1960, com a publicação da obra de Moscovici *La psychanalyse, son image et son public*, iniciava-se um novo movimento teórico em psicologia social - o estudo das representações sociais. Este movimento teórico foi-se estruturando e, trinta anos depois, adquiriu a consistência necessária para ser hoje um dos referentes importantes no

vivenciou uma série de experiências que impactaram nas atitudes e na personalidade de Lucíola, mesmo considerando os aspectos da ficção, sabemos que o contexto histórico em que a obra de Alencar é espaço-temporal situada, fazendo-nos a perceber que em uma sociedade patriarcal carioca do XIX, a centralidade é dada ao homem, aos amores impossíveis, as situações folhetinescas, ao instinto de nacionalidade que perfumava as ruas por onde os(as) personagens andavam, além da punição para aqueles(as) que estavam fora do padrão moral determinado pela sociedade da época (CAMPOS, 2016).

No que se refere às representações sociais, Moscovici (2007), na perspectiva da Psicologia Social, demonstrou que as representações não procedem de uma única sociedade, ultrapassando-a, como insistiu Durkheim, mas das várias sociedades que existem no interior da sociedade maior, e, assim, não podem ultrapassá-la. Dessa forma, Moscovici (2007) no capítulo inicial de *Representações sociais: investigações em psicologia social*, tem-se que

**as representações sociais são entidades quase tangíveis.** Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, **através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano.** Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à **substância simbólica** que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática

---

conjunto das orientações teóricas em psicologia social, de acordo com Vala (1993).

específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (MOSCOVICI, 2007, p. 10, grifos nossos).

Considerando a *performance* na construção estética romântica, em Alencar (2012), no que se refere à Lúcia (ela mesma), Lucíola (persona erotizada de Maria da Glória) e Maria da Glória (moça recatada e idealizada), vislumbramos que

[o] distanciamento do urbano também não aparece de maneira gratuita ou como mero recurso de deslocamento narrativo. Tal fato implica na purificação da personagem, trazendo-a mais próxima do ‘sublime’. Mais perto da natureza, Lúcia tem a chance de apreciar a criação divina e distanciar-se dos valores materialistas da vida urbana em profusão (CAMPOS, 2016, s/p.).

Ou seja, “Lúcia, como parte do mercado do prazer, é uma mercadoria cotada socialmente. Ao sair deste mercado, parece perder o seu ‘valor’. O romance também nos oferece também uma fatia da sociedade “certinha” e hipócrita da época” (CAMPOS, 2016, s/p). Isso nos faz compreender que são as representações sociais oriundas das práticas sociais das personagens femininas, uma vez que são, de certa forma marginalizadas por suas escolhas e/ou temeridades sociais diante de uma sociedade altamente preconceituosa, machista e patriarcal.

Em suma, entendemos que estas representações sociais são, de fato, formadas por um “[...] conjunto de elementos [...] organizados e estruturados. A análise de uma representação e o entendimento de sua operação

precisam, portanto, uma identificação dupla é obrigatória: a de seu conteúdo e de sua estrutura”. Em outras palavras, “[...] os elementos [que constituem] uma representação, são hierárquicos, atribuem um peso e mantêm entre eles relações que determinam o significado e o lugar que eles ocupam no sistema representacional”. (ABRIC, 2001, p. 18, tradução e acréscimos nossos)<sup>36</sup>.

Alencar (2012) preocupa-se firmemente em manter os padrões morais da época, reforçando-os, mas tenta denunciar a falsa moral vigente. Explicando melhor: ele não defende a sociedade de seu tempo como ela se apresenta, e sim defende a sociedade como ela poderia e deveria ser. Ribeiro (2014) afirma que “[o]s ideais românticos são, então, endossados no desfecho de ‘Lucíola’.” Ou seja, “[o]s erros do passado são punidos com a morte da personagem feminina, pois jamais seria permitido a Lúcia e Paulo viverem felizes dentro de uma sociedade de padrões rígidos sobre o casamento e a virgindade” (RIBEIRO, 2014, p. 16, acréscimos nossos).

Sendo assim, Alencar (2012) utiliza a metáfora das borboletas, que parece contradizer tal necessidade, o instinto da castidade as levaria a evitar as flores venenosas. E é exatamente para elas que ele escreve e volta suas atenções, tentando mostrar-lhes a que leva a uma conduta, como a de Lúcia, que se afasta dos padrões da moralidade aceita da época:

---

<sup>36</sup> No original: “[...] conjunto de elementos es organizado y estructurado. El análisis de una representación y la comprensión de su funcionamiento necesitan así obligatoriamente una doble identificación: la de su contenido y la de su estructura. Es decir, los elementos constitutivos de una representación son jerarquizados, asignados de una ponderación y mantienen entre ellos relaciones que determinan la significación, y el lugar que ocupan en el sistema representacional”.



A minha história é imoral; portanto não admite reticências; mas tenho um desvanecimento, pouco modesto, confesso. Caso a senhora cometesse a indiscrição de ler estas páginas a alguma menina inocente, talvez chegasse ao fim sem uma única pergunta. A borboleta esvoaça sem pousar entre as flores venenosas, por mais brilhantes que sejam; e procura o pólen no cálice da violeta e de outras plantas humildes e rasteiras. O espírito da moça é a borboleta; o seu instinto a castidade (ALENCAR, 2012, p. 24).

José de Alencar (2012) escreveu sobre um tema escabroso, tentando santificar um assunto que nada tem de santo. A personagem central se compõe de dois nomes: Lúcia e Maria da Glória. Lúcia é a cortesã e Maria da Glória, a moça recatada e pura. Paulo - narrador – vê sempre com os olhos do coração, o anjo de pureza que nela habita, apesar de tudo. Lúcia é para ele “[...] um desses rostos suaves, puros e diáfanos [...] laivos de tão ingênua castidade [...]” (ALENCAR, 2012, p. 05). Nesse sentido, Ribeiro (1996) afirma que:

Alencar descreve a sociedade, a corrupção, os costumes da burguesia e a alta sociedade da época em suas obras. Os romances sempre giram em torno das diferenças econômicas, da situação familiar e social da mulher diante do casamento, geralmente imposto pelos pais. As heroínas de Alencar contestam e vão contra a estrutura patriarcal, não aceitando o casamento por conveniência ao defenderem o direito ao amor e à liberdade, sendo que tudo acaba bem em suas narrativas. Os romances de José de Alencar transformam as condutas de

caráter e, na maioria das histórias, as diferenças sociais vencem as barreiras entre classes (RIBEIRO, 1996, p. 165).

Segundo Ribeiro (1996, p. 102), “Lúcia não pode amar e está apaixonada, não pode ser mãe e está grávida, tem o corpo impuro e carrega a pureza de um novo corpo [...]”. Até porque a estrutura social da época estava fundamentada em valores e normativas de civilidade idealizados de uma família ideal em que a mulher assumia as funções matrimoniais, domésticas e materna nesse processo de relações sociais, enquanto o homem era o provedor do lar e condutor dos anseios da família.

Ou seja, “a mulher que se desvirtua dos estereótipos, fazia-o pela própria natureza sentimentalista, frágil, emotiva e modesta” (SILVA, 2014, p. 09). Além de que “essas características também serviam para excluí-la da esfera pública da sociedade, concebendo-se que ela seria incapaz de assumir um posicionamento, de tomar atitudes e decisões” (SILVA, 2014, p. 09).

Em uma leitura historiográfica desse contexto do XIX, é preciso compreender que para a igreja, o casamento visa(va) uma família produtiva. Se não pode haver filhos, o matrimônio perde sua função ética e social. Na ficção, em Alencar (2012), não existem mulheres e sim imagens delas, mulheres idealizadas.

As heroínas de Alencar se encontram em um plano de idealização. Não se trata aqui, de mulheres reais, cheias de imperfeições e de vida. Mas sim de arquétipos que apontam toda sua carga significativa para a estabilidade da família e a consolidação da identidade da Pátria. Na pesquisa de Moraes (2012) temos uma ideia de como a mulher oitocentista fluminense era vista como

[...] disposta à transgressão, à desordem, ao demônio. A menor enfermidade, qualquer crise, qualquer tipo de comportamento tido como incomum para os padrões da época, quando diagnosticados na mulher, eram considerados sinais de possessão demoníaca, ou manifestações de uma força divina que buscava expurgar a essência diabólica supostamente presente na mulher (MORAES, 2012, p. 18).

Nessa perspectiva a narrativa em *Lucíola* (2012), na escrita alencariana, nos traz esses elementos reportados a construção do comportamento e das relações sociais orquestradas nessa época, quando a personagem Lúcia/Lucíola dialoga com sua própria consciência, dizendo: “– Como trata-se de nomes, eu também proponho uma mudança, bocejou Rochinha. Em lugar de Lúcia – diga-se Lúcifer. – Quem não sabe que eu sou anjo de luz, que desci do céu ao inferno?” (ALENCAR, 2012, p. 38).

Em outro momento de clímax a personagem é demarcada conforme a visão preconceituosa da sociedade da época, sendo que

Lúcia ergueu a cabeça com orgulho satânico, e levantando-se de um salto, agarrou uma garrafa de champanha, quase cheia. Quando a pousou sobre a mesa, todo o vinho tinha-lhe passado pelos lábios, onde a espuma fervilhava ainda. Ouvi o rugido de seda; diante de meus olhos deslumbrados passou a divina aparição que admirara na véspera (ALENCAR, 2012, p. 35).

Analisando esse excerto, Hernandes (2015) evidencia que essa atitude da moça, aos olhares do

narrador, é “satânica”, e encarna toda a experiência transgressora no cerne da sala ao representar com êxtase dionisíaco a série de quadros. Ademais, fazendo uma leitura crítica da obra, percebe-se, pois, que Lúcia/Lucíola corporifica outros adereços, tentando burlar o amor que se avizinha (ou quem sabe apenas escondê-lo, pois ele já estava lá), promovendo uma dança mítica, de tessitura anímica de sedução. Em um dado momento da obra, a personagem inebriada com o vinho expõe sua sensualidade, próxima das bacantes dionisíacas, numa irrupção de frenesi e delírio. Observemos a descrição das atitudes e das ações de Lúcia/Lucíola ao longo da narrativa:

Lúcia saltava sobre a mesa. Arrancando uma palma em um dos jarros de flores, trançou-as no cabelo, coroando-se de verbena, com as virgens gregas. Depois, agitando as longas tranças negras, que se enroscaram quais serpes vivas, retraiu os rins num requebro sensual, arqueou os braços e começou a imitar uma a uma as lascivas pinturas mas a imitar com a posição, com o gesto, com a sensação do gozo voluptuoso que lhe estremecia o corpo, com a voz que expirava no flébil suspiro e no beijo soluçante, com a palavra trêmula que borbulhava dos lábios no delíquio do êxtase amoroso (ALENCAR, 2012, p. 46).

Uma das formas que o feminino utiliza para se fazer existir na cadeia dos significantes, e na suposta tentativa do não-todo na situação fálica, diz respeito aos seus atributos na “mascarada”, pois “é pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo

daquele a quem sua demanda de amor é endereçada” (LACAN, 1998, p. 701).

*Lucíola* (2012) é o quinto romance de Alencar e o primeiro da trilogia que ele denominou de "perfis de mulheres" (*Lucíola*, *Diva* e *Senhora*). O romance está situado no rol dos romances urbanos de José de Alencar, que narrou com bastante ousadia a vida burguesa do século passado.

### **Do enredo, do narrador homodiegético<sup>37</sup> à constituição da personagem *Lucíola*, sob o olhar da psicanálise**

É notório perceber que este é romance de amor bem ao estilo do Romantismo, embora uma ou outra manifestação do estilo Realista pode ser observada, sobretudo na construção da narratividade tracejada pelos discursos enunciados pelas personagens tanto na visão do narrador/personagem Paulo, quanto na atuação social e lutas de Maria da Glória/Lúcia/Lucíola diante do contexto sócio-histórico daquele período. Depois de chegar ao Rio de Janeiro em 1855, Paulo foi convidado por Sr. Sá para acompanhá-lo a uma festividade próxima a Igreja da Glória. Durante o passeio ao local, ele ver uma mulher atraente: era Lúcia, ou Lucíola, como alguns(mas) a conhecia.

Vale destacar que o narrador da história, Paulo Silva dá voz ao enredo da obra através de cartas dirigidas a uma

---

<sup>37</sup> Segundo Marta (2010), o narrador homodiegético é aquele em primeira pessoa que conta uma ação que gira à roda de si próprio. Neste caso, o narrador acumula a categoria de personagem principal (ou protagonista), pois é aquele que narra as suas próprias experiências como personagem central dessa história. Tratar-se, portanto, de uma narrativa autobiográfica, de um romance autobiográfico.

senhora, G. M. (pseudônimo de Alencar), que as publicou em livro, intitulado de *Lucíola* (2012). Campos (2016) explica que em relação aos aspectos estruturais da narrativa, *Lucíola* (2012) possui um narrador homodiegético, compreendemos este tipo de narrador como uma construção

[...] que veicula informações advindas da sua experiência diegética; quer isto dizer que, tendo vivido a história como personagem, [...] o narrador retirou daí as informações de que carece para construir o seu relato, assim se distinguindo do narrador heterodiegético, na medida em que este último não dispõe de tal conhecimento directo (REIS; LOPES, 1980, p. 257-258).

Enfim, evidencia-se que Paulo Silva ao escrever uma carta para uma senhora, sendo ela uma espécie de interlocutora, “torna-a uma possível máscara para nós leitores. Ou seja, por fazer dialeticamente o(a) leitor(a) um confidente, procura agenciar um pacto de verossimilhança que funciona muito bem ao longo da diegese” (CAMPOS, 2016, s/p.).

Analisando o contexto histórico, observamos um Rio de Janeiro da época, com a sua expressão burguesa e tradicional, com uma sociedade abastada que frequentava o Teatro Lírico, passeava à tarde na Rua do Ouvidor e à noite no Passeio Público, morava no Flamengo, em Botafogo ou Santa Teresa e era protagonista de dramas de amor que caminhavam do simples namoro à paixão frenética.

No dia de sua chegada à corte (Rio de Janeiro), depois do jantar, Paulo sai em companhia de um amigo para conhecer a cidade. Na rua das Mangueiras vê passar

em um carro, uma jovem muito bela. Um imprevisto faz parar o carro, dando a ele a ensejo de conhecê-la melhor.

Em outro momento, em companhia de outro amigo, o Dr. Sá, Paulo vai à festa de N. Senhora da Glória, quando lhe surge a linda moça. Perguntando-lhe ao amigo, fica sabendo tratar-se de Lúcia/Lucíola, a cortesã mais bela, elegante e pleiteada da cidade. Entretanto, ele se atrai com a "A expressão cândida no rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortesã franca e imprudente, o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia" (ALENCAR, 2012, p. 14).

No transcorrer do enredo, mais ou menos um mês após sua vinda, Paulo vai em busca de Lúcia, conduzido, é claro pelo anseio de ter aquela bela mulher. Após longa e afável conversa, surpreende-se com o "casto e ingênuo perfume que respirava de toda a sua pessoa". A um mínimo lance de seu busto, "ela se enrubescou como uma menina e fechou o roupão" discretamente. E ele, que fora quente de desejos, agora, na rua, se acha ridículo por não haver ousado mais. Ou seja, Lucíola é caracterizada como um "lampo noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos" [...] vista como sendo "a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma" (ALENCAR, 2012, p. 29).

Além do que, o Dr. Sá lhe admitira que "Lúcia é a mais alegre companheira que pode haver para uma noite, ou mesmo alguns dias de extravagância" (ALENCAR, 2012, p. 31). Daí para diante, constrói-se toda a teia romanesca, a qual a liberdade no desenlace do clímax e do tempo era inovação no romance brasileiro daquele período, e só um legítimo romancista poderia alcançar.

Por fim, a análise do romance em questão reflete a argúcia do escritor em trabalhar os aspectos da mulher, na ficção, com o traço fundante de sua descrição social e histórica; uma possibilidade de ver no texto a presença diacrônica, sempre associada à fala dinâmica, que se produz dentro de “determinado espaço de tempo, no âmbito das sucessividades, análoga a uma visão linear da história dos acontecimentos” (LONGO, 2006, p. 31).

Em suma, **Hernandes (2015)** avalia a obra em questão, situando os leitores a compreenderem que a narrativa é construída a partir de

[...] um engano de Paulo que, quando vê Lúcia pela primeira vez, enxerga nela uma moça de alma pura e, ao exclamar isso em voz alta, faz com que a cortesã tome conhecimento de sua impressão. Posteriormente, em um segundo encontro ocasional, na festa da Glória, ao descobrir que ela é uma prostituta, a visão do narrador se altera e ele passa a ver nela um tipo social pré-estabelecido. A partir desse engano inicial, a história acentua as ambiguidades na caracterização da moça, pois ela se mostra, ao mesmo tempo, depravada e recatada. Essa descrição ambígua oscila na primeira parte do livro e atinge seu ápice em uma orgia, que ocorre na casa do melhor amigo de Paulo. A partir desse clímax, o narrador começa a descobrir que a cortesã possui uma faceta oculta que seria ingênua e “pura” (HERNANDES, 2015, p. 88).

Nessa ótica, o feminino traduz-se por este viés ambíguo, endereçado a um Outro no sintoma corpóreo que é um signo, pois:



[o] corpo fica marcado pela estranheza do sintoma. A mulher é assim esse sintoma do homem, esse corpo que se iguala ao objeto vazio de seu gozo, obediente, antes mesmo de haver compreendido sua ordem, à injunção do Outro impessoal que está para além de si. *Esse corpo é então inteiramente signo, símbolo da extrema ignorância e um corpo que se confunde* (POMMIER, 1987, p. 85, grifos nossos).

O laço que une um homem a uma mulher, pode e deve ser o encaixe do amor. A protagonista/antagonista alencariana, sofre de tanto amar. Mesmo sabendo que uma vida “dissoluta”, de devassidão, produz no íntimo da jovem a necessidade de mudança de vértice, de atitude e, na proximidade com o objeto desejado, ela abjura seu prazer para se tornar uma mulher de sentimentos castiços, entregue unicamente a um só amado, mesmo assim, ela se encontra numa “lógica não-toda do feminino” (LACAN, 1973, p. 26).

## Considerações Finais

Em suma, é notável que Alencar (2012) nesta obra incute aspectos partilhados da estética realista, uma vez que a personagem vive um amor que ao final do enredo não é consolidado devido aos preconceitos de classes, de gênero e social em virtude de uma sociedade pressa a uma cultura patriarcal. Por isso, Lúcia é usada pelo autor como canal de denúncia social em relação ao gênero feminino, relatando a hipocrisia da sociedade elitista da época ao discriminar as práticas sexuais ilícitas, proibindo, o relacionamento de Paulo e Maria da Glória.

Além do mais ao trazer à baila uma série de questões, sobretudo um problema social como o da prostituição, vista de forma patológica pela sociedade do século XIX no Rio de Janeiro, que preferia ignorar essa realidade imposta a Lucíola e a muitas outras garotas aliciadas em detrimento das convenções sociais ligadas aos comportamentos dos homens em acreditar serem detentores do direito de ter uma vida paralela ao matrimônio.

Não resta dúvida que Alencar (2012) seja considerado um dos maiores romancistas da literatura brasileira e o pioneiro em inovações do século XIX. Pois, contribuiu sobremaneira com as inovações estilísticas no *fazer literário*, mergulhando nas subjetividades e no âmago da condição humana de modo sagaz, dando ênfase a representação da vida: a família, os problemas sociais e individuais, a solidão, os conflitos humanos, os dramas amorosos, entre outros. Nesta obra, tais aspectos são encontrados na narrativa dos preconceitos sociais e dos desafios enfrentados por Lucíola, desde a sua mocidade, até sair da vida que levava para viver como dama da sociedade com Paulo, infelizmente, não obteve êxito.

## Referências

ABRIC, J.-C. *Prácticas sociales y representaciones*. Tradução de José Dacosta Chevrel e Fátima Flora Palacios. México: Ediciones Coyoacán, 2001.

ALENCAR, J. de. **Lucíola**. São Paulo: Edições Pavana, 2012. (Coleção Grandes Heroínas da Literatura).

CAMPOS, L. Lucíola de José de Alencar. **Plano Crítico**. [Online], 2016. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-luciola-de-jose-de-alencar/>> Acesso em: 20 jun. 2020.

HERNANDES, G. Q. G. **Os vestidos de Lúcia** - Personagem e vestuário em *Lucíola* de José de Alencar. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/100693/106512>. Acesso em: 20 abr. 2020.

HERNANDES, G. Q. G. Os vestidos de Lúcia: Personagem e vestuário em *Lucíola* de José de Alencar. **Criação & Crítica**, n. 15, p. 87-101, dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Seminário 20: mais Ainda**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LONGO, L. **Linguagem e Psicanálise**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARTA, E. A 1.<sup>a</sup> pessoa e o discurso directo. **Ciberdúvidas da língua portuguesa**. [*On-line*], 2010. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-1-pessoa-e-o-discurso-directo/28575>> Acesso em: 02 jul. 2020.

MORAES, G. V. de. **Que diabo de gênio o dessa rapariga?** A construção do feminino em *Lucíola* de José de Alencar. 2012. 107f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), Departamento de Letras Clássicas, Vernáculos e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAIVA, F. J. de O.; SILVA, E. D. da. Uma análise literária da representação das personagens femininas no conto sentimento, de Moreira Campos. **Revista Água Viva**, v. 3, n. 3, 31 dez. 2018.

POMMIER, G. **A exceção feminina: os impasses do gozo.** Tradução de Dulce M. P. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1987.

PROENÇA, M. C. **José de Alencar na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

REIS, C.; LOPES, A. C. **Dicionário de Narratologia,** Coimbra: Almedina, 1980.

RIBEIRO, L. F. **Mulheres de papel: o estudo imaginário em José de Alencar e Machado de Assis.** Niterói: EDUFF, 1996.

RIBEIRO, W. José de Alencar no sistema literário brasileiro: um divisor de águas. **Entrelaces**, p. 49-56, v. 2, ago. 2008.

Disponível em:  
<[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23205/1/2008\\_art\\_wribeiro.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23205/1/2008_art_wribeiro.pdf)> Acesso em: 01 jun. 2020.

SILVA, A. D. **A identidade da personagem feminina: uma leitura de Lucíola, de José de Alencar.** Monografia (Graduação em Letras), Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

VALA, J. As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social, **Análise Social**, vol. XXVIII (123-124), 1993 (4.º-5.º), 887-919. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1259335829F5uFPlvy1Ty09KR2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

## A REVERBERAÇÃO DE VOZES NA POESIA PERFORMANCIAL – POETRY *SLAM*: MULTILETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA<sup>38</sup>

*Geane Valesca da Cunha Klein*<sup>39</sup>

*Patrícia Pereira da Silva*<sup>40</sup>

### Introdução

Este estudo tem como objeto a poesia falada – *Poetry Slam* – pensada enquanto uma prática multiletral de reexistência. Partimos do questionamento sobre a possibilidade de promover o multiletramento utilizando o *Poetry Slam*, enquanto uma forma de literatura de resistência capaz de favorecer o protagonismo juvenil. A problemática do estudo foi desenhada a partir da constatação de que a maneira pela qual nossa sociedade está enredada intimida o protagonismo do jovem periférico. Além disso, observamos a escassa presença de alguns movimentos sociais poéticos em sala de aula – os quais poderiam servir para aproximar esses alunos já tão

---

<sup>38</sup> Esse artigo foi elaborado a partir das discussões e resultados da Pesquisa realizada no âmbito do programa PIBIC, ciclo 2018-2019, da Universidade Federal de Rondônia e do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em banca no ano de 2019 sobre o *Poetry Slam*, com uma análise da produção da *slammer* Mel Duarte, de autoria de Patrícia Pereira da Silva, sob a orientação de Geane Valesca da Cunha Klein.

<sup>39</sup> Graduada em Letras pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1997), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2016). Atualmente é Professora Adjunto I do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia.

<sup>40</sup> Graduada em Letras/Português e Mestranda em Estudos Literários, ambos na Universidade Federal de Rondônia.

excluídos da sociedade, oferecendo a eles uma prática que lhes permitisse contemplar o seu próprio contexto social. Mediante essa ponderação, tomamos como hipótese de trabalho que o *Poetry Slam*, competição de batalha de poesia, pode contribuir significativamente para o ensino de língua e literaturas, haja vista constituir-se em uma literatura de resistência capaz de levar os alunos ao exercício de uma prática multiletral que perpassa a sua vivência.

A motivação para o estudo decorreu da constatação de que o movimento *Poetry Slam* agrega uma poesia de múltiplas vozes, de vários contextos, evidenciando o falar social de seus integrantes. Considerando que o *Poetry Slam* permite a construção de redes de entrelaçamentos entre pessoas que compartilham de vivências e experiências semelhantes, lançamos a hipótese de que a batalha de poesia realiza-se enquanto uma prática de linguagem capaz de alavancar o empoderamento de meninas e meninos em condição periférica, haja vista fundar-se em uma linguagem próxima da condição social deles e por favorecer uma prática multiletral com diversos recursos – isso porque um estudo aprofundado do *Poetry Slam* engloba desde os gêneros textuais/discursivos tradicionais até os gêneros digitais/hipertextos e também a literatura e os estudos sobre cultura, no interior do qual encontramos reflexões sobre a presença da poesia popular ao longo da história.

Optamos por analisar o movimento *Poetry Slam* sob a dimensão dos multiletramentos. Desta feita, em seu viés social, a pesquisa pode colaborar com o protagonismo de jovens, desconstruindo o medo que muitas pessoas têm de se expressar, promovendo também um posicionamento político pelo uso da palavra. Neste sentido, conjecturamos a necessidade de agregar o público escolar para estas batalhas, cuja origem está nas periferias, promovendo o

lugar de fala de grupos historicamente silenciados e consolidando um espaço cada vez mais plural na sociedade. Desse modo, nosso objetivo geral foi promover o tensionamento crítico nas poéticas da voz, tendo em vista compreender o processo de criação, performance e resistência da literatura marginal contemporânea. Especificamente intencionamos comparar a poesia marginal dos campeonatos de poesia a uma literatura de resistência; problematizando sobre o potencial uso da poesia como uma prática multiletral escolar de (re)existência.

O estudo encontra-se organizado em tópicos complementares, nos quais apresentamos considerações acerca do *Poetry Slam* e procuramos situá-lo enquanto um movimento que favorece o empoderamento de jovens, especialmente daqueles que figuram como pertencentes a grupos minoritários na sociedade – o que nos levou a comparar a poesia apresentadas nas batalhas de *Slam* como uma produção de literatura marginal que, em sua essência, constitui uma literatura de resistência e reexistência.

## **A presença histórica da poesia popular como expressão de resistência**

A versatilidade da palavra falada proporcionou aos poetas populares a expressão criativa ao longo da história. Na Grécia, por volta dos séculos VIII-VII a.C., a introdução da escrita alfabética tornou mais acessível a possibilidade de poemas homéricos serem viabilizados, sem anular a existência de recitações com variações mais ou menos livres. Passou-se então a associar o termo “*rapsodo*” ao cantor mais “reprodutivo”, e o termo “*aedo*” ao mais livre e criativo (CAMPOS, 2013). Um outro contexto que consideramos pertinente destacar radica-se na Idade

Média, trata-se do Canto Amebeu grego – disputas poéticas ou musicais, cuja técnica foi empregada por Homero, na *Ilíada* e na *Odisseia*.

Não podemos deixar de apontar que a tradição medieval ibérica dos trovadores deu origem aos cantadores – poetas populares que viajavam de região em região, com a viola nas costas, para cantar os seus versos. Com a diáspora das populações portuguesas e africanas, o trovadorismo ganhou outros contornos no Brasil; mais especificamente na região Nordeste, onde a poesia cantada adquiriu características e formas específicas, como o repente, caracterizado pelo improviso e pelo “duelo” entre cantadores que devem improvisar um verso “de repente”, pautando-se pela manutenção do ritmo e também pela força do discurso.

Dependendo do instrumento utilizado para acompanhar a poesia, mudam-se as denominações: na Embolada utiliza-se o pandeiro; no repente de Cantoria utiliza-se a viola ou a rabeca; e o repente sem acompanhamento de instrumento chama-se Entoadada ou Aboio. Independentemente do nome que receba “Poeta de bancada, repentista, embolador ou declamador, o artista dessa poesia popular implementa sua formação no ambiente mesmo em que posteriormente atuará, influenciando outros poetas em potencial” (SOUZA, 2011, p. 28).

Os poetas repentistas se inserem na tradição da literatura oral e na literatura de cordel. O gênero textual poema na sua espécie cordel é formado por rimas, que podem se apresentar de forma oral ou em folhetos. O nome foi herdado da tradicional venda de poemas de folhetos pendurados em barbantes, cordas ou cordéis em Portugal no século XVI. O repente não é rima, mas é o



verso feito na hora – disto decorre que nem todo cordelista é repentista, mas todo repentista é cordelista.

Importa observar que o dialogismo poético no repente corresponde às estrofes do parceiro e aos pedidos feitos pelos ouvintes. O improvisado não soa como algo assistemático nem aleatório, ao contrário, é poético e musical, introduzindo analogias e tradições compartilhadas, criando assim, mensagens originais. Isso tudo implica em um exercício de balanceamento entre parceria e competição, uma vez que a dupla deve trabalhar conjuntamente para envolver a plateia (e a obrigação de cantar a dois impõe o cultivo de parcerias). Também há regras, assim como em qualquer movimento popular de cultura oral, o repente se baseia em três fundamentos: métrica, rima e oração.

Essa perspectiva de cooperação, bem como o seguimento de regras para usar o espaço e fazer-se ouvir também é evidenciada no âmbito do *Poetry Slam*. D'alva salienta que “o termo ‘comunidade’ define bem os grupos que ‘praticam’ o *Poetry Slam*, já que esses vêm se organizando coletivamente em torno de um interesse comum, sob um conjunto mínimo de normas e regras” (DALVA, 2011, p. 121). Nas batalhas de poesia celebra-se a comunidade e seus discursos, instituindo-se como um espaço da livre expressão da palavra, em especial a palavra falada e o discurso revolucionário, afinal, o *Slam Poetry* além de colocar em evidência a expressão periférica de forma poética, debate questões atuais e enseja o protagonismo dos competidores.

É interessante observar que o *Slam Poetry* enquanto movimento construiu-se a partir de elementos e características advindos de um outro jeito de se fazer ouvir: o *hip-hop*. Na própria essência da palavra Rap (TONI,

2006, p. 70) encontramos essa fusão: “*RAP* é abreviação de ritmo e poesia. Responsável por dois elementos do *hip-hop*: o que pega no microfone para rimar – MC (mestre de cerimônia) – e o que cuida do som para garantir a base contínua – O DJ (*disk jockey*), *RAP*, significa “batida” em inglês”. Esses dois elementos presentes no rap que fazem parte de cultura Hip-Hop foram incorporados no *Poetry Slam*, o MC funciona como *Slammaster* – organizador do *Slam*, o DJ continua sendo DJ. “A união dos quatro elementos do hip-hop: DJ, MC, B.boy (quem dança *break*) e o *graffit*, elementos que em seus 20 anos ganharam novas formas, novos papéis e, tendo como referência suas origens, se descaracterizando nos Estados Unidos” (TONI, 2006, p. 70), influenciaram a criação do *Poetry Slam* em Chicago/Estados Unidos. Assim, enquanto um movimento perdia as suas verdadeiras características pela cultura de massa, o outro ganhava agregando elementos daquele que foi perdido. Para Toni,

[...] o Hip-Hop transmite em suas mensagens os fatos do cotidiano. Mostra em suas letras palavras de resistência, luta e revolução. Poderíamos passar a inserir estas ideias no ensino fundamental e médio de nossas escolas públicas, usar a arte do grafite nas aulas de educação artística, as técnicas do MC nas aulas de português, as habilidades do break na educação física, o DJ nas aulas história, passando do contexto das músicas, enfim, as possibilidades são inúmeras. (2009, p. 150).

De acordo com D’Alva (2011), foi na década de 1980, mais especificamente no ano de 1986, no *Green Mill Jazz Club*, um bar situado na vizinhança de classe

trabalhadora branca no norte de Chicago, nos Estados Unidos, que o poeta e operário da construção civil Mark Kelly Smith, em conjunto com o grupo *Chicago Poetry Ensemble*, criou o “show-cabaré-poético-vaudevilliano” chamado *Uptown Poetry Slam*, sendo o primeiro *Poetry Slam* do Mundo. Eles organizavam noites de performances poéticas, tentando popularizar a poesia falada, tirando da poesia a áurea acadêmica. Foi neste contexto que nasceu o termo *Poetry Slam*, tomando emprestada a terminologia ‘*Slam*’ dos torneios de *beisebol* e *bridge* e atribuindo a nomenclatura às competições de poesia (D’ALVA, 2011). Segundo D’alva “em um fim de noite, de forma orgânica, e a partir de um jogo improvisado, o *Poetry Slam* nasceu” (2011, p. 120).

Além do *Poetry Slam*, temos o movimento *spoken word* que “está relacionado com diversos universos, como o da poesia *beatnik* (Geração *Beat*), dos movimentos negros americanos e seus discursos políticos, do *Hip Hop*, e o das performances literárias contemporâneas” (D’ALVA, 2011, p. 121). A *spoken word* foi bastante difundida com a ajuda dos *Slams*, promovendo a valorização da palavra falada ao invés de cantada. Essa hibridização de movimentos tem um potencial muito significativo para aqueles que estão à margem, pois como podemos perceber, o *RAP*, *Hip-Hop*, *spoken word*, *Poetry Slam* são todos movimentos que proporcionam aos jovens de periferia aquilo que Toni (2009) sintetiza como uma sensação de “bate na caixa de som no barraco, e ecoa pela favela, é como se fossem os novos tambores ecoando pela diáspora, e os rimadores são os novos “Griôs” (aqueles que na África viajavam pelas aldeias passando os conhecimentos de geração em geração)” (TONI, 2009, p. 133).

Assim como o rap, que se inscreve numa historiografia da literatura brasileira, o movimento *Poetry Slam* carrega essa expressão poética “pós-moderna”, haja vista que os discursos se entrecruzam tecendo uma cultura híbrida. Ademais, como o *Hip-Hop* também exprime uma cultura crítica e de resistência no seu repertório político (SILVA, 2018), o *Poetry Slam* também absorve alguns de seus elementos, assim como ocorre com o rap.

Ignorar essa trajetória corresponde a desconsiderar as mudanças sociais pelas quais passamos e é sobremaneira importante que a parte da academia que desconsidera o viés social manifesto na poética da quebrada, repense suas práticas. Destacamos que a poesia se ressignifica em vários contextos sociais, desde o erudito ao marginal, de modo que com ela ou por meio dela o sujeito percebe, compreende e discute o contexto social do qual faz parte. Uma dessas ressignificações da literatura é o *Poetry Slam*, que existe há mais de uma década no Brasil, das periferias do país à grande competição mundial na França, e que revela-se enquanto uma expressão literária marginal.

Apesar de ser formada em geral por um público tão jovem, ou talvez exatamente por isso, a poesia colocada nas rodas de batalhas e expressa com vozes e gestos mostra-se como uma força de resistência às opressões sociais. As palavras fazem-se tão intensas que ecoam na mente por vários dias, desencadeando um processo de reflexão. Embora ainda recente em grande parte das cidades do país, o movimento *Poetry Slam* surge efeito tanto na rua, quanto na rede, mobilizando diferentes linguagens, estéticas e discursos que adentram em causas que muitas vezes escapam à academia e à escola. Habitamo-nos a pensar em literatura como algo equivalente aos consagrados autores e obras secularmente divulgados e valorizados. Por

essa lógica, tudo aquilo que não se enquadra nos moldes do que pode ser considerado como uma expressão canônica, é considerado marginal e sem espaço nas instituições. Entretanto, a ampliar o escopo daquilo que é considerado literatura, contemplando diferentes discursos, gêneros, abordagens é uma forma de favorecer o acesso daqueles sujeitos menos elitizados, permitindo que os espaços sejam cada vez mais plurais. Desta feita, o movimento *Poetry Slam* precisa ser entendido na sua densidade e subjetividade.

### **A tensão crítica nas poéticas da voz: criação, performance e resistência na literatura marginal contemporânea**

A resistência tem muitas faces, seja na voz, na música, na roupa, na performance, etc. Os *Slammers* dos diferentes contextos – homem ou mulher, gay ou trans, lésbicas ou bissexuais – destacam um mesmo fundo axiológico, que se qualifica por uma mentalidade antiburguesa gerada dialeticamente como uma não submissão à ideologia dominante da poesia (BOSI, 1996).

Nas poéticas transmitidas pela voz, temos uma autonomia do texto e do contexto, os elementos performanciais, como as circunstâncias, o jogo do *Slammer*, as relações intersubjetivas e o ambiente cultural traduzem a emoção representada. Assim, a “escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa ‘vida como ela é’, é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida” (BOSI, 2002, p. 130).

O oral é uma urgência da pós-modernidade, desestruturando o que há de mais hegemônico na poesia.

O *Slam* joga com a sonoridade de uma forma atraente, proporcionando novos sentidos à linguagem, ao mesmo tempo em que se configura como um espaço de resistência. Articulando essas poéticas com os espaços nos quais elas emergem e confrontando-as com a dinâmica da sociedade na qual se inserem é perceptível que “a relação entre narrativa e resistência está enraizada dentro de uma cultura de resistência política” (BOSI, 1996, p. 22). Entretanto, falar de marginalidade no momento atual requer um reposicionamento sobre o entendimento mais convencional deste termo.

De fato, Silva (2018) salienta que não devemos nos confundir interpretando marginalidade aos moldes da poesia marginal dos anos 1970; devemos perceber os “antigos marginais” e os “novos marginais” da literatura. Vale destacar que os escritores das décadas de 1960-1970 eram automarginalizados pelo mercado editorial, diferentemente de poetas da periferia, pois o “fazer literário contempla a percepção da realidade (literatura) a partir da ótica dos socialmente excluídos (marginal), mas, sobretudo, as possibilidades de representação, nessa literatura, de uma realidade que se apresenta instável e multifacetada” (SILVA, 2018, p. 130). No poema *Negro poeta de Esquina*, de Serginho Poeta, incluído no livro *Hip Hop a lápis*, do produtor cultural e escritor Toni, o motoboy que lê e promove oficinas de poesia em escolas públicas escreve a partir do lugar de marginalizado. Vemos a seguir um trecho, a título de exemplificação: Meia-noite no gueto/ Tem um preto morto na esquina/ Os olhos abertos, o corpo ferido/ O céu todo refletido no centro da retina/ Não era ladrão, nem vendedor de cocaína/ Era simplesmente um poeta/ Sem escola, sem berço.../ Um poeta de esquina (TONI, 2006, p. 122).

Para Candido (2006, p. 33) “a posição social é um aspecto da estrutura da sociedade”. Por isso, devemos pensar que a “resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito (BOSI, 2002, p. 118). Importa lembrar que a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição, bem como o “influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável” (CANDIDO, 2006, p. 39). Portanto, para além de um modelo estético de marginalidade literária, o *Poetry Slam* transpõe um modelo ético-social de estar à margem daqueles ditos cânones literários e por estar socialmente marginalizado.

### **Das quebradas às batalhas: os *Slams* como prática multiletral de reexistência**

Os *Slams* têm se configurando enquanto um espaço ocupado majoritariamente pelos excluídos, constituindo-se em uma manifestação literária que sai das quebradas para competições mundiais. Bosi (2002, p. 259) trata dessa relação entre excluído e escrita, dizendo que “em vez de tomar a figura do homem ‘sem letras’ como objeto, procura-se entender o polo oposto: o excluído enquanto sujeito simbólico”. Seguindo esse entendimento, o jornalista Manuel da Costa Pinto (*apud* NASCIMENTO, 2006, p. 56) aponta que “as obras de ‘literatura marginal’, contemporâneas (tanto as produzidas por sujeito marginais como as que tematizam a violência, a criminalidade e a

marginalidade social) são as manifestações literárias mais importantes dos últimos vinte anos”.

Enquanto um fenômeno que chegou para revolucionar as práticas orais, ouvindo a voz de poetas da periferia, os *Slams*, abordam temas que promovem a crítica social e o engajamento dos marginalizados. Por meio das batalhas busca-se a politização do público ouvinte e a reflexão (entendida como equivalente a uma sensação de soco no estômago). Os *Slammers* traduzem as diferentes vozes, sejam elas “das margens”, na perspectiva da identidade, sejam “do Sul”, numa perspectiva da linguística dos excluídos, sejam elas “do corpo” (NEVES, 2017), as que infringem os códigos sociais – são esses os discursos que podem atuar como os multiletramentos de reexistência. Assim,

Poderíamos definir o *Poetry Slam*, ou simplesmente *Slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, o *Poetry Slam* se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (DALVA, 2011, p. 120).

No *Poetry Slam*, os competidores usam de variadas modalidades, tipos e gêneros textuais: precisam escrever seus poemas para decorar, declamar e performar na batalha. Para uma maior abrangência de público, além da interação presencial, as batalhas são filmadas e



compartilhadas na rede mundial de computadores. O dialogismo está presente nas competições por meio da interação entre mestre de cerimônias, o chamado *Slammaster*, e o público ouvinte, criando um sistema ritualístico. Assim, a poética periférica sobrevive nas ruas, nas quebradas, circula nas praças, estações, e invade as escolas, seja por competições *in loco* ou pelas reproduções em plataformas digitais. Para Marchushi (2010, p. 15),

[...] os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidam, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som.

Um espaço de escrita da palavra e de transferência da palavra para as mídias – palavras aguerridas, tanto nas ruas quanto na rede, movimentam a interação real e virtual. “A palavra é determinada não só por sua relação com o objeto, mas também por sua relação com a palavra do outro (o estilo do outro)” (BAKHTIN, 2016, p. 129). Embora o palco seja a rua, há toda uma preparação do competidor, o qual precisa ter amplo domínio dos gêneros textuais/discursivos e digitais de que irá dispor, bem como ter domínio sobre o uso da modalidade oral da língua e da utilização da gestualidade e das expressões faciais como linguagens corpóreas complementares à mensagem falada. Em vista disso, vale destacar que “a produção discursiva é

um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional” (MARCUSCHI, 2008, p. 162).

Para Marcuschi (2008), as atividades discursivas estão presentes nos gêneros socialmente consolidados que exercessem algum tipo de controle social e poder. Os gêneros textuais são nossa forma de controle social, ação e inserção no cotidiano. Souza, em seu livro *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*, aborda como os gêneros textuais, orais, discursivos perpassam o contexto dos letramentos de reexistência. Essa concepção obriga a considerar os diferentes valores, funções e configurações que o fenômeno assume para os diversos grupos, a depender dos contextos locais e de referenciais culturais específicos e da estrutura que caracteriza os processos sociais mais amplos (SOUZA, 2011, p. 35).

Vale destacar que os gêneros textuais estão estritamente relacionados com a sociedade e com os nossos costumes e, concomitantemente, organizam esses eixos mesmo mudando de cultura para cultura. O componente sociocomunicativo dos gêneros alinhados aos letramentos e multiletramentos refletem situações sociais, por isso é importante estar atento ao uso comunicativo dos diversos gêneros como determinante de normas sociais. Souza (2011) explicita que dentre os diversos gêneros, alguns se configuram como de reexistência, pois estão coadunados às práticas sociais de jovens de periferia. São práticas multiletrais que só atravessam “comunidades de pertença e naquelas com que estão em contato” (SOUZA, 2011, p. 36). Deste modo,

A singularidade está nas microrresistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas... não apenas no conteúdo, mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também às proposições dos estudos culturais que revelam que as identidades sociais, sempre em construção, se dão de forma tensa e contraditória, própria de situações em que estão em disputa lugares socialmente legitimados. (SOUZA, 2011, p. 37).

Uma prática multiletral não evidencia só a palavra, mas traz para a cena outras construções e desconstruções do sujeito para além daquele espaço social. Ou seja, “toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras” (FIORIN, 2008, p. 19). Essas palavras não precisam ser necessariamente oralizadas ou escritas, podem ser palavras de mundo, de vivência, de práticas sociais. Por isso, Souza (2011) salienta que os letramentos de reexistência são imprescindíveis, pois abrangem a complexidade social e histórica que circunda “as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuindo para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal” (SOUZA, 2011, p. 36).

O *Poetry Slam* configura-se enquanto resistência, na medida em que fica: os ecos das vozes reverberam durante e depois da performance. É verdadeiro exercício de cidadania: poesia-educação e poesia-resistência. Essa resistência e reexistência faz parte do ser da poesia, segundo Bosi, em seu texto *Poesia Resistência* (1977) que reflete

sobre a impossibilidade de pensarmos em poesia ingênua, pois num discurso contraideológico, existe sempre uma poesia de resistência. Destarte, a grande contribuição que o movimento *Poetry Slam* oferece para a literatura contemporânea é esse questionamento sobre a “áurea da poesia”, pois no *Slam* a poesia funciona como “Ágora do agora” – um espaço democrático de fala e escuta. Como diz Bosi (1996, p. 11): “a experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primariamente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória”.

As Batalhas de Poesia configuram-se, sobretudo, enquanto manifestação /experimentação literária contemporânea, constituindo um espaço de resistência cultural no qual os discursos transitam como um manifesto de corpos políticos, com uma característica própria brasileira que, para além da palavra, traz uma manifestação física. Bakhtin retrata bem isso quando diz que, “a função artístico-figurada da linguagem baseia-se na função comunicativa desta como meio de contato e troca de ideias, decorre dessa função comunicativa mas a subordina às tarefas e leis da expressão artístico-verbal” (2016, p. 127).

Pensando na importância literária para os poetas da arte de guerrilha, a palavra é uma arma de revolução poética em todos os espaços, influenciando pessoas de outras cidades a se utilizarem o discurso como um elemento de (re)existência. Além disso, a poesia oral aliada à performance gestual exige uma presença corpórea que se faz imprescindível para a constituição de um posicionamento poético capaz de deixar marcas e movimentar o público que está assistindo. Essa é a essência

de uma competição de *Slam*: no momento em que um *Slammer* busca a atenção do outro para escutar sua fala, ele também escuta a si mesmo.

### ○ *Poetry Slam* e os multiletramentos

No atual momento de desenvolvimento tecnológico, e considerando-se que boa parte das relações de interação ocorrem em ambientes virtuais, não há como desconsiderar os ambientes de internet como espaços de estudo sobre língua(gem), multiletramentos e literatura. Vale destacar que todo tipo de conhecimento permite empoderar e letrar os sujeitos, e isso não é diferente nos meios digitais – a cada dia que passa novas possibilidades surgem na rede mundial de computadores e aqueles que não são preparados para transitar nesses novos espaços digitais acabam ficando excluídos do mundo digital. Outrossim, percebemos um número crescente de usuários na rede, os quais não configuram um bloco homogêneo e estável, haja vista encontrarmos na rede pessoas de diferentes idades, gêneros, classes sociais, contextos, países, religiões e muito mais. Os poemas dos poetas marginais, os *Slammers*, nas batalhas compartilhadas no *Facebook*, ecoam a multiplicidade e a diversidade proporcionada pelos diferentes discursos intercruzados por diversas visões de mundo e de culturas.

O impacto que as novas tecnologias trazem a essa geração não deve ser desconsiderado, pois no ensino de línguas todo esse hibridismo de gêneros textuais/discursos, orais e digitais precisa estar incluído nos currículos escolares como componente de aprendizagem e socialização, proporcionando maior criticidade a um grupo consideravelmente hipermoderno. Para tanto, é

importante que os gêneros digitais, multidigitais ou multimodais sejam reavaliados e percebidos enquanto promotores dos multiletramentos. Ademais, importa considerar que os multiletramentos dependem do exercício de diversas práticas de leitura, produção textual e análise linguística. Assim, o uso pedagógico do *Slam Poetry*, além de favorecer o trabalho com a oralidade e performance, permite que se execute o letramento dos gêneros digitais, inserindo a comunidade escolar em modalidades da língua(gem), desprestigiadas ou não canônicas.

Vale destacar que tanto a temática dos gêneros textuais, como as tecnologias da informação e comunicação (TIC) são imprescindíveis no processo de inclusão dos novos gêneros ou gêneros emergentes na prática do ensino de Língua Portuguesa. Nesse sentido, as Batalhas de Poesia veiculadas nas mídias sociais são exemplo de como as mídias digitais estão interconectadas às práticas sociais dos seus usuários. Conforme evidenciamos, a manifestação contemporânea do *Poetry Slam* além dos espaços físicos (a rua) também tem ocupado espaços digitais (por meio da *internet*, em especial da rede social *Facebook*), instituindo espaços de reflexão tanto sobre os processos de criação artística, quanto sobre as temáticas de cunho social que são abordadas.

O professor pode abordar em sala de aula desde a compreensão poética, literatura marginal e de resistência, questões sociais, até a produção textual de um poema, incluindo a declamação, além de elencar aspectos linguísticos, gramaticais e intertextuais. Evidenciar o quanto a literatura é uma ferramenta de expressão e de escrita democrática. A escola e os professores de língua e literaturas podem valer-se da catarse e da importância

social da poesia para contar a história e socializar o contexto social de seus alunos.

Ressaltamos a importância de agregar atividades que valorizem as práticas sociais e de multiletramentos para os alunos, obedecendo um encadeamento de ações para ampliar as habilidades e competências linguísticas e de literaturas. Salientamos que com o auxílio das tecnologias digitais, as redes sociais e o uso adequados delas, podemos ampliar as possibilidades de atribuição de sentidos a um texto/discurso e promover o desenvolvimento de sujeitos mais críticos da realidade que os circunda. Para tanto, é preciso superar a visão pejorativa sobre o uso da *internet* em sala de aula que gera empecilhos como a proibição do uso de celular pelo aluno, corroborado pelo discurso de que a ferramenta pode favorecer a distração dos alunos.

Diante das intensas mudanças sociais na hipermodernidade, ocasionadas por uma quantidade excessiva de informação veiculada pelas novas tecnologias, constatamos que devemos repensar as formas de ensino-aprendizagem no ambiente escolar, dando abertura aos diferentes gêneros digitais, utilizando os recursos que os alunos já dispõem. Por isso é preciso capacitar escolas, professores e alunos para que avancemos nessa perspectiva – a nossa pesquisa busca contribuir para valorização das práticas sociais, incorporadas pelas batalhas de poesias compartilhadas nas redes, agregando ao ensino de Língua Portuguesa e Literaturas, compreendendo os multiletramentos proporcionados pela intergeneracidade.

Destacamos o quanto esperamos da escola a inclusão de uma realidade mais próxima da vivenciada pelos seus alunos e não o distanciamento. À escolar cabe proporcionar um conhecimento contextualizado às práticas sociais de crianças, jovens e adultos que nela transitam,

permitindo que os estudantes desenvolvam o senso crítico acerca das mazelas que os condicionam a um lugar de vulnerabilidade.

É importante ressaltar que construir propostas de articulação do *Poetry Slam* ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura possibilita a inclusão de diferentes gêneros textuais e discursivos, passando pela prática de multiletramentos que valoriza as práticas sociais e o contexto dos alunos. Ademais, o movimento *Poetry Slam* pode ser entendido como uma intervenção poética capaz de oportunizar a palavra, e isso é o que todo professor de Língua Portuguesa e Literatura almeja.

## Considerações Finais

Ao tecer nossas considerações finais ponderamos que a sociedade como um todo espera mais do que a educação escolar oferece atualmente. Espera-se que a escola proporcione capacitação às crianças, jovens e alunos que nela procuram não só a obtenção de conhecimentos disciplinares, mas também a possibilidade de uma melhor atuação em uma sociedade cuja circulação de informações exige amplo domínio de competências e habilidades. Nesse sentido, a escola precisa favorecer os multiletramentos para que seu alunado seja mais do que mero expectador da vida e da história.

O estudo permitiu-nos conhecer melhor as batalhas de poesia, compreendendo as múltiplas e diversas facetas da língua(gem) nelas utilizada, bem como das temáticas desenvolvidas e problematizadas pelos *slammers*. Por extensão, a observação dessa manifestação literária que surge nas ruas e encontra ressonância nas novas mídias,



proporcionou pensar sobre os possíveis efeitos que essa difusão provoca em termos de recepção.

Cabe destacar ainda que a literatura de protesto sempre aconteceu, e a presença da juventude muitas vezes foi ignorada na cena literária mais ortodoxa. O *Slam* trouxe de volta um questionamento muito debatido pelos teóricos e críticos literários: o que é literatura? E porque não ensinar língua e literaturas a partir de um movimento que valoriza o cotidiano de uma juventude pobre, negra e periférica? Levando em consideração essas perguntas, consideramos o *Poetry Slam* como uma forma multiletral de resistência e reexistência, a qual perpassa as abordagens referentes ao ensino de língua e literatura, permitindo construir caminhos alternativos para uma prática pedagógica significativa que promova o protagonismo jovem concedendo espaço para que as vozes marginalizadas se façam ouvidas.

Apropriar-se dos discursos veiculados nas poéticas do movimento *Poetry Slam* é absorver e compartilhar das práticas sociais comuns aos jovens, em geral periféricos. Usar da palavra para falar e denunciar as mazelas da sociedade é exercício de protagonismo, o qual depende de uma prática multiletral e de (re)existência. Nesse sentido, a análise da veiculação de batalhas de poesia em redes sociais, permitiu-nos observar os impactos, a recepção e a interatividade gerada diante dos vídeos contendo as declamações realizadas pelos *slammers*, haja vista que “a palavra é determinada não só por sua relação com o objeto, mas também por sua relação com a palavra do outro (o estilo do outro)” (BAKHTIN, 2016, p. 129).

Em suma, pesquisar esse processo de manifestação literária contemporânea, possibilitou-nos repensar a nossa condição de agente do conhecimento para um grupo que no ambiente escolar é distanciado das suas práticas sociais.

Constatar que o *Poetry Slam* se configura em um espaço de resistência cultural permitiu-nos valorizar ainda mais a cultura periférica que é comumente estigmatizada e estereotipada. Pudemos observar que a veiculação das batalhas de poesia ou rimas nas redes sociais gera impacto significativo na recepção e interatividade dos receptores dos vídeos com declamações realizadas pelos *slammers*.

Por meio da análise observamos que nas diferentes formas de *Poetry Slam* há uma fusão de gêneros, linguagens e modalidades discursivas e isso tudo impacta na recepção dos textos divulgados em formato de vídeo na plataforma do *Facebook*. Ademais, a intergenericidade, o hibridismo e seus efeitos, bem como os níveis de formalidade/informalidade no uso da linguagem favoreceram a integração do movimento *Poetry Slam* no *Facebook*. Vale destacar que é nítida a constituição das batalhas enquanto espaços de interação, interlocução e produção/veiculação de sentidos. Ao realizar uma pesquisa exploratória no *Facebook*, a fim de localizar as páginas voltadas para a divulgação dos campeonatos de *Slam* no Brasil, também lemos diversos comentários, os quais evidenciaram que a construção de sentidos é um trabalho coletivo, não cabendo apenas aquele que fala/escreve, mas também àquele que escuta/lê.

Conforme observamos nos vídeos analisados, o uso da linguagem é informal, mesmo considerando algumas regras das batalhas, por exemplo, a observação do tempo de duração. A linguagem predominante é a do contexto social da periferia, entretanto, os competidores podem utilizar de outras línguas, como o inglês – o que, em si, já implica a evocação de certos sentidos. Vale destacar que a poesia carrega as vivências de um grupo marginalizado, por isso o uso de gírias, de palavrões, de expressões da

linguagem tidas como desprivilegiadas, transita nos *Slams* de forma corriqueira, mas cheias de uma carga poética que só as batalhas podem transmitir. Os efeitos desse grau de informalidade atravessam a nossa noção de “quebrada” ou periferia e nos transportam para o lugar do poeta, promovendo a empatia na recepção. Assim, é que no *Slam* as pessoas insistem, resistem e falam.

### Referências

BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso**. Organização, tradução e posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Revista Itinerários: Araraquara, 1996.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

C., TONI. Org. **Hip-Hop a Lápis: o livro**. SP: Editora e Livraria Anita LTDA, 2006.

C., TONI. Org. **Hip-Hop a Lápis: a literatura do oprimido**. SP: Editora do autor, 2009.

CAMPOS, André Malta. **O MC Homero e o Rapsodo Max BO: a épica grega na linguagem do Rap**. Revista ETD - Educação Temática Digital: Campinas, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**. Revista Synergies Brésil: Sylvains les Moulins, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio & XAVIER, Antonio Carlos dos Santos (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **“Literatura Marginal”: os escritores da periferia entram em cena**. 2006. 203f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo**. Revista Linha D'Água (Online): São Paulo, 2017.

SILVA, Maurício Pedro da. **Ultrapassando limites, desfazendo fronteiras: a literatura marginal brasileira e suas práticas na contemporaneidade**. Revista Iberoamérica Social: São Paulo, 2018.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Tiago Barbosa. **A performance na cantoria nordestina e no slam**. Universidade Federal do Ceará. Dissertação de Mestrado. 2011. BA

# ANCESTRALIDADE, LITERATURA E RESISTÊNCIA: O TRABALHO COLETIVO E A LITERATURA ORAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA GRANDE

*Girlene da Cruz Ferreira*<sup>41</sup>

*Cláudio do Carmo*<sup>42</sup>

## Introdução

O presente trabalho visa o estudo da memória coletiva associadas aos ambientes de trabalho comunitário da comunidade rural quilombola denominada Lagoa Grande. Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica pautada nas narrativas orais e na memória coletiva dos moradores da comunidade referida. Esta comunidade tem sua formação inserida no contexto histórico do final do século XIX e início do século XX com a chegada de alguns trabalhadores trazidos da fazenda Cerrado pelos fazendeiros da região para labutar com a terra nos anos seguintes da data oficial da abolição da escravatura aqui no Brasil, datada em 13 de maio de 1888. Situada do distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana- BA, a comunidade referida foi certificada pela fundação Cultural Palmares no ano de 2007 e tem suas vivências, lutas, ancestralidade e resistências entrelaçadas com o convívio com a natureza, especialmente na lida com a terra. Possui laços de parentescos e de pertencimento com outros quilombos certificados, são eles: Candeal II e Matinha dos pretos,

---

<sup>41</sup> Mestra em Estudos Literários-UEFS; Bolsista CAPES; Especialista em Estudos Literários-UEFS; Graduada em Letras Vernáculas-UEFS.

<sup>42</sup> Doutor em Ciências da Literatura-UFRJ); Pós-Doutor em Estudos Cooperativistas-Universidade de Lisboa.

localizados no atual distrito da Matinha, portanto também pertencentes ao território feirense. Tem por objetivo investigar a incidência da memória coletiva na organização comunitária e na permanência do quilombo Lagoa Grande, observando as influências e as flutuações ocorridas no decorrer do tempo. Bem como analisar o papel da memória na constituição de uma narrativa simbólica vinculada à oralidade, suas contribuições na preservação e reconstituição das memórias locais.

A literatura oral é algo que permeia a vida de muitos povos em todos os tempos, e em particular dos povos africanos e de seus descendentes. Desde o princípio, a palavra dita é portadora de significados que abarcam uma série de interpretações, promove e transmite ensinamentos. Seja por meio dos rituais religiosos, dos cantos de trabalho, das fábulas, dos mitos, dos contos, das representações da realidade ou/e das relações do cotidiano.

Desse modo, a oralidade é um dos meios responsáveis por preservar costumes e tradições manifestados pela memória coletiva. Geralmente, sua importância é perceptível e valorizada pelas sociedades sem escrita e por aquelas que lutam para manter a tradição e/ou reconstituir um passado histórico. Encontra-se presente não somente em grandes espetáculos ou em eventos comemorativos, mas sobretudo no cotidiano das pessoas, revelando saberes e atribuindo sabores e sentidos à vida. É no modo de vida simples que os moradores da comunidade quilombola de Lagoa Grande expressam a poesia da vida, somando experiências, saudando os antepassados, compartilhando saberes e interagindo com a natureza, seja nas conversas, nos cantos, nas brincadeiras, nas pilherias, nas orações, nos contos ou mesmo na dança. Vão construindo e reafirmando um modo comunitário de

ser quilombola, de respeito às suas raízes, cria-se também uma sintonia imaginária com uma terra distante, um continente com vários países que se resumem a uma só pátria e uma só gente, a qual costumamos chamar de “Mãe África”.

Para Jolles (1976), a poesia não deve ser apreendida em um modelo artístico fixo, mas deve ser vista e sentida em sua plenitude na representação da vida por meio da linguagem. As representações dos acontecimentos passam por escalonamentos, os elementos ordenados e coordenados, sejam os pormenores ou os de ordem superior organizam-se isolados ou coletivamente, proporcionando sentidos e valorizando o elemento de ordem superior. “O acontecimento deixa de fluir para imobilizar-se e a língua apossa-se dele para dar-lhe uma forma literária, nesse mesmo contexto em que ele se cristalizou, se imobilizou” (JOLLES, 1976, p. 174). A forma em que o concreto se realiza é chamada de memorável, a qual resulta de maneira espontânea por meio de um acontecimento.

A memória coletiva dos povos escravizados e de seus descendentes aqui no Brasil possuem, de alguma maneira, uma forte ligação com o amplo continente africano e suas variadas tradições culturais. Um elo histórico e simbólico composto por acontecimentos reais carregados de subjetividades e de imaginação, o qual une diferentes nações e gerações por um sentimento de irmandade e de pertencimento. E um dos meios para se constatar essa ligação é observando as diferentes organizações quilombolas, com seus variados costumes, vocabulários, gestos e tradições culturais e religiosas. São traços que a violência praticada pelos colonizadores, durante séculos, não conseguiu exterminar.

A retirada forçada dos africanos de sua terra mãe criou um contínuo processo de lutas e resistências dos oprimidos contra os opressores. Os africanos e seus descendentes, que conseguiram resistir aos tratamentos desumanos durante o período da escravidão no Brasil, mantiveram na memória lembranças de uma vida interrompida, seu povo e seu lugar. E aqui, até os tempos atuais enfrentam diversos tipos de preconceitos e discriminações, os quais resultam em negações providas das violências sofridas durante séculos, conforme podemos constatar:

Da escravidão é que vêm, também, os incontáveis traumas que até hoje martirizam gerações e gerações de descendentes de africanos. Porque a escravidão era, sob todos os aspectos, algo extremamente desumano e cruel; tanto pelas torturas físicas e psicológicas quanto pela dureza do regime de trabalho; tanto pelo aviltamento moral insidioso, minando a vontade do escravo, quanto pela intenção deliberada de fazê-lo perder seus laços familiares, de amizade, religiosos, sua identidade, enfim (LOPES, 2011, p. 56).

Mesmo com todas essas tentativas de apagamentos da memória africana, o povo negro buscou preservar, por meio da oralidade, ainda que por muito tempo, de maneira camuflada, costumes e crenças originados da África, tais como: orações, cantos e danças. Elementos culturais que foram proibidos pelos colonizadores, mas eram celebrados e cultuados às escondidas, inicialmente, nas senzalas e, posteriormente, passaram a ser manifestados com maior liberdade, principalmente nos quilombos. Embora os



negros tenham lutado e reconstituído suas vidas aqui no Brasil, suas representações no cenário da literatura brasileira, geralmente ocorrem pelo viés do preconceito e dos estereótipos, conforme nos afirma Cuti:

O passado histórico da tradição da escravidão tem sido a tônica para se retratar a personagem negra na condição civil. Entretanto, há outras condições do negro na época colonial, além de outros momentos na história situados no pós-abolição. [...], os reflexos do passado estarão sempre ativos no presente, dialogando com o tempo que flui. O exemplo mais destacável disso é o Quilombo dos Palmares que tendo existido aproximadamente de 1600 a 1695, inspirou a partir da década de 1970, a criação do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro (CUTI, 2010, P. 93).

A partir disso, destaca-se que o povo negro contribuiu significativamente na formação da sociedade brasileira, atuando em diversas áreas. Não aceitou tudo passivamente, muitos líderes de comunidades quilombolas, por exemplo, na luta por justiça e igualdade, enfrentaram preconceitos, faltas de oportunidades, racismo e até a morte. E mesmo estando diante de uma luta desigual, não perderam a esperança nem a coragem de lutar pelos objetivos na busca de direitos em prol da coletividade.

Foram anos de luta e de resistência que ficaram marcados na memória coletiva, especialmente na memória dos mais velhos. Para Bosi (1994), o velho é a fonte que jorra a essência da cultura. Ele é um elemento primordial, guardiões de tesouro, mas acaba sendo subtraído pela sociedade capitalista. Ele possui a prática e as experiências acumuladas ao longo dos anos. O ato de contar histórias é

algo que faz parte da história da humanidade e é uma das características marcantes da cultura africana. Segundo Munanga (1996), a tradição oral na África é até hoje um forte veículo de transmissão da cultura e a maioria dos povos praticam o sistema de parentesco matrilinear. Essa tradição chega ao Brasil devido ao tráfico negreiro e se mantém viva nos quilombos. A memória coletiva sobre as origens das comunidades remanescentes de quilombo geralmente é transmitida pela tradição oral e são responsáveis pela produção de conhecimentos sobre a trajetória do povo negro, bem como seus costumes, suas crenças.

A memória permite a relação do corpo presente com o corpo passado, bem como atua no processo de representação. Assim, a memória desloca as percepções do presente, unindo-as às lembranças do passado. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p.47). Desse modo, as representações da memória coletiva da comunidade quilombola de Lagoa Grande possibilitam experimentações da vida como um todo. A vida no campo, a relação com a terra e com o trabalho, o modo como os acontecimentos são narrados, sejam eles reais ou fictícios, os cantos e as danças denotam uma maneira particular em que as pessoas contemplam a natureza e o mundo a sua volta, configurando, assim, uma literatura oral negra, criada e transmitida pelos negros ao longo dos anos com todas as flutuações e ressignificações do presente.

Sejam nas vivências, sejam nos vestígios da memória coletiva, é a poesia da vida manifestada em cada canto, nos gestos, no silêncio, na fé, na esperança revelada no olhar de cada agricultor quando a chuva chega à terra e quando

é tempo de seca, cada qual em sua fé roga por misericórdia. São as vozes de quem semeia, de quem labuta com o chão, de quem com alegria pisa na terra molhada quando é tempo do plantio e com a terra seca derrama o suor na colheita e na bata de feijão. Não reclama ao cansaço, muito pelo contrário, canta, bebe, dança e agradece, louvando toda a criação. Muitas lembranças e percepções são expressadas em cada relato. As mãos calejadas e os olhos lacrimejados denotam as experiências adquiridas ao longo da vida vinculadas às emoções de um tempo presente.

Benjamin (1987) defende a oralidade como essência da narrativa. É por meio das experiências que as pessoas vão constituindo suas narrativas e transmitindo-as de pessoa a pessoa. As histórias orais são contadas pelos inúmeros narradores orais e geralmente estão associadas ao trabalho artesanal coletivo. No entanto, alerta para as vias de extinção da narrativa. Atribui à decadência da arte de narrar às forças produtivas. Ressalta esse autor que “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não mais são conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (BENJAMIN, 1987, p. 205). Mas sabemos que embora haja mudanças nas sociedades e nos meios de comunicação e de interação, as narrativas orais continuam permeando a vida das pessoas e a intercambiar experiências.

No período colonial, a tradição oral africana chega ao Brasil por meio dos povos escravizados. O povo negro recém-transportado é impedido de expressar seus costumes, sua cultura e principalmente a sua fé. Foram segregados e submetidos a condições desumanas que iam das torturas físicas e psicológicas ao trabalho exaustivo,

torturas essas que custou a vida de muitos africanos e afrodescendentes, os quais lutaram contra o sistema escravocrata. A valentia, a ousadia e os meios de sobrevivência recriados pela população negra ainda no período da escravidão denotam a resistência de um povo com sabedoria ancestral, povo que foi ensinado desde sempre a ouvir, a falar e a cultuar a natureza e as entidades divinas.

Segundo Cuti (2010), o período da pós-abolição evidencia ainda mais a discriminação, pois não houve um projeto para atender as demandas dos ex-escravizados, ficaram submetidos à própria sorte, sendo alvo das represálias policiais e da rejeição social. Os temas relacionados aos africanos e seus descendentes começam a ser tratados pelos escritores de maneira sutil e marcados pelas ideias europeias. O conflito de uma identidade negra no Brasil vai muito além de uma aceitação por parte dos negros, envolve todo um processo desde a retirada dos negros do território africano, passando pela coisificação e desvalorização dos africanos e de seus descendentes. Os colonizadores se recusam a reconhecer o negro como parte da sociedade brasileira, e devido aos massacres e ao preconceito institucionalizado, muitos negros acabam negando a sua própria identidade.

A literatura negro-brasileira é uma vertente da literatura brasileira voltada para escrita e para o empoderamento dos negros. Surge devido às lacunas de representatividade do negro na literatura brasileira. O século XIX é marcado no Brasil por acontecimentos históricos como a abolição, a Independência e a República. Os movimentos literários da época trabalhavam com temáticas e ideologias para consolidar uma ideia de nacionalidade. A representação da flora e da fauna

brasileira torna-se um elemento primordial na construção da identidade da literatura brasileira, surgem temáticas como: o bom selvagem, a vida social urbana, a saga da escravização. A literatura negro-brasileira refere-se à representação da vida e dos conflitos dos descendentes de escravizados e a literatura afro-brasileira representa as tradições de origem africana, pelas suas características próprias de conservar as formas antigas, estão associadas a um pensamento ideológico que propicia o silêncio diante das zonas de conflito, apagando a identidade negro-brasileira.

A formação do povo brasileiro aparece camuflada na escrita literária. Logo, “a preocupação era conceber a nação por meio de uma fantasia de futuro” (CUTI, 2010, p. 17). As teorias raciais apontavam para inferiorização e criminalização do povo negro. O embranquecimento da nação era a preocupação do momento, a valorização da chamada raça branca em detrimento da raça negra surge como justificativa da escravidão e da discriminação sofrida pelos negros após a abolição. As proibições e as represálias sofridas pela população negra aqui no Brasil não obtiveram êxito total, pois, as raízes africanas permaneceram vivas e eram manifestadas nas senzalas de maneira camuflada e posteriormente nos quilombos, os quais são considerados símbolos de liberdade e da expressão da memória coletiva. Neles as famílias puderam se reorganizar e continuar a transmitir seus conhecimentos ancestrais de geração em geração. E pela oralidade, geralmente, os mais velhos vão contando suas histórias, narrando acontecimentos passados e construindo saberes.

Assim, a tradição oral atravessa o tempo e o espaço e mantém sua força na sabedoria daqueles que sabem intercambiar experiências, que têm o dom da palavra e

encontra um público que saiba e queira ouvir os conselhos, os ensinamentos, mesmo que essa experiência não tenha sido vivenciada por determinado grupo ou pessoa. Conforme nos afirma Benjamin (1987, p. 2002 – 2003): “O saber que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição – dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência”.

De acordo com Hampaté-Bá (1982), a maneira válida de se conhecer a história e o espírito dos povos africanos é por meio da herança de conhecimentos transmitidos de boca a ouvido durante séculos e que se mantém viva na memória da última geração dos grandes depositários. Durante muito tempo, entre as nações modernas, os povos sem escrita eram considerados povos sem cultura, uma visão preconceituosa que passou a ser revista após as últimas guerras, graças ao trabalho de grandes etnólogos.

Para Hampaté-Bá, as atividades tradicionais e a tradição oral são formadoras de um tipo particular de homem, conforme podemos observar:

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto (HAMPATÉ-BÁ, 1982, p. 190).

A plantio da mandioca e a produção de farinha foi, por muito tempo, a maior fonte de subsistência do quilombo Lagoa Grande. Sem equipamentos adequados, a mandioca era ralada na bola e isso demandava um grande esforço físico, mas não tirava a alegria em produzir o alimento para o sustento das famílias. O ambiente das casas de farinha é familiar e comunitário, reúne pessoas de diferentes faixas etárias, estando elas envolvidas ou não nas atividades. É comum as pessoas passarem nas casas de farinha, apenas para cumprimentar os presentes e conversar um pouco, geralmente sobre as lembranças que o local proporciona. São momentos em que a memória coletiva se encontra em transbordamento. Muitas histórias de lobisomem estão relacionadas às casas de farinha pelo fato de as grandes tarefas de tora da farinha acontecerem também no período noturno, mas nem todas estão relacionadas a esse ambiente, porém são contadas e recontadas em momentos em que as pessoas se reúnem para realizar as atividades coletivas.

Cresci ouvindo os mais velhos contarem diversas histórias de lobisomem, principalmente quando estávamos sentados em uma roda de mandioca para raspar. Meu avô alertava que se alguém, porventura, conseguisse matar um lobisomem, teria que dizer que estava matando um bicho, repetindo essa frase três vezes, senão, corria o risco de o bicho virar um homem depois de morto. Ensinava também que deveria cortar a ponta da orelha esquerda do bicho. As narrativas orais são compostas por entonações, gestos corporais, principalmente com as mãos, suspense, risos e pausas. São características próprias da oralidade em que a pessoa que está a narrar um fato, seja ele fictício ou não, desempenha um papel fundamental, pois além do domínio da palavra, todo o seu ser também é representado. “O

contador de história domina as seguintes faculdades: alma, mãos e palavras. É preciso ver as mãos narrando o mundo em desenhos e gestos ancestrais [...]” (PINHO, 2011, p. 38).

A bata de feijão é uma tradição na vida dos brasileiros, pelo menos até o final do século XX, antes da inserção dos maquinários. É um marco na cultura, especialmente nas comunidades rurais formada por pequenos agricultores, uma tradição que resiste às inovações e encontra-se presente na vida comunitária dos agricultores da comunidade quilombola de Lagoa Grande e de tantas outras comunidades rurais. Trata-se de um tipo de trabalho coletivo artesanal para a retirada dos grãos do feijão da palha. É a culminância de todo trabalho ocorrido nos últimos meses, permeado de fé, esperança e sabedoria popular. Enquanto os homens estão na roda batendo com os porretes no feijão até que os grãos desprendam da palha, as mulheres escolhem um local ventilado para fazer a limpa do feijão, retirando o excesso das palhas com as peneiras, também denominadas como urupembas. Quando o vento não está favorável para o trabalho, é de costume que se rogue por vento a São Lourenço, dizendo a seguinte frase: “São Lourenço, Barba de vento”. E assim, é só esperar que o vento volte a soprar, a facilitar e a embelezar o serviço da peneiração dos grãos.

Os cantos da bata de feijão, também denominados de “Cantoria de Boi de Roça”, são cantos ritmados que devem ser cantados em parcerias e acompanhados pelo som dos porretes. Os homens, todos ao mesmo tempo, batem com os porretes, proporcionando não somente uma sintonia, mas, sobretudo, segurança aos presentes na roda da bata. Quando o canto ou as porretadas não se encontram em harmonia, é necessário que a bata seja interrompida para reorganizar, logo em seguida, o serviço



é recomeçado de acordo com as normas e com a retomada dos cantos. A seguir seguem dois cantos tradicionais da bata de feijão:

Pássaro preto na gaiola  
é sinal de cantador.  
Um pé dentro e outro fora  
é na base do amor (3x)  
um pé dentro e outro fora  
é na base do amor.

Patrão, meu amó...  
Vaqueiro mandou dizer  
Que não venda o cavalo  
Da fazenda não  
Cavalo é bom de passo  
Cavalo de estimação  
Pisa no chão com todo rojão  
Patrão...  
Mas, não venda o cavalo  
Da fazenda não.  
**(Fonte:** Origem popular)

Os cantos anteriormente citados, remetem à ideia de liberdade e resistência. Na primeira estrofe temos uma metáfora do pássaro preso em uma gaiola, mas esse ato não o torna inferior, ao contrário exalta o seu valor, a sua importância para que seja tão cobiçado, a gaiola por sua vez é um objeto que aprisiona, mas por meio das aberturas possibilita uma reflexão sobre a vida. Vemos que não se trata de qualquer pássaro, mas de um pássaro preto, o qual pode ser associado ao período da escravidão. Já o cavalo é símbolo de resistência, de companheirismo e de fortaleza, com o qual o vaqueiro mantém uma relação de confiança e reciprocidade. A linguagem simbólica, sobretudo a linguagem poética, traz consigo uma série de significados

muitas vezes nebulosos que dificultam a compreensão. Faz-se necessário o estudo dos signos linguísticos para se chegar a uma compreensão do texto e a sua intencionalidade. Não é a minha pretensão trazer uma análise precisa sobre as estrofes apresentadas, mas sim mostrar a importância dos cantos de trabalho na preservação da memória coletiva e na organização comunitária.

Na perspectiva de Le Goff (2003), a memória coletiva é um dos meios fundamentais para abordar os problemas do tempo e da história, ela nem sempre está explícita, ora está em retraimento, ora está em transbordamento. As manipulações e as censuras ocorridas na memória, sejam de maneira consciente ou inconsciente, perpassam pelo campo dos interesses políticos e pelos sentimentos de afetividade. O autor ressalta que:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores deste mecanismo de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 422).

Com efeito, a memória coletiva oral geralmente representa os mitos de origem, a existência das etnias ou das famílias. Manifesta interesse aos estudiosos, pois expressam conhecimentos práticos, saberes profissionais fundamentados na sabedoria ancestral. Não é uma memória transmitida de maneira mecânica, palavra por palavra, mas uma memória sujeita às modificações devidos as alterações ocorridas no decorrer do tempo. Quando se

trata de cultura oral e cultura escrita não existe graus de superioridade, nem de inferioridade, mas, sim, existem diferentes modalidades e uma não sobrepõe a outra. A memória coletiva reconstrói e ressignifica os acontecimentos do cotidiano, recriando e inovando por meio das práticas de memorização, dentre elas, destaca-se o canto, o qual proporciona à memória uma maior liberdade criativa.

De acordo com Pollak (1992), a memória é constituída por pessoas-personagens que não necessariamente pertencem ao mesmo espaço-tempo, mas que são reconhecidas e frequentadas, são pessoas que deixaram o seu legado. Assim, como também existem os lugares de apoio à memória, geralmente associado a uma lembrança e nem sempre tem apoio em um tempo cronológico. Desse modo, “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante na memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja pelo pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202). Nessa perspectiva, os elementos que constituem a memória coletiva são acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos pelo grupo, o qual as pessoas possuem uma relação de pertencimento. São os chamados acontecimentos vividos por tabela, e nem sempre fazem parte do tempo-espaço da pessoa ou do grupo, é uma memória quase que herdada possível de ser projetada por meio da socialização histórica e política devido ao nível de identificação com determinado passado.

São casos e acontecimentos de que ouvimos falar, mas não necessariamente foram vivenciados por nós ou por quem está a narrar, mas que é transmitido e possui um significado simbólico que pode variar de uma pessoa para

outra, ou de um grupo para outro de acordo com as vivências e as interferências do tempo presente. Carmo (2015) ressalta que a memória não é o passado, mas a reconstrução dele. Embora não possua uma relação fidedigna ao que aconteceu, sua relevância está associada à capacidade de apreensão. A memória atua junto ao presente modificando-o e ao mesmo tempo sendo modificada de acordo com as ideologias e as intencionalidades do tempo presente somadas às experiências humanas. Assim, “a memória articula e é articulada pelos componentes externos socialmente codificados” (CARMO, 2015, p. 175). Nesse sentido, o autor afirma que a memória é política, uma força abstrata que interfere, direta ou indiretamente, nas negociações do cotidiano e, conseqüentemente, nas relações pessoais e grupais.

Pollak (1992) define a memória como um fenômeno construído coletivamente, sujeito a mudanças constantes, a transformações e a flutuações, mas ressalta que existem marcos na memória que são invariantes, pois passaram por um processo de consolidação, impossibilitando mudanças. A organização da memória envolve os interesses e as preocupações pessoais e políticas do momento, o que a memória grava, recalca, exclui, relembra, seja de maneira consciente ou inconsciente, é resultado de um trabalho organizacional. Existe uma ligação entre a construção da memória e o sentimento de identidade. As pessoas constroem ao longo da vida uma imagem representativa sujeita a mudanças e flutuações para si mesmo e para os outros. Dessa forma, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em relação em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de

credibilidade, e que se faz por meio da ligação direta com os outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

A preservação da memória coletiva fortalece a luta comunitária na busca por reparações das sonegações e dos massacres históricos, visando que todos os direitos sejam assegurados, lutas essas que vão desde as políticas de permanência no campo, perpassa pelas manifestações culturais e religiosas e vão até as políticas afirmativas de acesso ao ensino superior. As lembranças do passado não significam uma retomada do conteúdo, mas agem como um veículo transformador. Para Beatriz Sarlo (2007), o passado não pode ser apagado, ele atua no presente, as “visões” do passado são construções que podem acorrentar ou libertar, conforme as ideologias do tempo presente, conforme podemos observar:

Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato, de personagens, de relação entre as suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes; os personagens articulam grupos que podem se apresentar como mais ou menos favoráveis à independência de fatores externos a seu domínio (SARLO, 2007, p. 12).

Com efeito, a reconstituição de acontecimentos é algo absolutamente possível, principalmente quando se reconhece o lugar da subjetividade. O testemunho oral requer uma relação recíproca de confiança e é um elemento importante na reconstituição do passado. Ele envolve não somente a voz, mas todo o corpo do sujeito. O corpo mais

velho tende a ter uma maior credibilidade na rememoração das experiências vividas. A narração na primeira pessoa é uma forma privilegiada em que o sujeito expressa a própria voz para reconstituir a textura da vida. As emoções e percepções estão presentes nos relatos e são demonstradas por meio dos gestos, das pausas, das interrupções e das retomadas.

De acordo com Nascimento (2019), os descendentes africanos são capazes de transformar a realidade na qual estão inseridos, pois mesmo sendo um povo que durante séculos foi submetido ao sistema perverso e desumano da escravidão, teve a capacidade de trilhar seu próprio caminho, uma vez que a Abolição no Brasil veio seguida do desamparo e do abandono. O povo negro teve que lutar por sua própria inserção na sociedade brasileira e para reconstituir parte da história que lhe foi roubada, configurando uma luta constante por direitos, instigando a rejeição às forças de exploração e submissão e o desejo de livrar-se de todos os tipos de dominação.

Assim, a memória coletiva articula e é articulada pelos elementos a sua volta e conforme os interesses do tempo presente, exercendo, assim, o seu poder transformador e o seu papel político. Carmo (2018), ao discutir sobre literatura e política, afirma que tanto a política quanto a literatura estão cercadas por interesses negociáveis que envolvem perdas e ganhos. Nesse direcionamento, a literatura está inserida em um campo de possíveis camadas de articulações, entre elas a da articulação política.

Diante disso, podemos afirmar que a produção literária oral da comunidade quilombola de Lagoa Grande, embora possa ser associada à vertente afrodescendente, pois encontra-se inserida em um contexto histórico de

sobrevivência e de desenvolvimento comunitário marcado pela luta e pela resistência e mantém na oralidade a sua maior força de expressão da memória coletiva, enquadra-se na vertente negro-brasileira, sobretudo por reconhecer os saberes tradicionais expresso pelas vozes que simbolizam a resistência, as lutas constantes contra o racismo e contra as desigualdades sociais. A memória coletiva do quilombo Lagoa Grande expressa, por meio das narrativas orais e dos cantos de trabalho é um instrumento de poder, pois é caracterizada por símbolos da resistência. Desse modo, remete à memória e vivência dos antepassados e reforça a luta dos moradores na busca por direitos e melhores condições de vida, sem perder a essência dos valores ancestrais que fazem parte do acervo cultural da localidade presente na oralidade, manifestados com maior vigor nos ambientes de trabalho coletivo.

Em suma, as experiências vividas pelos negros e negras que compõem o quilombo Lagoa Grande promovem uma conscientização política e libertadora e denotam um lugar de fala que precisa ser representado. O testemunho oral está relacionado a experiência, e esta está ligada ao passado, enquanto o relato parte do presente. A experiência vivida pode não ser a mesma que aparece no relato, uma vez que ela não pode ser representada em sua totalidade e está carregada de subjetividades. O testemunho é uma lembrança do que aconteceu, assume uma dimensão coletiva devido ao conjunto de acontecimentos e interferências que surgem entre o momento real do acontecido e o momento do relato. Os acontecimentos passados formam o presente por meio das experiências vividas, não somente por nós, mas também por nossos antepassados. Os valores e as tradições que nos são transmitidos vão construindo uma identidade com base

nos interesses políticos atuais. A memória coletiva, por meio da oralidade, possui um papel fundamental na preservação de tradições e de conhecimentos ancestrais do quilombo Lagoa Grande, pois possibilita não somente o conhecimento de acontecimentos passados e a preservação de costumes, como atua diretamente no modo de vida das pessoas, na maneira de pensar e de agir.

### Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARMO, C. Da memória à pós memória: ilações políticas e a ficção literária contemporânea. **Cerrados** 40. Revista de pós-graduação em literatura. Nº 40, 2015, p. 173-185.
- CARMO, C. **Literatura e política: uma introdução**. **Soletas** 36. Revista do programa de pós-graduação em letras e linguística- PPLIN. Faculdade de Formação dos Professores da UERJ. Número 36(jul.- dez. 2018), p. 51-63.
- CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo, 2010.
- HAMPATÉ-BÁ. A. A Tradição Viva. In: KIZERBO, J. **História Geral da África/ Metodologia e Pré História**. São Paulo: Ática, Paris Unesco, 1982. (P 167-206).
- JOLLES, A. **Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra**. 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.



MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo (28); dezembro/ fevereiro 95/96, p. 56-63.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**: Documentos de uma Militância Pan-Africanista. 3 ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

PINHO, A. M. **Perfeitas memórias**: Literatura, experiência e invenção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**: IN: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.



## POESIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA PERNAMBUCANA DOS ANOS 80: O MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO (MEIPE)

*José Eduardo Martins de Barros Melo*<sup>43</sup>

*Maria Elizabete Sanches*<sup>44</sup>

### **O movimento da resistência e a resistência do movimento**

O final dos anos 70 no Brasil é marcado por uma série de fatores políticos e culturais que resultaram na proliferação de grupos e tendências organizadas à margem dos sistemas oficiais de produção cultural de maneira extremamente distintas, mas que encontravam em seu eixo comum, a luta contra a ditadura militar, o centro sobre o qual giravam a arte e a mobilização da sociedade brasileira.

É também um período em que o escritor, em virtude da forte fiscalização e repressão exercida pela máquina estatal sobre órgãos produtores de cultura, procura outros caminhos para elaboração, divulgação e difusão da obra literária em suas diversas formas como maneira de burlar o aparato repressor do Estado. No entanto, fica claro que a literatura de resistência ou a poesia de resistência nem sempre foi percebida assim. Voltando

---

<sup>43</sup> Professor Dr. do Departamento de Letras Vernáculas – DALV/UNIR. Poeta e líder do Grupo de Pesquisa Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO.

<sup>44</sup> Prof.ª Mestra do Departamento de Letras Vernáculas – DALV/UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO.

para Alfredo Bosi penso aqui em *O ser e o Tempo* (1977, p.143) quando recorre a tese de que nos tempos modernos “a poesia, reprimida, enxotada, avulsa de qualquer contexto, fecha-se em um autismo; e só pensa em si, e fala dos seus códigos mais secretos e expõe a nu o esqueleto a que a reduziram; enlouquecida, faz de Narciso o último Deus”. Claro fica que as nossas reflexões tanto em uma quanto em outra linha, consideram o aspecto e o conceito de resistência nos dois seguimentos: linguagem e contexto em virtude da fricção que consideramos haver entre linguagem literária e linguagem formal, contexto real e ficcional.

Nesse contexto, advindos de uma postura contestadora em relação ao sistema e propondo um *gran finale* para a tradição modernista, uma geração inteira procura no mimeógrafo e em gráficas clandestinas uma alternativa de escape a esta mesma fiscalização, mantendo a arte como bandeira de resistência à cultura do silêncio imposta pelos ditadores e seus seguidores.

Esta postura, de se colocar à margem dos sistemas oficiais de produção e difusão da arte e de retomar a individualidade perdida pela proposta modernista caracterizou a chegada dos artistas marginais, que se colocavam à margem do sistema oficial de editoração no país, como forma de contraposição aos esquemas que continuam a perpetuar a visão colonialista do Sul/Sudeste, enquanto regiões que ditam o cânone da qualidade e seus meios de divulgação.

É, neste contexto, salvo maior juízo, que se inicia a década seguinte com o fortalecimento das manifestações de rua nas diversas cidades brasileiras em busca da redemocratização da nação, entre elas posso lembrar aqui a campanha das "Diretas já", em 1983, e a ruptura de boa

parte dos artistas com a postura academicista que imperava no ensino oficial e suas instituições, em especial, as Universidades que continuam reproduzindo este modelo canônico até os dias atuais.

Sendo assim, resistir significaria também a manutenção de status quo sem a renovação própria da arte enquanto força expressiva que recebe inúmeras influências oriundas de seu criador e dos diversos contextos em que se encontra (histórico e/ou cultural). Segundo Bosi, ao citar Baudelaire, a arte estaria para o “ilhamento” de sua diversidade, aquilo que o artista e sua produção tem, o “privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo e outro”.

Nesse sentido o Movimento dos escritores independentes, intimamente relacionado com esta rebeldia cultural dos anos 80 nos meios acadêmicos, mais precisamente com o I ENEL (ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS) realizado em Salvador, no estado da Bahia, em 1980<sup>45</sup>, se organiza como resposta ao conservadorismo e o tradicionalismo que já rondava até mesmo os baluartes da geração mimeógrafo encantados com o convite das grandes editoras para participarem do mercado editorial formal, em que pese o caráter transformador exercido por esses artistas durante os anos 1970. Sobre esta institucionalização da geração marginal iniciada na década de 1980, Luiz Carlos Monteiro, em entrevista ao site *interpoética.com.br* afirma que:

---

<sup>45</sup> Todas as referências foram extraídas do arquivo pessoal do poeta Eduardo Martins e de ESPINHARA. Francisco. *Movimento dos escritores independentes*. Recife: Editora Universitária, 2000.

A geração 70 nasceu em bases contestatórias e hoje se encontra institucionalizada. A poesia “marginal” de Chacal é distribuída em todo o Brasil através de programas editoriais oficiais que envolvem as escolas públicas. Quando participei do movimento independente assumi posições ideológicas e editoriais radicais, mas tentando manter o diálogo com outros grupos – a Geração 65, os Poetas da Rua do Imperador, a vanguarda local neotropicalista.

Certamente por esse início de institucionalização da geração mimeógrafo os autores ainda rotulados de "artistas novos" optaram por discutir diversas questões sobre a nomenclatura por meio da qual eram rotulados, as relações entre arte e poder e o processo de criação em relação aos sistemas de produção e difusão da obra de arte literária, tal como temos em *O direito à literatura*, abordado por Antonio Candido em “Vários escritos” (2011) e que me parece se aproximar da prática dos independentes no que se refere aos aspectos e valores socioculturais no que diz respeito a massificação da poesia de rua do Nordeste em sua tradição oral, pelo repente

Neste sentido, novo encontro em 1981 realiza-se com a participação de aproximadamente 16 estados da federação e foi nele que os escritores, até aí rotulados de novos" deliberaram pela nomenclatura de “Movimento de Escritores Independentes”, mirando a palavra independente como “em condições de resistir”, de criar o atrito com o conservadorismo descabido da época esse contrapor a visão canônica de poetas promotores de cultura do eixo Sul/Sudeste, quiçá, do próprio Nordeste, retornando aos seus estados de origem com o fito de promover eventos locais e discutir uma definição para os

autores assim designados. Penso aqui que neste encontro os escritores, grande maioria de poetas, incorporam a ideia contida no texto de Candido, de que a literatura é um bem inalienável e propriedade de todos. Uma forma de resistir e abraçar as causas mais humanas.

### **A carta de princípios e os princípios da resistência**

Pernambuco realizou dois destes eventos na instituição Fundação Casa das crianças de Olinda, celeiro de poetas da cultura popular, cordelistas e emboladores e foi de suas deliberações em âmbito estadual, por meio da “CARTA DE PERNAMBUCO” que os independentes chegaram aos seguintes tópicos de definição no I ENCONTRO NACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES, em Fortaleza- Ceará, onde se reuniram, como diz Fátima Ferreira, desde “poetas populares, vanguardistas e anarquistas, até os mais tradicionalistas dos autores” (ESPINHARA, 2000, p.16):

- a. Independência ante a sociedade opressiva e seus valores pré-estabelecidos;
- b. Independência ante o governo, órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma de suas criações teóricas ou literárias;
- c. Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político no sentido de impor, padronizar ou restringir temas e formas (livre expressão dos momentos do escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar);
- d. Independência de cada escritor nos seus posicionamentos filosóficos, teóricos, políticos-ideológicos, nas suas opções por correntes e movimentos literários, em tudo

que diz respeito à editoração, divulgação e distribuição dos seus livros;  
e. Independência, ante todos os modelos culturais alienígenas à cultura brasileira.

## Os Independentes de Pernambuco

Como se pode perceber os Independentes, a se considerar os pensamentos de Bosi, Cândido e Leyla não definiram em sua “carta de princípios” nenhum novo cânone de motivação estética nem de resistência, na verdade a ausência de um cânone é o que caracterizava a produção do Movimento. Sua forma de resistência era, de certa forma, propiciar esse direito que encontra-se abordado no texto de Antonio Candido e que agride os mais tradicionalistas por conta do seu aspecto anárquico, consolidado nas posições político-filosóficas e, principalmente estéticas dos autores envolvidos, tornando-se uma antecipação do que mais tarde nos diria R. Reis em *O Cânon* sobre este elemento norteador presente em quase todas as literaturas, delimitando a validade da produção artística, em nome de um aparelho do estado, porque neste caso "o discurso da alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado" (1992, p.69) emitindo e conservando a relação entre qualidade de texto artístico e a ideologia das elites intelectuais.

Sobre este aspecto vale lembrar o que Francisco Espinhara deixou registrado em seu livro *Movimento dos escritores independentes de Pernambuco* no que diz respeito às relações entre arte, história e poder:

Dos dicionários mais estranhos, tesouro vocabular de um povo, aos frios compêndios de Ciências, fonte inesgotável de tecnologia, os livros não seriam possíveis sem uma



história evidente ou intrínseca. Se dissesse o oposto, que a história seria possível sem os livros, estaria incorrendo em uma inverdade, pois ela, a História, sempre se houve por si só, acontecendo, ainda que para existir precise de "pensantes" que a façam acontecer. Pode parecer uma contradição, mas a história-história, com raríssimas exceções, nunca foi contada e transcrita a contento, foi sempre a opereta dos poderosos, vencedores, manipuladores, exterminadores, daqueles que fizeram "bom uso" dos seus dicionários e de seus compêndios de "ciências", as histórias circundantes foram sufocadas ou negligenciadas a grupos chamados de minorias étnicas ou éticas. (ESPINHARA, 2000, p.11)

Aqui vislumbro uma grande diferença entre os autores dos anos 70 que já se tornavam institucionalizados e sua prática do poema minuto e irônico iniciado em nossa literatura por Oswald de Andrade no início do Modernismo e a proposta de resistência anticanônica e politizada dos independentes dos anos 80 que se traduz no documento manifesto intitulado "Carta de princípios" redigida ainda no evento de fortaleza.

No pensamento de Espinhara e seus coevos, em especial na produção poética do grupo de origem (Eduardo, Francisco, Cida, Fátima e Héctor) nota-se a ojeriza às relações de apadrinhamento entre arte, poder e história, quase sempre desfavoráveis às "minorias éticas e étnicas".

Por isto penso, a "carta de princípios" do Movimento é longa e extensa, mas assume, principalmente, um caráter ideológico libertário da arte em relação aos

estudos críticos e ao controle estatal imposto pela ditadura que começava a ruir. Temos aqui, além de outros fatores, um dos motivos que seguramente levou à crítica a ignorar a produção poética do período, tanto em nível local quanto nacional, com raríssimas exceções locais como veremos mais adiante.

Em Recife, encontramos juntos e convivendo de forma fraterna desde os poetas populares (repentistas e emboladores) de onde os Independentes herdaram a caracterização de movimento de rua, até um sonetista mais recluso e de gabinete como Cícero Melo, não obstante, como em todo o movimento, apenas uma meia dúzia assumisse as rédeas das atividades desenvolvidas pelo Movimento, como já dito, que organizavam e executavam os projetos de realização de eventos abertos, editoração e divulgação da produção da época.

Estes autores formaram o “grupo embrionário do Movimento” aos quais se juntaram, entre muitos outros cujos registros ainda não se conseguiu documentar: Adelmo Vasconcelos, Amara Lúcia, Marcelo Mário Melo, Maria Celeste, Samuca Santos, Geni Vieira, Romana, Caesar Sobreira, Lenilda Andrade, Jorge Lopes, Don Antônio, Luiz Carlos Monteiro, França, Erickson Luna, Azimar Rocha, Raimundo de Moraes, Valmir Jordão, Celso Mesquita, Wilson Freire, Jailson Marroquim, Joaquim Cezário de Mello, Inaldo Cavalcanti, Cícero Melo, Jayme Benvenuto Júnior, Sérgio Lima e Silva, Lara, Pedro do Amaral Costa, Adelmo Vasconcelos, Wadson de Paula, Dôra Gusmão, Juhareiz Correya, Dione Barreto, Claudionor Loyola, Manuzé, Ricardo Antunes, Tales Ribeiro, Josualdo Menezes, Mônica Franco, Avanilton Aguilar, Sérgio Lima e Silva, Wilson Mota (Miltinho), Jorge Verdi, Marcílio Medeiros, Belmar... que viam na irreverência dos

Independentes e em seu poder de mobilização uma nova postura diante da produção literária.

Estes autores vislumbraram nesta nova postura, o renascer das ruas do centro do Recife naquilo que melhor as define: a efusão lírica, já que àquela época, além de ostentarem belos nomes, as ruas eram símbolos da resistência ao odor de urina, dos restos de frutas e da miséria no chão que passou a se confundir com a beleza do Capibaribe e, conseqüentemente, da cidade.

Os primeiros eventos se deram na **Livraria Reler**, com o apoio do professor e “sebeiro sabido” **Pedro Américo de Farias**, um dos poucos simpatizantes às ideias do Movimento em seu início. Aliás, **Flor Pedrosa** e **Pedro Américo de Farias** acompanharam alguns dos Independentes antes mesmo do movimento se definir enquanto tal, apoiando e fazendo editar no colégio secundarista 2001 o caderno de poesia intitulado **Momento Poético** em que aparecem publicados os primeiros poemas de Eduardo Martins (na época assinando como José Eduardo), Cida Pedrosa, Lydia Barros, Raimundo de Moraes, Ricardo Antunes, entre outros.

## **Poesia, direito e resistência no Centro de Recife**

Foi no centro de Recife que o Movimento iniciou os **recitais de rua** nas pontes, na Praça da Roda (também conhecida como Praça do Sebo) e em frente às Lojas Americanas, na Rua Sete de Setembro, todos os sábados pela manhã, momento em que os poetas tomavam as ruas do centro da cidade e ocupavam os hidrantes fazendo jorrar a poesia por meio de um dos mais antigos meios de difusão da arte poética, a oralidade. Cabe salientar que além de ser um instrumento de socialização e distribuição

gratuita da arte, o recital é marca registrada da cultura popular nordestina.

Este tipo de evento, singular para uma literatura que cada vez mais se encastela em seu reduto elitista, começa a incomodar muita gente chamando a atenção dos mais desavisados e, mesmo da mídia indiferente e mesquinha de Pernambuco que não conseguiu mais silenciar a chegada dos autores. Eles chegaram e alteraram completamente o cenário literário do bem comportado Recife dos anos oitenta com suas vozes e sua irreverência, fazendo resistir a arte de rua e suas relações com o aspecto revolucionário da própria linguagem literária.

Avaliações precipitadas por parte da “crítica” comprometeram o conhecimento da completa produção literária da época, embora alguns formadores de opinião como César Leal (Caderno Viver-DP), Lucila Nogueira (Geração 65/UFPE), Ângelo Monteiro (Geração 65/UFPE), Marco Camarotti (UFRPE), Paulo Azevedo Chaves (POLIEDRO-DP) e o maior incentivador dos Independentes, o poeta Alberto da Cunha Melo contestassem esta precipitação de muitos antes mesmo da leitura da produção em questão, um preconceito gratuito que os jovens sofreram acompanhado de toda espécie de desconfiança e discriminação sem sentido por parte dos detentores do poder cultural oligárquico do Estado em primeiro plano, e da nação num segundo plano. Por isso, cabe retomar aqui, mais uma vez, o caráter valorativo da arte que aparece no pensamento de Alfredo Bosi, quando explícita:

O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz enquanto é movido por

valores. Estes, por seu turno, repelem e combatem os antivalores respectivos. O valor é objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação.

Tome-se aqui esta questão na visão do poeta Alberto da Cunha Melo em entrevista no ano de 2000 concedida a 25 intelectuais brasileiros de diferentes gerações, entre eles, Alfredo Bosi, Deonísio Silva, José Nêumanne Pinto, Eduardo Martins e Mário Hélio, publicada posteriormente em 2012 no livro *Cantos de Contar*:

Se fizermos uma linha quádrupla de comunicação poderíamos alinhar Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs e Gregory Corso (nos EUA); Cacaso, Chacal, Wally Salomão e Ana Cristina César (no Sudeste) e Eduardo Martins, Francisco Espinhara, Cida Pedrosa e Fátima Ferreira (aqui em Pernambuco), na década de 1980. (2012, p.133)

Sabemos que a transcrição acima não faz referência apenas à história ou a um ou outro texto pincelado no tempo e no espaço dos fatos literários, mas, principalmente, à forma de se resistir, de se dar e se ter conhecimento da produção literária de um povo como um todo por meio da produção literária dos seus poetas dentro de um determinado recorte no tempo, o que de fato não ocorre, voltando-se à crítica colonialista aos estudos das obras do colonizador em nível internacional e nacional.

Sobre isso, e principalmente no que se refere à crítica literária brasileira do século XX, podemos ainda estabelecer os fatos econômicos, que colocaram em evidência as regiões Sul e Sudeste do país e as questões culturais, que se desenvolveram em decorrência destes fatores, como elementos determinantes da ausência quase absoluta, nos últimos cinquenta anos, de grandes autores, principalmente poetas, e dos grandes movimentos que se desenvolveram em outras regiões da nação, especialmente no Norte e no Nordeste, onde os grupos Independentes concentraram a maior parte de suas atividades.

Então, se considerarmos as linhas de atuação e os fatores que empurravam os autores para o universo do ser e do ter resistência no ato e no fato da criação poética, obtendo-se, desta forma que:

Diante da pseudototalidade forjada pela ideologia, a poesia deverá "ser feita por todos, não por um", era a palavra de ordem de Lautréamont. Este "ser feita por todos" não pôde realizar-se materialmente, na forma da criação grupal, já que as relações sociais não são comunitárias; mas acabou fazendo-se, de algum modo, como produção de sentido contra-ideológico válida para muitos. E quero ver em toda grande poesia moderna, a partir do Pré-Romantismo, uma forma de resistência simbólicos aos discursos dominantes. (BOSI, 1977)

Assim,

“A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena” confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da

paródia, do pós revolucionário, da utopia).  
(BOSI, 1987)

Some-se a isto que estes poetas trabalhavam na contramão do cânone ou do estabelecimento deste como verdade absoluta, ou seja, os poetas Independentes ironicamente se auto intitulavam como "Movimento", mas não possuíam uma plataforma estético-formal que os caracterizassem como tal, muito menos um "guru" ou um "padrinho" que os lançasse para a grande mídia e os colocasse em relacionamento direto com o grande público, provavelmente nem desejassem isso. Faziam e fazem oposição a tradição do colonialismo das regiões sul e sudeste do país sobre as demais regiões.

Neste sentido sua história será construída por fatos criados no interior da própria movimentação natural dos autores que dele participaram e estará diretamente vinculada às ruas e às universidades de onde vieram, tendo em vista que surgiram de uma reunião de escritores novos, ocorrida durante a Realização do I Encontro Nacional de Estudantes de Letras, em Salvador, na Bahia, em 1980 (ESPINHARA, 2000, p. 13).

Certamente estes fatos contribuíram decisivamente para que o Movimento, após 30 anos, continue esquecido para a crítica literária brasileira, principalmente quando se fala de poesia e especialmente da poesia produzida no Brasil dos anos de 1980.

No Nordeste os Independentes alcançaram, talvez com maior eficiência, o que parecia ser pretensão dos primeiros poetas marginais de 1970, um anonimato quase absoluto, que salvo raríssimas exceções em nossa literatura, só começa a ser quebrado no início do século XXI, quando alguns críticos e poetas de renome nacional começam a citar parte desta produção em seus manuais.

Esse é o caso do professor Afrânio Coutinho que em sua *Enciclopédia de literatura Brasileira* (COUTINHO, 2001, p.1119) inclui o Movimento como verbete e outros autores como Alberto da Cunha Melo, Ângelo Monteiro, César Leal, Aguinaldo Gonçalves, Marcus Accioly, Marco Camarotti, Deonésio Silva, Osvaldo Duarte, Bráulio Tavares, Nagib Jorge Neto e Marco Pólo Guimaraens que em suas reflexões sobre algumas obras de autores desta época atribuem valor positivo à produção literária do Movimento, o que mais uma vez caracteriza a nossa crítica como retardatária cujos espaços em branco são constantes e cujas injustiças, não raro, geram lacunas intransponíveis e danosas.

No entanto, os Independentes, à revelia do reconhecimento crítico, continuaram e invadiram os meios acadêmicos, levaram a produção pernambucana para as universidades e para as escolas. A FAFIRE (Faculdade de Filosofia do Recife) foi palco de vários eventos dos Independentes, também a UFPE e a UNICAP (Universidade Católica). Os bares, as portas de cinemas e os teatros já não conseguiam mais ignorar a presença dos escritores.

Eles estavam em todos os cantos e recantos, mas centralizavam, como já o dissemos, na Praça do Sebo, na Rua da Roda, seus lançamentos coletivos e, na Livraria Síntese, na Rua do Riachuelo, com o apoio e a generosidade da livreira Sueli, seus lançamentos individuais, que também ocorriam com menor frequência na livraria Livro 7, de Tarcísio Pereira. Retomo aqui a ideia de O direito à literatura do qual fala Antonio Candido e que já citei anteriormente.

Se a Livro 7 foi essencial para a consolidação da “Geração 65” de poetas pernambucanos e não deixou de ter sua importância para os Independentes, a Síntese, a



Praça do Sebo, o Beco da Fome e a frente das Lojas Americanas na Rua Sete de Setembro (cujo gerente fazia jogar sobre os poetas baldes e mais baldes de água com o intuito de parar os eventos literários aos sábados) foram o eixo da Identidade e da cidadania literária dos Escritores Independentes junto com as ruas do centro da cidade.

Aí o Movimento chegou a lançar 29 livros em um só ano, e fez circular mais de 10 jornais nanicos, entre eles o *Americanto*, o *Lítero-Pessimista*, o *Contágil*, o *Mandacaru*, *Cochicho*, o *Lírica*, o *Poética*, o *Cântaro* e o *Poemar*, que se tornaram mais conhecidos em virtude de uma participação mais ativa de seus editores.

Se os jornais e os livros eram importantes para a consolidação dos espaços e da produção artística do Movimento, outras frentes foram organizadas no sentido de abrir trincheiras para a “batalha pelo poema” que os poetas travavam diariamente e que se tornou um dos folhetos lançados em conjunto por Eduardo Martins, Francisco Espinhara e Pedro do Amaral.

Entre estas atividades destacam-se: feiras de livros, varais, exposições de pôsteres-poemas ilustrados, recitais, chuva de poesia, happenings e performances que tomavam conta do centro histórico e revitalizavam não seus esqueletos de concreto, mas a essência transubstanciadora da cidade. Uma real apologia ao que de mais singelo e cristalino representa a cultura recifense: o lirismo.

Uma verdadeira embolia de muita coisa que parecia morta na cultura da região e que ressurgiu com força e magia pelas mãos e pela voz da juventude em espaços gerados com apoio dos que souberam recepcioná-los, entre eles: Sueli, da Síntese, que teve por diversas vezes a frente e adjacências do estabelecimento ocupadas pelos Independentes em lançamentos, recitais e exposições de

poemas, além de outros que foram conquistados de assalto pelo Movimento, como a Rua da Roda.

Neste período, Alberto da Cunha Melo ressalta, em sua coluna, no *Jornal do Comércio*, a importância do trabalho do Movimento no que diz respeito ao resgate da oralidade da nossa poesia. Este nos parece ser um ponto de crucial importância do Movimento, porque o identifica com as práticas dos poetas populares.

Tal traço artístico oriundo da cultura nordestina aparece em virtude das relações de proximidade do Grupo com os poetas cordelistas e emboladores que ocupavam a Fundação Casa das Crianças de Olinda, onde os independentes chegaram a realizar dois encontros em nível regional em 1981 e 1982, respectivamente.

Esta vertente, muito bem representada dentro do grupo por poetas como Wilson Freire e Adelmo Vasconcelos trazia para os recitais o gosto e o sabor da cultura popular ligada ao cordel e a cantoria, embora não fosse marca única do trabalho desses autores. Penso aqui no discurso que se engaja ideologicamente dentro dos recitais e em outras atividades que, em última instância, “trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam” (ORLANDI, p.37) e ao qual se incorpora, certamente, a ideologia.

Temos então que esta ideologia enquanto elemento da parte substância do discurso (tal como distinguia Saussure) seja independência da qual o Movimento realça a peça abstrata que se observa no item I da carta manifesto, por meio do qual a sociedade é

encarada como elemento repressor e parte do aparelho estatal.

Em assim sendo, temos um conjunto de forças que se realiza através de uma expressão tensiva mobilizada enquanto expressão de alteridade do outro em sua manifestação social. Qual seja “só podemos ter língua e história conjugadas pelo efeito ideológico, pela consideração de sua materialidade específica” (ORLANDI, p. 40) ou de sua linguagem tal qual o desenvolvimento de uma organização pela qual transita o plano sensorial do outro. Neste sentido, o gesto enquanto propagador de sua Independência “coletiva” “se realiza precisamente no sujeito sob forma de sua autonomia” (M. Pêcheux, 1988).

### **Dispersão, resistência e reafirmação**

O Movimento dos Independentes cresceu vertiginosamente, a despeito do preconceito e da ignorância de quem chegava a duvidar de sua existência enquanto Movimento. Incorporou outras artes como a música, a pintura e a charge. Abriu novos leques de interação, mas com a mesma velocidade com que cresceu sucumbiu, após a dissolução do grupo embrionário, por volta de 1987, com a saída de Eduardo Martins e Espinhara para Rondônia, Cida para o interior de Pernambuco, Héctor para o Maranhão e o afastamento de Fátima das rodas literárias da época.

Como todo movimento destituído de um referencial mínimo de organização e hierarquização, e possuindo muitos adeptos de ocasião, os Independentes viram inúmeros de seus sonhos atolarem na imensidão dos mangues do Recife e assistiram caroneiros e oportunistas de plantão se vangloriarem de uma pseudo participação que

muitos viram inicialmente com ironia, mas posteriormente, quando a cidade parecia já ter assimilado sua existência e seus rompantes, obtinham referências positivas dos meios acadêmicos e da mídia, prestando depoimentos como partícipes ou incluindo-se numa história que não lhes pertencia.

Por isso e por muito mais que isso, acreditando que o mundo dá suas voltas e que é necessário retomar o passado em suas águas mansas, resolvemos insistir neste resgate, como forma de resistir, persistir e ofertar o direito real à literatura, porque as águas passadas, ao contrário do que muitos pensam, só movem moinhos, intermináveis e ininterruptos, profundos e ágeis como estes ventos que nos sopram os ares da história a renovar e reler esses tempos de “juventude e fé”.

### Referências

- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Sp, Editora duas cidades, 1977.
- BRILHANTE, Bráulio. Apresentação. ap. In: ESPINHARA, Francisco. **Sangue ruim**. Recife: Edição independente, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Livraria duas cidades. São Paulo: SP, 2011.
- ESPINHARA, Francisco. **Movimento dos escritores independentes**. Recife: Editora Universitária, 2000.
- GONÇALVES, Aguinaldo. A lírica sitiada de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **O lado aberto**. Porto Velho: Edufro, 2004.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo, Ática, 1994.

LEAL, César. O Somatismo de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Eczema no Lírico**. Recife: Edição independente, 1985.

\_\_\_\_\_. O poeta Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Procissão da palavra**. Recife: Edição Independente, 1986.

MARTINS, Eduardo. A poesia que se vê (ap.). In: PEDROSA, Cida. **Gume**. Recife: Edição independente, 2005.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Altas literaturas**. São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Luiz Carlos. **Entrevista**. In: Interpoética.com.br, acessado em 01 de março de 2014.

MELO, Alberto da Cunha. **Cantos de contar**. Recife: Editora Paés, 2012.

NETO, Nagib Jorge. **A Literatura em Pernambuco**. Recife: Editora Comunigraf, 2009.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001, (vol. II).

JAUSS. Robert Hans. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. S. tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MIOSÉS, Perrone Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Editora SCHWARCZ, 2009.

REIS, Roberto. Cânon. In. JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.



# LITERATURA INFANTOJUVENIL: RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO

*Larissa Gotti Pissinatti*<sup>46</sup>

*Nerli Nonato Ribeiro Mori*<sup>47</sup>

## Introdução

O objetivo desse trabalho é identificar as evidências de resistência na seguinte obra: *Cinderela Surda* dos autores: Carolina Hessel Silveira, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa. Essa obra, produzida pela comunidade surda é classificada como literatura surda e está no gênero infanto-juvenil. Para compreender seu caráter descolonizador é preciso retomar o significado dessas produções no campo literário, compreendendo assim, o movimento das narrativas infanto-juvenis no século XXI, a partir do contexto dos estudos pós-coloniais.

A escolha da obra se justifica por ser uma produção de um grupo cultural alvo de preconceitos e atitudes excludentes atualmente e que viveram um processo de colonização cultural, tendo sua língua e cultura negados pelo colonizador. A abordagem utilizada tem como base

---

<sup>46</sup> Mestra em Estudos Literários; professora efetiva lotada no departamento de Libras na Universidade Federal de Rondônia – UNIR; Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – sob orientação de Nerli Nonato Ribeiro Mori; membro do grupo de pesquisa: Desenvolvimento, aprendizagem e educação-UEM; membro do grupo de pesquisa Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia – CNPq.

<sup>47</sup> Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá- UEM; membro do grupo de pesquisa: Desenvolvimento, aprendizagem e educação-UEM.

a teoria dos estudos pós-coloniais. Para tanto, faremos uso dos argumentos de Barbara Harlow, Alfredo Bosi, Wa Thiong Ngugi e Amílcar Cabral, a fim de discutir o caráter resistente presente nas obras. Para tanto, dividimos nosso trabalho em três momentos. No primeiro, abordaremos o conceito de literatura infanto-juvenil e de resistência, situando nosso estudo no contexto dos estudos pós-coloniais. No segundo momento, apresentaremos a literatura surda no contexto dos estudos pós-coloniais. Por fim, no terceiro momento identificaremos as evidências de resistência nos elementos para-textuais e nas personagens da obra *Cinderela Surda* (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2003).

### **Fundamentos conceituais: literatura infantojuvenil, infância e resistência**

Conforme Coelho (2000), a literatura infanto-juvenil até o século XX, é compreendida como obras de função pedagógica. A criança é aprendiz dos valores, costumes e hábitos, através de narrativas que partiam do cotidiano, sua participação social é passiva.

Até o século XX, a criança, em sua fase denominada infância, é compreendida como um adulto em miniatura, não era compreendida como um indivíduo pensa e participa da vida social. Segundo Agamben (2008), essa noção é compatível com a noção de *in-fantis*, do latim, que significa sem fala. Para o autor, a infância é compreendida como uma experiência de uma linguagem específica, mas que não é muda, chamando atenção para o aspecto da participação da criança no meio social, com competência linguística compatível à sua idade e formação. Essa concepção contraria o próprio significado da palavra



infância em latim e apela ao questionamento e possibilidade de pensar a literatura infanto-juvenil como um local de formação e espaço de fala para a criança.

Nesse sentido, compreendemos que a noção de literatura infanto-juvenil passa por diferentes concepções no decorrer dos séculos e, com o surgimento dos estudos da psique, no século XX, os livros infantis começam a serem produzidos considerando as diferentes fases do desenvolvimento psicológico da criança. Além disso, devemos considerar que há um contexto específico de produção no contexto dos estudos literários de produções que surgem no período colonial, por parte de povos colonizados (africanos, indígenas, grupos culturalmente colonizados, como por exemplo, os surdos), essas produções são denominadas no contexto literário – literatura pós-colonial.

A literatura pós-colonial, segundo Bonnici (2009), trata de narrativas que surgem para contestar as relações de poder entre colonizado/colonizador. Essas relações podem ter um viés político-econômico de dominação e/ou também cultural. A literatura, torna-se assim, uma estratégia de resistir a colonização e retomar os valores culturais que lhes são próprios, como por exemplo, a língua.

Conforme Harlow (1987), o termo resistência foi aplicado pela primeira vez em 1966 na literatura, pela escritora e crítica Ghassan Kanafani, apresentando a história de ocupação e exílio dos egípcios e jordanos na ocupação israelita. A discussão na obra *Literature of Resistance in Occupied Palestine: 1948-1966*, das relações de poder, as diferenças culturais e os diferentes modos de exercer a política, contribuiu para que a literatura se apresentasse

como um campo crítico de luta e possível estratégia de resistência e libertação.

Para Bosi (2002, p. 118), a resistência em seu “sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia [...]”. A resistência nasce da vontade de se opor a algo ou alguém.

Nessa perspectiva, Bonnici (2005), a colonização impõe o silêncio do nativo e a literatura, torna-se assim, uma forma de lutar contra a opressão e o silenciamento colonialista, de forma a perseguir “[...] a escuta atenta às rupturas nativas e às reestruturações dos discursos eurocêntricos. Em muitos casos o silêncio nativo é tão abrangente que fica a convicção de que a pessoa colonizada foi como que totalmente riscada pela escrita ocidental [...]” (BONNICI, 2005, p. 50). A literatura é uma forma de subverter e questionar o poder colonial. Através dela, o colonizado afirma sua cultura e se apresenta ao colonizador contestando seu poder e estética opressora.

Para Ngugi (1986), a cultura é o elemento, por meio da qual, o poder colonial se utiliza para dominar, mas também é por meio dela que se faz um caminho de descolonização das mentes. A literatura, como parte do artefato cultural dos mais diversos povos, constitui um elemento cultural que pode ser utilizado, estrategicamente, como meio para descolonizar as práticas preconceituosas e excludentes, resistindo assim, ao poder opressor do colonizador.

Amílcar (1980), afirma que a cultura é uma forma de resistir frente as estratégias colonialistas que negam a cultura do colonizado desumanizando-o. Assim, “o valor da cultura como elemento de resistência ao domínio estrangeiro reside no fato de ela ser a manifestação

vigorosa no plano ideológico ou idealista, da realidade material e histórica da sociedade dominada ou a dominar [...] (AMÍLCAR, 1980, p. 56). Dessa forma, ao negar a cultura do outro, nega-se também sua história, sua maneira de se relacionar, pensar e criar, nega-se a sua identidade e sua maneira de ser no mundo.

Ainda segundo o autor, o colonizador para assegurar-se do seu domínio em relação ao colonizado, pratica opressão cultural, seja na sua forma direta ou indireta, aniquilando valores essenciais da cultura do povo dominado, apresentando ao colonizado outros valores que não os seus. O domínio colonizador, torna-se, “necessariamente, um ato de cultura” (AMÍLCAR, 1980, p. 59).

A resistência, por meio da literatura, segundo Bonnici (2009), torna-se uma estratégia contra a opressão colonizadora e para Amílcar (1980), um ato de libertação.

Ngugi (1986) pode ser relacionado às ideias de Amílcar (1980) ao afirmar o caráter libertador da literatura produzida pelos grupos culturais colonizados. Para ele, a literatura de resistência contribui no processo de libertação e luta em relação a estética opressora imposta pelo colonizador. Dessa forma, quando nos referimos a literatura infanto-juvenil de resistência, estamos considerando as produções de grupos marginalizados apresentando, através da literatura, sua resistência aos poderes colonialistas que o atingiram de alguma forma. Tendo por base seus valores linguístico-culturais, afirmam e fortalecem sua identidade e cultura através de suas produções literárias e podem, por meio disso, descolonizar, de forma estratégica, as atitudes preconceituosas em relação a sua cultura e valores, de forma que essas obras vão além de uma função pedagógica, mas exercem

também, uma função política de formação crítica do público infanto-juvenil.

Para Harlow (1987), as relações de poder exercidas pelo colonialismo, instituíram variações e tensões entre as culturas, determinando valores e intensificando distâncias entre elas. Além disso, constituíram as culturas e as subculturas, minimizando outras culturas, a fim de dominá-las. A literatura, torna-se assim, um espaço “pedagógico de resistência” (HARLOW, 1987), evidenciando as relações de poder entre colonizado/colonizador, oprimido/opressor.

O poder colonizador, segundo Harlow (1987), dissemina valores hegemônicos das culturas ditas dominantes, determinando os valores culturais e sua forma estética, não considerando assim, as diferentes estéticas existentes. Assim, o outro, diferente, ou com diz Said (2007), o oriente, é desconsiderado em suas especificidades culturais e diferenças.

Com esse contexto, o estudo das produções de grupos marginalizados constituiu-se um campo de estudo na literatura. As relações de poder, estabelecidas com e pela colonização e a subversão às diferentes formas de colonização política, econômica, cultural, possibilitaram a compreensão da literatura como uma “estratégia de resistência” (BONNICI, 2009), isso não somente pela temática que são apresentadas, como diz Harlow (1987), mas também pelo seu conteúdo.

### **Literatura surda e resistência**

Segundo Bosi (2002, 120), “a ideia de resistência, quando conjugada à narrativa, tem sido realizada de duas maneiras que não se excluem necessariamente: a) resistência se dá como tema; b) resistência de dá como

processo inerente à escrita”. Assim, ao tratarmos de literatura infanto-juvenil de resistência, consideramos obras nessas duas circunstâncias de produção. As produções literárias do povo surdo, na sua forma de conto culturalmente adaptado e criações trazem em seu conteúdo a resistência do povo surdo aos valores ouvintistas, como por exemplo: Patinho Surdo (KARNOPP, ROSA, 2011), Adão e Eva (KARNOPP, ROSA, 2011), Cinderela Surda (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2003), também encontramos em algumas obras de Ondjaki narrativas infanto-juvenis que tratam da resistência à guerra de Angola, a exemplo, temos a obra Ynari: a menina de cinco tranças, O voo do golfinho. Além dessas obras, encontramos narrativas de Daniel Munduruku, escritor indígena, obras de Daniel Leite, escrito paraense que também evidenciam em suas obras infanto-juvenis conteúdos de resistência. Com isso, queremos dizer que faremos a identificação de elementos de resistência na obra Cinderela Surda, porém, afirmamos que há outras obras com o mesmo caráter, nos possibilitando considerar algumas produções da literatura infanto-juvenil como literatura de resistência.

Na obra Cinderela Surda, encontramos o que Bosi (2002, p. 259) identifica como o “excluído sujeito do processo simbólico”, ou seja, o surdo é autor de obras que representam seus dramas, vivências e experiências, o excluído e marginalizado entra no circuito de produção cultural e manifesta seus valores linguístico-culturais por meio da literatura. Temos assim, não somente no conteúdo que expressa na obra, mas também na autoria, seu caráter resistente. Conforme Bosi (2002, p. 130), “[...] a escrita resistente (aquela que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso,

já que se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes [...]”.

A literatura surda é um fenômeno recente no Brasil e constitui-se conforme Strobel (2013), um artefato cultural do povo surdo, pois apresenta em suas narrativas, poesias e humor as experiências e vivências do povo surdo, assim como seus valores linguístico-culturais.

No Brasil, as primeiras publicações surgem em 1999 com Nelson Pimenta e a divulgação de poesias em língua brasileira de sinais (LIBRAS), assim como tradução de fábulas em LIBRAS. Em 2001, temos a publicação da primeira obra considerada, tradicionalmente, literatura surda, intitulada *Tibi e Joca* uma história de dois mundos.

Com o reconhecimento da LIBRAS, por meio da lei 10.435 em 2002, outras obras surgem e são publicadas tanto pelos membros do povo surdo como ouvintes participantes da comunidade surda. A ideia de povo surdo é compreendida por Strobel (2013), como o grupo que possui uma condição audiológica e estão unidos pela condição e uso de uma mesma língua e a ideia de comunidade surda, ainda conforme a autora, se afirma na congregação de pessoas que estão unidas com o mesmo objetivo em prol da causa do povo surdo e não necessariamente conhecem ou utilizam a língua de sinais. Dito isso, podemos aferir que as produções da literatura surda são elaboradas por pessoas que constituem parte do povo surdo ou da comunidade surda.

Para Mourão (2011), assim como para Karnopp (2006) e Holcomb (2013), a literatura surda trata de produções que representam as vivências e experiências do povo surdo e apresentam sua condição como algo positivo.

A narrativa *Cinderela Surda* (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2003), compõe o corpus das produções literárias do

povo surdo. É uma adaptação cultural do conto infantil Cinderela. Escrita pela pesquisadora e professora Lodenir Karnopp e por pesquisadores surdos: Carolina Hessel e Fabiano Rosa. A obra foi escolhida por tratar de uma reescrita que apresenta elementos de resistência à cultura ouvinte afirmando os valores linguístico-culturais do povo surdo.

Na teoria dos estudos pós-coloniais a adaptação cultural como é feita com a obra Cinderela, reescrevendo-a como Cinderela Surda, pode ser compreendida como reescrita. A reescrita é compreendida por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991) como uma estratégia política de realocação do sujeito excluído da margem para o centro, por meio do qual se descontrolam valores impostos pelo colonizador e se apresentam as diferenças e valores negados no decorrer da história.

As evidências de resistência na obra Cinderela Surda serão analisadas em dois momentos. Primeiramente identificaremos os elementos para-textuais da obra (capa, contracapa) e, em seguida, as evidências na obra no decorrer do enredo.

## **Elementos paratextuais de resistência na obra Cinderela Surda**

A obra Cinderela Surda já apresenta em seu título a desconstrução e resistência ao apresentam na capa, por meio do título, o local de enunciação da personagem protagonista, a comunidade surda. A protagonista, Cinderela Surda, utiliza sinais e é surda na narrativa adaptada.

Outro aspecto da capa é a valorização das mãos. A personagem principal aparece utilizando uma luva em uma

das mãos, indicando o valor desse membro para o povo surdo.

Um terceiro elemento está no rosto da Cinderela Surda ilustrado na capa. Nele, podemos observar o valor dado aos traços dos olhos em detrimento à boca. Os olhos estão abertos e transmite um olhar para o leitor de alegria e satisfação e a boca está fechada, indicando o valor das experiências visuais. Além disso, a escrita de sinais aparece ao lado do título em língua portuguesa.

A escrita de sinais é o desenho em forma de código dos sinais e seus parâmetros (configuração de mão, movimento, direção, localização e expressão não manual). Esses elementos constituem cada sinal na língua brasileira de sinais.

O texto em língua portuguesa na obra está acompanhado da tradução da escrita de sinais, indicando o valor dos sinais e das experiências visuais para o povo surdo e a comunidade surda. Segundo Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991) essa forma de construção literária constitui-se de “apropriação linguística”, afirmando a diferença e os valores desse grupo cultural colonizado linguisticamente. Ao adaptar culturalmente o conto, os autores partem da cultura surda e seus valores e desenvolvem, segundo Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991), uma escrita de si – writing it self.

Um quarto elemento paratextual encontrado é a expressão eu te amo na contracapa da obra. Nela, encontramos os autores ilustrados, uma breve biografia de cada um deles. Abaixo da biografia encontram-se a ilustração dos três abraçados um ao lado do outro e um deles sinaliza a expressão eu te amo. Essa expressão, é um empréstimo linguístico da língua norte-americana e indica



o pertencimento à comunidade surda, assim como a identificação com a língua e valores desse grupo cultural.

A capa e a contracapa da obra *Cinderela Surda* apresentam evidências de resistência ao representar, por meio do título e das ilustrações os valores linguístico-culturais do povo surdo. A seguir identificaremos no decorrer da narrativa algumas evidências de resistência.

### **Evidências de resistência nas personagens**

Ao observar os elementos para-textuais da obra observamos que a língua se constitui como objeto de reestruturação das relações de poder estabelecidas entre surdos e ouvintes. A língua de sinais utilizada pela personagem protagonista, chama atenção para o valor da língua de sinais para a comunidade surda e a apresenta como a língua central na obra: “Cinderela e o Príncipe eram surdos e aprenderam a língua de sinais francesa quando eram crianças” (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2003, p. 6).

Na narrativa *Cinderela Surda*, a língua de sinais é apresentada como língua do reino e aprendida pela comunidade surda do país e também pelos nobres: “O rei e a rainha contrataram o mestre L’Epeé para ensinar a língua de sinais francesa ao Príncipe herdeiro do trono” (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2003, p. 8).

A história é retomada na obra ao apresentar a ilustração do príncipe recebendo os ensinamentos do L’Epeé, um monge francês fundador da primeira escola para surdos em Paris e que priorizou a língua de sinais como língua de instrução na educação dos surdos. Essa retomada histórica na obra chama a atenção do leitor para a colonização linguística sofrida pelos surdos com a determinação do método oralista em 1880 com o

Congresso de Milão. Esse evento constitui-se um marco para o povo surdo, pois passou a ser obrigado a aprender a língua oral e as línguas de sinais ficaram proibidas em todo o mundo. Ladd (2013), afirma

Embora a maioria das pessoas conceba o colonialismo como estabelecendo-se em torno do poder econômico imposto em culturas menos capazes de se defenderem elas próprias, há que argumentar inegavelmente a favor do conceito de colonialismo linguístico e é este que possibilita o início de uma ponte entre os discursos das comunidades gestuantes e outras comunidades colonizadas (LADD, 2013, p. 18)

Os surdos vivenciaram o colonialismo linguístico em razão da proibição de sua língua e com ela a negação de seus valores culturais, sua forma de existir e pensar. A literatura foi uma das estratégias de afirmar e fortalecer os valores negados e marginalizados pela metodologia oralista e pelo ouvintismo. Segundo Ladd (2013, p. 9) afirma que: “a batalha travada para preservar a sua própria língua pode ser encarada como resistência política, linguística ou econômica, mas para o povo surdo, a chave dessa resistência reside na, e é conduzida pela, cultura.

Na narrativa, as irmãs da Cinderela e a madrasta não sabiam bem sinais, mas a fada e outros personagens do reino conheciam a língua de sinais. Essa construção indica que as pessoas, na narrativa que aceitam os surdos, aprendem e respeitam sua língua e as que não respeitam não conhecem e menosprezam a condição de ser surda da Cinderela, indicando também um sentimento a partir das vivências dos surdos nas relações com o ouvinte.

Outro elemento de resistência na reescrita da obra é na hora do baile. Nesse momento, a cultura surda também é evidenciada como central no encontro entre o príncipe surdo e a Cinderela Surda no momento do baile: “O príncipe foi ao encontro de Cinderela, estendeu a mão, convidando-a para dançar.

Cinderela sinalizou:

\_ Sou surda!

\_ É o príncipe, surpreso, respondeu em sinais:

\_ Eu também sou surdo! ” (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2003, p. 22).

Quando é meia noite, Cinderela sai correndo do palácio e deixa cair uma das luvas ao invés do sapatinho. A luva coloca em evidência as mãos e sua importância para a comunidade surda, pois com e através delas podem se comunicar e expressar suas ideias. A cultura surda, assim, é evidenciada na afirmação da condição – ser surdo – e na apresentação de valores do povo surdo, como a língua de sinais e as mãos. Conforme Ladd (2013, p. 25),

A cultura é chave para a mudança efetiva, atuando como verbo e substantivo; é simultaneamente o objeto do nosso olhar, o processo do qual os desafios para a nossa identidade devem ser examinados, e o ‘meio’ do qual fazemos as nossas asserções e realizamos alterações.

Na narrativa, a língua de sinais também é utilizada pelo príncipe, indicando a centralidade da cultura surda no reino onde Cinderela habitava. A cultura é o elemento estratégico de resistência, por meio da literatura, para evidenciar os valores linguístico-culturais do povo surdo.

O apelo da obra às diferenças e seu caráter resistente ao apresentar os valores do povo surdo conduzem o leitor

à reflexão da colonização vivida pelos surdos, iniciando um processo de descolonização da mente (NGUGI, 1986), em relação aos valores ouvintistas impostos com o Congresso de Milão e a metodologia oralista.

A descolonização também pode ser observada na autoria da obra que propõe uma nova forma de olhar o povo surdo, reescrevendo uma obra clássica e propondo uma releitura da história do povo surdo, percebendo-o e valorizando-o na sua diferença.

### **Considerações finais**

Cinderela Surda, uma obra parte da literatura surda e do gênero infanto-juvenil, trata de uma narrativa de resistência do povo surdo. Isso pode ser afirmado ao verificarmos as evidências de resistência presentes em elementos para-textuais da obra.

O título, a escrita de sinais, a luva apresentadas na capa e a expressão eu te amo, na contracapa, anunciam o lócus de enunciação da obra, apresentando o povo surdo como o centro da narrativa, conduzindo o leitor a olhar as diferenças dos surdos, assim como para seus valores linguístico-culturais.

O enredo também evidencia elementos de resistência: o uso da língua de sinais pelo príncipe e a perda da luva ao invés do sapato, apresentando elementos constitutivos dos valores do povo surdo.

Nesse contexto, a narrativa Cinderela Surda, pode ser considerada como uma obra estratégica de resistência por parte do povo surdo e descolonizadora de valores ouvintistas, pois propõe uma releitura da história da educação dos surdos, deslocando-o da margem da história

para o centro. Isso pode ser observado no decorrer da narrativa.

A reescrita é um apelo para olhar a diferença e descolonizar o preconceito em relação a língua de sinais e ao povo surdo. Ao propor o texto em língua portuguesa escrita, acompanhado da escrita de sinais, apresenta a apropriação linguística do povo surdo em relação à língua do colonizador, reforçando e fortalecendo seus valores linguístico-culturais.

A escrita de resistência, em seu caráter descolonizador propõe um novo olhar, uma nova postura em relação ao marginalizado, por isso, podemos concordar com Bosi (2002), quando diz que a literatura de resistência é também ética, pois questiona as relações de poder por meio das personagens. Dessa forma, segundo Bosi (2002, p. 134-135) a literatura em sua “resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico [...] É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”.

### Referências

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back – Theory and practice in pos-colonial literatures**. London: Routledge, 1991.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

AMÍLCAR, Cabral. **A arma da teoria**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

BONNICI, Thomas. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-culturais**. Maringá: Eduem, 2009.

- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: UEM, 2005.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- HARLOW, Barbara. **Literatura de resistencia**. Santiago de Compostela: Gráficas Sementeira, 1993.
- HESEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **Cinderela surda**. Canoas: ULBRA, 2003.
- HOLCOMB, Thomas K. **Introduction to American Deaf Culture**. New York: Oxford, 2013.
- KARNOPP, Lodenir. Literatura Surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p. 98-109, jun. 2006, p. 98-109.
- LADD, Paddy. **Em busca da surdidade I – colonização dos surdos**. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd'Universo, 2013.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura surda: produções culturais dos surdos em Língua de Sinais**. Porto Alegre. 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>. Acesso em 17/05/2020.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- NGUGI, Wa Thiong. **Decolonizing the mind: the politics of language**. London: James Curriey, 1986.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA: ESPAÇO POSSÍVEIS COM OBRAS DE AUTORIA INDÍGENA<sup>48</sup>

Márcia Dias dos Santos<sup>49</sup>

### Introdução

(Des) politizar o acesso aos/dos textos literários na escola é um embate que tem sido um grande aliado às lutas dos povos indígenas. Aderindo a essa concepção, apresentamos este trabalho que tem como objetivos: discutir os espaços da literatura indígena na (s) escola (s); apresentar possibilidade (s) de acesso ao (s) /do (s) aluno (s) de obras de autoria indígena; compreender os textos de autoria indígena como uma possibilidade de legitimação da lei 11.645/08.

A metodologia utilizada foi a pesquisa de cunho bibliográfico e para pensar os caminhos da literatura indígena com práticas educacionais descolonizadoras, dialogamos com Dalcastagnè (2012), em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* obra na qual a autora discute sobre lugares de fala, pluralidade

---

<sup>48</sup> Discussões apresentadas no durante o Congresso Internacional de Literatura, Cultura e Resistência, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT.

<sup>49</sup> Mestre em Ciências da Linguagem-Universidade Federal de Rondônia-UNIR/*Campus* de Guajará-Mirim. Professora do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem da UNIR-*Campus* de Guajará-Mirim. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas – GEIFA e Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil (GEPEFENCO). E-mail: [marcia.santos@unir.br](mailto:marcia.santos@unir.br). Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2106406700714396>

na escrita, autoria e resistência entre outras questões; Jouve (2012) com a obra *Por que estudar literatura?* que discute sobre o papel imprescindível dos estudos literários para a formação crítica e motora da evolução cultural; Lajolo (2018) com a obra *Literatura ontem, hoje e amanhã* na qual a autora aborda evolução dos textos literários e sua relação com a sociedade contemporânea; Almeida e Queiroz (2004) em *Na captura da voz: edições da literatura oral no Brasil* obra que trata, entre outras questões, sobre a dessacralização dos elementos da cultura indígena em outras narrativas e nos espaços escolares; Munduruku (2014) no texto “*Literatura Indígena e o ténue fio entre escrita e oralidade*” em que autor dialoga sobre a escrita dos povos indígenas e sua relação com a memória; Dorrico Peres (2018); Dorrico (2018), escritora Macuxi, que com os textos *A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea* e *Literatura brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* discute sobre a escrita indígena como um processo de reafirmação e retomada do lugar de enunciação para o indígena; Thiel (2012) com *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque* obra em que a autora apresenta, entre outras questões, atividades de letramento literário com obras indígenas e por fim Cosson (2016) com a obra *Letramento literário : teoria e prática* que apresenta o letramento literário como uma prática social que deve rever o simulacro instituído com obras de literaturas que chegam às escolas.

As discussões apresentadas levam-nos a compreender a literatura como uma possibilidade de imersão em espaços de representações, até então, negados, aos povos indígenas e assim, entender o papel agente político-discursivo literário que fortalece, evidencia e



reconstrói uma narrativa advinda de um discurso, agora legítimo, dos povos indígenas.

### **O ensino da literatura na (s) escola (s): o objeto livro como trânsitos das aldeias**

Ao pensar nas discussões propostas neste artigo, estamos fazendo frente a um ato político tendo como aliado o ensino da literatura. Muitos discursos “oficiais/legitimados” preconizam que ler literatura tem em sua primazia a fruição ou acesso ao conhecimento em “grau cultural” elevado e assim, pormenoriza toda função humanizadora, política e formativa dos textos literários e em seus diversos sistemas. Nesse mesmo sentido, também consideram que o valor estético-literário tem como parâmetro a cultura ocidental, dizendo de outro modo, há uma homogeneização de vozes que são consideradas e legitimadas como uma produção que deve/pode ser lida nas escolas.

Acerca dos espaços dados aos textos literários, Dalcastagnè (2012, p. 7) afirma que: “[...]O campo literário brasileiro é extremamente homogêneo [...]”, tendo em sua maioria como escritores homens, brancos e moradores das maiores e mais acessíveis regiões do Brasil, significando uma certa “desvantagem” para aqueles (as) que não estão nesses paradigmas de produção. A escrita da mulher, do negro (as), dos indígenas (as), dos homossexuais ainda pode ser considerada uma escrita marginal, periférica que acompanha, assistindo ainda às fronteiras, a negação da inclusão de seus textos em um espaço que deve se abrir à multiplicidade de vozes.

Nessa mesma direção de exclusão, podemos dimensionar quais os espaços dados a estas produções nos

campos das instituições que, de certo modo, colaboram para a divulgação e leitura dos textos literários, assim, podemos citar: publicações em editoras de circulação nacional, vendas em livrarias, indicações para leitores em espaços como sites, blogs, programas de rádio, televisão ou redes sociais, e por fim, a chegada dessas obras à escola que é uma das grandes legitimadoras para que os textos sejam acessíveis a grande parte dos leitores. Para colaborar com essa discussão sobre o poder da escola em legitimar um texto, apresentamos afirmação de Lajolo (2018, p.28):

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário das obras que aspiram status de literatura, a escola é fundamental. Ela é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel avalista e de fiador do que é literatura. A escola é uma das maiores responsáveis pela consagração ou pela desqualificação de obras e autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária.

Esse poder que escola possui como instituição legitimadora ou não dos textos também pode vir a ser um problema quando ficamos diante de questões tipo: construção do currículo, escolhas dos livros didáticos, falta de formação em literatura ofertada aos professores, escolha dos livros de literatura enviados pelo o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997, ou seja, diante de uma educação cerceada por ideologias excludentes, preocupa-nos o que pode fomentar essa exclusão. O programa PNBE, por exemplo, é dividido em três ações, as quais destacamos:

PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.<sup>50</sup>

Ao observarmos a lista de obras para as séries do 6º ano ao 3ª ano de ensino médio, do acervo disponibilizada pelo MEC<sup>51</sup>, em 2013, não há obras de escritores indígenas. O mesmo pode ser constatado na lista de 2012,<sup>52</sup> disponibilizada pelo MEC, para alunos dos seguimentos: Educação Infantil/Anos Iniciais do Ensino Fundamental/Educação de Jovens e Adultos.

Essa constatação nos faz pensar sobre a (im) possibilidade de os alunos terem acesso a essas obras e sobre a invisibilidade desses autores nos mercados editoriais e nos programas do Governo Federal, embora alguns

---

<sup>50</sup> <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola> . Acesso em 10/05/2020

<sup>51</sup>[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13992-pnbe-2013-seb-pdf&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13992-pnbe-2013-seb-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192) . Acesso em 10/05/2020

<sup>52</sup>[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13915-pnbe-2012-seb-pdf&category\\_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13915-pnbe-2012-seb-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192) Acesso em 10/06/2020

raramente são enviados. A luta desses escritores indígenas vem marcada por uma luta ancestral. Na historicidade da literatura brasileira, por exemplo, aniquilam-se a existência, física, cultural, narrativa dos povos indígenas. Nos livros de crítica literária que trazem uma projeção do que havia no Brasil como produção, o marco temporal delimita o ano de 1500 para registrar que apareceram os primeiros escritos no Brasil, sem considerar os indígenas que já produziam sua literatura oral que fora negada/segregada pelo colonizador.

Mesmo tendo avançado os 520 anos e tendo tido muitas lutas, perdas e conquistas, vemos essa negação ainda nos espaços dados a essa literatura produzida pelos escritores indígenas. Muitos autores saíram/foram expulsos de seus territórios, outros ainda têm vivência de comunidade, outros ainda moram em suas aldeias e ainda há os que passam pelo processo de etnogênese<sup>53</sup>, todos somam ao grupo de escritores<sup>54</sup> (cinquenta e sete) que em sua maioria escrevem para o público infantil e juvenil. Alguns autores como Daniel Munduruku, Cristino Wapichana, Edson Kayapó receberam prêmios por suas obras. Em 2019, o escritor e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Edson Kayapó teve premiados o livro “Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia” e uma coletânea: “Nós – Uma Antologia de Literatura Indígena” da qual participam ele e mais 11 escritores indígenas. As premiações ocorreram pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência

---

<sup>53</sup> Termo utilizado, sobretudo, na antropologia, para definir a condição dos sujeitos que fazem o sentido inverso que lhes fora obrigado por forças coloniais e estatais e agora buscam por sua ancestralidade na condição de autoafirmação como sujeito indígena.

<sup>54</sup>[https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia\\_das\\_publica%C3%A7%C3%B5es\\_ind%C3%ADgenas\\_do\\_Brasil/Lista\\_de\\_autores\\_\(por\\_origem\)](https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas_do_Brasil/Lista_de_autores_(por_origem)). Acesso em 09/04/2020

e a Cultura (Unesco) e agora fazem parte do acervo de 1001 livros que todos deveriam ler.

As obras acima citadas e outras escritas pelos autores indígenas estão em consonância e são grandes aliadas para assegurar o direito garantido pela lei a lei 11.645/08, que institui a obrigatoriedade dos estudos da história e indígena nas escolas que ficara de fora da lei 10.639/03 que tratava da obrigatoriedade dos estudos da cultura afro-brasileira. Elas são fundamentais, pois como qualquer outra obra literária: “toca dimensões da existência tão fundamentais quanto à cultura, a educação ou a comunicação” (JOUVE, p.11) e ainda mais de forma contributiva, pela voz do sujeito indígena, essa literatura “[...] convoca o leitor a conhecer diferentes mundos, culturas, saberes, epistemologias, pensamentos e expressões [...]” (DORRICO PERES, 2018, p. 03).

Assim, pensamos essa literatura nas escolas como um elo entre vozes político-discursivo-literárias e o leitor que terá o professor como mediador desse processo que, por sua vez, também passa a ser um agente importante nessa decisão de escolher uma obra, pois como nos afirma Cosson (2016) , há professores que concebem a literatura canônica com “una” e que nada nelas pode ser questionada, todavia, em outra direção, há os que defendem a contemporaneidade dos textos e assim, abrem espaços para essas obras, aqui evidenciada, a literatura indígena, que traz uma outra linguagem e que torna-se um potencial objeto, neste caso, livro, ou conforme Almeida e Queiroz (2004, p.201), “objeto livro ” que : “[...] é, portanto, um lugar de reconstrução da memória indígena no Brasil [...]”. Essa relação que o professor deve estabelecer na escolha da obra não deve/pode ser aleatória e nem devemos considerar que seja um processo fácil.

Nesse processo de acessibilidade dos livros de escritores indígenas nos espaços escolares ocorre uma negação cultural se consideramos que seria necessário o aluno conhecer primeiro suas histórias de origens, suas narrativas e posteriormente, conhecer outras histórias que também serão fontes para ampliação de seus mundos imaginários ou não. É necessário pluralizar o acesso aos livros de literatura na escola e reconstruir a ideia de sacralização de um texto e negação de outros. Para colaborar com essas discussões, aportamo-nos em Cosson que afirma:

[...] é preciso entender a literatura para além de um conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país. A literatura deveria ser vista como um sistema composto de outros tantos sistemas. [...] A literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura. (COSSON, 2016, p.3)

Cabe-nos pensar quais seriam os possíveis caminhos para que essas obras possam fazer parte do acervo das escolas. Nesse diapasão, também buscamos, à luz de discussões futuras, pensar nas ofertas dos livros que são selecionados. Podemos considerar, por exemplo, a necessidade de editais que possam fazer chamadas para obras de escrita indígena e/ou escritores que também estejam na mesma linha marginal desses autores, tais como escritores de regiões periféricas dos grandes centros, assim, essas obras poderiam, sem termos fixos, transitarem de suas aldeias (seus espaços originários) para o espaço do outro que também vive em sua aldeia (seu espaço de origem) o

que pode promover um entrelaçamento e intercâmbio literário, cultural de forma dinâmica e democrática.

### **Leitura de obras de literatura indígena nas escolas: necessidade de (des) ajustar para compreender**

A formação do aluno como cidadão ético, comprometido com seu *lócus* e em consequência disso com o espaço que o cerca de forma global é um dos principais objetivos humanísticos da escola. Dentro dessa proposta de formação, todas as ações realizadas pela escola devem ter como primazia a capacidade de convivência e humanidade que o aluno terá.

No que tange ao ensino da literatura, é preciso compreender que os mundos criados por ela, como nos aponta Lajolo (2018, p.55-56): “[...] Não se desfazem na última página do livro, [...] permanecem, incorporados no leitor, como vivência, marcos da história de leitura de cada um” e assim, ela possibilita uma ampliação que transgride esse real palpável e imaginável para um mundo novo e essa metamorfose acontece nessa relação entre leitor, obra, texto (sentido).

Com isso, pensemos que ao ler uma obra de literatura indígena, o leitor/sujeito será apresentado a outras significações, assim, quando este tem acesso aos versos de Graça Graúna “[...] *Utopia é cantar/uma trajetória possível:/Pindorama[...]*” (GRAÚNA, p. 29, 2014) e a leitura o apresenta esses sentidos outros, vai compreender um outro lugar antes do Brasil ser invadido e os indígenas passarem por todo esse processo de violação humana, que na língua dos Tupis-Guaranis denominam de Pindorama, esse primeiro lugar, o desejo almejado que

muitas vezes é lido na tão almejada e utópica Passárgada de Manoel Bandeira.

Dentro desse espaço escolar, há inúmeras im (possibilidades) de desenvolver práticas que colaboram para esse objetivo, contudo, há também as desfigurações de práticas que podem degenerar o sujeito a ponto de homogeneizar ainda mais os discursos e os lugares e colaborar com uma educação ainda mais racista e excludente.

Dentre alguns avanços, que ainda são insuficientes, desde o marco da constituição de 1988, após muitas lutas, pressões, arcos e flechas e palavras, em 2008, os povos indígenas conseguiram um avanço importante no que tange ao conhecimento, respeito e valorização de suas culturas nas escolas não-indígenas. Esse avanço se deu com a Lei 11645/08 que preconiza:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas



áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. ” (grifo nosso)<sup>55</sup>

Seria, de fato, uma conquista justa, se pudéssemos assegurar que nas escolas, a cultura indígena ou afro-brasileira não estivessem associadas às datas comemorativas (19 de abril e 20 de novembro) ou a projetos isolados que se resumem a algumas apresentações culturais. O que a lei preconiza, estabelece uma relação de agente/político de forma mais deliberada nas áreas educação artística, de literatura e história brasileiras, o que não exime da responsabilidade outras áreas do conhecimento, ao contrário, uma ação transdisciplinar colaboraria para que esse direito fosse garantido em sua forma mais ampla dentro da escola e além espaço/escola/mundo, já que este aluno terá uma formação cidadã mais consciente e mais plural.

Para pensarmos essa escrita indígena nas escolas e uma ação organizada e efetiva para e com as obras de obras de literatura indígenas, escolhemos dois textos, uma narrativa para um público infantil e outra obra para o público juvenil, o que não restringe a leitura das obras para outros públicos. Assim, dialogaremos com a obra *Coração na aldeia e pés no mundo* de Auritha Tabajara, *O Saci verdadeiro* de Olívio Jekupé.

Tomamos como ponto referencial as obras *Pele Sonora e Pele Silenciosas: a literatura indígena em destaque* de Janice Thiel e *Letramento literário: teoria e prática* de Rildo Cosson que dialogam com práticas de textos, este último não indígena, e que nos indicam alguns caminhos que podem direcionar os professores nos trabalhos com os

---

<sup>55</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm) . Acesso em 20/05/2020

textos literários de autoria indígena, todavia ainda deixando muitas lacunas sobre uma temática tão urgente e importante para a escola.

Para Brito (2003, p.112) o processo de promoção de uma leitura é uma ação política se considerarmos que uma obra é [...]um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística.

Quais caminhos seriam possíveis para estabelecer uma relação adequada em ler uma obra de literatura e considerá-la em seus aspectos estético-histórico-político-discursivos? É necessário que nos atentemos a uma defesa que fazemos em outros espaços que é o de não tornar obra literária como um suporte, em outras palavras, a obra não deve ser utilizada como um objeto que fique à margem da ação desenvolvida como acontece em muitos casos quando a gramática se apodera do texto literário e o resume ao estudo da sintaxe, morfologia e fonologia. Desse modo, é preciso organizar o trabalho com o texto literário sendo este o elemento principal do processo, assim, será partindo do texto para chegar ao texto.

Um dos principais pontos de partida que o professor/mediador deve fazer é ler e analisar a obra antes de escolher. Para Cosson (2016, p.32): “o professor é o intermediário entre o aluno e o livro, seu leitor final” e as leituras que ele fez influenciam no momento em que este vai apresentar uma obra ao aluno. Para apresentar os textos de literatura indígena, o professor deve ter ao menos a concepção de que está apresentando um texto novo, no sentido literal da palavra, ou seja, aquele que inaugura uma nova forma de escrever e ler onde essa “escritura” se

distância da escrita e da percepção tradicional que se têm dos textos literários conhecidos.

Ocorre é que, em poucas vezes, há esses livros nas escolas, os professores leem para seus alunos, no entanto, o que nos instiga a pensar se os próprios professores estão/foram preparados para esse (des) encontro literário. Poderíamos assegurar, não só por experiências de docência, mas pesquisas já realizadas<sup>56</sup> que ainda prevalecem práticas que alinha-se a ao indígena na literatura como adorno, exótico, ou seja, a literatura do negação e do epistomicídio. Esse desalinho e ruptura habituais e funcionais que devem acontecer é compreendido no que lemos em Munduruku, na apresentação da obra *As Serpentes que roubaram a noite, e outros mitos*:

Não são histórias fáceis de compreender, não. E não são fáceis porque elas ocorrem num tempo em que o tempo ainda não existia, em que os animais governavam o mundo, em que o Espírito Criador andava junto com os homens no grande jardim chamado Terra. Mas existe uma maneira de compreender os mitos, um segredo que eu gostaria de partilhar com vocês: é preciso ler e ouvir os mitos não com os ouvidos que ficam na cabeça, pois eles costumam nos enganar, mas com os ouvidos que existem lá no fundo do coração – o ouvido da memória. [...] outra coisa importante: essas histórias são reais. Elas aconteceram de verdade e marcaram profundamente o

---

<sup>56</sup> Ver em Cuellar, Lilian Alvis; SANTOS, Márcia Dias dos. **A literatura indígena no contexto escolar**: uma reflexão teórica e prática da lei n.º 11.645/2008. In SIQUEIRA, Heloisa Helena Correia; ALMEIDA, Laíssa Pereira de. *Métodos fronteiriços: imaginário, natureza e memória* /1. ed. São Carlos: De Castro, 2019.466 p. 23 cm.

modo de ser do meu povo.  
(MUNDURUKU, 2001, p.7-8)

Como um redesenho, Munduruku postula que suas histórias não são de fáceis compreensões, e não devem ser lidas sem o leitor conceber o mundo de forma mais plural, partindo de uma visão ontológica, cosmopolítica própria do indígena. De forma categórica, vai apresentando novas concepções sobre a dicotomia mentira e verdade surgida a partir de outras vivências e de outras formas de “contar o mundo”.

A primeira obra que destacamos neste trabalho é a obra da escritora Auritha Tabajara “Corações na aldeia e pés no mundo”. A obra é escrita em cordel o que rompe com outros paradigmas também tendo em vista que os espaços dados à literatura de cordel nas escolas são pormenorizados, assim, ao trabalhar com esta obra o professor lançará ao aluno a possibilidade de também compreender uma literatura em cordel e toda as especificidades que esta forma de escrever apresenta.

Figura 01 – Capa do livro Coração na aldeia, pés no mundo



Fonte: A autora

A obra apresenta um trabalho de xilogravura feito por Regina Drozina e vai dialogando de forma híbrida com o universo nordestino e o indígena, fato este que marca também a vida da escritora que afirma:

A literatura manifesta em mim uma dupla atuação: autoexpressão e resistência. Por meio dela busco desconstruir estereótipos atribuídos a mulheres indígenas uma vez que não perco minha ancestralidade morando na cidade e usando tecnologia. Quero tirar a falsa impressão de que quando estou com roupas e pinturas tradicionais estou fantasiada, posto que isso faz parte da minha identidade e não de uma performance. A todos quero explicar por meio de meu ritmo impresso na palavra.<sup>57</sup>

Ao apresentar a obra de literatura para o aluno, o professor deve atentar-se aos textos de apresentação e/ou das orelhas das obras, pois, nestes espaços, os autores vêm dialogando com o leitor sobre suas posições discursivas, ou seja, seus lugares de fala. É importante, observar os marcadores, como nos afirma Thiel (2012, p.99) que “compõem esses textos indígenas[...] que devem ser lidos para que se vislumbre ao menos parte de sua dimensão [...]”.

Em *Coração na aldeia e pés no mundo*, a autora vai discorrendo suas andanças, em primeira pessoa, ela conta sua vida desde o nascimento até sua vida adulta. Conhecer a história de Auritha Tabajara é imergir-se em um mundo dos seus encantamentos e desafios. Aos treze anos ela deixa a aldeia “para conhecer a cidade/e outra história começa/pois vê no mundo a maldade” (TABAJARA, 2018,

---

<sup>57</sup> Retirado da primeira orelha do livro *Coração na aldeia pés no mundo*.

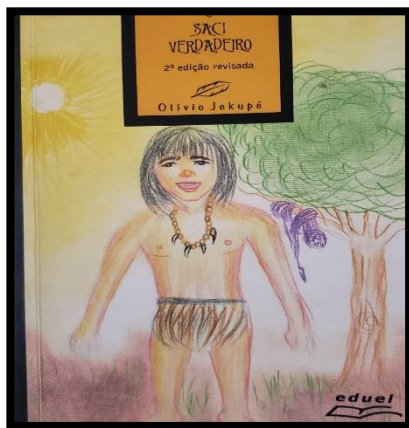
p,12), assim, podemos pensar em discutir em sala de aula sobre vivências outras que podem surgir.

A obra apresenta temas como ancestralidades, sonhos, fugas, medos, preconceitos, frustrações, perdas, entre outras questões que também são comuns a outros indígenas que se reconhecem nesse espaço de diáspora. Essa percepção é necessária, pois nestes textos com vínculos com a autobiografia, com o testemunhal o que se evidencia é uma relação de alteridade não a figura singular do escritor, pois na literatura indígena a relação com a autoria dos textos vincula-se à ancestralidade do povo e assim “[...] são incapazes de desvincular-se com o meio social ao que se integra, como fazem os poetas do mundo ocidental[.]” (DORRICO, 2018, ,p. 238) . Como a Autitha Tabajara, outras gentes/bichos/rios/florestas vivem nessas condições de busca por pertencimento, de retomada e assim , na metaforização dos sentidos do título da obra “ Coração na aldeia/pés nos mundos” os jogo de sentidos, sensações que se apresentam já diz muito sobre o texto em si e por isso, como nos afirma Almeida (2009, p.107): “ Para ler os textos publicados até agora pelos índios, acredito ser preciso adotar o princípio da leitura plural[...].” é preciso ler a imagem/palavra, a imagem/desenho a imagem/cultura e compreender esses esse texto escrito, a partir desses múltiplos universos.

Uma outra obra que pode ser trabalhada na escola é o livro *O saci verdadeiro*, de Olívio Jekupé. Na apresentação da obra, Betty Mindlin, antropóloga e pesquisadora que tem importantes trabalho como organizadora de coletâneas e autoria de livros de contos, fala da importância da figura do saci para o imaginário social brasileiro e destaca sobre a visão que Jekupé traduz

sobre uma contra- narrativa que apresenta o saci como uma figura boa e pertencente ao mundo guarani.

Figura 02 – O Saci verdadeiro



Fonte: A autora

Ao apresentar a obra de Jekupé, uma das primeiras observações que o professor pode fazer é sobre o título dessa obra. Essa ação, para alguns autores, é chamada etapa de pré-leitura. Thiel (2012, p.132) afirma que: “O ponto de partida para a leitura das obras indígenas pode ser o próprio título[...]”. Não temos dúvidas de que os alunos serão instigados para conhecer uma versão “verdadeira” para o saci, e neste momento, a visão do professor sobre o que se instala como verdades neste tempo e quando falamos de culturas diferentes é importante, por isso, é preciso apresentar o lugar de fala de Jekupé como escritor indígena, do povo Guarani.

A obra apresenta o Saci-Pererê como um espírito bom que ajudava um índio que tinha apenas um braço. A figura boa se apresenta em toda a história e destitui a visão unívoca que sempre foi contada pelos não-indígenas, assim

podemos ler na narrativa: “[...]Estou gostando de você e parece ser bom, assim como falava meu avô. ” (JEKUPÉ, 2002, p. 07). A bondade do Saci se apresenta na obra com a ação que faz ao personagem Tupã-Mirim que devido não ter um braço sempre se entristecia por não poder fazer as mesmas coisas que os demais faziam, porém, o Saci fez com que o menino tivesse um braço, porém, invisível, como podemos ler: “[...] O saci usou seu poder e fez com que surgisse um braço no Tupã-Mirim [...]” (JEKUPÉ, 2002, p.07).

Ao ouvir/ler essa história esse leitor é apresentado a um Saci completamente diferente do que a maioria dos alunos, para não dizer todos, conhece. O leitor não indígena sempre foi apresentado ao Saci de Monteiro Lobato como podemos observar no diálogo entre Pedrinho e Tio Barnabé:

[...]Tio Barnabé eu vivo querendo saber duma coisa e ninguém me conta direito. Sobre o saci. Será mesmo que existe saci?  
[...] — O saci — começou ele — é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pito aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sanção estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo. [...] — Mas que reinações ele faz? — Indagou o menino. — Quantas pode — respondeu o negro. — Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas



na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. (LOBATO, 2005, 18-19)

Jekupé, como outros autores indígenas, atua na contramão dessas narrativas e um dos pontos muito importantes do livro é quando o autor estabelece esse conflito sobre o verdadeiro Saci. O livro divide-se em duas histórias: O índio só de um braço e O Saci verdadeiro. Esta última história é uma grande aliada para que o professor consiga promover um diálogo sobre a negação cultural dos indígenas nos espaços escolares. A narrativa apresenta um conflito vivenciado pelo personagem Karaí que “ouvira as histórias de sua mãe antes dormir” (JEKUPÉ, 2002, p.27), todavia um dia ele se defronta com a visão que o branco tinha sobre o saci, personagem tão conhecido por ele que lhe fora apresentado por sua mãe. Em um certo momento, a professora que estava lhe apresentando histórias de Monteiro Lobato disse: “Hoje contarei a...do Saci-Pererê” (JEKUPÉ, 2002, p.29). Assim, aconteceu esse desencontro e desconforto, pois a cada momento que a história avançava, Karaí se sentia desconfortável, visto que não era nada do que ele sabia sobre o Saci de sua mãe, de seus avós e de seus povos e assim, Karaí fica pensativo: “ Depois de ouvir aquilo, ficou muito encucado, pois sabia a vida do saci dos

dois lados. Não é que ele não acreditava em sua mãe, mas sua mente que ficou confusa. (JEKUPE, 2002, p.31)

Diante desse conflito de verdades postuladas, à escola é atribuído o espaço de ser antirracista, de pensar uma pedagogia com práticas descoloniais, de pensar os mundos que coexistem e esta obra do Saci se apresenta como esse tom de resistência na voz Jekupé. Sua prática enunciativa dilui as noções de “uma versão” universal sobre essa figura para a literatura ocidental tida como folclórica, mas para os guaranis é um ser encantado, de duas pernas, da tradição de seu povo. Uma leitura de uma obra como essa não pode ser reduzida a uma contação de história ou conhecer os personagens, tempos e espaços, até porque, isso seria bem complexo também se pensarmos o tempo e os sentidos a partir da concepção do universo indígena. Na esteira de pensar a leitura desse texto, compreendemos os mundos que devem coexistir, não uma teoria da literatura que responda a essa ficção/realidade que encontramos nesses textos, na perspectiva ameríndia, na voz dos guaranis, esse é o saci verdadeiro e assim, deve ser apresentado aos alunos não indígenas.

Tanto a leitura da obra *Coração na aldeia, pés no mundo* como a da obra *O Saci verdadeiro* deve ser planejada de forma que desenvolva as competências críticas do leitor, ampliando sua visão acerca de sujeitos outros, aqui considerados os sujeitos indígenas. Essa nova forma de escrever e a recepção desses textos ainda são questões que estão em construção. Sendo assim, é preciso aliar-se a práticas que possa pensar esses textos de forma que não se desalinhem de suas propostas políticas, pois como afirma Almeida e Queiroz (2004, p.197)

Não se trata de uma invenção qualquer. Trata-se de uma deliberação política. Os escritores indígenas o fazem de um território imaginário, em que as coisas se renomeiam, no exercício da ocupação do simbólico. A escritura é coletiva porque é expressão do que é comum, ou de um consenso em torno do “quem somos”. É política porque reordena a coletividade, valendo-se das palavras pronunciadas por seus representantes.

Ao propor uma leitura dessas obras, o professor deve planejar as etapas de leitura para que sejam contempladas uma ordem para além do que as análises tradicionais têm feito. Nos textos de literatura indígena, os autores dialogam com o outro e sobretudo com eles mesmos, têm suas próprias formas, marcas, normatizações que fogem ao que apregoa em um texto ocidental e por isso é uma literatura política e revolucionária. Essa literatura é desordeira e precisa ser apresentada nas escolas desse modo, como uma escrita que confronta e destitui tudo que fora, nas condições mais bélicas, posto pelo ocidentalismo.

Assim, pode-se pensar essas obras ou outras também, como práticas mais extensivas que, de certo modo, são mais difíceis para serem desenvolvidas pelo professor, como afirma Thiel (2012, p.76): “ A interação entre a produção literária indígena e o seu leitor, principalmente o não índio, implica o exercício de práticas leitoras complexas”. Essa complexidade se dá pela própria proposta de que é ser “literatura indígena”, ou ser um texto de autoria indígena. Nesses textos, apresentam-se o entrecruzamento de culturas, que se fundamentam na existência de um outro espaço o *entrelugar*, assim, nesse

espaço, na “confluência cultural” (THIEL, 2012) que surge essa escrita.

Podemos planejar a leitura da obra, tendo como base as etapas que Thiel (2012) apresenta. A autora propõe uma pré-leitura, leitura e pós-leituras para os textos indígenas. Cada etapa sugere uma ação. Assim, na pré-leitura, pode-se discutir sobre a estrutura da obra, sobretudo o título, autor e todas as formas de narração que na obra aparecem (desenhos, grafismos etc.). Antes de ler a obra, o aluno deve ser apresentado ao povo do/a escritor/escritora. Devem saber por exemplo, em que região vivem os Tabajaras e os Guaranis. Se ainda são aldeados ou não, (é um bom momento para o professor falar do processo etnocida que os povos indígenas vivenciaram); podem ser apresentadas questões culturais e influências desses povos na cultura brasileira (deve-se discutir o processo de apagamento e negação da cultura indígena no Brasil). Essa etapa deve ser cuidadosamente pesquisada e planejada.

Na etapa da leitura, após já discutir sobre o título, apresentar informações sobre o autor, seu povo, sobre a estrutura (física) da obra, o leitor terá contato com a história. É importante pensar o gênero, sobretudo discutir se a forma que o autor escreve se encaixa ao gênero indicado, (um momento importante para apresentar sobre o processo de escrita do indígena e seu (des) alinhamento com a literatura do ocidente), o público e o acesso à obra, posto que nem todas as bibliotecas escolares têm exemplares suficientes para toda a turma (Momento de pensar quantos escritores indígenas são conhecidos e lidos, enfim, dialogar sobre os espaços dados a esses escritores). Assim, uma roda de leitura, leitura digital da obra ou outra forma de ler a obra são ações que devem ser planejadas. É

importante o leitor ter contato com o texto, poder pegar o livro em mãos, folheá-lo, por isso, deve ser (re) pensado sobre a presença dessas obras nas escolas. Se não houver uma política de leitura consciente e democrática, não há como o professor fazer esse trabalho, em alguns casos, o próprio professor adquire a obra, no entanto, não é este o caminho democrático e público para que essas obras estejam disponíveis para os alunos. Nesta etapa, é necessário conhecer a estrutura que o texto foi escrito. Muitos desses livros apresentam de forma clara a marca da oralidade, outros, têm isso de forma menos aparente, sobre isso, Daniel Munduruku nos esclarece no texto “Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade”:

Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar este fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não se atualiza. É preciso notar que ela, a memória, está buscando dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma dessas técnicas, mas há também o vídeo, o museu, os festivais, as apresentações culturais, a internet com suas variantes, o rádio e a TV. Ninguém duvida que cada uma delas é importante, mas poucos são capazes de perceber que é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais.<sup>58</sup>

Assim, o professor sempre vai apresentar esse texto como “quem conta é um indígena”, ou seja, quem escreveu

---

<sup>58</sup> <https://www.editorapeiropolis.com.br/literatura-indigena-e-o-tenuo-fio-entre-escrita-e-oralidade/>. Acesso em 20/05/2020

*O Saci verdadeiro* foi o Olívio Jekupé, um Guarani; quem escreveu *Corações na aldeia, pés no mundo* foi Auritha Tabajara, uma Tabajara, e isso é muito importante para compreender a proposta de escrita. Ao observar os personagens, suas características, deve-se ler cada descrição feita pelo autor, pois na literatura indígena vamos percebendo esse contra discurso sobre a imagem que se tinha dos personagens ou elementos “folclóricos” criados pelos escritores indigenistas ou indianistas,<sup>59</sup> assim, como ocorre com os Sacis de Monteiro e de Jekupé, e com a Macunaíma de Mário de Andrade e Makunaima de Jaider Esbell<sup>60</sup> e outros elementos da cultura indígena representados por outras vozes..

Os lugares (espaços) da obra, a pessoa do narrador (primeira ou terceira pessoa) são elementos que devem ser discutidos com acuidade nesses textos, pois são marcas importantes dessa escrita indígena. A cosmovisão indígena atribue os sentidos ao rio, animal, floresta, mãe terra e esses sentidos dão insuficiência a uma teoria ocidental de pensar esses elementos nos textos. Uma autobiografia, como de Auritha Tabajara, não pode ser considerada um relato pessoal/individual dado o caráter coletivo e político desse texto, como já afirmado e reafirmado em Kopenawa e Albert (2015, p. 539):

---

<sup>59</sup> Ver discussão dos termos em Romero (2010), Thiél (2012) e Olivieri- Godet (2013).

<sup>60</sup> Jaider Esbell, indígena do povo Makuxi, identifica-se como arteativista. Nascido na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, sua arte tem a resistência e a luta do movimento dos povos indígenas de Roraima. Começou as atividades nas artes plásticas em 2011. Quase 100 anos após a publicação da obra “Macunaíma, O Herói sem Nenhum Caráter”, do escritor Mário de Andrade, Esbell vem reivindicar o seu protagonismo e lugar de fala como indígena Makuxi, descendente direto de Makunaima.

[...] o “eu” narrador é indissociável de um “nós” da tradição e da memória do grupo ao qual ele quer dar voz. Portanto, o que ouvimos é um “eu” coletivo tornado autoetnógrafo, movido pelo desejo ao mesmo tempo intelectual, estético, político de revelar o saber cosmológico e a história trágica dos seus aos brancos dispostos a escutá-lo.

Assim, é preciso ampliar esse espaço de discussão após o aluno conhecer esse novo texto, essa nova escrita. É necessário promover um espaço de discussão, ouvir e dialogar sobre os textos. O professor pode pensar outros textos autobiográficos, outras versões do saci que os próprios alunos possam ter ouvido e assim, dialogar com essas marcas diferenciadas do universo oral e escrito de cada um.

Por fim, e não menos importante, chega-se um momento de pós-leitura. O que fazer após ler um texto que provoca tantas discussões e uma ampliação considerável da competência leitora e visão de mundo do leitor? Não se pode pensar uma ação finita, pois o trabalho com a leitura literária evoca muito mais. Cabe-nos pensar aqui e voltar a um dos elementos que moveu a discussão: o direito assegurado na Lei 11.645/08 e o papel da literatura nesta função. Assim, após promover esse encontro do texto com o aluno, é necessário ampliar esse novo apresentado. Os alunos podem/devem conhecer/pesquisar sobre outras histórias escritas por indígenas, podem pesquisar sobre povos indígenas que viveram/vivem em suas regiões; influências culturais desses povos no seu cotidiano; caso tenha contadores de histórias, estes devem ter espaços nas escolas para serem ouvidos. Atividades com contação de histórias nesta fase são muito propícias. Outras atividades

podem ser feitas para dinamizar as atividades, Rildo Cosson (2016) sugere algumas, delas, destacamos um possível Júri simulado com os alunos com a obra *Saci de Monteiro de Lobato* e *O saci verdadeiro de Olivio Jekupe*. Com a obra *Corações na aldeia pés no mundo*, pode ser feito uma retomada ao texto e pensar a condição “transitória” que muitas pessoas vivenciam, sendo indígena, negro, mulher, favelado, pobre, homossexual, quando por alguma razão lhes são tirados os direitos de pertencer a si e ao mundo.

E nesse caminho por uma busca em conhecer, ler, compreender esses textos, um fato muito importante, diria, essencial, seria o professor conhecer e apresentar aos alunos os vídeos, entrevistas desses autores que estão disponíveis em canais de vídeos, redes sociais, blogs que foram criados para discutir exclusivamente a literatura de autoria indígena e que nos levam a (re) pensar uma forma de ler os textos, compreender o processo de criação, e esse saber do ponto de vista do nativo.

### **Considerações finais**

Deixando esse rastro das discussões apresentadas, pois não nos cabe encerrar um tema tão incipiente (infelizmente) que é a presença da escrita indígena nas escolas não indígenas, percebemos o quão urgente, necessária e metódica é a questão, pois não se trata de adequar esses textos aos caminhos já indicados por alguns teóricos, pesquisadores ou professores, mas sim, (re) pensar uma prática de modo que o texto de escrita indígena possa ser voz (palavra) que rompe com uma instrumentalização da literatura e subverte o a estrutura monocromática do canône literário.



A forma de compreender esses textos, uma nova estética da recepção, uma sociologia da leitura literária, um diálogo com a antropologia, tudo isso pode ser aliado na busca por uma prática que precisa ser pensada a partir da ideia transcultural dessa escrita que se apresenta vinculada com a história dos povos indígenas e que configura em uma ruptura com a escrita ocidental embora se apossa dela para reordenar os sentidos (des)caracterizados pelo olhar do colonizador.

Por fim, nossa intenção não foi apresentar uma sequência didática com as obras, mas suscitar essas visões sobre os textos de autoria indígenas nos espaços escolares e nas aulas de literatura. Sobre uma prática antirracista e descolonizadora, assim, caberá ao professor, mediante o conhecimento sobre os textos literários de autoria indígena, o que deve ser pensado pelo Estado na oferta de formação nesta área, oportunizar ao aluno uma leitura que possa fazê-lo compreender que essa palavra/texto/escrita tem alma e que é flecha ancestral que carrega as histórias, memórias sagradas de um povo.

## Referências

- Almeida, Maria Inês de. **Desocidentada: experiências literárias em terra indígena**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz – a edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFMG, 2004.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Leitura e Participação**. In: **Contra o consenso—Cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

DORRICO PERES, Julie Stefane. **A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea.** Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 107-137, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/2887/2166..> Acesso em: 17/05/ 2020.

DORRICO, Julie. Vozes da literatura brasileira contemporânea: do registro etnográfico criação literária. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloísa Helena Siqueira; DANNER, Fernando. (Orgs.) **Literatura brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção.** Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

GRAÚNA, Graça. **Flor da mata.** Ilustradora Carmem Barbi. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos.** Ilustração das crianças Munduruku da aldeia Katõ. São Paulo: Peirópolis, 2001 (Coleção memórias ancestrais: povo Munduruku)

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: **Ensaio e interculturalidades: literatura, cultura e direitos indígenas em época de globalização Vol 1.** Maria Silva Cintra Martins (org). Campinas: Mercado de Letras, 2014.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce (2015). **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras.

JEKUPÉ, Olívio. **O Saci verdadeiro.** 2 ed. Londrina: EDUEL, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Literatura ontem, hoje e amanhã.** São Paulo: UNESP, 2018.

- LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- OLIVIERI-GODET, Rita. **A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas: Brasil, Argentina, Quebec**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.
- ROMERO, Francisco Javier. “La literatura indígena mexicana en búsqueda de una identidad nacional”. In: **XXXVIII Congreso Internacional Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana Independencias: Memoria y Futuro**, 9 a 12 de junio de 2010, Georgetown University, con colaboración de George Washington University y University of Maryland, College Park. Disponível em: <http://www.iiligeorgetown2010.com/2/pdf/Romero.pdf>  
Acesso em 20/06/2020.
- TABAJARA, Autitha. **Corações na aldeia e pés no mundo**. Xilografia de Regina Drozina. 1 ed. Lorena: UK’A Editorial, 2018.
- THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.



## HISTÓRIAS PARA OUVIR ANTES DE DORMIR: A POÉTICA NOS LIVROS DE ARTISTA NO BRASIL

Marcia Rosenberger<sup>61</sup>

### O objeto artístico

Proponho nesta conversa uma abordagem sobre a poética no livro de artista, com intuito de apresentar uma pequena mostra dessa linguagem artística no Brasil, elaborada a partir da convergência entre a produção nacional e a minha produção, destacando exemplares que foram adotados como fonte de inspiração ou por apresentarem elementos que dialogam com meu trabalho, em relação à temática, técnica, materialidade ou forma.

Julio Plaza, em seu artigo na revista *Arte em São Paulo* (1982, p. s/n.) propõe uma tipologia do livro de artista, da qual menciono as seguintes categorias: livro ilustrado, livro-poema, livro objeto e livro conceitual; essa escolha me permite elencar alguns exemplos da produção nacional de forma mais específica. Neste recorte, apresento referências a partir do início do século XX, dispostas não de forma cronológica, mas relacionadas entre si pelo tema abordado, técnica utilizada ou categoria que apresentam. Incluo uma exceção ao pontuar o artista Henri Matisse que,

---

<sup>61</sup> Artista Visual e Especialista em Estética e História da Arte - Faculdades Integradas Coração de Jesus, FAINC/FATEA e em Educação Comunitária - Universidade Anhembi Morumbi. Arte-educadora e editora do selo Loreley Books. Desenvolve as linguagens da aquarela, fotocolagem e livro de artista. Participa de exposições e feiras de arte nacionais e internacionais. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4393539414986440>. E-mail: [rosenberger.marcia@gmail.com](mailto:rosenberger.marcia@gmail.com)

por meio de sua observação, nos permite criar uma ponte com o cenário artístico europeu.

Introduzir o universo do livro de artista é uma tarefa complexa, pois, tratando-se de uma linguagem contemporânea, sua produção evidencia-se entre as décadas de 50 a 70, quando “*a concepção de livro de artista amplia-se, passando a designar a obra de arte*” (FABRIS; TEIXEIRA DA COSTA, 1985, p.13), mas ainda hoje permanece sendo desenvolvida em pequena escala e exibida com menor frequência, comparando com outras linguagens. Na mesma medida, enquanto objeto de estudo na comunidade acadêmica constata-se um tímido referencial bibliográfico sobre o assunto, quando se nota seu interesse durante a década de 1990.

Durante esse período inicial da produção de livros pelos artistas, o objetivo era subverter o sistema do mercado de arte imposto pelos museus e galerias, permitindo que o trabalho artístico atingisse um público mais amplo com valores acessíveis. O que possibilitou esse alcance foi a opção de utilizar materiais de baixo custo e de equipamentos tecnológicos acessíveis, como a reprodução eletrofotográfica ou xerográfica (quando se referindo à empresa Xerox), que permitia a fotocópia de documentos em papel comum.

A arte, mais do que nunca, na contemporaneidade tem se mostrado como uma forma de revolução e de resistência a qualquer sistema em desacordo com a liberdade de expressão. Em sua exposição *Raízes* (2018-2019) ocorrida na Oca do Parque Ibirapuera, em São Paulo, o artista chinês Ai Wei Wei exibe a frase adesivada na parede: *Tudo é arte. Tudo é política.*

**Pergunta: O que é “um livro de artista”?**

**Resposta: “Um livro de artista” (Nelson Leirner)<sup>62</sup>**

Livro: objeto de notório saber; apresenta-se em formato retangular; feito com papel; composto por folhas dobradas formando cadernos; a costura os une; para sua proteção utiliza-se uma capa de material mais resistente; destaca-se um título na capa para melhor compreensão do seu teor e distinção entre seus similares; há grande variedade em seu conteúdo.

O livro contém o atributo de guardar a memória, a história, a cultura, assim como a imaginação, o sonho, a fantasia, a poética; visto como um objeto de desejo ou portador de um mundo mágico; em sua materialidade, apresenta-se como um artefato de conhecimento universal. As histórias intrínsecas em suas páginas, enquanto registros de fatos e experiências preservam a memória individual e a memória coletiva; ou quando fruto da imaginação possibilita desatar a criatividade, em todos os casos é o legado da obra de arte à sociedade.

Mas, para além do conceito fundamental desse elemento tangível, dentre todas suas especificidades, o que lhe permite ser um não-livro? Ser passível de experimentações e um campo expandido?

## **Pode Um Livro Ser Feito De Carne?**

Artur Barrio, artista português estabelecido no Brasil, prova que sim. Em ocasião da 24ª Bienal de São Paulo, em 1998, ele apresentou seu livro de artista, que fora exposto

---

<sup>62</sup> In: FABRIS; TEIXEIRA DA COSTA, 1985, p.13.

pela primeira vez exatos vinte anos antes. Concebido com um ingrediente essencialmente utilizado na culinária, mas incomum enquanto suporte para um objeto artístico, o livro é acompanhado por um manual de instruções que orienta como dissecar a peça de carne e manipular a massa orgânica. Choca a todos. Ao longo do período da exposição, a matéria adotada pelo artista, necessita ser substituída em poucos dias, pois entra em processo de putrefação. O objeto livro é descartado no lixo. Efêmero, seu *Livro de Carne* (1978-1979) desaparece.

Durante o contexto do regime da ditadura, Barrio realizou muitas outras obras com o caráter de denúncia, como as Trouxas Ensanguentadas (T.E.), sacos preenchidos com toda sorte de elementos desde espuma a urina, assemelhando-se a corpos, que foram exibidas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e posteriormente despejadas pelas ruas cariocas. Em ambos os casos, ficam eminentes a intenção de denunciar e questionar sobre as pessoas desaparecidas nos anos da ditadura.

**“A cor não nos foi dada para imitar a natureza, mas para expressar nossas próprias emoções” (Henri Matisse)<sup>63</sup>**

Matisse, artista francês, apresenta em 1947 o livro *Jazz*, um exemplar da “interação entre arte e literatura” (FABRIS; TEIXEIRA DA COSTA, 1985, p.3). A poética de seus famosos recortes de papel se transpõe às páginas do livro numa primorosa impressão manual feita com estêncil e acompanhada de reflexões manuscritas sobre seu processo de criação. Palavra e imagem dialogam entre si,

---

<sup>63</sup> STRICKLAND, 1999, p.134.



sem que um elemento subjogue o outro. Ambos demonstram a mesma potência, o mesmo valor estético e semântico, diferentemente dos livros ilustrados em que a imagem é utilizada como apoio para a interpretação do texto. Sempre num colorido muito vibrante, inspirado nas temáticas do teatro e do circo, representa silhuetas de formas orgânicas, da figura humana ou de animais, sendo composto por 20 lâminas com a dimensão de 47,5 cm x 67,5 cm, dobradas ao meio transformando-se no livro.

Ao participar de encontros de desenho com modelos vivos, notei que os esboços produzidos nesse tempo fugaz, de movimentos velozes executados pelos modelos, aparentavam leves deformações em suas formas humanas, às quais me remeteram à lembrança dos contornos das colagens de Matisse, ainda embriagada por uma recente viagem ao sul da França, onde tive a oportunidade de conhecer pessoalmente seus trabalhos.

No final do ano de 2014, as manchetes nos jornais pelo mundo destacavam um tenso momento político com a guerra civil na Síria, o que culminou com a chegada do primeiro grupo de refugiados na França. As imagens divulgadas pelas mídias mostravam um mar de gente atravessando o deserto com suas roupas coloridas ou em pequenas embarcações com ou sem coletes salva-vidas.

Nesse cenário, preenchido pelas cores e poesia de Matisse, e pela diáspora que se sucedia, me voltei para os desenhos e criei o livro *Trois couleurs: Bleu, Blanc, Rouge* (2014). O propósito do processo de criação era construir um trabalho que valorizasse todos os povos destacando a essência do ser humano, em sua igualdade e em sua liberdade. Para isso utilizei a representação da figura humana em sua forma mais simples, a silhueta, recortada em papéis de cores fortes e vibrantes (em particular azul,

branco e vermelho, cores da bandeira francesa). Utilizando a técnica da colagem sobrepondo os recortes de papéis lisos e estampados, além da impressão manual de carimbos. A encadernação escolhida foi a sanfona anexada a uma capa mais encorpada o que permitiu ao livro, quando aberto, ser apresentado na posição vertical formando uma quase estrela, ocupando no espaço uma estrutura tridimensional.

A perspectiva dos deslocamentos humanos, dos fluxos migratórios em massa, de modo coletivo ou individualmente, contra o seu desejo, leva o homem à busca de um novo lar, um ponto de localização geográfica onde se estabelecer. Os relatos de imigrantes que propõem um reencontro e reconstrução desse lugar de morada compreendem ao mesmo tempo, o âmbito individual e universal da História da humanidade. A temática da imigração se torna recorrente na produção de muitos artistas, abordando narrativas de vivências pessoais, que compõem o cenário de um evento ocorrido em diversos períodos e regiões do mundo.

Dentro dessa temática, artistas como Luise Weiss e Leila Danziger desenvolvem suas pesquisas trazendo um recorte dessa visão histórica que remonta ao passado de sua origem judaica.

**“por meio da água vieram um dia, em navios de imigrantes...”<sup>64</sup>**

A força simbólica do navio permeia insistentemente o imaginário no processo de criação do trabalho artístico daquele que compartilha memórias e histórias de

---

<sup>64</sup> BAITELLO JUNIOR. In: WEISS, 2005, p. 59.

imigração. Por meio de pinturas, fotografias, gravuras, carimbos as obras vão surgindo e ressaltando esse instrumento de travessia traduzido em diferentes técnicas, respeitando a atitude poética de cada um.

Os ancestrais paternos de Leila Danziger, imigrantes, viajaram no navio Aurigny, vindos de Hamburgo, Alemanha com destino ao Rio de Janeiro. A artista constrói parte de sua produção a partir dos arquivos de documentos, fotografias, livros, e vasta memorabilia que pertenciam ao seu pai. Danziger pesquisa as listas dos nomes dos passageiros que fizeram essa travessia em dezenas de navios oriundos da Europa, num ato contínuo de organizar e acumular esses documentos, recriar arquivos e novamente desmembrar para reconstruir as informações em trabalhos que se referem às suas histórias. Milhares de pessoas chegaram ao seu destino, pois conseguiram escapar de um regime criminoso e excludente. Milhões de pessoas não tiveram a mesma oportunidade. Fugir da destruição e sobreviver foi um ato heróico de resistência.

Em Berlim, no Museu Histórico, a artista tem acesso a uma lista de judeus assassinados pelos nazistas nos KZ (abreviatura de Konzentrationslagern, os campos de concentração), na qual encontra seu nome de família repetido 76 vezes. Esse fato a lança no desenvolvimento de uma série intitulada *Nomes próprios* (1996-2000), composta por gravuras, livros de artista e instalação, descrita por Seligmann-Silva:

Com a técnica da fotogravura Leila realizou matrizes de metal com os 76 Danziger. Nas “páginas” resultantes, com forma que lembra uma lápide, estão inscritos os seus nomes, locais e data de nascimento, a data de morte – ou a menção “verschollen”, desaparecido,

e em alguns casos os nomes dos KZ onde foram assassinados, ou ainda a menção “Freitod”, suicídio. As gravuras foram expostas lado a lado, formando um enorme painel de 400 x 220 cm. (In: DANZIGER, 2013, p. 152)

Essas mesmas gravuras foram utilizadas na construção das páginas dos livros de artista, somando-se a elas uma sobreposição entre palavras e imagens, os nomes mencionados e recortes de fotografias antigas, recobertas com óleo de linhaça e betume.

Como num memorial, esses nomes gravados em páginas e dispostos numa instalação de parede, nos remetem à necessidade de mantermos viva a história, uma homenagem aos que foram sacrificados promovendo o não esquecimento.

**“A obra de Luise Weiss é o máximo de tensão entre a lembrança e o esquecimento...”<sup>65</sup>**

A produção de Luise Weiss, uma das artistas contemporâneas mais importantes do Brasil, é permeada por gravuras, livros de artista e instalações que abordam a temática da memória e do esquecimento; da reconstrução das histórias de imigração da família austríaca, entre outras. Muitas vezes recorre à iconografia de navios, meio de transporte em que seus antepassados chegaram à terra brasileira, como no caso do livro *Submersos* (2009). A apropriação de fotografias é um dos recursos presentes em seu trabalho, e aqui, as utiliza impressas em transparência

---

<sup>65</sup> WALDMAN. In: WEISS, 2011, p. 17.

(numa analogia, explora a característica física da água) provocando a sensação de que suas imagens flutuam no limite da página. Weiss comenta sobre seu livro:

Para a realização de sobreposições fotográficas, documentei detalhes de chão, terra, água, material que serviu para uma série de experimentos. Reuni as cópias em transparência, e no final, folhando o livro, surge a sombra de um navio. Denominei-o *Submerso*, pois lembra um navio surgindo do fundo do mar. (WEISS; AZEVEDO, 2010, p. 1471)

A busca incessante da artista pelo resgate da memória também se desenvolve nas ações de desenhar seus antepassados a partir de suas lembranças ou de antigos registros. Nessa pesquisa, faz uso das sobreposições de imagens com as técnicas da fotomontagem, gravura ou pintura, representando pela materialidade o apagamento da memória. No livro *Tão perto tão longe* (2014), Weiss explora ao máximo as possibilidades da textura oferecida pela técnica da xilogravura, gravando retratos de familiares, onde por vezes aparecem meras sombras entrecortadas pelos veios da madeira, em impressões em preto e sépia.

A série *Histórias para ouvir antes de dormir* (2016) pertence ao grupo de livros-objeto que aborda o tema da imigração e da memória. Pesquisar a época em que meus ancestrais viviam em seus países de origem (Portugal e Áustria) e posteriormente, em sua condição de imigrantes, induziu ao resgate de minha própria história. Essas lembranças de uma vida num outro espaço/tempo foram narradas pelos meus avós durante a minha infância. Recordar esses momentos me instigou a desenvolver esse

trabalho para o qual recorri às fotografias antigas de família, mas também me apropriei de retratos de anônimos em períodos distintos para abranger um contexto universal. A série é composta por nove livros intitulados *Noite* e numerados em ordem crescente sucessivamente. Empreguei técnicas variadas como pintura, recorte, colagem, costura e escrita à máquina, além de pequenos objetos. O livro-objeto *Noite 4*, por exemplo, permanece aberto em uma página central, não sendo possível fechá-lo. Em seu processo de criação, inseri algumas manchas de tinta em tons terrosos e dourada em ambos os lados; na página à esquerda, costurei à mão uma antiga caneta tinteiro na posição vertical centralizada e à direita recortei uma moldura quadrada criando um nicho onde coleí uma fotografia antiga de quando eu era criança. Ao escolher esses dois elementos, busquei criar uma interação entre gerações, simbolizando o conhecimento herdado de nossos antepassados, ao mesmo tempo em que construo minha própria história.

### **“Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”<sup>66</sup>**

A jornada percorrida por nossos antepassados tinha como propósito encontrar um novo lugar de morada para reconstruírem suas vidas. A casa simboliza o centro do mundo e proteção, tema presente no trabalho de Daniel Banin e em dois de meus livros.

Banin, artista da nova geração, encontra inspiração para criar seu livro de artista *Rezar* (2017) na convivência com os povos nativos do Brasil. Após um período de intercâmbio junto ao povo Yawanawa na Aldeia Mutum

---

<sup>66</sup> COUTO, 2016. Título do livro.

do Rio Gregório, estado do Acre, desenvolve pesquisa entre as casas de cerimônia e os vasos de cerâmica utilizados em rituais espirituais pelos pajés, além dos grafismos tradicionais encontrados em outros objetos. O artista explica seu processo de criação:

Meu ponto de partida foi interpretar a Casa e o Vaso como elementos simbólicos de corpo, ou ‘uma egrégora que recebe corpos’ - espaços que acolhem corpos. Nesse sentido, para produzir o livro, busquei através do desenho abordar algumas formas que possivelmente se conectassem com as formas de uma Casa e de um Vaso, observando sempre o grafismo Yawanawa e tecendo ligações diretas com o padrão rítmico e geométrico desenvolvido por eles.<sup>67</sup>

Daniel foi minucioso na escolha do suporte para seu livro, optou pelo algodão cru para as páginas e a costura feita com fios de palha natural, além do pastel seco para o desenho dos grafismos.

*casa . lar . morada* e *casa de papel* recorrem à ideia da concepção de um espaço físico-atemporal, simbólico, afetivo que abriga um ou vários corpos; à necessidade que o ser humano recorre para sua proteção ao longo da vida, e à busca de recursos para a construção desse lugar de proteção e aconchego.

O projeto de *casa . lar . morada* (2018) foi idealizado com base na localização do meu endereço residencial, em Santo André-SP, a partir de pesquisa realizada em dois

---

<sup>67</sup> BANIN, Daniel. Depoimento do artista, por correio eletrônico, em 16 mai 2020.

mapas de épocas e mídias distintas: o primeiro, atualizado pelo popular site de buscas Google e o segundo, retirado de lista telefônica do ano de 2000. O livro pontua a visão aérea do espaço geográfico em que estão inseridas as edificações, a demarcação em ruas e a formação dos bairros, contrapondo-se com a subjetividade das palavras que dão origem ao título e que designam o sentido de pertencimento aos seus habitantes.

O título utiliza três sinônimos que se referem à habitação criando uma sonoridade em sua pronúncia e no exercício que incita à repetição, ressaltando a presença quase que unânime da vogal A na composição das palavras. Em mais um ato de multiplicação, nas páginas do livro o título é sobreposto aos mapas com impressão manual de carimbos, letra por letra.

As imagens originais dos mapas foram geridas a partir da digitalização da lista telefônica e do desenho à nanquim copiado do Google Maps e posteriormente impresso em jato de tinta.

A escolha da encadernação *back to back*, com as páginas dobradas em losangos e coladas umas às outras, forma uma espécie de acordeão, com tal flexibilidade na abertura que proporciona uma forma lúdica de ver o livro.

*casa de papel* (2018) é um dos livros de artista que publico de forma independente pelo selo editorial Loreley Books, lançado em 2016, com o propósito de desenvolver edições em pequenas tiragens. Seu projeto previa um formato mais desafiador para o livro, criar a silhueta de uma casa com o intuito de expandir os leitores e atingir o público infantil.

Uma tira de papel na cor *off white* de dez centímetros de largura por um metro de comprimento com o topo recortado aguçado a observação para o que representa



o telhado de uma casa, repetidas vezes. Ao dobrar o papel longilíneo numa encadernação sanfona, o livro adquire o formato de um quadrado de dez centímetros, com uma das extremidades em formato triangular.

Cada página recebe uma intervenção demarcando os vários ambientes de uma habitação, como por exemplo, recortes vazados e dobras que representam a disposição de portas e janelas; ou ainda a colagem de papel reciclado artesanal na formação do telhado e paredes coloridas.

O texto remete à poesia concreta utilizando a repetição em diferentes formas e direções das letras/palavras casa, lar e morada, em dois idiomas português e espanhol. A técnica adotada é a impressão manual com carimbos.

O livro provoca o leitor a manuseá-lo gerando experiências múltiplas. Virando as páginas da direita para a esquerda como num códice, caindo das mãos ao esticar o livro na tentativa de ler o texto impresso de baixo para cima, lendo o seu verso, abrindo e fechando os recortes e dobras de suas janelas e portas.

A ação de ler os livros de artista perpassa não somente na relação visual entre imagem e texto, mas principalmente, no seu manuseio, no tempo que se leva ao virar de uma página à outra, ou ao desdobrar uma delas. Acima de tudo é uma experiência sensorial e tátil. Segundo Cadôr, *a experiência de manusear esses livros é parecida com a que as crianças vão encontrar mais tarde, diante de uma obra de arte: a capacidade de maravilhamento, de surpresa, de estímulo ao olhar e à inteligência.* (2012, p. 61). Com essa perspectiva em vista, analisar os poemas visuais em forma de livros da dupla Plaza e Campos é um deleite à parte.

Julio Plaza e Augusto de Campos formaram uma dupla de grande importância para a poesia concreta no Brasil. Um de seus trabalhos mais significativos foi o livro-poema *Poemobiles* (1974). O processo de criação do livro é comentado por Campos:

Em 1968, Julio Plaza produziu seus primeiros “objetos”: duas grandes folhas de cartão superpostas projetando formas (pop-up) tridimensionais através da interação de cortes e dobraduras. Ocorreu-me a ideia de associar textos poéticos a alguns destes “objetos” e assim nasceram os “poemobiles” - poemas-objetos com palavras inscritas em vários planos que se deslocam quando as folhas são abertas, possibilitando múltiplas leituras.” (CAMPOS, 1974, apud VENEROSO, 2012, p. 89-90)

Composto por pouco mais de uma dezena de folhas dobradas ao meio, apresentando recortes e dobras paralelas simétricas ou assimétricas que criam um dispositivo móvel gerando uma estrutura tridimensional diferente em cada uma delas. As páginas na cor branca são contrastadas com formas geométricas e/ou palavras nas cores amarelo, vermelho e azul. O texto poético é criado a partir da repetição de frases ou palavras ou na aglutinação delas. Em uma das páginas, por exemplo, a palavra REFLETIR é usada duplamente como uma imagem espelhada, da esquerda para a direita e de baixo para cima, e vice-versa.

*Poemobiles* resulta num livro que avança no espaço com ares de escultura. À medida que o leitor manuseia suas páginas soltas lhe permite ler inúmeras narrativas, ao trocar a ordem das mesmas, sem obedecer necessariamente a um

início ou fim preestabelecido. A parte gráfica do livro foi impressa em serigrafia pelo próprio Plaza e a primeira edição com formato de 15 x 25 cm teve uma tiragem de 1000 exemplares. As páginas são acopladas por um envelope em cruz.

**“Livro de artista é um livro feito por artista.”<sup>68</sup>**

Desde os primórdios dos tempos, o homem busca uma maneira de registrar seu conhecimento e construir um legado às futuras gerações. Por meio da oralidade ou da escrita, a vida cotidiana e a ciência são resguardadas do esquecimento.

O desenho, a pintura, a escultura e a arquitetura foram o meio pelo qual, no passado, iniciou-se a consolidação da cultura. Então ganhou corpo um objeto de desejo, o portador de um mundo mágico... o livro de artista.

Quantos de nós, quando crianças, fomos acalentados por histórias para ouvir antes de dormir?

Se muitas histórias foram perpetuadas por meio da oralidade, através de nossos ancestrais, encontramos no livro de artista uma nova possibilidade de contar outras histórias por meio da narrativa visual, criando um universo rico e distinto.

Ao traçar uma analogia entre a minha produção e alguns exemplares de artistas nacionais, busco criar um referencial imagético que ilustre a variedade de possibilidades que o livro de artista nos oferece enquanto

---

<sup>68</sup> SILVEIRA, Paulo. Informação verbal em uma conversa do programa de Visitas Mediadas à Exposição Tarefas Infinitas, com Paulo Silveira, no SESC – Centro de Pesquisa e Formação/SP, agosto/2018.

linguagem e nos permite criar a partir do suporte, da forma, da narrativa, do conceito, ou de qualquer especificidade inerente ao objeto artístico.

Embora muito recente, a trajetória do livro de artista no Brasil apresenta uma diversidade de materiais e abrangência temática que nos impulsiona a conhecer esta linguagem contemporânea com maior profundidade. Por ora, esta pequena mostra que apresentei pode ser a ponta do iceberg para promovermos novas pesquisas e intercâmbios.

### Referências

- BAITELLO JUNIOR, Norval. In: WEISS, Luise. **Coleção Artistas da USP**, Volume 14. São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 59.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. In: DANZIGER, Leila (Org.). **Diários públicos: sobre memória e mídia**. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013, p. 152.
- STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p.134.
- WALDMAN, Berta. In: WEISS, Luise. **No mar**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 17.

### Catálogos

- FABRIS, Annateresa; TEIXEIRA DA COSTA, Cacilda (apresentação e curadoria). **Tendências do livro de artista no Brasil**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

### Artigos

- CADÔR, Amir Brito. O signo infantil em livros de artista. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 59-72, 24 maio 2012.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte (I)**. Arte em São Paulo, n. 6, abr. São Paulo: 1982.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. Palavras e imagens em livros de artista. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, v. 2, n. 3, p. 82-103, 24 maio 2012.

WEISS, Luise; AZEVEDO, Suzana. Livros-objetos e almanaques: marcas e deslocamentos. Anais [do] 19º Encontro da ANPAP - **Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, Cachoeira, BA, 20 a 25 de setembro de 2010 / Maria Virginia Gordilho Martins, Maria Hermínia Olivera Hernández (organizadoras). Salvador: EDUFBA, 2010, p. 1471.



## PERSPECTIVAS POLIFÔNICAS DA/NA LITERATURA ANGOLA: CENÁRIO ATUAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

*Rosário Ngunza*<sup>69</sup>

### Palavra iniciais

Gratidão! É com muita satisfação que recebi o convite para participar deste fórum com tão ilustres figuras da academia e de outros países, o que torna rico em termos de troca de experiência e estudo os diversos temas propostos pela organização e ainda mais neste período de quarentena mundial por causa da pandemia do covid-19, a tecnologia é a fronteira que não foi encerrada e a arte a força motivadora para este encontro no qual voz falo de Angola, da capital Luanda.

### Um breve olhar sobre a história da literatura angolana.

Se consideramos a tradição oral como uma característica literária, a nossa história literária data muito antes da chegada dos colonos portugueses, somos hoje povos que resultaram de uma mestiçagem de várias tribos que pelo fenómeno das lutas de expansão territorial e exploração colonial originou o país que hoje chamamos

---

<sup>69</sup> – contista, ator, dramaturgo e publicitário angolano e Escritor.

Contactos:

Facebook/Marijana Lda.

Facebook/ Rosário Ngunza

Facebook/Edilson Jorge

Email- edjorg@hotmail.com

Instagram – Ngunza.x

Angola (Terra de N'gola Kiluanje, histórico governante Angolano); infelizmente não existem muitos registos históricos escritos sobre o passado a nível dos nossos arquivos em Luanda, mas acredito que se pode encontrar em Portugal aonde parte ou quase tudo que se produziu foi levado no período do processo da descolonização, o pesquisador Angolano Tomas Gavino Coelho tem feito um grande estudo que já produziu dois volumes com o título AUTORES E ESCRITORES DE ANGOLA DE 1642-2018-ALENDE EDIÇÕES; onde tem até a data registado 2.510 autores. Este número já foi ultrapassado porque tenho registado a publicação de novas obras e vão surgindo novos autores e pequenas editoras.

Mas o maior movimento da nossa rica literatura surge mesmo com a fundação da União dos Escritores Angolanos (UEA) em 10 de dezembro de 1975, com sede em Luanda, da qual fizeram parte antigos estudantes da casa do Império em Portugal numa mistura de Negros, brancos e mestiços, dos quais o primeiro presidente da Angola Dr. Agostinho Neto, que enquanto escritor as suas poesias contidas na celebre obra Sagrada Esperança foram fortemente ensinadas nas escolas e povoações para trazer, esperança, e levar uma mensagem de unidade nacional pelas características dos seus poemas que muito tem dividido os críticos literários, mas a verdade é que depois do Hino nacional o que todo mundo sabia recitar era o Havemos de voltar como exemplo:

O Havemos de voltar  
Às casas, às nossas lavras  
às praias, aos nossos campos  
havemos de voltar

Às nossas terras



vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milherais  
havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo  
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos  
às montanhas, às florestas  
havemos de voltar

À frescura da mulembá  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar

À marimba e ao quissange  
ao nosso carnaval  
havemos de voltar

Havemos de voltar  
à Angola libertada  
Angola independente

Numa realidade em que imperava o regime de partido único no País, assim percebemos que muitos autores que não faziam parte do regime partidário imposto na altura e suas obras estão por ser estudados...

Assim foram publicadas e fortemente difundidas pelo país a dentro obras de escritores filiados a organização, também como uma forma de resistência a literatura do colonizador e imposição de uma nova linguagem e narrativa que criticava a rígida ortografia gramatical de Portugal e trazia assim uma linguagem a que chamamos de ‘‘**Muangole**’’, por exemplos:

- ✚ A notícia espalhou-se pela cidade – Português
- ✚ Ouvimos mugimbo por toda cidade – Muangole

E foi assim que novas palavras pela ousadia de alguns autores foram introduzidas nos novos livros que eram publicados, contrariando a crítica e desafiando um período histórico, palavras como:

- Muito – Bue
- Amendoim – Ginguba
- Menina bonita – Kalumba
- Amigo – Kamba

Surgiram os romances a criticar o estilo de vida da nova burguesia como o **Carnaval da Vitória de Manuel Rui Monteiro**; **O Ministro de Uanhenga Xitu** (este autor em particular traz um registo da vida rural nos seus livros, acusando sempre a situação social dos povos) ...

O português falado e nascido do cruzamento das línguas tradicionais e do português. Os manuais escolares finalmente traziam textos de romances, poesias, contos de escritores Angolanos a citar alguns nomes: ÓSCAR RIBAS (Uanga o feitiço), PEPETELA (As aventuras de Ngunga), UANHENGA XITU (Os discursos do Mestre Tamoda), ANTONIO DE ASSIS JÚNIOR (O segredo da morta), ROSÁRIO MARCELINO (Loucuras e kimbandices) etc... textos que pela força dos manuais escolares e da necessidade de se dar a conhecer na angola pôs independência a existência de autores nacionais fazem parte da memória nacional de toda uma geração que vai até os nascidos em 1997, altura em que o sistema escolar começou a ser reformado pelas novas políticas.

Em 1998, com os meus quinze anos de idade e já muito filiado com os livros e o mundo da escrita, pois nasci numa família aonde a estante da sala de estar era cheio de livros, neto de um preto assimilado e pastor funcionário dos caminhos-de-ferro de Porto Amboim e com um pai que pelo serviço militar trazia da Ex. URSS, livros, jornais, filmes em VHF que moldavam a nossa educação; já escrevia contos e poesias para serem encenados e cantados na escola ou em programas de rádios infantil, uma realidade que era permitido a uma minoria pois após a forte divulgação do movimento literário de 1975, em 1992 o país entrou em guerra civil que só veio a terminar em 04 de Abril de 2002, numa Angola em ruínas quem teria tempo para ler?

Eu, na pequena cidade onde nasci, pela sua posição geográfica próximo a capital do País, os conflitos armados propriamente ditos nunca chegaram a ocorrer de forma intensa e apaixonado pelos livros encontrei no teatro a forma de transformar pessoas e de me expressar, foi assim que encabecei todo um movimento cultural para o surgimento do teatro convencional na província com o coletivo PICANTES TEATRO, e com a força da radio mobilizar a sociedade a sala de teatro, onde recitávamos poemas, contos, e foi um grande exercício para o surgimento de autores amadores que já escreviam as suas obras de teatro e entravam num debate sobre a nossa realidade cultural e artística o que acontece até a data atual mesmo já não estando a residir na cidade do Sumbe, continuamos a promover encontros culturais e promoção do livro.

Infelizmente todo este percurso, é uma gota no oceano, que se conjuga com outros movimentos e ativistas, pois não existe mercado literário em Angola, publicar um

livro é extremamente caro chegando a custar 1.700.000,00 (um milhão e setecentos mil kuanzas), não existem políticas para divulgação do gosto de leitura, grande parte dos jovens licenciados nunca leu uma obra literária, o estudo foi todo feito com cópias de fascículos de livros acadêmicos de autores estrangeiros e tem um grande problema de interpretação textual e identidade cultural, não existem distribuidoras, eventos as universidades não tem bibliotecas e não estudam a nossa literatura, criou-se uma rede de miadatecas por algumas províncias do país, aonde encontramos livros sobre a revolução cubana, e nada da angolana.

Para a publicação do meu primeiro romance O HERDEIRO; VIANA EDITORA- 2017 – NGUNZA ROSARIO; tivemos que nos transformar em polvos e ser toda cadeia de produção, divulgação e distribuição o que é exaustivo para quem já pesquisou e escreveu inúmeras páginas no processo complexo que é a escrita. Existem muitos jovens a escrever, mas precisamos de formação e principalmente de referências motivadoras. Existe uma única faculdade de letras e ciências sociais que é pública, mas, precisa de muitos apoios e com a falta de valorização do mercado de emprego aos profissionais da área, tem estado aquém de cumprir o seu papel institucional.

Existe uma grande fuga de talentos para o exterior do país em busca de trabalho, Portugal e Brasil tem sido o refúgio de nomes de referência atual da nossa literatura como Jose Eduardo Agualusa (Nação crioula), Ondjaki (Quantas Madrugas tem a noite).

Após vários anos de escrita para o teatro em 2007 publiquei os meus primeiros contos (MARIA RAPAZ; O JACARÉ VELHO; NA NOITE DO TIC TAC) NOS CADERNOS NEGROS VOL-30 QUILOMBO EDITORA-

contos inspirados nas histórias orais que ouvi quando criança meus tios contarem nas noites sem energia elétrica sentados no quintal em volta do narrador iluminados por um candeeiro petromax e a forte lua. Claro que também vou procurando participar em fóruns e acima de tudo internacionalizar o meu trabalho, mas principalmente porque acabamos por ser a referência de que é possível para toda uma realidade de pessoas que sonham fazer carreira no mundo das artes e claro da escrita.

As possibilidades ou oportunidades de pelo menos ter um projeto editado devem ser entendidas de duas formas:

- Quem nasceu e cresceu em Luanda tem maior possibilidade de emigrar para o exterior do país ou ter contacto com a minoria intelectual nos encontros que são realizados no quintal da União dos escritores e de pequenos projetos institucionais que vão sendo realizados pelo Ministérios da cultura como o Jardim do livro, prémios literários, tem acesso a maiores livrarias e a maior informação pela diversidade de rádios, jornais e escritórios de associações culturais como o Xá de caxinde que também edita alguns autores na maioria antigos nacionalistas mais críticos ao sistema vigente, um movimento teatral mais acutilante e exigente, o Elinga teatro que é uma casa de cultura revolucionaria na baixa de luanda, aonde se reúnem intelectuais nas mais variadas ações e eventos...
- Depois temos quem vem do interior que tem ainda de vencer a própria migração, aculturar-se e depois tomar o seu rumo.

Hoje mais do que antes está tudo parado, não pela pandemia do Covid19, estamos mergulhados numa crise económica e financeira desde 2014, e se já não existiam grandes políticas, agora falta a capacidade de compra dos poucos leitores; existem muitos talentos, criatividade, falta vontade política, referências fortes, mais a máquina continua a trabalhar com muitos jovens autores que vão se impondo e temos tido alguns lançamentos, o que não deixa de ser animador. E a minha visão para o futuro ainda é animadora, precisamos continuar a escrever e a divulgar a literatura angolana.

PRECISAMOS TER O MESMO SONHO!

Alguma coisa se passa dentro de nós,

Que não temos conseguido

Voar

Iguais ao pássaro Humbi Humbi.

Fomos talhados e esculpidos, para sermos  
belos e majestosos,

Para sermos senhores do nosso tempo e da  
nossa terra,

E estamos assim!

Feitos reféns numa luta qualquer,

Feitos cinzas antes mesmo de termos  
queimado,

Feitos parvos que sorriem com fome e falta  
do básico.

Precisamos nos reinventar,

Voltar ao princípio ali aonde os rios  
nascem,

Ou talvez precisemos desaguar agora para  
permitir o surgimento de uma nova  
nascente, que será fresca e límpida

Para alimentar as crianças com novas ideias,

De prosperidade, humanidade e amor.

Talvez precisemos de dormir todos e  
termos o mesmo pesadelo,  
Da cidade aos bairros, dos musseques ao  
alto da cidade,  
Precisamos ter o mesmo sonho.  
Precisamos ter o mesmo sonho;  
Precisamos ter o mesmo sonho

Obrigado.

Rosário Ngunza – Luanda ao 21 de maio de 2020.

## PERCURSO

EDILSON DO ROSÁRIO JORGE DE NGUNZA, nascido na cidade do Sumbe, província do Kuanza Sul ao 20 de Abril de 1983. Residente em Luanda (Angola).

Pseudónimo Literário

- ROSARIO NGUNZA

Formação

- Tem o 3º ano de Direito da Universidade Lusíadas de Angola.
- Tem o Diploma de extensão Universitária em Comunicação e publicidade pela Universidade Católica pontifícia do rio grande do Sul- ALAP (Brasil)

Outras formações

- Formação técnico profissional de Teatro, Eventos e Produção pelo Ministério da cultura de Angola.
- Formação em Gestão e psicologia do desenvolvimento pela J.E.C.A – Juventude Estudante Católica de Angola.

- Formação em Escrita criativa; Televisão e realização cinematográfica pelo IACAM – Instituto Angolano do cinema Audiovisual e multimédia.
- Formação em gestão Bancaria, finanças e atendimento – O.F.C – Odete Fachada Consultores.

#### Experiencia Profissional

- Fundou e foi Diretor artístico do colectivo de artes cénicas PICANTES-TEATRO, com destaque nas Obras (O VELHO ANTONIO, A IDADE DA PUBERDADE, DE TRAS PARA FRENTE, O REI DO NADA ...).
- Escreveu e apresentou o programa radiofónico NA MAIOR- Radio Kuanza Sul
- Gestor Bancário Sénior do Banco Millennium Atlântico-B.M. A
- Fundou e Dirige a agência de Publicidade, Marketing e soluções gráficas – MARIJANA LDA.
- Participou do festival mundial de publicidade e Marketing em Gramado Brasil pela ALAP – Associação Latino Americano de Publicidade.
- É membro da U.N.A.C – União Nacional de Artistas e compositores de Angola
- Escreveu e produz as Conferências anuais INSPIRATE- Conferências de treinamento motivacional.
- Realizou e escreveu os filmes: DIMA E A CASA DOS RAPAZES (MongTV) e SOFIA E O MAR; Documentário PICANTES 11 ANOS (Gil produções).
- Foi homenageado pela liderança e desenvolvimento do teatro convencional no Kuanza sul pela APROTK- Associação provincial de teatro do Kuanza Sul.



- Premio revelação no festival Internacional de teatro do Casenga com a Obra: A AGUA DA HÁ. De sua autoria.
- Foi Director da Companhia MULEMBEIRA TEATRO da fundação Amigos da cultura, aonde montou e escreveu o espetáculo: LUANDA DESTINO.
- Director e formador da companhia GLOBO NGUNZA referencia dos espetáculos que escreveu: A QUEDA DO AVIÃO; O PAÍS QUE NASCEU MEU PAI; HOMENS E MULHERES.
- Publicou na Coletânea Afro-brasileira CADERNOS NEGROS vol. 30- QUILOMBO editora os seguintes contos: MARIA RAPAÇ; O JACARÉ VELHO; N A NOITE DO TIC TAC – contos que serviram de tese e estudo Universitários pelo Dr. Prof. Flávio Paz na Universidade de Rondônia e Rio de Janeiro no Brasil.
- Participou do I simpósio nacional sobre a Historia de Angola.
- Publicou o Romance O HERDEIRO pela viana Editora.
- Foi Coordenador (Guia Principal) da organização de pioneiro Agostinho Neto (O.P.A), participando em diversos acampamentos nacionais.
- Idealizou e coproduziu o Movimento Nacional de teatro em Benguela (Acampamento que reuniu grupos de todas as províncias de Angola).



## A CANÇÃO DE RENATO RUSSO: ENTRE O ECONÔMICO E O CULTURAL, O SIMULACRO SEMIÓTICO

*Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes*<sup>70</sup>

### Introdução

O presente texto possui como objeto de estudo a canção popular de Renato Russo e sua *Legião Urbana*, principalmente com essa clara identidade voltada ao consumo da massa juvenil. Assim, uma abordagem requer algumas considerações preliminares, mesmo antes de perscrutar sua força popular, problema-base de qualquer estudo semiótico cultural. Essas considerações procuram dar um lugar central ao objeto dentro da problemática suscitada pelo capitalismo moderno e suas conveniências socioculturais. Analisar esse capitalismo tendo em vista a noção de *produto e mass media*, já então em voga dentro dos limiares teóricos da *Indústria Cultural e Ideologia de Consumo*, de Theodor Adorno (1967), resulta no ato efusivo de dialogar com um conceito já bastante debatido e analisado no final deste século: a *Pós-Modernidade* e as condições de produção em massa.

Trabalhando com noções distensas e propensas dentro do cenário moderno de produção e mídia,

---

<sup>70</sup> Doutor em Letras: Teoria da Literatura- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP/IBILCE. Mestre em Letras-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. Graduado em Letras-Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Graduado em Direito-Faculdades Integradas de Cacoal. Atualmente é Professor Adjunto A da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, lotado no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Campus de Vilhena. É pesquisador na área da Semiótica, Literatura, Teoria Literária e Língua Portuguesa. Por fim, é editor do sítio [www.teoliterias.blogspot.com](http://www.teoliterias.blogspot.com).

pretendemos assinalar um debate teórico que considere dois eixos centrais: *um cultural e outro comercial*. Compreender os movimentos que levam um ao outro e a forma como a teoria está propensa a fazer uso dessa terminologia são objetivos deste texto.

Um fenômeno de vendagem tem por ele mesmo uma configuração pré-cambiada que procura assentar-se dentro de um projeto capitalista moderno. Esse projeto e essa configuração centram-se dentro de limites e limiares da cultura de consumo e de sua condição comercial de produção no *mass media*. Poderíamos parafrasear a identidade deste projeto utilizando o pensamento de Adorno sobre a produção e consumo assinalado na passagem a seguir:

A indústria cultural, para poder insuflar sua ideologia de que o consumidor é rei, justifica-se através da propagação da idéia da existência de uma massa que seria uniforme e homogênea, o que constitui, desta forma, a sua ideologia. (ADORNO, 1967, p. 41)

Dessa ideia suscitada pela violação da identidade própria do consumidor e prosseguindo no pensamento de Adorno (1967), a arte inserida em um programa de consumo age como fator *alienador*, pois lida com a comunicação em massa, citada anteriormente, desapropriando a comunidade social de sua identidade pessoal estimulante, tornando-a passiva ideologicamente. Essa forte tendência de crescimento do denominado *produto de consumo* releva o que ele, Adorno, chamou de *Indústria Cultural* (1967, p. 45), criticada negativamente em sua obra. Para ele, esta Indústria Cultural limita uma consciência crítica e produtiva mediante “(...) mecanismos

de unidimensionalização das consciências e com a moldagem do indivíduo pela indústria cultural” (Adorno, 1967, p. 45).

É perceptível a carga negativa que a produção e, conseqüentemente, o produto recebe pelo fato de estarem lidando com o mecanismo de consumo e comércio. Entretanto, por outro lado, analisando o fato antes de colocar em jogo o vínculo valorativo cultural, é relevante observar a importância e necessária presença uniforme da comunicação linguística, percebida de modo fenomênico, ocorrendo no limiar da discussão entre objeto de arte popular e sua relação com o consumo. Isso coloca o pensamento negativo diante da produção cultural da pós-modernidade em uma posição diferenciada, com possíveis salvaguardas, devido ao poder comunicador do objeto de consumo. Adorno, o pensador e configurador dessa crítica à produção em massa, está inserido dentro da dialética marxista e lidando com ela, isenta-se da condição textual, procurando estar externo à perspectiva estrutural do pensamento, acreditando, como afirma Liana Cardoso (1987, p. 03), em artigo publicado sobre as ideias de Alex Callinicos, que “... o marxismo, ao contrário do textualismo, não aceita a autonomia do discurso”. A teoria moderna da arte e da produção, bem como a filosofia em suas origens epistêmicas, não se eximem totalmente da linguagem, pelo contrário, para a filosofia da Pós-Modernidade, o resgate de Nietzsche e Rousseau foi um retorno aos procedimentos de construção da ciência objetiva, concernentes ao espírito iluminista que alavancou a humanidade em séculos anteriores, como bem cita Habermas: “O projeto da modernidade formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo consistiu em esforços que visavam a desenvolver tanto a ciência

objetiva, a moralidade universal e a lei, quanto a arte autônoma, conforme sua lógica interna.” (1987, p. 88)

A inserção da música de Renato Russo dentro do cenário pós-moderno não pode apagar sua *lógica interna*, inerente à sua construção artística, de matéria puramente verbal. Assim, a obra apresenta-se escamoteada sob forma polarizada entre o ente visível e volátil da arte pop contemporânea, fruto das correntes de modismos que inauguram teoricamente o que Fredric Jameson (1996) chama de *Mercantilização da Cultura*, como também se debruça sobre um papel cultural a ser pesquisado, elemento trilhado dentro das esferas da comunicação, do qual o discurso é a grande relação reconciliadora de todas as tensões em volta do plano social e artístico.

Esse interstício entre o *cultural e o mercadológico* pode ser comparado ao conceito de textual e não textual, tomados como paradigmas pela crítica literária moderna. Essa relação se engendra a partir do momento em que deixarmos de meta-narrar a teia epistemológica acerca do *produto de consumo*, em virtude de sua figuração pós-moderna de *simulacro* ou objeto de um *capitalismo tardio*, definições de Fredric Jameson (1996), para relacionar esse mesmo objeto ao determinante de uma ciência da comunicação, atenuando sua “existência dentro do texto”. Essa última afirmação se encontra no topo da teoria pós-moderna e foi referendada pela máxima utilizada por Jacques Derrida, “nada existe fora do texto” (1973, p.194). Tal discussão não é nossa, não é individualizada por este trabalho, é apenas a continuação da distensão deflagrada dentro das bases teóricas da pós-modernidade. Esta, segundo Callinicos (*apud*, LIANA:1987, p. 04), afirma que a sua grande força intelectual advém dos pós-estruturalistas, dentre estes enfatizam-se as duas linhas principais: a que

releva a textualidade, podendo citar para este texto como representante o filósofo Jacques Derrida, e a outra situada dentro das condições “anti-textualistas”, compondo uma *arqueologia* das camadas profundas do *saber*, representada por Michel Foucault. Essa diferença ôntica de axiomas sobre a Pós-Modernidade acentua a nossa micro-visão análoga entre o objeto de estudo por nós escolhido e sua posição temporal e espacial de um *dúbio ser*: um produto mercadológico e um produto artístico e cultural.

Retornando nossa linha de raciocínio sobre o posicionamento da canção de Renato, até então discutida ora como produto mercadológico, ora como produto cultural, podemos vislumbrar uma definição geral partindo das questões suscitadas, consistindo, dessa forma, uma espécie de *invólucro* das tensividades contemporâneas, não só do ponto de vista estrutural de objeto artístico vendável, na sua opção de reorganizar estilos de público e reinventar o novo sob a forma de uma inovação instrumentalizada de modismos anteriores (o *pastiche* de Fredric Jameson), mas também esse ente passa a ser conceito reformulado principalmente por ser oriundo de um ambiente da modernidade. E essa modernidade, decorrente das abruptas alterações capitalistas do pós-guerra e da inserção de uma comunidade coletiva, passou a ser vista como uma insólita luta do ser como agente de uma *história*, ou como chama a atenção das discussões salutares sobre a história atual, *meta-narrar* as consequências da existência na dimensão do tempo presente. Para Berman:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e

frequentemente destruir comunidade, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (1989, p.14)

Os fios teóricos pertinentes a essa discussão, centrada sobre um processo de composição de arte, seriada ou não seriada, estritamente produto, ou puramente arte, devem-se à teoria de Fredric Jameson (1996) sobre produção e consumo na modernidade, visto que a canção de Renato Russo está para as relações sociais e estéticas da pós-modernidade como *produto cultural de um capitalismo tardio*, certa de que está inserida dentro de uma situação mercadológica embasada pelo cunho do liberalismo pós-moderno. Assim sendo, esse produto torna-se símbolo próprio das condições de produção e massificação ideológica, atuação natural do mercado e das instituições financeiras surgidas no pós-guerra, panfletárias ou adictas do processo reverso de descolonização, ou como chama Jameson na citada obra, *simulacro* desse panorama ambivalente. É esse conceito do discurso pós-moderno, o *simulacro*, que pegaremos como ponto de apoio para celebrar o nosso objeto de pesquisa com uma funcionalidade epistêmica dentro de seu tempo.

Agir como simulacro no entreabrir de um tempo e uma espacialidade não é a simples representação axiológica nem dimensional a que um produto da cultura vigente,



ainda em fase de formação, possa funcionalizar. Ao contrário da fecunda formação linguística, em que apenas os signos literários representam o indivíduo pós-moderno, existem camadas profundas e inerentes a esse pressuposto linguísticos que estão na própria organização do texto análogo ao indivíduo. Assim, não existe apenas a representação textual e narrativa, por extensão semiótica e simbólica do sujeito, mas sua temporalidade e especificidade pós-moderna surgem da analogia epistemológica entre um sujeito pós-moderno e outro específico do discurso literário. Seguindo estes ditames da teoria na pós-modernidade, torna-se para a dimensão moderna do simulacro a criação de um *sujeito epistemológico* nesse aparato contextual, um elemento centrado e unitário ao seu modo racional, sujeito que se inter-relacione com o caos e a fragmentação, e a ininterrupta razão corporal, construindo sua própria biografia, fazendo o desuso da *metanarrativa*. Para essas proposições, a canção de Renato Russo instaura seu discurso dentro da propriedade de aludir ao *sujeito* pós-moderno, por sua formação tanto do ponto de vista estético, funcional e filosófico, ressaltando o projeto iluminista desencadeado por Rousseau, filósofo de cabeceira de Renato Russo. Projeto este de dialogar com o sujeito da criação literária com o sujeito temporal e ôntico.

A criação desse sujeito não irrompe de uma mera codificação de matizes e signos, identidades simbólicas do ser, estruturas formalizadas e sedimentadas pelo senso comum, mas também no seio da condição extra-sígnica, partindo do modo como a *textualidade* da obra de RR fica alocada entre a arquitetura da escrita sobre a escrita, textualismos de Derrida (a vida, sobre a não vida, a fábula, a bíblia, o sentido, textos em textos de *Daniel na Cova dos*

*Leões*) e a epifania das justaposições, disjunções e fluxos privilegiados por Foucault, parafraseado por Harvey:

[Ele](Foucault) nos instruiu, por exemplo, a desenvolver a ação, o pensamento e os desejos através da proliferação, da justaposição e da disjunção" e a "preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas. Acreditar que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade. (1996, p. 49).

Em momento anterior, coloca-se a obra de RR como um modelo de simulacro, dada sua formação de música popular e seu relacionamento com a pós-modernidade. Esse *simulacro* também pode ser entendido artisticamente no panorama da atualidade como um símbolo pragmático e coerente com o modelo ideológico incorporado dentro de camadas massificadas e estilizadas, embandeiradas pelo recorte do *pastiche* de Jameson, consistindo no reconciliamento de proporções artísticas com as dimensões da sociedade de consumo, ilustradas pelo poder de comunicação e institucionalização de grandes conglomerados de empresas culturais lucrativas, proporcionando um grande alcance em níveis *culturais* e *mercadológicos*. Este diálogo da canção de Renato Russo com a comunidade de consumo pede a interferência de Affonso Romano de Sant'Anna, em artigo intitulado *Do pastiche ao caos* (2002, p. 01), em que para ele a discussão se situa no seguinte patamar:

À pergunta final de Fredric Jameson: - Se além de reforçar a lógica do capitalismo de consumo, a arte feita pelo pós-modernismo

seria uma forma de resistência - pode-se responder: tal arte não é uma resistência. É uma adesão, é um sintoma. ... Submeteu-se a ser mercadoria. Esvaziou-se de si mesma ...

Com esta citação, podemos deflagrar uma desvalorização do produto inserido no mercado de consumo? A obra de Renato Russo, estabelecida dentro das margens deste capitalismo de produção em massa, perderia seu valor como obra e item literário de estudo? Em vista destes questionamentos, apreciar dedutivamente e filosoficamente os valores da obra no *mass media* é um trabalho que resulta em múltiplas vertentes. Se para Jameson existe uma resistência no sentido de arte pós-moderna tentar persistir ante aos valores mercadológicos, ao menos em tese é porque existem perspectivas de várias naturezas que podem reconciliar estes itens artísticos da pós-modernidade com a proximidade ética e valorativa dos preceitos estéticos. Dentre estas naturezas, a fecundidade semiótica, ou multiplicidade de condições expressivas, possibilitam ver novos horizontes na questão.

Pretendemos, em vista da real posição do nosso objeto de trabalho diante do painel crítico e da teoria do pensamento contemporâneo, considerar alguns pontos em função de outros, e nestes, julgamos adequado assinalar a opção de enxugar as visões epistêmicas, priorizando seu posicionamento dentro da cultura. Acreditamos que a melhor forma de analisar tal item é acolhendo a perspectiva da penetração social da canção de Renato. Esse ponto é relevante à continuidade de alguma análise, pois o torna realizável dentro de um programa de análise das condições linguísticas e extralinguísticas pertinentes a análise semiótica em diálogo com os fundamentos da arte e teoria contemporâneas.

Os níveis de especulação em torno da canção detiveram-se sobre a problemática inicial: estritamente mercadológico ou artístico? Tanto em um nível como em outro, nas canções de Renato Russo, existem matizes possíveis de serem abordadas dentro de uma sociologia da cultura dos anos 80 e 90. Acatar o valor mercadológico de um produto *símbolo* do capitalismo, um ente volátil (o K7, LP e CD) e de amplitude massificada, é atentar a própria estrutura inerente ao *capitalismo moderno e suas vertentes ideológicas*. No entanto, o ponto que este texto observa, procurando questionar a problemática central do trabalho, são as influências culturais que um produto *símbolo* da ideologia de consumo consegue emanar a partir do ato de sua produção, independente da forma como é produzida e divulgada, mesmo que esses elementos sejam fomentos para introduzir uma teoria sobre a comunicação.

Tendo em vista a dimensão que essa análise tomaria, nosso recorte ao objeto assinala uma característica *sincrônica* ao processo cultural desencadeado pela *comunicação linguística*. Sendo assim, a porção da análise cultural é por nós desejada e operacionalizada como ponte de ligação entre a identidade de *consumo* e a formação artística que se dá pelo nível da linguagem verbal, segundo hemisfério da canção (binômio: melodia e letra). Logo, pela penetração cultural desta forma artística/linguística que se evidencia pela sua capacidade e habilidade como *produto*, estaríamos dialogando com sua dubiedade: sua porção evidente de arte pop, sua condição natural de condutor ideológico, bem como o discurso que poderíamos executar sobre tudo isso.

Vemos que não é possível dissociar os mecanismos de produção cultural da canção popular de sua habilidade para penetrar nas massas e nas ideologias. Parece-me clara

uma relação recíproca tanto para a tônica necessária ao ato de produção como para a confecção de habilidades e propriedades significativas para promover a introdução da obra de Renato Russo dentro de um programa ideológico mais completo. Por outro lado, ao discutir as propriedades comunicativas da obra, sugerimos, via de camadas profundas de significação, elementos da arte Pop, como a *sedução, a referência, a comoção e a massificação*. Não sendo esses elementos propriamente ditos que este trabalho procura definir e analisar, atentamos a nossa instância primária de privilegiar a condição sincrônica de análise, obedecendo aos mecanismos essenciais da comunicação que envolvem o processo da canção popular de Renato Russo, mantendo um diálogo seguro com a pós-modernidade e sua identidade de consumo.

Optando entre os paradigmas *mercadológico e cultural*, o segundo nos possibilitaria uma redução necessária à execução desta etapa, visto atender a uma indicação mais limítrofe: o recorte sobre o eixo da comunicação que se opera entre obra e público. Semioticamente falando, as condições *modulares* que operam o discurso linguístico da canção popular de Renato Russo para com o seu destinatário natural (será abordado posteriormente). A maneira como a discussão sobre as condições de produção e mídia, fundamentadas nos debates acirrados sobre pós-modernidade, distribuem-se neste texto, estão análogos aos objetivos primordiais deste trabalho: identificar e analisar a condição *modular* primária que se opera na relação artística da canção de Renato e seu público, na esfera da comunicação artística/verbal, refratando outras implicações por uma análise funcionalmente semiótica, apontando para confecção de um discurso sólido acerca desse problema.

Partindo desse pressuposto discursivo e roteirizado por uma metodologia semiótica/semântica, estaríamos deixando a discussão inicial entre *produto* e *cultura* exaurindo nossas indicações à pós-modernidade? Não exatamente. Há de se levar em consideração a problemática básica e essencial deste trabalho. Compreender a obra de Renato não somente pela discussão teórica, mas principalmente sob a ótica de sua textualização, penetrando nos confins profundos das verbalizações provocadas, o que para tanto faz-se necessário alocá-la sobre a rampa da teoria da comunicação, descobrindo sua força cultural, e, neste momento, não apenas mais como código, mas como *simulacro* de um tempo em que predominam os grupos e as celebrações do sujeito coletivo, nesse caso, a geração jovem. Nesse ponto, o discurso da pós-modernidade é retomado, viabilizando a incursão do objeto artístico e sua configuração estrutural dentro da modernidade com suas propriedades e anseios.

A penetração cultural da canção popular na esfera do ideário das massas delineia uma questão de *identidade intelectual* desta massa consumidora em relação à sua formação étnica e social. A música procura proporcionar uma identificação com a cultura, a ponto de esta ser discutida e analisada como ideologia *epistêmica*, ou seja, uma identidade social e cultural da temporalidade vigente em uma postura de autocrítica. Ela age como um catalisador das influências culturais que estariam na formação cognitiva e imaginária, bem como passional do público consumidor. Não é preciso ir longe na teoria pós-moderna para constatar a necessidade de *legitimação*, do conhecimento nesta era, destacado por Lyotard (1989: p.42): "(...) o conhecimento tornou-se a principal força de

produção". Tanto do ponto de vista de quem cria como daquele que consome, torna-se natural a busca do saber como mola de uma sociedade de *consumo*. Consumir o saber. Mas este saber, dentro da ideologia do simulacro, deve estar legitimado. Para tanto, basta-nos lembrar que o mesmo Lyotard afirmou que as metanarrativas mais legítimas foram as que teorizaram neste tempo presente sobre o próprio saber, confeccionando uma ideologia epistêmica acerca do conhecimento pós-moderno.

Voltando ao pensamento inicial, a mediação (poderíamos aferir caráter de cultura *Beat*) entre a *facilidade* e a arte constrói a relação fundamental entre o *Pop* e o *Canônico*, e favorece a ligação do *produto* ao *belo*, do *consumo* ao *ideal artístico*. Este binômio economia e cultura estão sendo assinalados pela crítica como um ponto fundamental das teorias geridas a partir do *conceito* de *pós-modernidade* para as novas condições de produção e linguagens artísticas:

Talvez se possa observar a literatura brasileira produzida nos últimos anos não segundo o consenso negativo dos balanços de fim de década, mas sob a perspectiva tripla de uma crise de escala, de uma tensão enunciativa e de uma geminação entre o **econômico** e **cultural** ... (SÜSSEKIND, 2001, p. 02).

A presença da canção no cenário da cultura nas últimas décadas tem sido encarada como fator transformador, tanto do ponto de vista ideológico como estético. Das experiências contidas pela relação mediática, já assinalada anteriormente neste trabalho, entre o *Pop* e o *Canônico*, a canção favorece a inserção de novas dimensões artísticas e linguagens produtivas que agem

como *dominantes* (KOTHE, 1981) de um sistema complexo de *remodelamento* da cultura. Esta passa a centrar-se sobre a produção auto deflagrada por uma *identidade intelectual*. Esse ponto em que a canção opera centralizando as condições cognitivas e todo o ideário da arte será fundamental para o reconhecimento de um polo de artisticidade no trabalho de Renato Russo, visto que demanda de sua obra uma clara alusão ao controle sobre a *autenticidade* de sua obra e seu caráter *revelador* que lhe é imposto.

Partir desse eixo de *autenticidade e revelação* indica percorrer um caminho teórico dentro da já citada *pós-modernidade*, diga-se de passagem, teórica por essência. O conceito de *presentificação* utilizado por Lyotard (1993) pode dar-nos uma ferramenta para entender melhor e fundamentar o que seria essa *autenticidade*. Desde que a canção de Renato passou a engendrar em seu discurso uma indumentária funcional para realizar uma aproximação com a problemática humana, partindo já do disco *Dois*, ostensivamente tem-se a perspectiva da *presentificação* dessa mesma problemática humana em todas as suas tessituras e dimensões, relevando o lastro de *humanismo perene* de seu trabalho. Mais do que isso, *presentificar*, na concepção de obra iniciada por *Dois*, foi consolidar a noção de *sublime* de Lyotard. Não bastava *representar* os conflitos e confluências visíveis destes, mas suplantar essa “falsa visibilidade” em um *presente* só decodificável mediante a leitura de um obstinado público aflito que traria perceptível e presentificado aquilo que apenas estaria no campo da micro-estrutura conflitiva do ser, embora possa aparecer nas mínimas estruturas significativas, apreensivas por uma semântica/semiótica do discurso (fato a ser apresentado no próximo capítulo). Podemos ilustrar esse



raciocínio observando a condição essencial de *angústia* dentro da obra. Esta não se estabelece pela via da representação nominal, o porvir do conceito definitivo, mas do *sublime*. Pode-se, de modo axiológico e passional, *presentificar* essa angústia aos olhos do que Greimas chama de “cheiro” do discurso semantizado, confluindo nas paixões. Para que se tenha noção verdadeira da existência de *presentificação* de algo que não pode aos olhos da representatividade nominal, espaço e tempo, serem situados, faz-se necessário que ao menos a obra tenha um caráter de *autenticidade*, tanto inerente, pela via das dimensões provocadas pela evolução da linguagem tensiva nas *forças* passionais, como no crédito dado ao trabalho pelo autor e pelo público, advindo de um messianismo sedutor e apurado de um humanismo pueril.

Nesse raciocínio exposto no parágrafo anterior, conseguimos posicionar frente a frente dois conceitos importantes para o desenvolvimento deste trabalho que devem ser observados com muita atenção. A *presentificação* e o *sublime* correlatos à *paixão* greimasiana. O estudo das paixões como elemento funcional dentro da eficácia, proposta inicial, depende de interpretar aquelas como *processos textuais* e não como *figuras textuais*. Isso porque elas só existem em função do *sublime*: “presentificar o que há de impresentificável”, “(...) fazer ver que há algo que não pode ser visto” (LYOTARD, 1993, p. 22). Assim, o fenômeno da eficácia está relacionado à condição íntima e pós-moderna da canção de *simulacro*, dentro da confluência ideológica dos modernismos, do modo como a paixão deverá ser estudada a partir do sublime dentro do *constructo* verbal semantizado da canção de Renato Russo.

Retomando a preocupação inicial com as paixões, essas situações existenciais do ser no corpo linguístico como *medo*, *ciúme* e *angústia*, só podem ser decifradas pela via do *sublime*. Não se pode presentificá-las por meio das nominalizações habituais, dentro do presente espaço/temporal, pois assim a obra estaria apenas reproduzindo um conceito e não um estado *fórico* completo e *autêntico*. Essa preocupação pode ser comprovada diante do trato com a obra dada por Renato Russo.

A partir dos caminhos abertos pela *autenticidade* e a *revelação*, apregoadas ao trabalho artístico de RR, pode-se chegar ao ponto em que começamos: o poder de penetração na macro-ideologia juvenil, o que poderíamos já definir, a esta altura do texto, como destinatário. Como que juntando cacos, estendemos nossa visão epistemológica não somente ao que já foi discutido anteriormente – a procura pela identidade cultural que a canção propõe e, à sua maneira, consegue aludir dentro do diálogo com o Pop e o Canônico –, mas às proporções semânticas que essas duas dimensões artísticas da obra (autenticidade e revelação) conseguem monumentalmente erigir diante do público juvenil perplexo.

Possuir, como é natural à canção, uma posição cultural diante da massa consumidora, identifica a esfera pragmática do trabalho de Russo, mas somar a isso o poder de tornar *autênticas* e *verossímeis* suas problemáticas e discussões que, muitas vezes são apenas lamentos, bem como planificá-las no ponto de torná-las *revelações* para quem as lê, faz da obra de Renato penetrante no seio da ideologia juvenil constituída pela rebeldia e ilogismo, delineando os contornos da questão maior, da grande interrogação suscitada a partir da observação contínua e

centralizada da obra de RR: Qual a origem do *poder comunicacional* de sua obra? Por ora é necessário responder a outras questões menores que conduziram ao afunilamento do problema. Dentre essas questões, as seguintes são de suma importância à coesão deste texto. Como a canção pode atuar como *simulacro*, tanto do ponto de vista textual como extra-textual? Existe um pilar simbólico e temático geral que está adequado aos princípios de *autenticidade* e *revelação* constituídos na canção de RR? É possível identificar esse campo simbólico e analisá-lo, bem como a leitura subjetiva do público jovem e seu entendimento? E como o campo simbólico, conjugado à leitura subjetiva do público jovem, surge nas mínimas estruturas de significação da linguagem verbal (letra) da canção? Esses elementos constituem caminhos teóricos para discutir o *poder* da canção de RR? Por meio da observação e análise, podemos definir que é possível identificar um perfil simbólico e temático natural e, a partir destes, uma leitura subjetiva do comportamento deflagrado pela obra de Renato, campos que tanto dialogam com o corpo totalitário do conjunto dos textos como operam ao nível da *autenticidade* e *revelação*, propostas elementares citadas anteriormente, fruto da condição de *simulacro*.

## Referências

- ADORNO, T; MORIN, E. **La Industria Cultural**. Galerna: Buenos Aires, 1967.
- BARTHES, Roland *et al.* **Lingüística e Literatura**. Trad. I. Gonçalves e M. Barahona. Lisboa: Edições 70, 1968.
- BARTHES, R. **Crítica e Verdade**. Trad. L. Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BERMAN, M. **Porque o Modernismo ainda vigora**. Rio de Janeiro: CIC , (Papéis e Avulsos n. 01), 1989.

HABERMAS, J. **Arquitetura Moderna e Pós-Moderna**. *In*: *Novos Estudos* n. 18, São Paulo, 1987.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio** São Paulo: Ática, 1996.

LYOTARD, J. F. ***A Condição Pós-Moderna***. Trad. J. B. de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1989.

\_\_\_\_\_. **Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Pós-Moderno explicado às crianças**. Lisboa, 1993.

## LITERATURA INFANTIL: ENCANTOS, APRENDIZAGEM, EMOÇÃO E DESCOBERTAS NA ALFABETIZAÇÃO

*Rute Barboza da Silva*<sup>71</sup>

### Introdução

A literatura infantil tem importância fundamental em vários aspectos da educação das crianças, principalmente em relação à formação de alunos que gostam de ler, pois o belo que compõem os textos literários é o atrativo estimulando a leitura. Partindo disso, o objetivo desse trabalho é apontar estratégias pedagógicas pautadas na literatura infantil para a aprendizagem ter mais significação e sentido para o aluno. Os professores alfabetizadores das séries iniciais bem como os que alfabetizam fora do fluxo, podem utilizar como apoio pedagógico obras literárias infantis podendo assim trabalhar uma situação problema, e instigar o senso crítico que o aluno possa vir a desenvolver de si mesmo e do seu entorno.

O interesse pela leitura é o grande desafio do professor na sala de aula. Que livro oferecer ao aluno e,

---

<sup>71</sup> Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar - Faculdade Porto – FGV e em Libras - Faculdade Interamericana de Porto Velho-UNIRON e Graduada em Pedagogia pela mesma IES. cursando Letras Libras na Universidade Federal de Rondônia-UNIR. É docente das séries iniciais da educação básica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho-SEMED/PVH. Aluna Especial nos Programas de Pós-Graduação Mestrado em Letras-Universidade Federal de Rondônia e no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Literários-Universidade do Estado do Mato Grosso-UNEMANT, ambas no período letivo de 2020.1. <http://lattes.cnpq.br/8399278196508977>. E-mail: [rutebarboza70@gmail.com](mailto:rutebarboza70@gmail.com).

como apresentar o livro para a criança? Como vencer esse entrave em sala de aula? Os alunos preferem ler revistas, muitos não têm livros em casa, então acabam deixando a leitura de lado, trocando a mesma por esportes, videogame, celular, crianças já envolvidas no meio tecnológico. Com todas essas atividades, os livros acabam ficando esquecidos ou são usados somente se a pessoa não tiver outra atividade em mente. Muitas vezes o livro é usado como um objeto de decoração de um determinado espaço físico perdendo assim seu papel de levar o conhecimento e aprendizagem para quem o lê.

Trabalhar a Literatura Infantil em sala de aula, de modo a facilitar a aprendizagem do aluno exige um olhar mais minucioso do educador. Pesquisa de obras específicas a fim de abordar um tema relevante é a chave para o êxito de todo o trabalho do professor. Um ambiente adequado para a prática da leitura na escola é um ponto de extremo cuidado para que tudo se torne atrativo ao aluno.

O professor deve, sempre que possível inserir livros infantil durante as histórias e a própria atividade de leitura de maneiras diversas a fim de obter melhores resultados. Apesar de reconhecer a importância da literatura infantil na educação, Garcez (2004, p.20) afirma que “infelizmente a realidade atual mostra que a forma de desenvolver a atividades, a partir de história, tem sido a maior vilã dos professores (...)”. Os conteúdos de obras infantis precisam ser de fácil entendimento pela criança que as leem, seja por si mesma, ou com a ajuda de uma pessoa mais velha. Além disso, precisam ser interessantes e, acima de tudo, estimulantes para a criança.

É importante que o trabalho com texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula. Diante disso, o professor encontra um grande dilema:

Como fazer com que seus alunos despertem o gosto pela leitura? A literatura infantil é desta forma, uma ferramenta que poderá auxiliá-los nessa empreitada. O contato com textos recheados de encantamentos faz-nos perceber quão importante e cheia de responsabilidade é toda forma de literatura. Talvez porque falte à maioria dos docentes algo imprescindível, não somente para o trabalho eficiente com a literatura infantil, mas ao próprio processo educacional, falta-lhes criatividade, já que muitos se mostram acomodados ou então não veem sentido em estar realizando atividades de leitura com seus alunos.

A literatura infantil proporciona às crianças diferentes experiências com a linguagem e com os sentidos, ou seja, possibilita o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. Permitindo assim, que elas possam ter acesso à leitura e a escrita de maneira divertida, pois quanto mais as crianças lerem, melhores desenvolvimentos na escrita obterão. Lendo constantemente, a criança escreverá melhor, pois há uma internalização das estruturas da língua. Por isso, é importante aproximar as crianças dos livros literários. O professor deve estimular seus alunos à leitura desde os anos iniciais, pois esse incentivo conseqüentemente irá refletir no futuro das crianças. Evidentemente existe uma enorme diferença entre uma criança que desde a infância se envolve no mundo da leitura e um adolescente ou adulto que o faz tardiamente. Considerar o trabalho com os gêneros textuais desde a Educação Infantil é a partir do pressuposto de que fornecer à criança experiências com textos diversos pode anteceder a alfabetização, ou seja, é possível participar de práticas de letramento mesmo sem ter o domínio do sistema de escrita, assegura Soares (1998).

A autora mostra que o contato com a língua escrita se dá antes da inserção da criança no contexto escolar. O ser humano nasce em uma cultura dita grafocêntrica, ou seja, cultura em que a escrita faz parte da vida. De acordo com a temática proposta neste estudo, a seguir será apresentada uma discussão, procurando definir os conceitos de alfabetização, letramento e gêneros textuais à luz de alguns teóricos.

A escrita desse artigo se dá a partir da observação participativa e estudo de caso, no qual foi possível compartilhar com todos os participantes, experiências exitosas que muito contribuíram para o desenvolvimento de alunos durante o processo de alfabetização em idade normal, bem como alunos que se encontravam fora da idade de alfabetização.

Partindo desta visão o objetivo geral deste artigo é reconhecer a contribuição da literatura infantil para a formação de leitores. Os objetivos específicos são: identificar a importância da literatura infantil, verificar projetos desenvolvidos na escola acerca da leitura e observar a prática pedagógica dos professores para despertar o interesse pela literatura infantil.

Como referencial teórico, utilizamos Bettelheim (2000), Barbosa (1999), Cunha (1974), Coelho (2000), Carvalho (2002), Cademartori (2010), Frantz (2011), Góes (2010), Zilberman (1994), entre outros. A metodologia usada para este trabalho foi a observação participante e o estudo de caso com características descritivas por considerar a mais adequada, já que será utilizada a observação.

A abordagem metodológica utilizada para a realização dos trabalhos é de cunho qualitativo e a avaliação continua de participação, aceitação e envolvimento em: Apresentação de peças teatrais a



comunidade escolar, exposição de trabalhos desenvolvidos pelos alunos, escrita e reescrita de texto para a publicação de livros com tarde de autógrafos e presença dos pais, pessoas da escola e da comunidade.

Para demonstrar a importância de um trabalho bem feito com a literatura infantil, será desenvolvida uma série de considerações sobre a mesma. Será abordado o ensino da literatura na escola, ou seja, como a escola tem trabalhado a leitura, bem como os diversos métodos de trabalho com literatura infantil. Trazendo a grande importância de formamos bons leitores, e incentivar as crianças a adquirir hábitos/gostos/prazer pela leitura. O histórico da escola, como ela trabalha dentro dessa realidade.

## **Conceituando a literatura**

A literatura é uma das manifestações artísticas do ser humano, ao lado da música, dança, teatro, escultura, arquitetura, dentre outras. Ela representa comunicação, linguagem e criatividade, sendo considerada a arte das palavras. A Literatura teoricamente desempenha quatro funções: a catártica, cognitiva, estética e político-social. Uma das formas de mais antiga das gerações maduras passarem ensinamentos para as gerações mais novas é pela cotação de histórias, muito usual nas sociedades sem escritas e sem escola. Os valores, as crenças, a cultura, enfim é fixada por meio das histórias contadas de uma geração a outra. (ALVES, ESPÍNDOLA, SANCHEZ, 2011, p.980). A Literatura proporciona o aprendizado, de uma forma lúdica e segura, ao mesmo tempo em que permite o acesso das novas gerações aos valores

acumulados pelo processo civilizatório e universalmente aceitos como válidos.

Coelho (2000) argumenta que literatura é arte, é um ato criativo que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem ao que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformado em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção. A literatura infantil tem importância fundamental em vários aspectos da educação das crianças, principalmente em relação à formação de alunos que gostam de ler, pois ela estimula-os à leitura através do atrativo e do belo que compõe os textos literários.

Cunha (1994, p.45) afirma que:

A Literatura Infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a Literatura Infantil tem meios de atuar.

O livro infantil deve ter o objetivo de sempre chamar a atenção da criança logo que ela o vê. Alguns livros falham no que diz respeito ao aspecto ilustrativo. Entretanto, isso não pode ocorrer nos livros infantis, pois as ilustrações trazem informações significativas, mostrando como são os personagens. Dessa forma, dá-se uma maior veracidade à história. Palo e Oliveira (2006, p.15), dizem que nos livros o mais comum é o aparente diálogo que, no fundo, esconde um tom único, monológico, privilegiando

a informação construída pelo texto verbal em detrimento daquela oriunda do visual.

## **O início da literatura infantil brasileira**

A Literatura Infantil surge no século XVIII juntamente com a preocupação com a infância até então esquecida. Surge com o intuito de formar moral e socialmente as crianças. Essa visão prorrogou-se por muitos anos e ainda hoje a literatura é utilizada como meio de transmitir valores às crianças. Somente no século XIX a criança passa a ter maior visibilidade e as produções literárias voltadas a elas passam a preocupar-se com as necessidades e o desenvolvimento da infância. Os laços entre a literatura e a escola surgem com características pedagógicas, por meio dos quais a literatura tem a finalidade de instruir e formar o caráter da criança, ainda hoje em muitas instituições de ensino essa visão se perpetua. Além dessa ligação com o pedagógico, há também a preocupação em estimular os consumidores das obras impressas. É em meados do séc. XX que a valorização dos livros surge, no Brasil esse crédito é destinado a Monteiro Lobato e sua 'Turma do Sítio do Pica-pau Amarelo', o sucesso de suas obras rompe com as convenções estereotipadas e oportuniza a produção de obras literárias para crianças. Por volta de 1970 a literatura é retomada como fator importante ao desenvolvimento intelectual e cultural da criança. Com isso a edição de livros infantis e sua produção expandiram-se a números importantes.

Os livros passam a ter maior relevância e a preocupação com aspectos gráficos assume autonomia e em alguns casos autossuficiência. O gênero assume uma

forte ligação com o âmbito escolar, porém com a necessidade de reafirmar-se como obra literária. Sabe-se que as crianças têm forte ligação com os livros de Literatura Infantil, pois esses divertem, estimulam a imaginação, desenvolvem o raciocínio e permitem uma melhor compreensão do mundo. Para que as crianças tenham acesso a essa infinidade de conhecimentos faz-se necessário que dominem o processo da leitura, processo este que está intimamente ligado à educação escolar.

É fundamental que cada criança tenha o gosto, o prazer pela leitura, pois essa é uma dimensão essencial na vida de qualquer ser humano. Quando lemos estamos exercitando a mente e aguçando nossa inteligência. De acordo com Moric (1974), a literatura constitui uma arte, mas também representam um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção do mundo, suas ideias, seu gosto. Nas palavras de Góes (2010, p.47):

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece.

Dessa maneira as possibilidades que o uso da Literatura Infantil pode colaborar no processo de alfabetização são linhas norteadoras que podem e devem estar presentes no cotidiano escolar das crianças desde muito cedo. Deve-se lembrar de que a partir do momento

que a criança entra em contato oral com o universo literário já inicia o desenvolvimento das habilidades que a tornarão um leitor eficiente. Acredita-se que o uso da Literatura Infantil no processo de aquisição da leitura desperte na criança a curiosidade e a necessidade de ser um leitor, garantindo condições para que ela represente o mundo e a vida através das palavras, deixando criatividade, prazer e aprendizagem entrelaçados.

De acordo com Cademartori (2010), em meados dos anos de 1986, período em que escreveu a primeira edição de “O que é literatura infantil”, o gênero literário destinado às crianças começou a ser alvo de discussões e a ser valorizado pela comunidade acadêmica. Nesta época o Ministério da Educação distribuiu livros literários para as crianças nas escolas e bibliotecas do país. Essa iniciativa pioneira era denominada, Programa Salas de Leitura e era desenvolvido pela Fundação de Assistência ao Estudante.

Conforme Frantz (2011), a história da literatura infantil brasileira começa com Monteiro Lobato. Ele foi o primeiro autor que escreveu para as crianças brasileiras, histórias com qualidade literária. Antes a literatura destinada às crianças, era a literatura europeia clássica, tradicional, traduzida ou adaptada para o idioma brasileiro.

Surge com o intuito de formar moral e socialmente as crianças. Essa visão prorrogou-se por muitos anos e ainda hoje a literatura é utilizada como meio de transmitir valores às crianças. Somente no século XIX a criança passa a ter maior visibilidade e as produções literárias voltadas a elas passam a preocupar-se com as necessidades e o desenvolvimento da infância. Os laços entre a literatura e a escola surgem com características pedagógicas, por meio dos quais a literatura tem a finalidade de instruir e formar

o caráter da criança, ainda hoje em muitas instituições de ensino essa visão se perpetua.

Além dessa ligação com o pedagógico, há também a preocupação em estimular os consumidores das obras impressas. É em meados do séc. XX que a valorização dos livros surge, no Brasil esse crédito é destinado a Monteiro Lobato e sua 'Turma do Sítio do Pica-pau Amarelo', o sucesso de suas obras rompe com as convenções estereotipadas e oportuniza a produção de obras literárias para crianças. Por volta de 1970 a literatura é retomada como fator importante ao desenvolvimento intelectual e cultural da criança. Com isso a edição de livros infantis e sua produção expandiram-se a números importantes. Os livros passam a ter maior relevância e a preocupação com aspectos gráficos assume autonomia e em alguns casos autossuficiência. O gênero assume uma forte ligação com o âmbito escolar, porém com a necessidade de reafirmar-se como obra literária. É de fundamental importância que o professor tenha em mente no período, em que, está se vivendo, as mudanças rápidas e bruscas trazem novos hábitos e novos desafios. Um olhar mais minucioso sobre onde, e com quem se está trabalhando, possibilita ao educador o uso da literatura infantil no espaço da sala de aula de forma prazerosa e produtiva a todos.

## Metodologia

A metodologia usada para este trabalho foi a observação participante. Esta é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade (ANGUERA, 1985).

Foi adotado ainda como recurso metodológico o estudo de caso com características descritivas por considerar a mais adequada, já que será utilizada a observação. Portanto o presente estudo toma como parâmetro a abordagem qualitativa que segundo Ludke (2006, p.11) “tem no seu natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu instrumento”.

A observação iniciou com a coleta de informações de forma qualitativa acerca da importância da literatura infantil para o processo de desenvolvimento da aquisição da leitura pela criança nos anos iniciais. Sendo esta observação participante os trabalhos foram realizados em uma escola do Municipal no Estado de Rondônia.

Contou com o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade e se desenvolveu a partir da interação entre pesquisador e membros da comunidade investigada.

A comunidade em estudo foi uma escola situada em uma área de periferia que atende um público de cinco bairros, formados por moradias, pequenos estabelecimentos comerciais, igrejas, escolas, muitos espaços baldios e áreas abandonadas. Os bairros são totalmente desprovidos de pavimentação, iluminação pública, saneamento básico, água encanada. O público que compõe o alunado é de famílias de baixa renda, trabalhadores de setor comerciário, informal e autônomo. A escola é municipal sendo uma construção da compensação das “Hidrelétricas do Madeira”. Nessa comunidade após a escola identificar as dificuldades de as crianças adquirirem o domínio da leitura foi desenvolvido um projeto de leitura intitulado de “Leitura na Alfabetização: O brincar de gente pequena é coisa séria”.

O projeto “Leitura na Alfabetização: O brincar de gente pequena é coisa séria”, contemplou 48 crianças dos 3ª (25 alunos), e 4º (23 alunos), em processo de alfabetização.

## Resultados e discussão

Quando a criança ouve ou lê uma história e é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela, realiza uma interação verbal, que neste caso, vem ao encontro das noções de linguagem de Bakhtin (1997). Para ele, o confronto de ideias, de pensamentos em relação aos textos, tem sempre um caráter coletivo, social. A literatura deve ser apresentada ao ser humano como forma de prazer, conhecimento, encantamento e distração.

A Literatura proporciona o aprendizado, de uma forma lúdica e segura, ao mesmo tempo em que permite o acesso das novas gerações aos valores acumulados pelo processo civilizatório e universalmente aceitos como válidos.

Ao realizar levantamento de dados junto à comunidade identificou-se uma realidade não muito diferente de outras, com crianças fora da faixa etária de alfabetização ou ter desenvolvido o domínio da leitura e escrita despertou em professor a vontade de mudar esta realidade.

De acordo com os resultados o projeto teve uma proposta de trabalho baseada em ações que não aparentasse aos alunos obrigação. Buscou elevar a autoestima dos alunos, levando-o a perceber que, o sentimento de fraqueza ou incompetência da sua pessoa, possa ser mudado através de atitudes simples e diárias. Um diálogo acolhedor por parte do professor, proporcionando



aos alunos o sentimento de confiança. A inserção de palavras motivadoras no diálogo entre os pares em sala de aula. Um carinho descompromissado com um aluno a cada dia (um bilhete na carteira, uma fruta para outro, uma dobradura dentro do caderno, um marca texto especial com o nome da criança, um desenho e uma frase com o nome da criança na lousa, uma piada para outra, um pergaminho no bolso da mochila, etc.). O cantar e ouvir música foram introduzidos nos afazeres da turma, a contação de história para explicar um conteúdo.

É importante estudar as obras de literatura infantil pelas suas características literárias. A literatura é um meio para desenvolver nas crianças atitudes de solidariedade, respeito, sentimento e auxiliando-as a satisfazer suas necessidades de natureza emocional, espiritual e intelectual, a ação da família é indispensável para desenvolver hábitos de leitura nas crianças.

Há seis anos iniciou o trabalho com o projeto de literatura, levando obras literárias para serem explorada aliada às unidades temáticas pertinentes no currículo. O trabalho aconteceu em 2019, com turmas de 3º e 1ª ano, 52 crianças em processo de alfabetização. Na prática o projeto foi desenvolvido em cinco etapas, a saber.

A primeira etapa teve o propósito de ler três vezes por semana para as crianças de forma que pensassem que não seria aula, tirar o livro, caneta, lápis, caderno e envolver eles em um diálogo com objetos tátil, papéis, dobraduras, material alternativo, animais de plásticos etc.

Para a segunda etapa a finalidade era oferecer e disponibilizar em ambiente de sala de aula obras literárias e sempre explanação sobre as obras literárias.

Na terceira etapa o foco era trabalhar a reescrita da história cuja criança escolheu. A ideia era que

desenvolvessem a escrita aliada a leitura. Já a quarta etapa o objetivo foi promover a liberdade do mundo imaginário da criança para que flutuasse as fantasias em forma de narrativa criando sua própria história.

Enquanto a quinta etapa foi destinada para levantar discussão e observar o posicionamento de cada indivíduo buscando possíveis ações de trabalhos e interação do grupo.

Nesse sentido, decidiram por uma peça teatral onde construíram a própria história envolvendo personagens de diversas histórias e com temas bem relevantes como caça ilegal, desmatamento, interação homem-natureza, preconceito.

A leitura três vezes por semana era realizada pela professora com encenação na hora da leitura. Também havia um momento destinada a venda de livros pelos alunos, após ele ter levado o livro para casa e compartilhado com a família em momento de apreciação, discussão e leituras pelos pais.

Durante o desenvolvimento do projeto havia momento de rodas de conversa sobre o livro apresentado para leitura, levantamento prévio sobre a história, debate em sala sobre o espaço da narrativa, personagens elencados na história e a situação problema elucidado no enredo.

A partir desses momentos eram traçados novos desafios buscando trabalhar a reescrita da história com materiais palpáveis e concretos. Sondagem de quem entre os alunos mais se aproximava dos personagens da história, discussão em grupo para levantar o que alunos mudariam na história.

Estes momentos faziam parte de uma avaliação contínua para identificar o grau de desenvolvimento da criança tanto em sociedade como individual. Observando

atitude comportamental, expressiva, atitudinal de todas as crianças nas diversas etapas dos trabalhos. Também se expandia a sondagem junto aos pais e familiares quanto à realização das atividades em sala e a mudança de atitudes da criança em casa.

Na etapa da produção escrita os alunos escreveram suas próprias histórias ao qual se deu a publicação de livros, bem como a apresentação de uma peça teatral de uma história construída pelos alunos e a professora.

O professor deverá estar preparado para a introdução da leitura, que seja um ponto de ligação entre a realidade e o mundo imaginário. Conforme Coelho (2000, p.18) “[...] o professor precisa estar sintonizado com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência do mundo”.

A finalidade da escola é ampliar as competências que os educandos trazem antes da alfabetização, fazendo a introdução, no que se refere ao domínio de alguns aspectos literários, que já estão presentes em alguns livros infantis. Entendemos assim, que professor consciente é aquele que busca a transformação, levando ao aluno a contextualizar sua realidade através da leitura e da produção escrita.

Estas atividades trouxeram crescimento não só para os alunos, mas também para o educador que, a partir de então, passou a compreender como se processa o desenvolvimento da leitura dos seus alunos, através dos livros de literatura infantil.

A pesquisa teve como objetivo identificar os fatores que influenciam no desenvolvimento da aprendizagem, a partir do uso da literatura infantil para formar leitores críticos, podemos dizer que houve um considerável avanço por parte dos alunos pesquisados, no que se refere à leitura e a literatura, onde estes

apresentaram desenvolvimento na produção de texto, escrita e criação de história, constatando, assim, que Leitura e Literatura é o instrumento de prazer.

Esta pesquisa obteve resultados que superam as expectativas e ainda possibilitou a leitura de teóricos que escrevem sobre a literatura, leitura. Onde foi possível estabelecer uma relação entre teoria e prática.

Destaca-se que para obter êxito num trabalho desta natureza, o uso de estratégias bem planejadas é de fundamental importância, no caso desta pesquisa a estratégia do projeto “Leitura na Alfabetização: “O brincar de gente pequena é coisa séria”, teve destaque especial por parte dos alunos, pois se pode observar que a livre escolha possibilitou maior envolvimento, tanto com o livro como o educando com os outros educando, o crescimento dos alunos foi notado pela visível melhora na produção de textos, escritas, leitura, coesão e coerência.

O trabalho com a leitura e literatura requer do professor, gosto, habilidade, dedicação e estratégias, pois só assim, podemos auxiliá-los. Estratégias como estas de textos infantis no aprendizado da leitura e produção textual promove um ensino de qualidade e prazeroso. Promovendo assim a interação do aluno com mundo e inserindo na cultura letrada.

Avaliar em educação significa acompanhar essas surpreendentes mudanças “admirando” aluno por aluno em seus jeitos de viver de aprender a ler e a escrever, em suas formas de conviver com os outros para ajudá-los a prosseguir em suas descobertas, a superar seus anseios, dúvidas e obstáculos naturais ao desenvolvimento. Ninguém aprende sozinho. E os alunos não aprendem sem bons professores. Para favorecer de fato o melhor desenvolvimento possível, é necessário conhecê-los bem,

conversar com eles, estar juntos deles (HOFFMANN, 2011 a, 2011 d).

Ler estimula a criatividade, imaginação, melhora a narrativa a escrita propicia uma melhor leitura de mundo. Quem lê amplia horizonte torna-se criativo e reflexível. O educando precisa tomar consciência das atividades que lhes são propostas, para que possa melhorar suas habilidades, no que se refere à leitura e escrita.

### **Considerações finais**

Considerando que este trabalho teve como objetivo identificar os fatores que influenciam no desenvolvimento da aprendizagem, a partir do uso da literatura infantil para formar leitores críticos, podemos dizer que houve um considerável avanço por parte da comunidade estudada. No que se refere à leitura e a literatura, apresentaram desenvolvimento na produção de texto, escrita e criação de história, constatando, assim, que a literatura infantil é um instrumento capaz de criar leitores e escritores.

Os resultados que superaram as expectativas, foi possível estabelecer uma relação entre teoria e prática. Os livros escritos por crianças que até pouco tempo não tinham o domínio da leitura é o maior exemplo de que a literatura infantil desperta a vontade de sonhar e desenvolver histórias, como consequência a vontade de aprender escrever. Desperta o imaginário de um dia criar seu livro de literatura infantil.

Destaca-se ainda que para obter êxito do uso de estratégias bem planejadas como o projeto aqui exposto é de fundamental importância o trabalho com a leitura e literatura, requer do professor, gosto, habilidade,

dedicação e estratégias, pois só assim, podemos auxiliá-los nas suas carências, principalmente quando já sabemos de sua condição social-cultural.

A leitura de obras da literatura infantil, com uma diversidade de textos, autores e gêneros; a organização de momentos de leitura livre em que o professor também possa ler; planejar atividades diárias dando à mesma importância que as demais; possibilitar aos alunos o empréstimo de livros foram algumas das estratégias significativas usada pelo professor que contribuíram para o sucesso do projeto desenvolvido.

É relevante destacar que as crianças por não estarem motivadas e conectadas com o processo de ensino aprendizagem, ficam e repetem os anos diversas vezes seguidos. Daí a importância de capacitar à criança como criador da sua própria autonomia, assimilar brincadeira com aula sem o conceito de obrigatoriedade. Praticar diariamente a leitura como canal de prazer em estar no ambiente é fundamental para transforma esse processo de aprendizagem. Considera-se que esse trabalho trouxe crescimento nas suas várias dimensões, todas as estratégias utilizadas foram proveitosas.

## Referencias

- ALVES, Aletéia Eleutério. ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. MASSUIA, Caroline Sanchez. Oralidade, fantasia e infância: Há lugar para os contos de fadas na escola, In: SOUZA, Renata Junqueira. FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). **Leitura Literária na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.
- ANGUERA, M.T. **Metodología de la observación en las Ciencias humanas**. Madid: Ediciones Cátedra, 1985.
- BAKHTIN, M. M. “Os gêneros do discurso”. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Raquel Lazzare Leite: **Literatura dificuldades de leitura a busca da chave do segredo**. São Paulo, Artes Ciências, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Edart, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise didática**, ed. 170 São Paulo, Moderna, 2000.

CUNHA, M. A. A. **Como ensinar Literatura Infantil**. São Paulo: Descubra, 1994.

FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GARCEZ, S. **Contos-da-carochinha, literatura infantil enriquece o processo de ler e escrever**. Revista do Professor. Jan./mar.2004.n.77.

GÓES, L. P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

HOFFMANN, J.. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Avaliação: Mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 44. ed. 2005a.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2006.

PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil – Voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

SOARES, M. Alfabetização e cidadania. In: **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2008 (55-63).

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1991.





# E QUANDO O “OUTRO” É VOCÊ?: REFLEXÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA LITERATURA SURDA E O LUGAR DE FALA DO OUVINTE NESSE CONTEXTO

*Shirley Barbosa das Neves Porto*<sup>72</sup>

## Introdução

*Nada lhe pertence mais que seus sonhos*<sup>73</sup>.

Este artigo, fruto de minha palestra apresentada no *Congresso Internacional de Literatura, Cultura e Resistência*, realizado pela UNEMAT e UNIR, em maio do corrente ano, registra reflexões e referenciais teóricos utilizados no meu exercício como professora e pesquisadora de Literatura Surda e da Literatura em Língua de Sinais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG). Pondero e apresento aqui minha visão de trabalho como uma não nativa, ou seja, como uma ouvinte. Nesse processo enunciativo, portanto, também propositivo, apresento e olho para o próprio adentrar na área, buscando localizar as possibilidades de contribuição para os estudos da linguagem literária sinalizada em um contexto, intensificado nos últimos tempos, pela luta das minorias pelo protagonismo dos nativos às produções literárias, aos

---

<sup>72</sup> Doutora em Educação, com mestrado em Linguagem e Ensino - área de concentração Literatura e Ensino -, Especialista em Educação, Pedagoga, Professora da Licenciatura em Letras Libras - Unidade Acadêmica de Letras (UAL) - Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG). <http://lattes.cnpq.br/4960345947344178>. E-mail: [sbportoneves@gmail.com](mailto:sbportoneves@gmail.com).

<sup>73</sup> Friedrich Nietzsche.

estudos e à disseminação do seu papel não subalternizado ou hierarquizado na sociedade.

O percurso do texto segue as mesmas diretrizes da minha fala na palestra. Assim, no tópico **ESTUDOS LITERÁRIOS EM LIBRAS: UM LEMA, UMA HISTÓRIA**, faço uma apresentação de como fui conquistada pela Literatura Surda, dos valores que regem a minha participação na comunidade surda e no trabalho que realizo na área dos estudos em Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais. Na sequência, em a **LITERATURA SURDA E LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS: O PAPEL DA LITERATURA E UMA PERSPECTIVA DE DIFERENCIAÇÃO**, apresento minha compreensão do papel da Literatura, da Literatura Surda e da Literatura em Língua de Sinais, as diferenciações que percebo e elaboro entre a Literatura Surda e a Literatura em Língua de Sinais, distinguindo a produção nativa surda, com suas imagens, ritmo e intenções de alcance dos surdos em seu lugar mais íntimo, da produção sinalizada, que permite a conexão dos surdos com o mundo da literatura oral e escrita. Depois, em **ESTUDOS LITERÁRIOS EM LIBRAS: A BUSCA PELO DIÁLOGO COM A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**, reflito acerca da minha perspectiva de construção de um trabalho acadêmico e científico vinculado a esta teoria. Por fim, em **ESTUDOS LITERÁRIOS EM LIBRAS, CONTRIBUIÇÕES DO OUVINTE NA ÁREA DA LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS: MINHA EXPERIÊNCIA NA UFCG**, exponho sinteticamente minhas ações de ensino, pesquisa e extensão, realizadas junto ao curso de Letras Libras da UFCG. À guisa de conclusão, teço as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, aproveitando ainda o espaço para ratificar a importância que o professor de Literatura Surda e Literatura em Língua Sinais tem no ensino superior, uma vez que será

pela postura crítica e investigativa que os alunos dos Cursos de Letras Libras alcançarão as salas de aula em escolas para surdos ou em classes de Libras para ouvintes, com visões sobre a literatura e seu papel na vida das pessoas que poderão permitir transformações, ao invés de sua reificação. Por fim, defendo que é no respeito ao lugar que cada uma ocupa na docência e pesquisa no campo da Literatura, Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, que nasce a possibilidade de contribuir para a construção de um mundo onde o ouvintismo<sup>74</sup> seja efetivamente combatido por surdos e ouvintes.

### Estudos literários em libras: um lema, uma história

*Nada sobre nós sem nós*<sup>75</sup>

Conheci a educação de surdos no início dos anos 1990, mais precisamente 1993, quando iniciei a Habilitação em Educação do Deficientes da Audiocomunicação (EDAC), segunda habilitação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), naquela época, Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

No momento desse meu ingresso, a área da educação de surdos estava em efervescente abertura para a Libras e para as possibilidades educacionais advindas do que a língua de sinais criava dentro das escolas de surdos e

---

<sup>74</sup> O ouvintismo é um termo que expressa a opressão sofrida pelos surdos em nome das verdades construídas acerca deles por um saber científico que legitimava apenas o modo de ser e existir dos ouvintes. Skliar (1998) define como ouvintismo “as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos”. Nesse sentido, é um termo que apresenta o esforço dos ouvintes em manter os surdos no segundo lugar do par binário (ouvinte»normal/surdo»deficiente).

<sup>75</sup> Lema cunhado na Convenção das Pessoas com Deficiência em Nova York (EUA), 2006, traduzido e adotado como documento pelo Brasil em 2007.

na sociedade. Foi no contexto de respeito aos surdos como produtores e usuários de uma língua diferente da majoritária língua portuguesa e do modo ouvinte de ser que comecei a estudar sobre os surdos, seu mundo, história e educação.

As bases epistemológicas de minhas reflexões sobre a surdez estão na perspectiva socioantropológica adotada pelos Estudos Surdos<sup>76</sup>, vinculada aos Estudos Culturais<sup>77</sup>. Nessa perspectiva, entendo a surdez como uma *diferença marcada*<sup>78</sup>, que constitui modos de produção e recepção

---

<sup>76</sup> O termo generalizante Estudos Surdos engloba estudos em escala internacional, nacional e local, relacionados à discussão sobre a política educacional para os surdos, suas histórias pessoais e coletivas, seu desenvolvimento linguístico, identitário e cultural, entre outros temas. Esta denominação está intimamente relacionada à base conceitual desenvolvida nos Estudos Culturais.

<sup>77</sup> Os Estudos Culturais é uma perspectiva teórica que busca encontrar “as intersecções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais” (ESCOSTEGUY, 2010), permitindo-nos refletir sobre as idiossincrasias dos surdos em um contexto teórico de desnaturalização da surdez como deficiência, abrindo espaço para a problematização da normalidade, lastrada em verdades historicamente cristalizadas. Também esta perspectiva teórica permite, na construção dos conceitos de identidade/diferença, que pensemos a nós mesmos e aos outros como sujeitos participantes de comunidades imaginadas. Isso acontece pelo desejo de pertença que, como humanos, temos de constituirmo-nos a partir de uma narrativa identitária e cultural agregadora, nesse sentido, os surdos também formam suas comunidades imaginadas (HALL, 1998 e 2003).

<sup>78</sup> A surdez como condição biológica, objetiva e subjetivamente, constitui modos de ser e estar no mundo para os surdos diferentes dos vivenciados pelos ouvintes. Nesse sentido, a adoção do termo *diferença marcada* para designar os surdos como parte de uma minoria busca mostrar que não desconsidero a baixa produtividade auditiva e a excelência visual destes, mas que não limito meu olhar à hierarquização advinda no par binário normal/deficiente historicamente utilizada, uma vez que esta é restritiva e desconsidera que, como humanos, somos mais complexos e profundos que as definições conseguem alcançar. Pensar a surdez a partir da perspectiva da *diferença marcada* auxilia na percepção de que outros fatores intervenientes das escolhas da própria sociedade ao longo da história da humanidade também estão presentes na constituição das pessoas, entendendo inclusive que os privilégios de constituir-se como maioria produziram para os ouvintes um mundo extremamente auditivo em detrimento das perdas e dificuldades de acesso para os surdos.

dos surdos aos textos literários produzidos em língua de sinais.

Como ouvinte, é de fora que construo minha curiosidade científica pela área, pois, como uma cientista apaixonada pelo seu objeto de estudo, penso ser por meio da Literatura Surda e da Literatura em Língua de Sinais que os surdos materializam em suas produções o seu modo de elaborar e significar suas carências de várias ordens, barreiras das mais diversas e exclusões das mais cruéis, no que diz respeito ao direito de constituir-se como humano numa realidade linguística-identitária-cultural confortável, principalmente. Em outras palavras, entendo que é tornando dores, amores, escolhas e opressões em temas e enredos que os surdos fazem sua literatura, e, assim, encontram a si mesmos e aos Outros<sup>79</sup>.

O fato de não ser surda me apresentava uma contradição entre o vivido dentro e fora da sala de aula, especificamente quando se tratava da leitura em língua portuguesa e da produção e fruição de suas histórias pessoais e piadas. Por ver esse descompasso nas minhas turmas e na comunidade surda de Campina Grande, com a qual convivia para além das relações de professora e alunos, resolvi enveredar pela literatura que era a área na qual eu via a vida dos surdos fluir com prazer. A minha busca era por um conhecimento que permitisse a ampliação do olhar sobre ações pedagógicas que fossem realmente produtivas e colaborativas para o desenvolvimento dos meus alunos surdos, para além do exclusivo educacional e da parca leitura que a maioria apresentava. Assim, busquei

---

<sup>79</sup> Utilizo “Outros” no texto na perspectiva antropológica apresentada por Rocha (1988), que coloca esse “Outro” como sendo aquele que etnocentricamente é visto como o “estranho”, o que não compartilha dos mesmos valores, dos mesmos modos de ser, por não pertencer ao mesmo grupo cultural que o “Eu”.

o mestrado, realizado entre os anos de 2005 e 2007, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFCCG<sup>80</sup> e, posteriormente, o doutorado no Programa de Pós-Graduação da UFPB<sup>81</sup>, concluído em 2014.

Minha vida pessoal e profissional me ensina todos os dias que as caixas teóricas e sociais jamais comportarão as pessoas. No caso dos surdos, o contato diário com seus movimentos cotidianos de lutas, conquistas, nascimento de filhos, criação dos mesmos, brigas conjugais, descobertas e redescobertas amorosas, profissionais, de estudos, concursos..., estão sempre me dizendo que não preciso ser surda para militar na causa surda, para entendê-la e a ela ser solidária, não preciso ser surda para pensar cientificamente acerca dos processos sociais, educacionais, políticos etc. dos surdos, embora, seguramente, por ser não surda, jamais possa falar por eles. E é esta convicção – de não falar pelos surdos - que guia meus trabalhos de pesquisa, ensino e extensão e as reflexões apresentadas neste texto sobre a Literatura surda e a Literatura em Língua de Sinais.

---

<sup>80</sup> Título da dissertação “De poesia, muitas vozes, alguns sinais: vivências e descobertas na apreciação e leitura de poemas por surdos”. Use este identificador para citar ou linkar para este item: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2548>

<sup>81</sup> Título da tese “Sou surdo e não sabia? Situação linguístico, cultural e educacional dos surdos em Sumé/PB e o processo de implantação da escola bilíngue no município. Use este identificador para citar ou linkar para este item: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4856>

## Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais: o papel da literatura e uma perspectiva de diferenciação

*O direito à literatura deságua na justiça social*<sup>82</sup>

A Literatura Surda e a Literatura em Língua de Sinais, comparadas com outras literaturas orais, são muito recentes em termos de visualização de suas produções e realização de estudos a elas relacionados. As ausências de referenciais teóricos adequados podem ser creditadas à negação e proibição da língua de sinais, desde o Congresso de Milão, em 1880.

No entanto, se o Congresso negou aos surdos a língua de sinais como língua que é e privou muitos deles ao direito a uma língua para compartilhamento e construção de um olhar surdo sobre o mundo, não conseguiu usurpar de todos os surdos o usufruto das produções acontecidas na clandestinidade, nas instituições de ensino que estes frequentavam.

Após os anos 1980, com a abertura conquistada pela militância da comunidade surda: surdos, professores e pesquisadores defensores da língua de sinais, reconhecida como tal em meados dos anos mil novecentos e sessenta por Willian Stokoe, as produções literárias dos surdos começaram a fazer parte de seu cotidiano e a serem vistas como objeto de estudo da literatura. Para Sutton-Spence e Kaneko (2016), as Literaturas Surda e em Língua de Sinais contribuem também para que pesquisadores compreendam que há um núcleo constituidor do texto literário que “pode guiar a maneira como pensamos sobre qualquer literatura -

---

<sup>82</sup> Antônio Candido

falada ou escrita [...]. No entanto, o número de estudiosos literários tradicionais que sabem alguma coisa sobre literatura em língua de sinais ainda é extremamente pequeno” (p. 25).

Nesse contexto, busco localizar meu olhar no papel que o fortalecimento da literatura sinalizada cumpre na vida da sociedade em geral e, sem distinguir Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, penso na importância dessas produções na ampliação das possibilidades para fruição de imagens, ritmos e intenções que levem ao desvendamento de ideologias mascaradas pelo modo como a realidade se apresenta, sejam as pessoas que acessam estes textos surdos ou ouvintes.

Assim, filio-me a Sutton-Spence e Kaneko (2016), justificando a importância dos estudos literários em língua de sinais, para os surdos, porque o conhecimento de sua literatura poderá contribuir com sentimento de orgulho de sua língua e herança cultural, fortalecendo a identidade surda. Já para os ouvintes, estudar as produções literárias dos surdos ampliará o conhecimento sobre o mundo dos surdos, podendo alterar comportamentos para com essas pessoas.

Parafraseando Paes (1996), citado por Alves (2001), é possível dizer que objetivo fundamental da Literatura Surda e da Literatura em Língua de Sinais é mostrar a perene novidade da vida e do mundo dos surdos, atizando o poder de imaginação das pessoas, libertando-as da mesmice da rotina e, ao quebrar essas amarras, possibilitando que estas possam sentir mais profundamente o significado dos seres e das coisas, permitindo correspondências e parentescos inusitados que apontem para uma misteriosa unidade cósmica que liga o imaginado



e o vivido, o sonho e a realidade, como partes igualmente importantes da experiência da vida.

Sobre a diferenciação entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, de acordo com Sutton-Spence e Kaneko (2016), toda literatura, ao ser sinalizada, constitui-se como Literatura em Língua de Sinais, sendo esta parte da Literatura Surda. Ainda para as autoras, a Literatura Surda acontece quando são produções performáticas do povo surdo, mesmo que os conteúdos contidos não estejam diretamente relacionados às questões da surdez.

Nesse sentido, a partir destas colocações, posso dizer que há um núcleo fundante deste fazer literário, que é composto pela língua de sinais, a identidade e a cultura surdas, sendo a Literatura Surda, metaforicamente, a raiz que nutre a Literatura em Língua de Sinais, pois é ela que sustenta o imaginário e a fabulação surda pelas experiências eminentemente advindas do modo como os surdos estão e se relacionam com o mundo. Já a Literatura em Língua de Sinais, como tronco, conecta os surdos às diversas possibilidades de produção literárias dos ouvintes, por meio de traduções e adaptações.

### **Estudos Literários em Libras: a busca pelo diálogo com a Estética da Recepção**

*Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós,  
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,  
se não tocarmos o coração das pessoas.<sup>83</sup>*

Falar de docência e ações de pesquisa e extensão na Literatura Surda e na Literatura em Língua de Sinais

---

<sup>83</sup> Cora Coralina

implica assumir que não há neutralidade na existência humana, pois, como ser humano, vivo em contextos históricos-políticos-sociais que influenciam meus modos de ver e estar no mundo, o que significa que também entrar em sala de aula e fazer pesquisa em literatura é assumir que existem lentes teórico-metodológicas norteadoras de minhas reflexões.

A Estética da Recepção é de onde olho para a relação dos alunos com os textos literários sinalizados. Surgida na década de sessenta do século passado, na Alemanha, a Estética da Recepção tem em Hans Robert Jauss seu principal expoente. Diferentemente do historicismo literário, da estilística e do formalismo, a Estética da Recepção procurou sistematizar seu método de análise tanto sincrônica, quanto diacronicamente<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> A proposição de Jauss (1994) de que se aborde a obra literária por movimentos tanto sincrônicos quanto diacrônicos é a sexta tese, de sete, que ele constrói para desenvolver os conceitos-chave da Estética da Recepção. Para o teórico, não é na sucessão estagnada desses sistemas que se chega a compreensão do valor de uma obra de arte literária. Para ele, é na intersecção entre diacronia e sincronia que a historicidade da literatura se revela. Assim, é preciso buscar entender uma obra em sua existência ao longo dos tempos, mas também, dentro da realidade específica estudada, sua relação com outras obras do mesmo período ou em períodos diferentes. Nas palavras do autor, “Considerando-se que cada sistema sincrônico tem de conter também seu passado e seu futuro, na condição de elementos estruturais inseparáveis, o corte sincrônico que passa pela produção literária de determinado momento histórico implica necessariamente outros cortes no antes e no depois da diacronia” (JAUSS, 1994, p.48). Para Jauss, o estudo apenas diacrônico é mera contemplação, não revelando a verdadeira dimensão histórica dos valores, formas e estilos do gênero a que uma obra teve que se impor. Conhecer uma obra de arte demanda também o conhecimento de suas relações com outras obras no seu próprio tempo. Assim, “A contemplação puramente diacrônica [...] somente alcança a dimensão verdadeiramente histórica quando [...] confronta a obra importante do ponto de vista da história das formas com os exemplos historicamente falidos, convencionais, do gênero [...]” (JAUSS, 1994, p. 47 e 48).

Considera também que o leitor<sup>85</sup>, através de sua percepção da obra, chamada por Jauss de recepção, é o elemento fundante de análise do valor literário da obra abordada, pois, para este teórico da literatura, saber como uma obra foi lida, de que modo influenciou mudanças ou ratificou conceitos e como foi transmitida é imprescindível para avaliar seu valor.

Construir um diálogo entre a Estética da Recepção e a literatura sinalizada nos permite ver como a comunidade surda produz, distribui, acessa e absorve as obras literárias sinalizadas.

Desse modo, somos convidados a olhar para a comunidade surda em busca do espaço/lugar onde esta literatura é produzida. Para Sutton-Spence e Kaneko (2016), textos literários sinalizados, “piadas, narrativas, pequenas peças teatrais”, compõem as experiências em momentos importantes para os surdos: “Eventos nas associações, noites sociais, casamentos etc.” (p. 11)

Entender a importância desses momentos para os surdos é fundamental para compreender o papel que a literatura cumpre em suas possibilidades de fabulação, pois a maioria dos surdos vivem em famílias que não compartilham com eles mais que momentos de comunicação pragmática, ou seja, comunicação simples, para mandar tomar banho, saber se está com fome ou que tipo de dor sente. Muitas vezes, mesmo essas tentativas de comunicação são feitas de modo truncado e com muitos desvios de compreensão entre o que foi dito para o que foi

---

<sup>85</sup> Jauss não pensou o abordou a literatura surda e a literatura em língua de sinais, nesse sentido, o sentido da por ele para leitura foi mesmo de texto escrito. No diálogo que construo com o autor me permito ressignificar a leitura e colocar como ação similar a ela o modo como os surdos *assistem* aos textos sinalizados apresentados em performances presenciais ou gravadas.

compreendido, por ambas as partes, o surdo e seu familiar ouvinte.

Assim, nesse contexto existencial dos surdos, podemos visualizar que a distribuição, acesso e absorção da produção literária surda, historicamente, esteve relacionada com a entrada e participação dos surdos no mundo dos surdos, composto por associações e escolas de surdos. Por isso, ao tratar principalmente da Literatura Surda, é preciso entender que sua recepção se configurará, não como mera absorção individual, mas como determinada obra sinalizada foi significada e absorvida pela comunidade surda, considerando a época e as condições das gerações de surdos que a ela tiveram acesso, seja a obra uma narrativa de vida, piada ou poema.

Desse modo, diferentemente das literaturas em línguas orais, que estudos históricos podem remontar aos primórdios das produções literárias humanas, ao falarmos de produção e recepção da literatura sinalizada, o contexto de expansão de sua existência e, conseqüentemente, de possibilidade de pesquisa sobre o acesso dos surdos a essa literatura, por mais que voltemos no tempo, o maior recuo possível é o século XX. Dois são os motivos. O primeiro, a aceitação da língua de sinais abriu espaço para a saída das narrativas e poemas sinalizados da clandestinidade apenas depois dos anos mil novecentos e sessenta e cinco. Segundo, a criação de tecnologia de gravação que tornou possível o registro fílmico desta literatura para ser vista em outros momentos, que não apenas o dos eventos, também remonta ao século XX.

Portanto, falar da recepção da literatura sinalizada, seja esta surda ou não, carece considerar que a sociedade e o período de acesso a esse texto literário é a contemporaneidade com seus valores e posicionamentos.

Nesse sentido, realizar estudos sobre a recepção de produções sinalizadas demanda compreender que, apesar do acesso ao texto ser um ato individual, este acontece sob influências do momento sócio-histórico-cultural vivido.

Assim, a sua recepção acontecerá a partir das expectativas ou engajamento filosófico, político ou ideológico de quem acessar o texto, significando que o efeito para uma mudança interior de quem recepcionar a obra se tornará efetivado, por exemplo, em uma mudança de relações sociais, se o texto alcançar lugares subjetivos que estejam abertos a estas mudanças. É nesse contexto de significação que a Estética da Recepção apresenta o conceito de horizonte de expectativa, que é alterado - ampliado - pelo efeito de mudança interna causado após a leitura de cada obra, de acordo com Iser (1996). A Estética da Recepção busca no leitor as respostas sobre o texto, não podendo qualquer juízo de valor preceder ou prescindir do ato da leitura e de sua interpretação.

Ainda, segundo Iser (1996), qualquer obra existe apenas no plano virtual até que tenha sido lida; no caso da Literatura Surda ou em Língua de Sinais, assistida. A ação do texto literário “se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio” (ISER, 1996. p.51).

Em suma, o foco da estética da recepção não é a construção da historiografia da Literatura Surda e em Língua de Sinais, mas de um quadro do acesso e reação ao texto literário sinalizado. Desse modo, forma e estilo definem se uma obra de arte literária tem realmente valor, não apenas pelo viés do crítico de arte, mas pelo modo como a comunidade surda a recepcionou, mas não apenas

esta, uma vez que as obras literárias sinalizadas podem também ser assistidas pela sociedade em geral.

O texto literário tem a capacidade de apresentar realidades verossimilhantes à realidade histórica vivida, por isso a relevância do olhar sobre quem a ele teve acesso. No caso da Literatura Surda e da Literatura em Língua de Sinais, saber como surdos e ouvintes recepcionam obras sinalizadas é passo significativo para a disseminação desta literatura, para além dos limites da comunidade surda.

### **Estudos Literários em Libras: contribuições do ouvinte na área da Literatura Em Língua de Sinais em minha experiência na UFCG**

*Só tenho o cotidiano e meu sentimento dele.  
Não sei de alguém que tenha mais<sup>86</sup>.*

Apesar de ter feito mestrado em Linguagem e Ensino, com pesquisa na área de literatura, eu não dava aula de literatura até o início do Curso de Letras Libras em 2017. Minha atuação na universidade estava restrita ao ensino da disciplina Libras para as graduações em licenciatura e, pela demanda advinda deste contexto, à pesquisas e ações extensionistas também relacionadas à história da Libras em Campina Grande e processos de ensino de língua na perspectiva dos gêneros textuais.

Apenas em 2017, com a criação do Curso, foi que pude encaminhar meu olhar docente, investigativo e extensionista para a Literatura Surda e a Literatura em Língua de Sinais.

---

<sup>86</sup> Adélia Prado

Nesse novo contexto, o exercício da docência na área da literatura foi que pude conferir como ainda no século XXI a escola brasileira é fortemente marcada pelo historicismo literário como modelo teórico de abordagem da literatura. Os alunos chegaram ao curso, alguns egressos de outras graduações, basicamente com os mesmos programas de estudos que compreendem a compilação de informações sobre vida e obra dos autores, considerados como os grandes nomes da literatura.

Uma outra constatação foi a de que apenas os alunos surdos que estudaram em uma escola para surdos de Campina Grande tinham estudado a Literatura Surda e conheciam poemas e narrativas sinalizadas, mas não faziam distinção entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais.

Nas aulas, nos semestre iniciais do curso, quebrar com o padrão de visão do estudo da literatura como mera memorização das escolas literárias e do biografismo foi o grande desafio. Discutir sobre literatura numa perspectiva que não se restringia a informações lineares e acrílicas é um desafio para a universidade, porque, para além de refletir sobre as condições sociais de acesso à literatura de modo geral, no caso da Literatura Surda e em Língua de Sinais, é necessário pensar sobre: as políticas públicas-econômicas-sociais vivenciadas pelos autores surdos para a produção de obras eminentemente surdas; os autores sinalizadores, surdos ou ouvintes, que trabalham para o acesso da comunidade surda a traduções e adaptações de clássicos e novas literaturas; a pequena diversidade de obras e estilos que, possivelmente, interferem na constituição da “voz” e estilo dos autores surdos; por fim, as condições de distribuição do texto literário sinalizado, marcadas pelas conjunturas sociais, políticas, econômicas e ideológicas para

a recepção dos estudantes surdos nas escolas a obras sinalizadas.

Dessa forma, a cada semestre, empreendo com minhas turmas uma nova busca, assim, junto aos textos que precisam ser lidos, investindo em não restringir as discussões sobre a Literatura surda e em Língua de Sinais ao espaço da sala de aula e às tabelas com nomes de autores, obras e datas. A cada aula, o diálogo entre os conhecimentos já estabelecidos na Literatura Geral e as recentes produções científicas nos estudos da Literatura Surda e em Língua de Sinais é a matéria sobre a qual nos debruçamos.

Na pesquisa, as investigações tiveram início em 2019, com a aprovação do projeto **Antologia de prosas em Libras: estudo comparativo do efeito estético em produções de surdos e traduções da língua portuguesa para a Libras**, no Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq 2019-2020.

O objetivo geral do projeto foi *construir uma antologia em prosa de textos em Libras com dois grupos de dados, as produções originalmente sinalizadas e as traduzidas, e identificar e analisar aspectos singulares e de valor estético na produção desses textos em Libras*. Nessa direção, a proposta contou com os seguintes objetivos específicos:

- ✓ *Identificar em plataformas digitais (Youtube) e redes sociais (Instagram) vídeos e autores com textos em prosa sinalizados para integrar a antologia de nossa investigação.*
- ✓ *Catalogar e organizar o corpus dos dados por texto, autor e língua fonte da produção.*
- ✓ *Construir um banco de textos compartilhados no YouTube com produções de prosa em*



*Libras, construindo antologias de acordo com os gêneros conto, crônica, memorável e saga, originalmente produzidos em Libras e prosas nos mesmos gêneros traduzidos da língua portuguesa do Brasil para a Libras.*

No momento de escrita deste texto, a pesquisa ainda não está concluída, mas o relatório parcial já foi apresentado e avaliado. A compilação dos textos está praticamente concluída e o estudo comparativo do texto sinalizado, originalmente produzido por um surdo, e as traduções de textos de origem na língua portuguesa estão para serem iniciados. A busca é pelas semelhanças e diferenças entre as estruturas literárias que compõem os gêneros e a estética na linguagem produzida nos textos.

Na extensão, a minha primeira experiência foi em 2018, com o trabalho de contação e leitura de histórias em uma escola bilingue para surdos em Campina Grande-PB. O projeto tinha como título **Quem conta um conto...: uma viagem ao mundo da literatura infantil com crianças surdas**. A proposta foi de vivência literária em estreita e intrínseca relação com o lúdico, construído por jogos, materiais e modos de contar histórias, de modo a permitir que as crianças entrassem no jogo da linguagem literária.

A expectativa, a partir de Zilberman e Magalhães (1987), foi de que as histórias contadas pudessem levar as crianças surdas a fazer um recorte do real e olhá-lo de outro modo, ao mesmo tempo em que, vindo a compreenderem que o texto se constitui do signo verbal, quisessem ampliar seu domínio sobre ele, buscando no livro, pela língua portuguesa e projeto gráfico, o modo como a linguagem no livro se configurava. A expectativa extensionista foi de conquistar as crianças surdas para que estas, sentindo que a

literatura pode mediar sua relação com o mundo, desejassem ampliar seus horizontes.

## Considerações finais

*Minha confiança  
no futuro da literatura  
consiste em saber que há  
coisas que só a literatura  
com seus meios específicos  
nos pode dar<sup>87</sup>.*

A título de finalização deste artigo, quero ainda falar dos desafios que os estudos sobre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais trazem para nós professores e pesquisadores, sejamos surdos ou ouvintes, pois, se as teorias gerais sobre a literatura nos permitem, um pouco, conhecer da sua função humanizadora, os elementos que constituem a linguagem literária em língua de sinais, produzida pelos e para os surdos, ainda constituem um campo praticamente inexplorado.

Nesse contexto exploratório e construtor de conhecimentos, também é o acesso à Literatura Surda e à Literatura em Língua de Sinais, vista numa perspectiva da Estética da Recepção como campo para investigação, um desafio. Penso que por essa via será possível buscar entender como as obras sinalizadas - advenham da Literatura Surda ou em Língua de Sinais - serão recebidas pelos surdos, permitindo que seja vista a construção dos modos como estes sujeitos acessam o simbolismo, a significação e a construção sócio-linguística-cultural desses

---

<sup>87</sup> Ítalo Calvino

textos. Também para os ouvintes, usuários não nativos da Libras, a Estética da Recepção, como perspectiva investigativa sobre o acesso destes a obra sinalizada, possibilita um olhar, por meio de um viés diferente que não o histórico olhar educacional, para como o contato com obras sinalizadas ampliam as discussões que tematizam a surdez e suas implicações para os surdos, seja na sua construção pessoal, linguística, social, seja na percepção e compreensão das relações entre surdos e ouvintes, uma vez que a Literatura Surda apresenta para o ouvinte a vida pelo prisma do surdo.

Assim, a demanda é para que nós, professores de Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais do Ensino Superior, abramos espaços no ensino, pesquisa e extensão universitária e consideremos que, junto aos movimentos de apreciação e reflexão sobre a Arte Surda, a Literatura Surda e a Literatura em Língua de Sinais, existe um descortinar-se de possibilidades de desvendamento de ideologias reificantes. O conhecimento deste lugar docente é fundamental para um olhar sobre o futuro egresso de Letras Libras como um sujeito que precisa estar ciente do papel da Literatura na vida de todas as pessoas, compreendendo, inclusive, os processos de ampliação de horizontes de expectativa de seus futuros alunos de Libras, aconteça sua atuação em escolas para surdos ou em turmas para ouvintes.

Nesse contexto de construção teórica e de constituição de lugares sociais e docentes, acredito haver espaço para todos, surdos e ouvintes, desde que os últimos tenham consciência de que seu lugar de fala se constitui de fora da experiência surda, apesar de, por muitas vezes, estar dentro da militância nos movimentos surdos, pois também

na área da Literatura é preciso dizer que não basta não ser ouvintista, é necessário ser antiouvintista.

### Referências

ALVES, José Helder Pinheiro. A abordagem do Poema: roteiro de um desencontro. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora e DIONÍSIO, Ângela Paiva. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRASIL. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**: Convenção 2006. Tradução oficial/Brasil. Brasília, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro).

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasília Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol.1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo, Editora 34, 1996. (Coleção Teoria)

JAUSS, Hans R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo, Ática, 1994.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 5ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SUTTON-SPENCE. Rachel. **Analysing sign language poetry**. London: Palgrave Macmillan, 2005.

SUTTON-SPENCE, Rachel e KANEKO, Michiko, **Introducing sign language literature: folklore and creativity**, England: London, Palgrave and Macmillan Publishers Limited, 2016.



## EM QUE CONSISTE UMA LITERATURA MUNDIAL?

*Thiago Rodrigo de Almeida Cunha*<sup>88</sup>

Todos precisamos compreender que a aptidão à poesia não é uma coisa rara, e que ninguém tem razão para deixá-la permanecer na sua mente se for capaz de produzir um bom poema<sup>89</sup>.

(Goethe, 1827)

O objetivo deste ensaio é promover uma discussão acerca do conceito de Literatura Mundial e apontar a sua suposta origem em detrimento do conceito de Literatura Comparada, motivado pelo fato de os caminhos traçados pelos estudos de Literatura Mundial terem tido um rumo diferente do que outrora tivera, quando foram descritos como normativos e restritivos, e hoje se estender a um campo mais justo e democrático ao tentar abarcar produções literárias orais e escritas de diferentes povos do planeta.

Para melhor compreendermos estes conceitos, analisaremos, na segunda seção, a obra “Odisseia”, de Homero, a partir da articulação entre alguns dos personagens, a fim de identificarmos elementos gerais

---

<sup>88</sup> Doutorando em Ciências da Educação-Atenas College (EUA). Mestre em Literatura e Interculturalidade-UEPB). Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira-UNINTER. Graduado em Letras: Inglês-UFCG. Atua desde 2001 nas principais escolas particulares da cidade de Campina Grande. Atualmente é professor na UNIFACISA, professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba. Graduando em Psicologia pela UNINASSAU e Ciência das Religiões pela UNINTER.

<sup>89</sup> Tradução minha de: “[...] everyone must realize that the gift of poetry is not so rare a thing, and that nobody has reason to let it go to his head if he produces a good poem” (GOETHE, 1827 *apud* BIRUS, 2003).

pertinentes aos estudos de literatura mundial e comparativos.

Tradicionalmente, atribui-se a designação de Literatura Mundial a toda literatura canônica de épocas e regiões diferentes produzida dentre os dez idiomas<sup>90</sup> europeus mais influentes, portanto, configurava um conceito esteticamente qualitativo, determinado pela geografia (local) onde era produzida e reduzida a um número limitado de escritores, dentre eles, os mais renomados da região (BIRUS, 2003).

No entanto, Goethe, na primeira metade do século XIX, ao reavaliar a poesia popular ocidental e as literaturas da Idade Média e do Oriente, propõe um conceito de Literatura Mundial reacionário ao modelo tradicional ao admitir que qualquer poesia que seja de qualidade e que seja produzida por qualquer pessoa compõe o repertório do que pode ser compreendido por Literatura Mundial, permitindo que a literatura seja acessível a qualquer leitor e podendo ser produzida por pessoas comuns, e não mais a célebres.

Diante deste cenário, verificamos que, apesar de o conceito de boa poesia ser subjetivo, a Literatura passou por um processo de democratização, em que o viés qualitativo-normativo perdeu a sua força, dando vez a produções em massa e dos mais variados estilos e meios de produção, conforme a “crescente rapidez da interação humana” (GOETHE, 1827 apud BIRUS, 2003, p. 12).

Toda literatura é produzida conforme o contexto sócio-histórico vigente, e as ideias de Marx e Engels, através do *Manifesto Comunista*, serviram para intensificar as ideias de Goethe no sentido de que a história das lutas de classes,

---

<sup>90</sup> Alemão, inglês, francês, islandês, italiano, holandês, português, sueco, espanhol e húngaro (BIRUS, 2003).



ou seja, a ênfase não somente no presente, mas também no passado, contribuíram para uma maior tomada de consciência com relação ao que grandes nações europeias haviam causado em outras nações, principalmente das Américas, quanto à atividade de troca e comércio e de imposição da cultura (e literatura) sobre elas. Estas nações começaram a lutar pela sua autonomia político-econômica, como também a valorizar e incentivar a sua produção intelectual, reconhecendo a sua capacidade de produzir literatura para o mundo, difundindo a sua cultura e seu modo de enxergar o mundo (BIRUS, p. 13).

Na verdade, segundo Birus (2003), o conceito de Literatura Mundial consiste na “literatura do mundo inteiro”<sup>91</sup>. Portanto, uma literatura feita do homem para o homem, ou seja, de caráter popular e de teor universal. Incluem-se, assim, as literaturas produzidas em todas as regiões do mundo, quer sejam orais, ou escritas, por aqueles que resistem às dificuldades impostas pelo dia-a-dia e que promovem o verdadeiro progresso da humanidade por “refletir problemas, experiências, expectativas e medos do mundo ocidental industrializado”<sup>92</sup>.

Segundo Goethe (1827 apud BIRUS, 2003, p. 16), a poesia reflete as expressões, suspiros e interjeições de indivíduos bem-intencionados, e cada um a manifesta conforme a sua natureza e educação, como também a esfera doméstica, urbana ou rural. Na verdade todas estas aspirações fazem parte daquilo que compreendemos por universal, pois em se tratando de universo, todos fazem parte dele.

Deste modo, até mesmo a literatura nacional, por mais que reflita um dado contexto sócio-histórico de uma

---

<sup>91</sup> Tradução minha: “The literature of the entire world” (p. 11).

<sup>92</sup> STEINMETZ, 1988 apud BIRUS, 2003.

nação, constituirá a Literatura Mundial, e portanto, na época presente, deixa de apresentar um caráter meramente nacional, e assim intensificam-se, por sua vez, a emergência de traduções destas literaturas.

A tradução torna-se um ramo bastante requisitado no âmbito dos negócios do mundo, pois para dar conta desta demanda (de compreensão de culturas e línguas diversas), é necessário a especialização de indivíduos capazes de ressignificarem as produções literárias de diferentes contextos culturais, para que o conhecimento das diversas literaturas e a interação entre diferentes concepções de mundo possam se tornar acessíveis à maioria dos povos, na premissa de que

é necessário conhecer as peculiaridades de cada nação para em seguida se ter uma visão geral e estabelecer uma relação com ela; pois as características de uma nação são como a língua e a moeda – facilitam a negociação, de fato, tornam tais negociações possíveis em primeiro lugar<sup>93</sup> (ECKERMANN, 1987 apud BIRUS, 2003, p. 20).

Isso não quer dizer que a Literatura irá resolver os problemas sociais e políticos do mundo, nem fazer com que as nações se unam através de uma espécie de cessar guerra, mas sejam capazes de compreender uma a outra e até tornarem-se mais tolerantes, visto que, o conhecimento dos bens humanos que compunham uma nação, ao longo do seu processo histórico, poderá amenizar a visão e o julgamento dos outros, convergindo naquilo que Goethe

---

<sup>93</sup> Tradução minha de: *One must get to know the peculiarities of each nation to then see past them and establish a relationship with the nation; for the characteristics of a nation are like its language and its coins – they facilitate dealings with it, in fact they make such dealings possible in the first place.*

denominou de época universal<sup>94</sup> (BIRUS, 2003, p. 18), e de certo modo, permitindo que literaturas não-europeias fossem mais benquistas.

Como método de pesquisa, adotou-se a comparação, como é adotado no criticismo e em todas as ciências. A Literatura Mundial surgiu a partir dos estudos comparatistas de literaturas, movimentos, figuras e obras de culturas diferentes, de modo a traçar não somente os paralelos e afinidades, como também as divergências entre o desenvolvimento literário de diferentes nações (WELLEK & WARREN, 2003).

Wellek e Warren (2003) afirmam que a Literatura Comparada pode ser definida como “o estudo da literatura oral, especialmente o de temas de tradição popular e da sua migração” (p. 54) e devido a sua interação com a literatura escrita, não pode ser indissociado desta última. Assim, seria relevante saber quando e como as literaturas orais passaram a compor a literatura “superior”<sup>95</sup> ou “artística” assim como destas também sofreram influência. No entanto, pelo fato de as literaturas orais apresentarem problemas relacionados à transmissão e a localização social, a Literatura Comparada torna-se inviável.

Uma segunda acepção de Literatura Comparada diz respeito ao estudo das relações entre duas ou mais literaturas. Esse conceito privilegiou os fatores de recepção, que envolvia os tradutores e os meios de transmissão (jornais, salões literários etc.) e possibilitou a importação

---

<sup>94</sup> Constitui a convergência e fusão de diferentes épocas históricas (*idyllic epoch*) de uma nação em uma só.

<sup>95</sup> Definição estabelecida pelo fato de as culturas de tradição gráfica terem sido privilegiadas com relação às de tradição ágrafa, assim se sucedeu com as nações europeias em oposição a nações que só vieram a ter uma escrita privilegiadas muitos anos depois de serem descobertas.

do autor estrangeiro e intensificou o comércio externo das literaturas. Entretanto, este conceito começou a perder o seu valor a partir do momento em que privilegiava a literatura estrangeira e reduzia o valor das obras nacionais. As comparações tendiam a supervalorizar determinadas obras (canônicas) em detrimento de outras e a metodologia adotava levava a atribuição de uma obra com relação a outra e não considerava o seu valor individual (WELLEK & WARREN, 2003, p. 56).

Uma terceira concepção contemplava o estudo da literatura na sua totalidade, na aceção de Literatura Mundial, e aí se inseriam a literatura “que devia ser estudada em relação aos cinco continentes” (Ibid, p. 56). Portanto,

A expressão “literatura mundial” foi por ele (Goethe) empregue para indicar o tempo em que todas as literaturas se uniram numa só. Traduz o ideal da unificação de todas as literaturas numa grande síntese, em que cada nação desempenhasse o seu papel num concerto universal (WELLEK & WARREN, 2003, p. 56-57).

Contudo, Wellek e Warren citam Goethe e constataam que nenhuma nação renunciaria a sua individualidade de produção uma literatura nacional, e como alternativa, o termo “Literatura Mundial” passou a ser empregado para designar as obras clássicas, ou obras-primas, de escritores consagrados como Shakespeare, Homero ou Dante, e como alternativa, empregou-se o termo “Literatura Geral” para contemplar os movimentos e modas que ultrapassavam as fronteiras nacionais.

Concordamos com Wellek e Warren ao proferirem que apesar das distinções lingüísticas entre literatura

comparada para estabelecer comparações entre literaturas, literatura mundial para os clássicos ou cânones, e literatura geral para designar modismos além das literaturas nacionais, o que existe de fato é uma única literatura que abrange todas as literaturas, ou pelo menos, no que concerne às civilizações ocidentais, ela constitui uma unidade, um todo, porque apresentam características comuns como é o caso de possuírem uma métrica, gêneros e estilos literários.

Um fator que contribuiu bastante para mudanças na forma de produzir, estudar e difundir literatura foi o impacto da mídia, em especial com o advento da Internet. A noção de literatura mundial mudou, pois passou a englobar o hipertexto, assim como literaturas orais transmitidas através do rádio, da televisão, ou até mesmo vídeos ou podcasts na Internet, ou outros aparelhos.

Grabovszki (2003) propõe uma discussão de literatura mundial a partir do processo de globalização pelas suas implicações no contexto social. Ele cita Jan Neverveen Pieterse ao definir globalização como “ausência de fronteiras e/ou internacionalização dos processos sociais, políticos e econômicos”<sup>96</sup>.

Anthony Giddens, através de Grabovzki (2003, p. 45), profere que a globalização pode ser definida pela “intensificação das interrelações globais pelas quais localidades distantes são conectadas de modo que os eventos que ocorrem em uma localidade afetam aqueles

---

<sup>96</sup> Tradução minha: [...] *boundlessness and/or internationalization of social, political and economic processes* [...] (Ibid, p. 45)

que ocorrem vários quilômetros de distância e vice-versa”<sup>97</sup>.

As duas definições evidenciam implicações não somente sociais, como também propõem o encurtamento da distância (geográfica) entre as pessoas, de modo que não haja fronteiras para que trocas culturais, inclusive literárias, ocorram. Porém, a globalização não corresponde a uma unificação, e sim uma conexão entre diferentes realidades sociais, políticas e econômicas, e uma intensificação dessas realidades, como também da literatura, da comunicação e da arte (GRABOVSZKI, 2003, p. 46).

No que diz respeito ao contexto literário, Grabovszki aponta algumas implicações que começam a surgir, dentre elas os direitos autorais das obras, que para atender a uma demanda mercadológica maior e uma maior dificuldade de controle do seu domínio, se intensificou, assim como também se intensificaram os meios de tráfico de produção literária, e os tradutores deixaram de ser meros mediadores entre as instituições literárias, como entre culturas distintas.

As instituições literárias como livrarias, distribuidoras, editoras etc., tornaram-se centros de divulgação e consumo deste material literário. No entanto, pelo fato de nações iletradas ou pouco letradas não possuírem uma vasta produção literária, houve um desequilíbrio entre os produtos disponíveis, e a supervalorização de uns com relação a outros, como é o caso dos eurocêntricos.

A economia passa a reger as condições de leitura da literatura, e o acesso às obras passa a ser desigual, pois

---

<sup>97</sup> Tradução minha: [...] an intensification of global social interrelations by which distant localities are connected to one another in such a manner that events taking place at one locality effect those that happen many kilometers away, and vice versa.

sabemos que muitas pessoas não têm condições de comprar os livros, e as lojas precisam diminuir os valores dos livros para poderem continuar existindo, quando isso é possível.

O desenvolvimento de várias mídias eletrônicas favorece a propagação da literatura em outros meios que não sejam apenas livros, assim como privilegiam outras formas de transmissão de forma oral, como também reduzem o acesso às obras por parte daqueles países cuja maior parte da população carece de recursos financeiros para adquirir esses recursos sociais. É importante destacar que recursos como áudio-livros permitem que os “leitores” tenham acesso à língua pronunciada tal qual a língua natural do escritor, a menos que sejam traduzidas.

Os recursos tecnológicos, quando usados indevidamente por parte do governo, tanto podem restringir, quanto perdem o controle com relação à censura. Alguns governos podem regular o acesso a determinadas obras através da Internet, assim como esse recurso também pode permitir o acesso a obras literárias cuja comercialização é proibida em alguns países, o que poderia implicar em uma restrição ao direito de escolha do indivíduo.

O monopólio das grandes mídias também é um problema apontado por Grabovszki. As grandes mídias tornam-se capazes de regular o que deve ser publicado, assim quanto o valor do produto final ao consumidor e isso pode implicar em uma diversidade de formas literárias, ou uma restrição desta ordem.

Por fim, o autor destaca as implicações que o próprio cyber-espço podem causar. Por se tornar um espaço alternativo, ou um “terceiro espaço”, como é conhecido, percebemos mudanças no que se refere à maneira como um texto é escrito, tanto questões

relacionadas ao hipertexto, tanto relacionadas à autoria e o próprio leitor.

Os textos passam a ser escritos de modo a conectar os leitores a outros textos, através dos links presentes ao longo do texto. Ele evita que o leitor tenha um contato tátil, diferentemente do que ocorre com um livro, que pode ser tocado e passadas as páginas, e permite o acesso de qualquer lugar de onde o indivíduo esteja conectado na rede.

Com relação à autoria, o autor pode interagir com os leitores e pode adaptar as suas obras conforme as opiniões dos leitores, ou estes últimos podem ter participação na edição dos textos. Em alguns casos, têm acesso ao texto e podem colaborar com o autor.

Verificamos uma maior flexibilidade com relação ao processo de produção como ao produto final. E constatamos que a obra pode ser adaptada ao ponto de atender às opiniões do leitor, fato que nos leva a crer que uma ênfase maior é dada com relação à maneira como a obra chegará ao seu destino final (o leitor) e à recepção.

É possível observar que a globalização favorece a difusão/aceitação de uma literatura mundial no sentido que os recursos tecnológicos permitem o acesso a um número maior e mais diverso de obras literárias, assim como ambas refletem as novas relações sociais que foram fixadas a partir da intervenção destes recursos, que consistem em um modo de ser comunicar através de redes sociais, sites ou blogs; formas diferentes de entretenimento tais como música, jogos eletrônicos e digitais que também configuram meios de propagação da literatura oral ou escrita, assim como de intercâmbio de informações e de interação através de um idioma em comum, geralmente, a língua inglesa cuja função deixou de ser de impor poder político ou econômico sobre



outras nações, e permitir a comunicação, como língua franca.

### ***Odisseia*: análise da articulação entre os personagens por uma compreensão de elementos interculturais**

Nesta seção, será proposta uma análise crítica das ações dos personagens da obra “Odisseia”, do escritor grego da Antiguidade, Homero, em especial, Ulisses, para tentarmos identificar elementos relevantes para os estudos culturais de Literatura Mundial.

A Odisseia consiste em um poema épico que narra o retorno do herói Ulisses (Odisseu) à Ítaca, sua terra natal, localizada numa ilha dos domínios gregos, a qual governava como rei vinte anos antes até ter que deixá-la após ser convocado para lutar na guerra contra Tróia (Ílion).

Como Ulisses havia “abandonado” a sua esposa Penélope e seu filho Telêmaco há vários anos, e como tradição, a rainha tinha que escolher um pretendente dentre homens nobres da própria Ítaca ou reinos vizinhos com quem se casaria, e até que a sua escolha fosse feita, estes pretendentes ocupavam os salões reais do castelo que pertencia a Ulisses, a quem eram servidos banquetes com bastante carne e vinhos. Portanto, uma desordem e um verdadeiro abuso da hospitalidade de Penélope se implantava no reino de Ulisses.

Telêmaco lançara-se ao mar para obter informações sobre o seu pai a Nestor e Menelau, e eles o aconselharam a não abandonar o reino nem a sua mãe. Os pretendentes de Penélope estavam armando um plano para encurralar Telêmaco, de modo que ele não mais regressasse à Ítaca

para não atrapalhar os seus planos, mas o consegue com a ajuda da deusa Atena.

Ulisses havia sido aprisionado por Calipso na ilha de Ogígio por anos, lutara contra hidras e Cíclopes (a quem cegara um e causara a ira de Posêidon, deus dos mares, pois eles eram seus filhos), perdera muitos de seus tripulantes mortos ao mar, fora aprisionado pela feiticeira Circe em seu reino e tivera seus tripulantes transformados em porcos.

Em se tratando de uma obra literária de grande importância para todas as culturas existentes, podemos destacar algumas características da obra. Trata-se de um texto escrito em poema épico, de exaltação aos feitos de um herói, Ulisses.

Podemos perceber que o narrador do texto, não identificado, no princípio, pede auxílio à Musa, para que conte a história que sucedeu ao homem que destruiu Tróia e que sofreu bastante para salvar a sua vida e a dos seus companheiros:

*Fala-me, Musa, do homem que astuto que  
tanto vagueou,  
depois que de Troia destruiu a cidadela  
sagrada.  
Muitos foram os povos cujas cidades  
observou,  
cujos espíritos conheceu; e foram muitos no  
mar  
os sofrimentos por que passou para salvar a  
vida,  
para conseguir o retorno dos companheiros  
a suas casas.  
Mas a eles, embora o quisesse, não logrou  
salvar.  
Não, pereceram devido à sua loucura,  
Insensatos, que devoraram o gado sagrado  
de Hipérion,*

*o Sol – e assim lhes negou o deus o dia do retorno.*

*Destas coisas fala-nos agora, ó deusa, filha de Zeus (l: 1-10. p. 119).<sup>98</sup>*

É possível verificar também a presença de diálogos entre os personagens, e que em alguns cantos, a exemplo do Canto IX, um outro personagem cumpre a função do narrador. Neste canto, Ulisses conta como conseguiu deixar Calipso, ingressar à terra dos Lotófagos, comedores de lótus, cujo efeito era causar o esquecimento do regresso a sua terra. Conta também sobre a sua chegada à terra dos Cíclopes “arrogantes e sem lei que, confiando nos deuses imortais, nada semeiam com as mãos nem aram a terra; mas tudo cresce e dá fruto sem se arar ou plantar o solo” (p. 260)<sup>99</sup>.

Percebemos também a habilidade do escritor de contar histórias através do narrador e das histórias contadas pelos personagens, que procedem da tradição oral, e segundo Walter Benjamin<sup>100</sup>, são decorrentes da faculdade de intercambiar experiências que passam de boca em boca.

Segundo este autor, estamos perdendo esta capacidade, pois cada dia que passa, deixamos de integrar as experiências coletivas e enfatizamos a experiência individual, representada, principalmente, através dos romances modernos. O autor defende que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos” (p. 214), e que “o senso prático é

---

<sup>98</sup> HOMERO. **Odisseia** (trad. Frederico Lourenço). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

<sup>99</sup> Cf. HOMERO, 2011.

<sup>100</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v.1).

uma das características de muitos narradores natos” (p. 216). É, portanto, possível perceber estas duas últimas características na obra de Homero, pois sabemos que aquilo que ele escreveu reunia narrativas que eram contadas boca a boca durante a Antiguidade.

Além da fenomenal narratividade, podemos destacar também as personagens que foram criadas pelo escritor, em especial Ulisses. Ulisses era um homem astuto, que historicamente, ajudou a vencer os troianos<sup>101</sup> na batalha contra os gregos na tentativa de resgatar a rainha Helena, esposa do rei Menelau, de Esparta. Passou por várias provações e desafios, que poderiam ter-lhe tirado a vida, em especial, após ter companheiros devorados pelo gigante Cíclope, da terra dos Cíclopes, e cegá-lo, despertou a ira do deus Posêidon dos mares, pelo fato de os Cíclopes serem os seus filhos, conseguiu fugir da gruta do gigante ao ser confundido com ovelhas, por ele e alguns de seus homens terem agarrado ovelhas e estado embaixo delas.

Destacamos este acontecimento para exemplificar a astúcia que o herói teve e pelo motivo que mais o atrapalhou a voltar a sua terra ter sido Posêidon de certo modo não facilitar o seu retorno, pois certamente o mar foi um dos maiores, senão o maior empecilho na sua vida, e este foi quem levou a vida dos seus companheiros.

Ulisses pode ser um modelo ideal de herói, exemplo de sagacidade e justiça. Impiedosamente sacrificou animais para obter respostas de oráculos, inclusive descer ao Hades, terra dos mortos, para consultar o vidente Tirésias sobre como poderia retornar à Ítaca, bem como para tentar se reconciliar com Posêidon e este permitir o seu retorno. Foi um grande líder, a partir dele surgiu a ideia de presentear

---

<sup>101</sup> Apesar de sabermos que grande parte do registro histórico deste período existir em detrimento das narrativas literárias.

os troianos com o cavalo de madeira, que levou à destruição de Troia, e sempre esteve ao lado de seus companheiros nas batalhas. Podemos afirmar que fora também um grande estrategista militar, e segundo Bernard Knox<sup>102</sup>, uma espécie de pirata e saqueador, pois como é contado no Canto IX pelo próprio Ulisses ao chegar a Ismaro<sup>103</sup>:

*De Ílio fui levado pelo vento até os Cícones,  
até Ismaro: aí saqueei a cidade e chacinei os  
homens.  
Da cidade levei as mulheres e muitos  
tesouros, que dividimos  
para que por mim ninguém visse sonogada a  
parte que lhe cabia (IX: 39-42. p. 258)<sup>104</sup>.*

No entanto, constatamos que as ações e as decisões das personagens são determinadas conforme a influência dos deuses em suas vidas. O regresso de Ulisses à Ítaca, por exemplo, só foi possível porque a deusa Atena convenceu Zeus e Posêidon a deixá-lo retornar. As vitórias de Ulisses nas batalhas ocorreram porque os deuses o orientavam ou lutavam consigo se passando por outros personagens, tal qual aconteceu quando Ulisses encurralou os pretendentes de Perséfone quando retornou ao seu castelo disfarçado de um velho mendigo, transformado por Atena e ela também se transformou em Mentor, amigo de Ulisses, para ajudá-lo e a Telêmaco a matar os pretendentes:

*Aproximou-se deles então Atena, filha de Zeus,*

---

<sup>102</sup> Primeiro diretor do Centro de Estudos Helênicos da Universidade Harvard e escritor da introdução do livro "Odisseia" da Penguin Classics Companhia das Letras.

<sup>103</sup> Segundo Knox, Ismaro não era aliada de Troia.

<sup>104</sup> Cf. HOMERO, 2011.

*semelhante a Mentor no corpo e na voz.  
Ulisses  
regozijou-se ao vê-la e assim lhe dirigiu a  
palavra:  
“Mentor, afasta a desgraça! Lembra-te de  
mim, o teu amigo  
querido, que muitas vezes te apoiou: pois  
somos da mesma idade” (XXII: 205-209. p.  
500)<sup>105</sup>.*

Verificamos, portanto, que as ações de personagens importantes como Ulisses, Telêmaco e Penélope são dominadas por ações/decisões de outros personagens como a deusa Atena, Zeus ou Posêidon. Isso compõe o estilo de escrita de Homero e também reflete a cultura dos gregos antigos, que possivelmente acreditavam que as vidas dos indivíduos eram influenciados pelas ações dos deuses, e que o seu destino era previamente traçado, do mesmo modo que Ulisses estava predestinado a passar pelas provações da vida e retornar a sua terra natal.

Com relação aos estudos de Literatura Mundial, é possível através da obra deduzir que os gregos eram guerreiros fiéis, tanto ao seu rei, quanto os reis o eram a outros reis aliados. Observamos que os reis lutavam em guerra, ao lado dos seus soldados, e impunham o seu domínio sobre os povos conquistados.

Percebemos que a hospitalidade era um costume bastante praticado entre os gregos, pois Ulisses recebera presentes, vestimentas e acomodação na maioria dos reinos por que passou. Presentear parecia ser um hábito recorrente dos anfitriões com relação aos visitantes, assim como o asseio e banquetes em que eram servidos, principalmente, carne e vinho.

---

<sup>105</sup> Cf. HOMERO, 2011.

Através da atitude de Penélope, verificamos o quanto a esposa era fiel ao marido, e ela, por mais que pudesse escolher um novo marido dentre os pretendentes, manteve-se fiel ao amor que sentia pelo marido. As damas nobres possuíam servas à sua disposição para cozinhar, organizar o lar (palácio) e preparar os banhos.

Observamos que as principais celebrações eram comemoradas com a matança de animais como bois, porcos, cabras ou ovelhas, e a principal bebida era o vinho. A *Odisseia* nos mostra que sacrifícios de animais eram feitos em trocas de favores por parte dos deuses, ou para acalmar os seus ânimos.

Identificamos, ao longo da *Odisseia*, que epítetos eram utilizados junto dos nomes dos personagens ou locais como forma de engrandecer o sentido que era atribuído, como era o caso de “Ulisses, saqueador de cidades”, ou “Ulisses de mil ardis”, “Atena dos olhos esverdeados”, “o Zeus filho de Crono”, “Ítaca de montanhas rochosas” etc.

Quando Telêmaco, filho de Ulisses, visitou Nestor e Menelau, ambos o aconselharam a voltar a sua terra e não deixar a sua mãe sozinha, e estes últimos por serem mais velhos foram ouvidos por Telêmaco, que era um jovem. É possível constatar a importância que os mais velhos tinham ao aconselharem os mais jovens e por eles serem atendidos, o que nos mostra que a civilização grega antiga era uma civilização em que os anciãos tinham voz nas decisões políticas e sociais. Um exemplo semelhante de obediência foi quando Ulisses orientou Telêmaco quando voltara para Ítaca de como proceder com os pretendentes de sua mãe, e quando pediu para que não contasse a ninguém que ele havia retornado; bem como Laertes, pai de Penélope, era bastante respeitado principalmente por Ulisses.

## Considerações finais

Concluimos que constatações como as feitas anteriormente sobre uma obra literária são importantes para a compreensão de culturas diferentes das nossas, para obtermos uma visão mais ampla e o desenvolvimento do pensamento crítico acerca de elementos que são imprescindíveis aos estudos de Literatura Mundial, visto que os valores atribuídos às obras podem ser apreciados e possíveis de ser identificados ou comparados com elementos presentes em outras obras de culturas semelhantes ou diferentes, mas que funcionam como objeto em pesquisas de estudos culturais.

Por mais que os estudos de Literatura Mundial tenham surgido a partir dos estudos da Literatura Comparada, verificamos que este último termo tornou-se insuficiente para dar conta da demanda das produções literárias de indivíduos de várias regiões do globo, no sentido que uma obra produzida por uma determinada cultura não deve ser retratada como mais importante ou melhor do que outra (e aí se inserem as literaturas nacionais), mas que podem ser comparadas com a intenção de identificarem-se elementos comuns e divergentes, que contemplam, principalmente, a heterogeneidade dos povos, e que reforçam a necessidade de uma literatura de teor universal, que, assim como os recursos tecnológicos ou midiáticos disponíveis, reflete as literaturas e os seus meios de produção nas sociedades modernas, que por sua vez, compõem esta unidade multifacetada e tornam o termo Literatura Mundial apropriado.



## NAS FRANJAS DO ESTADO: O CASO DA POLÍTICA DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL.

Wagner Guilherme Alves da Silva <sup>106</sup>

### Introdução

Determinado a pensar as relações entre sofrimento social e produção de si, não imaginei que partiria para uma discussão sobre os modos de funcionamento do Estado e gestão de vidas - o trabalho de campo é sempre o caminho. A problemática da relação da gestão de corpos pelo Estado me acompanha desde muito tempo, e sempre me despertou uma curiosidade abismal. Por que tão poucas pesquisas enfocam essas complexas relações? A mesa da assistente social, as listas de benefícios sociais, os critérios, os enquadramentos, as vergonhas derivadas de uma exposição visceral e uterina daquilo que lhe é mais íntimo para que o Estado lhe classifique enquanto alguém “merecedor” de benefícios. Tudo isso me incomodava desde sempre. Talvez porque fizesse parte dos meus próprios constrangimentos enquanto alguém que passou por esses embaraçosos processos.

Ao começar minha atividade de pesquisa no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, em uma unidade regional localizada no oeste paulista, fui obrigado a lidar com um conjunto de taxonomias, modos classificativos,

---

<sup>106</sup> Doutorando e Mestre em Antropologia Social-Museu Nacional/UFRJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais-UNESP - Campus de Marília. Atualmente, investiga o universo do cuidado na esfera Estatal, centralizando as categorias de pessoa e autonomia. Foi bolsista BAT II no projeto Inovar+, da Universidade Federal de Viçosa, atuando na área de escrita de projetos para captação de recursos.

bancos de dados e fichas institucionais. Aos poucos fui entendendo que não se tratava apenas da produção de um registro clínico, era antes o modo de funcionamento de políticas públicas voltadas para o trabalho, e nesse sentido, era o Estado se fazendo. As fichas, os índices classificativos não apenas me diziam de um modo de compreensão, constituíam-se na fazer-se do texto de lei dentro de realidades muito específicas, constituindo, deste modo, uma cultura local por meio da qual as abstrações dos textos de lei ganham materialidades.

O conjunto da atividade formal dos registros, cuja realização exige sempre muita precisão, o que faz com que alguns técnicos não se sintam à vontade com uma ou outra ficha, não apenas produz um relato, uma narrativa sobre a trajetória clínica de uma pessoa, ela transforma a pessoa em paciente, a torna visível do ponto de vista da terapêutica, introduzindo-a dentro de um universo de significância. Nesse ponto, é preciso ser ainda mais claro: as fichas produzem os pacientes em termos performativos (PEIRANO, 2006).

As terapias de reabilitação para o trabalho são garantidas por dispositivos legais e tem por objetivo restituir um estado corpóreo tido como “apto” a desempenhar as funções no mundo do trabalho. A lei de benefícios da Previdência Social número 8.213/91 estabelece em seu artigo 18, III, ‘c’ que o serviço de reabilitação profissional é devido ao segurado e ao dependente, sendo este um serviço prestado pela Previdência Social e que não exige uma prestação de pagamento mínima das parcelas do INSS.

Constituem-se em uma série de atividades reabilitativas desenvolvidas por diversos profissionais especializados em saúde do trabalhador, sendo eles

médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, engenheiros do trabalho, psicólogos e em alguns casos, sociólogos. O trabalhador, para ter acesso a esse benefício, deve possuir comprovada inaptidão para o desenvolvimento de suas funções, mas não só, deve possuir um laudo médico atestando seu adoecimento por condições de trabalho. Logo, não é apenas adoecer, mas sim adoecer em uma circunstância específica, mas não só, é preciso comprovar que tal situação clínica se deu em ambiente de trabalho. Veremos com cautela como essas complexas e poderosas operações vão sendo produzidas, mas também tensionadas e atravessadas por um conjunto de experiências pessoais que visam produzir uma contra-narrativa em relação ao discurso técnico objetivista.

O universo social em que trabalho é, então, o de luta pela classificação do corpo, da pessoa e da dor, o do violento contato entre experiências particulares e a frieza das instituições e seus critérios e modos de fazer. Se por um lado os profissionais da saúde buscam classificar a pessoa, o corpo e a dor, a pessoa estremeça justamente os critérios que balizam essas ações, de modo que recorrem às suas experiências pessoais como exercício contrastivos, na disputa pela inscrição do corpo vivido dentro das fichas. Fichas estas que possibilitam que direitos sejam garantidos.

Quando comecei meu trabalho, fui cobrado de imediato pela equipe de buscar compreender as fichas, as classificações e os modos de preenchimento. Durante muitas tardes me dediquei à alimentar os bancos de dados do Centro, digitalizado cada uma das fichas do ano anterior, o que me aproximou das abreviações e critérios utilizados. A cobrança pela “objetividade” era ainda maior nas visitas à acidentados no trabalho, uma vez que as experiências do horror do acidente precisavam de registro,

contudo não se pode perguntar repetidas vezes, para poupar o trabalho de rememorar momentos difíceis. Foram justamente as visitas à casa dos trabalhadores que me mostraram a centralidade das fichas e da classificação, e de como as pessoas atravessavam os critérios da burocracia formal por redes de pessoalidade e de ajudas mútuas.

Minha primeira visita foi a casa de um jovem de pouco mais de vinte de anos, que se acidentou no percurso de volta para a casa. Trabalhando as margens de uma rodovia perigosa na obra de duplicação dela, estava em cima da boléia do caminhão, um pouco depois das cinco horas da tarde, no aguardo dos demais companheiros para retornarem a suas casas. Um carro desgovernado, que por conta da alta velocidade não conseguiu concluir a curva, chocou-se com o caminhão e o jovem foi atirado para fora do veículo. Quebrou o osso da perna direita em três diferentes pontos e fraturou o braço direito, tendo que passar por duas cirurgias. Fomos a casa de Rafael logo após ele receber liberação do hospital.

No caminho até a casa do jovem, o conjunto de perguntas eram repassadas no carro, e algumas respondidas pelas informações que já se tinham, em razão da ficha encaminhada pelo hospital. Meu primeiro estranhamento foi a reação da mãe de Rafael, que nos recebeu em sua porta, quando viu o lindo carro da Secretaria Municipal de Saúde em que chegamos, em contraste com a paisagem periférica. Pediu que entrássemos em sua casa, mas que não reparassem, porque “a gente aqui é muito humilde”.

No decorrer do interrogatório, uma resposta de Rafael provocou um choque nas profissionais que faziam a visita, fato este que repercutiu por uma semana no Centro. Rafael não sabia o nome da empresa que o havia contratado, nem mesmo um endereço de localização dela,

exigido pelas fichas para que o Cerest entre em contato para averiguação. Tudo o que o jovem sabia era o nome de quem o havia chamado para trabalhar lá, Fábio, amigo de longa data, “parça” que cresceu “aqui junto comigo”. A insistência para que o rapaz tentasse lembrar se já tinha ouvido alguém falar do nome da empresa fez com que ele perdesse a paciência e ligasse para Fábio, pondo uma das profissionais para falar ao telefone. Rafael contrapunha, desse modo, a insistência pelo dado objetivo à suas experiências com Fábio, alguém que jamais o colocaria em situação de risco.

A embaraçosa situação ficou na minha cabeça por muito tempo, de modo que eu me perguntava: mas as visitas são para ver como está o acidentado e verificar as causas dos acidentes, e depois intervir, se for o caso, nas políticas empresariais de gestão do trabalho, ou apenas para responder espaços vazios que deveriam ser preenchidos?

Ainda, uma outra situação figurou centralidade em minha cabeça por muito tempo, trata-se da visita a casa de um acidentado no trabalho que se encontrava ainda hospitalizado, vítima de um caso que chocou toda a cidade. Um homem de quase quarenta anos, pintor, trabalhava pintando o extremo dos cantos de uma parede, próximo ao telhado, quando o cabo do rodo de plástico bateu em um fio de alta tensão de uma instalação clandestina e o electrocutou. Apesar de a extensão de seu rolo ser de plástico, havia ali pequenos ligamentos em metal, o que possibilitou com que a corrente elétrica fosse conduzida ao corpo do homem. Rapidamente o dono do estabelecimento desligou a rede elétrica, e o pintor foi socorrido sem expectativas de vida.

Sua esposa conta que, ao chegar ao hospital, foi informada de que caso o marido sobrevivesse, perderia todos os membros do corpo. A esposa, segundo contou-nos, apenas respondeu: ‘apenas devolva meu marido com vida’. Após muitas orações e correntes de oração na igreja, de promessas e jejuns, recebeu a notícia, dois dias antes da visita, de que o marido não mais corria o risco de perder os braços, contudo, havia uma dificuldade significativa em encontrar cirurgiões especializados em pernas, de modo que a remoção de uma equipe de cirurgiões de uma cidade vizinha até Marília demandaria tempo, o que diminuía as expectativas quanto a recuperação destas.

A ficha de notificação chegou ao Centro quando o pintor ainda estava hospitalizado, e gerou uma grande discussão entre a equipe. Afinal, a visita deveria ou não ser feita a família? Seria exagero a rápida ida a casa? Parte da equipe achava desrespeitoso, outra parte achava que a visita seria infrutífera, pois a família não poderia fornecer as informações necessárias. Contudo, a necessidade de classificar o que havia ocorrido para então saber se se tratava de um “caso do Cerest” ou não existia no ímpeto de toda equipe, ainda que os caminhos para isso fossem diversos.

A decisão foi a de ir a casa do homem. Fui convidado a ir, e ao ser informado, me disseram que seria um ótimo caso para minha pesquisa. Ao chegarmos na periferia da zona sul, mais uma vez o carro era um elemento de contraste e diferenciação social. As pessoas que pelas ruas estavam conversando ou caminhando, torciam o rosto para ver o bonito carro que desfilava com suntuosidade. Ao chegar ao endereço informado pela ficha de notificação rápida, confirmamos duas ou três vezes. Ao chamarmos, um senhor ansioso e nervoso, imagino que por

identificar, através do carro, que se tratava de uma equipe da Secretaria da Saúde, abriu o portão de modo que soltou o cachorro. Todo o movimento então foi o de ajudá-lo a recuperar o controle sobre o animal que raramente sai de casa, e quando o faz, se perde. Em seguida sai uma mulher, de aproximadamente quarenta anos, afoita e trêmula, que imaginava receber a notícia do falecimento do seu marido.

Ao ser informada dos motivos da visita, o de preencher uma “ficha”, sentou-se, sem forças no sofá de sua casa, olhou para o teto dizendo: “obrigado meu Deus!” Pediu então que sua mãe lhe trouxesse um copo de água com açúcar, que tomou na esperança de se acalmar. Depois nos disse que seu marido ainda corre riscos de vida, e que ao identificar, mesmo que de longe, o carro com o slogan da Secretaria, imaginou que o pior havia acontecido. Deu-nos poucos detalhes do acidente, o que fez com que a equipe julgasse a visita como “inútil”, aconselhando voltar à casa quando o pintor tivesse alta, se tivesse. Para mim, a visita foi muito elucidativa, além de me informar que o homem tinha verdadeiro pavor de eletricidade, tal que não fazia reparos simples em sua casa e que havia recusado outros trabalhos porque “mexer com força é brabo”, me dizia sobre os tempos da burocracia e sobre o modo violento que ela se apresenta, para além de esquadrinhar a preeminência do registro em relação à pessoa.

Preencher é tarefa sempre da ordem do imediato, de modo que não se pode acumular visitas, ou casos sem “preenchimento”. As visitas são feitas assim que as fichas chegam ao Centro, de modo que as vezes a ida à casa ocorre em concomitante ao atendimento hospitalar do acidentado. Apesar de compreender que o trabalho de vigilância, um dos tripés do Cerest, precisa se dar em concomitante ao ocorrido, a frieza com que vidas são

registradas e o horror grafado, classificado e armazenado em bancos de dados me chocava. Aos poucos fui percebendo que o mesmo acontecia com os pacientes em recuperação.

A relação entre pessoa e registro ia me afetando cada vez mais. O modo como as pessoas resistiam às explicações médicas reivindicando o lugar das memórias e das percepções individuais de si me parecia estimulante. Portanto, esta é uma monografia que trata da gestão de pessoas e de conhecimentos em espaços de assistência, tentando identificar na nomeação e na classificação do corpo um instrumento de controle de corpos e modos de viver de segmentos das classes trabalhadoras.

Esta afetação ganhou contornos muito claros e foi produzindo meu lugar na pesquisa. Aos poucos fui deixando de ser o “menino do caderno” ou o “menino do INSS” para ser o Wagner, para ser o “filho” ou o “parça”. Para os técnicos, meu lugar no Centro como alguém capaz de entender era o silêncio em que eu me encontrava durante as conversas com pacientes ou em visitas, ou ainda quando algum membro da equipe me explicava sobre fichas ou manipulação do banco de dados. A não impulsividade da resposta e a não interrupção eram lidas como elementos de respeito, mas, sobretudo, de reconhecimento de que o outro possuía, no caso dos membros do Cerest, conhecimentos que eu não possuía, logo, do reconhecimento de que eu operava no interior de uma relação hierárquica.

Para os pacientes, meu silêncio era lido de outros modos, tendo outros contornos. Em um ambiente de muitas perguntas, de intromissões, de pedidos por objetividade, deixar com que um paciente produzisse sua resposta sem intromissão, estabelecer conexão visual, não



questionar e performar pequenos gestos, como passar a mão sobre os braços de alguém que, ao falar, se emociona e começa a chorar, eram sinais de respeito, mas não de um respeito abstrato que se tem pelos outros, e sim respeito de quem tem condições de entender a complexidade do que é relato porque foi produzido no interior destas relações.

Minha história pessoal, como se verá ao longo deste trabalho, era constantemente mobilizada, produzindo uma proximidade entre mim e os pacientes. Ao iniciar minha atividade no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, levava comigo um conjunto de experiências pessoais que penso ser importante elucidar porque produziram o meu lugar no Centro como um pesquisador. Acreditando ser a etnografia um conjunto de relações sociais produzidas, é verdade que estas relações partiram de um mesmo núcleo, ainda que tenham trilhado caminhos diversos. Minha história pessoal foi fundamental para a legitimação de meu empreendimento etnográfico – e indispensável para o meu contato com os trabalhadores-pacientes do Centro. A relação com minha mãe, mulher adoecida no trabalho em luta contra o INSS por aposentadoria por invalidez, e a minha negociação pessoal entre minha trajetória familiar e minha trajetória profissional (ALVES DA SILVA, 2017) fez com que eu fosse entendido de diferentes maneiras. Contudo, produziu um lugar para mim: o de alguém que é capaz de respeitar as vidas e os processos que ali se desenrolam, porque já traz consigo um conjunto de conhecimentos e experiências compartilhadas.

Na primeira semana de campo, quando conversava com a psicóloga do Cerest, entendi que minha presença ali era ainda muito suspeita para os profissionais. Minha idade era um fator de desconfiança e havia um sentimento de

proteger os pacientes de possíveis aventuras científicas, que ignorassem o respeito a cada uma das trajetórias que se apresentam nos corredores e consultórios.

Daniela, a psicóloga, sem muitos rodeios, me perguntou em nosso primeiro encontro: “ *O que alguém do Rio de Janeiro quer fazer aqui? E de onde veio essa ideia de estudar adoecimento no trabalho? Você é tão novo!*”. O que ela não sabia era que eu havia me formado em uma Universidade naquela cidade, e que desde a graduação me preocupava com essa problemática. A insistência em minha idade fez com que eu lhe contasse minha trajetória pessoal com os problemas das dores derivadas do trabalho, e como venho, há muitos anos, lidando com um conjunto de emoções e projetos pessoais em torno do tema.

A relação com minha mãe me inscreveu socialmente naquele espaço como alguém capaz de entender. E desde então era assim que me apresentavam, seja aos demais profissionais, ou aos pacientes: eu era sempre o Wagner, o filho de uma mulher que adoeceu no trabalho e, portanto, capaz de compreender. Mas compreender o que? Essa inscrição me era incômoda, até que eu pude identificar que, na verdade, ela me dizia algo: a necessidade de me classificar, de me dar uma posição e, a partir de então, me inserir na dinâmica das relações. Entre os pacientes, a história de minha mãe foi sempre um sinal de confiança e de respeito. As dinâmicas das relações construíram a história de minha mãe como sinal de confiança em mim. Não se tratava tanto de quem eu era, mas do que significativa se abrir ou falar a um estranho chamado inicialmente de “menino do INSS”. Minha história pessoal produziu assim um lugar dual: ao mesmo tempo em que fui classificado e inserido nas dinâmicas administrativas, sobretudo as ligadas a documentação, passei a ser

compreendido como alguém capaz de “entender”. Assim, para os profissionais, eu era alguém capaz de manipular fichas, formulários, pessoas e respeitar posições e, para os pacientes, alguém capaz de respeitar suas trajetórias.

## O papel e seus tempos

Vinícius, jovem de vinte e três anos de idade e pai de três filhos, que trabalhava em um restaurante e desenvolveu tendinite em seu braço direito, disse certa vez que

é assim, a gente vai no médico, fala as coisa para ele. Aí de tanto a gente voltar ele faz o papel, e é esse papel que manda a gente para cá. Nesse papel que chega aqui eles sabem se a gente pode ficar ou não. Porque tem tudo no papel da gente, sabe, da dor da gente. Aí aqui que que acontece? a gente tem que contar as coisas que não tem no papel, tipo, as funções, o jeito que a gente fazia, quando a gente começou a sentir dor, porque isso não tem no papel, porque lá no postinho ninguém está nem aí com você.

O processo de encaminhamento é sempre lembrado como o envio do “papel” que contém um certo número de representações capazes de instaurar a pessoa enquanto um paciente do Cerest, contudo muito parcial e contextual; de modo que a tarefa da pessoa é produzir os contextos do registro, reconstruindo as histórias pessoais da dor. Esse processo culmina sempre na relação com o INSS, relatada sempre pela predominância do registro em relação à pessoa. Uma vez identificado onexo causal e comprovado por meio de exames, o paciente em muitos casos precisa de

um tempo de afastamento para que possa se submeter às terapias. Com isso, emerge a relação com o INSS.

O tempo de afastamento começa, assim, muito antes da efetiva distância do trabalhador de suas atividades laborais. Ele começa a se processar ainda no postinho, tendo como ponto culminante a perícia no INSS, onde passa por uma avaliação que tem o poder de autorizar ou desautorizar sua situação<sup>12</sup>. Desse modo, o tempo de afastamento é composto por um mapa conceitual, mas também geográfico, de circulação e transferências entre espaços, pessoas e papéis, em que um conjunto de informações registradas são trocadas para construir outros mais ou menos doentes, mas são também atravessadas por relatos, histórias e afetos.

Se documentos figuram espaço central nas falas e ações deste universo social, precisamos, então, nos questionar sobre sua natureza, função e produção. Etnografias de documentos e de registros médicos ganham espaço na antropologia contemporânea, sobretudo porque vivemos em uma sociedade que produz um excessivo número de registros de identificação das relações de autoridade (documentação), de modo que pensar sobre essa documentação implica em pensar as representações sociais que essas relações de poder fazem de si; o que é crucial, uma vez que documentos fazem pessoas, coisas, processos, incitam ações. Não só os documentos mostram, revelam, encerram relações de desigualdade, como também performam, possuem uma dimensão de fazer a vida rodar e acontecer (CASTRO e CUNHA, 2005; CUNHA 2004; VIANNA, 2014; HULL, 2012; PISCITELLI, 2008).

## A guisa de conclusão

A utilização de formulários, registros e prontuários faz parte da constituição da medicina e do hospital modernos (FOUCAULT, 2005, 1977; SOUZA, 2007), e implicam não apenas a individualização dos casos e, por consequência, a individualização dos tratamentos, mas constituem certa identidade profissional (DUARTE, 1998; MENEZES 2001). Aproximo-me de Certeau (2008) para pensar os modos como a negociação do registro se estabelece. Souza (2007) demonstra as estratégias de construção da “objetividade” por meio das quais se institui um sujeito como paciente via reconstrução da pessoa enquanto um corpo pensado como um conjunto de órgãos que funcionam em relação. Menezes (2001; 2006), pensando a formação e ideologia médica em um centro de tratamento intensivo (CTI) de um hospital-escola, mostra como “difíceis decisões”, relativas a continuar ou parar o tratamento são tomadas por meio de caracteres objetivos, mas também por questões emocionais mobilizadas por essas escolhas, ou seja, ilustra como os critérios da objetividade são permeados por critérios tidos por subjetivos.

Aproximo-me, assim, das análises de Certeau (2008), interessado em compreender aquilo que os sujeitos “fabricam” com os produtos que recebem, para pensar o espaço da negociação dos termos do registro médico. Para o autor:

Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” –de caminhar, ler, produzir falar, etc. [...] Essas “maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes.

[...] Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura *pluralidade* e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevisíveis”. (CERTEAU, 2008, pp. 92-93)

O sociólogo Pierre Bourdieu (1983) utiliza o conceito de “campo” para designar espaços estruturados de posições, sendo que a ocupação dessas posições estabelece a especificidade de cada campo. Vale ressaltar que o conceito de campo pode ser utilizado para diferentes abordagens, como campo político, científico, artístico etc., porém cada um detém suas próprias características, sendo ele definido pela posição dos objetos que estão em disputa dentro do campo. Para que a definição de campos funcione é preciso que haja objetos que sejam disputados por pessoas que ocupem posições variadas dentro deles, nos quais existem regras implícitas que regem a disputa.

A estrutura do campo, ou seja, das posições ocupadas dentro dele, é demarcada pelas relações de força, seja dos agentes ou das instituições, portando o cerne da disputa à luta por capitais em cada um dos campos sociais. Ou seja, esse sistema de relações pode ser estudado independente das características individuais de quem ocupa as posições, pois o que está em foco na análise de Bourdieu é o conjunto de regras que sustentam a estrutura como códigos de valores e classificações definidas na luta por estes agentes.

As pessoas estão jogando com os elementos formais para produzir situações que podem ser registradas, como o fato de Jose não contar que faz pão em casa e ajuda seu marido na confecção de doces. No fundo, estão se

movimentando no interior de rígidos espaços; onde um olhar apressado veria paralisia, existem, na verdade, sutis, mas efetivos e decisivos movimentos. A utilização das histórias pessoais, a repetição insistente de memórias para reconstruir situações, a comunicação em espaços de consultas e perícias de sentimentos e afetos que permeiam este processo funciona como modos de disputa pelos caminhos do registro.

Se pensamos a burocracia como um campo social no qual distintos agentes disputam um dado modo de representação do corpo e da pessoa, é natural observar que essa disputa não se limita aos capitais simbólicos, as pessoas jogam com o que tem, movimentam-se por entre as linhas, repetem insistentemente, transitam histórias entre os diferentes espaços, recontam suas experiências em termos não de submissão, mas sobretudo de ação. Quando se calam, estão agindo, uma vez que o silêncio é o fim inevitável de uma situação na qual o sujeito é negado. Com isso, insisto no caráter dinâmico e de trânsito das categorias, dos espaços, das memórias e das pessoas.

Aqui se faz importante lembrar o movimento de Mahmood (2006), que desloca o sentido de agência para o de resistência: se a agência é uma capacidade para ação, essas pessoas agenciam os termos possíveis do debate público a respeito de suas situações ao demarcarem posições, situações no interior de um universo estruturado, atravessando a norma técnica objetiva por situações subjetivas.

## Referências

ALVES DA SILVA, WAGNER G. O filho, o pesquisador e o filho-pesquisador: análise de uma trajetória individual. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, vol. 8, n.1, 2017, p. 166-184.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974

CASTRO, Celso.; CUNHA, Olívia. M. G. “Quando o campo é o arquivo”. **Estudos Históricos**, n. 36, pp. 3-5, 2005.

CERTEAU, Michel. de. Fazer com: usos e tática. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1 (Artes de fazer); 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Pp. 91-110

CUNHA, Olívia. M. G da. “Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos”. **Estudos Históricos**, 2005, 26: 7-32.

DUARTE, Luiz F. D. **Da vida nervosa** (nas classes trabalhadoras urbanas). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor-CNPq, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Historia de la medicalización. Segunda conferencia dictada en el curso de medicina social que tuvo lugar en octubre de 1974 en el Instituto de Medicina Social, Centro Biomédico, de la Universidad Estatal de Río de Janeiro, Brasil. Revista Educación médica y salud, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 1977.

HULL, Matthew. Documents and bureaucracy. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, pp. 251-267, 2012.

MAHMOOD, Saba. **Teoria feminista, agência e sujeito libertatório**: algumas reflexões sobre o revivalismo Islâmico no Egito. Revista Etnográfica [online], v. 10. 2006.

MENEZES, Rachel. A. **Dífceis decisões**. Uma abordagem antropológica da prática médica em CTI. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PISCITELLI, Adriana. **Entre as “máfias” e a “ajuda”**: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. Cadernos Pagu, Campinas, n. 31, pp. 29-63, 2008.



SOUZA, Iara. M. A. Produzindo corpo, doença e tratamento no ambulatório; apresentação de casos e registro em prontuários. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 471-498, 2007.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, Sérgio R. R.; LIMA, Antonio C. S.; TEIXEIRA, Carla C. (orgs.). **Antropologia das práticas de poder**: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Faperj, 2014.



RELATÓRIO DO CONGRESSO  
INTERNACIONAL DE  
LITERATURA, CULTURA E  
RESISTÊNCIA

21 a 23 de maio de 2020

PPGEL/UNEMAT

Nos dias 21, 22 e 23 de maio de 2020, aconteceu o **Congresso Internacional de Literatura, Cultura e Resistência-CILCER**, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT, na cidade de Tangará da Serra-Mato Grosso, sob a Coordenação Geral da Profa. Dra. Walnice Aparecida Matos Vilalva, também Coordenadora do PPGEL/UNEMAT e Comissão Organizadora constituída pelos seguintes membros: José Flávio da Paz e Néstor Raúl González Gutiérrez, ambos doutorando do PPGEL/UNEMAT, Josimeire Santos da Mata, mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia-PPGMEL/UNIR e Lucinea dos Santos Ferreira, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro-PPGAS/UFRJ.

O CILCER 2020 foi cancelado pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UNEMAT-PROEC/UNEMAT, pelo Parecer n. 152/2020-PROEC “Eventos e Cursos”, vinculado ao Edital 004/2020-PROEC, datado de 12 de maio de 2020. À PROEC coube a definição do público-alvo, em consonância com o Projeto do Evento; número de vagas ofertadas; a carga horária total; a certificação dos participantes; a duração e o arquivo dos registros feitos durante Evento.

A programação do CILCER 2020 consistiu na exposição de 23 (vinte e três) palestrantes, sendo 11 (onze) delas no primeiro dia e 12 (doze) no segundo. No terceiro dia, foram apresentadas 16 (dezesesseis) comunicações orais resultantes de pesquisas concluídas e/ou em andamento.

Nomes dos convidados e das convidadas, bem como sua titulação acadêmica, títulos das suas

apresentações e origens (geográficos e institucionais) são apresentadas a seguir, conforme programação divulgada e efetivamente realizada:

Após a abertura oficial do CILCER 2020, pela Coordenadora Geral do Evento, foi exposta por **Larissa Gotti Pissinatti**, Doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Maringá-UEM e docente do Departamento de LIBRAS da Universidade Federal de Rondônia-DLIBRAS/UNIR, a palestra intitulada como **Literatura Infante-Juvenil: resistência e descolonização**;

Na sequência, **Edilson do Rosário Jorge de Ngunza**, contista, ator, dramaturgo e publicitário angolano. Escritor premiado no Brasil e em países da África brindou os participantes do CILCER 2020, com a palestra **Perspectivas Polifônicas da/na Literatura Angola: cenário atual, desafios e possibilidades**.

**Marcia Rosenberger**, Arte-educadora e editora do selo Loreley Books, Artista Visual e Especialista em Estética e História da Arte pelas Faculdades Integradas Coração de Jesus, FAINC/FATEA e em Educação Comunitária pela Universidade Anhembi Morumbi expos sobre as **Histórias para Ouvir antes de Dormir: a poética nos Livros de Artista no Brasil**.

**Shirley Barbosa das Neves Porto**, Doutora em Educação - Universidade Federal da Paraíba-UFPB e docente do curso de Licenciatura em Letras/Libras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande-PPGLE/UFCC proferiu o tema: **O “Invasor” Ouvinte Contribuiu com a Literatura Surda? reflexões sobre contribuições do ouvinte à literatura em língua de sinais**.

**Manoel Messias Feitosa Soares**, Mestre em Letras: Linguagem e Identidade - Universidade Federal do Acre-

UFAC e Professor Mediador do Sistema Público de Ensino do Município de Rio Branco Acre, abriu o turno vespertino, falando sobre a **História, Memória e Cultura na Obra Literária “Empate”, de Autoria da Escritora Acreana Florentina Esteves.**

**Paulo Eduardo Benites de Moraes**, Pós-Doutorando na Universidade Católica Dom Bosco-UCDB; Doutor em Letras e Mestre em Estudos de Linguagens - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS e docente do Departamento de Línguas Estrangeiras-DLE/UNIR e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia-PPGEL/UNIR, palestrou o tema **A Gente Não Vai Ao Chão Sem Luta, Sem Resistência.**

Seguidamente, **Renato de Oliveira Dering**, Doutorando em Letras e Linguística - Universidade Federal de Goiás-UFG, docente do Centro Universitário de Goiás-Uni-Anhanguera, Supervisor da Área de Pesquisa Científica (SAPC) versou sobre **A Avaliação de Língua Portuguesa na Prova de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio: uma reflexão na perspectiva decolonial.**

**Deise Leite Bittencourt Friedrich**, Doutoranda em Letras - Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, docente de Língua Espanhola e Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-IFRS, campus Porto Alegre, contribuiu com **A Formação do Profissional de Letras e Atividades de Resistência para sua Prática Docente.**

No início do terceiro turno do primeiro dia do CILCER 2020, a fala foi cedida à escritora pernambucana, estudiosa e divulgadora da poesia, vida é obra de Alberto da Cunha Melo, **Cláudia Cordeiro Tavares da Cunha Melo**, Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade de

Filosofia do Recife – FAFIRE que falou sobre a **Poesia Completa de Alberto da Cunha Melo. “Estranha Beleza”: do verso medido à crônica da eternidade.** Atualmente, nas redes sociais, especialmente no seu canal do YouTube, edita e mantém o site oficial do poeta Alberto da Cunha Melo: [www.albertocmelo.com.br](http://www.albertocmelo.com.br).

**Weslei Chaleghi de Melo**, Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR, docente da Faculdade Paraná-FAP e Coordenador Pedagógico no CMEI - Ciranda do Saber proferiu a palestra **A Literatura como Horizonte Humanizador**.

Encerrando as atividades do dia 21, **Camila Andrea Hernandez Castillo**, Mestra em Desenvolvimento Educativo e Social, Membro do Grupo de Pesquisa: Historia en las Disciplinas Escolares da Universidad del Tolima. Professora universitária em programas de Educação, na modalidade de Educação Virtual, Educação a distância e presencial em universidades públicas e privadas na Colômbia, tais como: a Universidad del Tolima, Corporación Universitaria Iberoamerica e Colegio Odontológico Colombiano e professora da Secretaria de Educação de Bogotá falou sobre **La Escuela como Territorio de Prácticas de Resistencia en Escenarios de Emergencia Social, Toribío-Cauca: “El Que es Nasa Resiste”**.

No dia seguinte, as atividades foram retomadas a partir das 08 horas, por Rafael de Souza Bento Fernandes, Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá-UEM e docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE que trouxe a temática, **Corpo, Mídia e Subjetividade: uma análise discursiva**.

**Lucas Rodrigues Lopes**, Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas-

UNICAMP e docente do curso de Letras Inglês da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário do Tocantins/Cametá palestrou sobre **As Representações de Si do(S) Outro(S) nos Mo(Vi)Mentos da Rua: Lugar de Cultura e Resistência.**

**Eduardo Dias da Silva**, Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada - Universidade de Brasília-UNB, técnico e docente da Secretaria de Educação do Distrito Federal, juntamente com **Robson Coelho Tinoco** - Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo-USP e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, este Professor Titular do Instituto de Letras - Departamento de Teoria literária e literaturas-TEL/UnB/Departamento de Linguística-LIP/UnB palestraram o tema; **Literatura e Identidade Cultural.**

Encerrando as atividades acadêmicas dessa manhã, **Éderson Luis Silveira** – Doutorando e Mestre em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e bolsista do CAPES/CNPq propôs e apresentou o tema **Estudos linguístico-discursivos para pensar uma história do presente: atravessamentos e possibilidades da análise foucaultiana do discurso.**

**Márcia Dias dos Santos**, Mestra em Ciências da Linguagem - Universidade Federal de Rondônia-DACL/UNIR, poeta, escritora, docente do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem-DACL/UNIR - Campus de Guajará-Mirim e membro da Academia Guajaramirense de Letras-AGL, proferiu a palestra **Letramento Literário na Escola: espaços possíveis com obras de autoria indígena**

Sendo sequenciada pela fala de **Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes** - Doutor em Teoria da Literatura e Mestre em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de



Mesquita Filho-UNESP, docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UNIR-Campus de Vilhena e editor do *site* [www.teoliterias.blogspot.com](http://www.teoliterias.blogspot.com), que contribuiu com o tema: **Semiótica e cultura em tempos de convicções.**

**Anísio Batista Pereira** - Doutorando em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Uberlândia-UFU, docente e bolsista do doutoramento em Linguística da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG/UFU, proferiu a palestra **Práticas discursivas de resistência em tempos de censura cultural e Auxiliadora dos Santos Pinto** – Doutora em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, docente do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia-DACL/UNIR - Campus de Guajará-Mirim, Vice líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre as Fronteiras Amazônicas-GEIFA/UNIR e membro da Academia Guajaramirense de Letras-AGL, o tema **História e Literatura: os fios narrativos entremeados pela memória.**

No finalzinho da tarde, **Katryna Cabrini (Paulo de Tarso Cabrini Júnior)** - Doutora, Mestra e Graduada em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, poeta, membro da Academia Bauruense de Letras e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo-IFSP – Campus Avaré fechou o ciclo de exposições do turno com o tema **A literatura no novo campesinato contemporâneo.**

As atividades da noite foram iniciadas com a palestra de **Mônica Maria dos Santos** - Doutoranda em Estudos Literários – Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT e docente desta mesma IES, intitulada como **A narrativa**

como ferramenta de resistência de vozes femininas negras no Brasil.

Seguindo a ordem das apresentações, **Jose Eduardo Martins de Barros Melo** – Doutor e Mestre em Teoria da Literatura – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, poeta, escritor, docente do Departamento Acadêmico de línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-DALV e líder do Grupo de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO proferiu a palestra **Literatura e resistência na literatura pernambucana dos anos 80: o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco-MEIP**.

Encerrando o ciclo de palestras do CILCER 2020, a Coordenadora Geral, **Walnice Aparecida Matos Vilalva** – Pós-Doutora - Universidade de São Paulo-USP; Doutora em Teoria e História Literária-Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP proferiu o tema **Literatura brasileira e resistência: (re)significado da história**, igualmente, dirigiu palavras de gratidão aos participantes, fossem ouvintes, palestrantes e/ou comunicantes, elogios pela iniciativa acadêmica e gestão técnica da Comissão Organizadora.

No terceiro e último dia, 23 de maio de 2020, foram apresentadas as 16 (dezesesseis) comunicações orais-COs, ocasião que cada expositor ou expositora tiveram aproximadamente 30 (trinta) minutos para suas explicações.

As COs tiveram como apresentadores: mestrandos/mestrandas e doutorandos/doutorandas, doutora e profissionais, vinculados/vinculadas aos PPGEL/UNEMAT; PPGLDC/UEFS; PPGMEL/UNIR, PPGAS/UFRJ e ao Instituto Nacional para Surdos da

Colômbia, conforme títulos, responsáveis e origens acadêmicos, a seguir discriminados:

Iniciaram-se as atividades do CILCER 2020, as 09 horas, estendendo-se as 18 horas. Pela manhã aconteceram as seguintes apresentações: **A Transtextualidade de Genette na Obra "A Noite da Espera" de Milton Hatoum**, Andrea Tavares Ishimoto (Mestranda PPGMEL/UNIR); **Boacê Metlon: "Palavra é Coragem"**, Aline Rochedo Pachamama (Aline do Carmo Rochedo) (Doutora PPGAS/UFRRJ); **O Ato de Criar Mundos: ajuremar, afronizar, encantar, vivências de um terreiro na amazônia**, Anderson Lucas da Costa Pereira (Doutorando PPGAS/UFRJ); **Entre o Kalunga Grande e o Kalunga Pequeno: territórios invisíveis, imagens arquetípicas e artes da escuridão**, Lucinea dos Santos Ferreira (Doutoranda PPGAS/UFRJ); **Re(Significações) do Passado: a literatura oral e o trabalho coletivo**, Girlene da Cruz Ferreira (Mestranda PPGLDC/UEFS); **Frações da Vida Fulni-Ô: por uma etnografia dos possíveis**, Ellen Fernanda Natalino Araújo (Doutoranda PPGAS/UFRJ); **Poesia e Perseguição 'Social' na Obra Yacala, de Alberto da Cunha Melo**, Josimeire Santos da Mata (Mestranda PPGMEL/UNIR); **'Minha Vida é Andar por esse País': deslocamentos de um peão de trecho**, Luana Braga Batista (Doutoranda PPGAS/UFRJ);

As 13h foram iniciadas as atividades do segundo turno do dia com as apresentações: **Nas Franjas do Estado: o caso da política de reabilitação para o trabalho**, Wagner Guilherme Alves da Silva (Doutorando PPGAS/UFRJ); **Linguagem cinematográfica e ensino de língua e literatura: desafios e possibilidades e Corpoética e literatura de resistência feminina: um estudo nas/das obras "Corpos em cena" e "Balés" das poetisas Susanna Busato e Bruna Beber**, ambas de autoria de José Flávio da Paz (Doutorando

PPGEL/UNEMAT/ProDoutoral/CAPES); **Enfermedades Apách y "La máquina que el detecta el sida": memorias, nociones y experiencias de intermedicalidad Awajún Asociadas al VIH/SIDA (amazonía peruana)**, María Ximena Flores Rojas (Doutoranda PPGAS/UFRJ); **Religiosidades maranhenses - anotações iniciais sobre relações étnico-raciais na pajelança**, Stefânia Pereira da Silva (Doutoranda PPGAS/UFRJ); **Literatura y expresión. Una reflexión sobre la cultura y la comunicación de la persona sorda en contextos escolares**, Bibiana Jacqueline Prado Rivera (Instituto Nacional para Surdos da Colômbia) e **Néstor Raúl González Gutiérrez** (Doutorando PPGEL/UNEMAT/FAPEMAT/CAPES). Este último apresentou ainda, uma segunda CO, intitulada: **Literatura e outras artes: a configuração da cultura e da resistência na produção cinematográfica de Ciro Guerra – “El abrazo de la serpiente”**.

Encerrando o ciclo de COs, **Literatura infantil: encantos, aprendizagem, emoção e descobertas na alfabetização**, foi o título apresentado por **Rute Barboza da Silva** (aluna especial do PPGML/UNIR e PPGEL/UNEMAT).

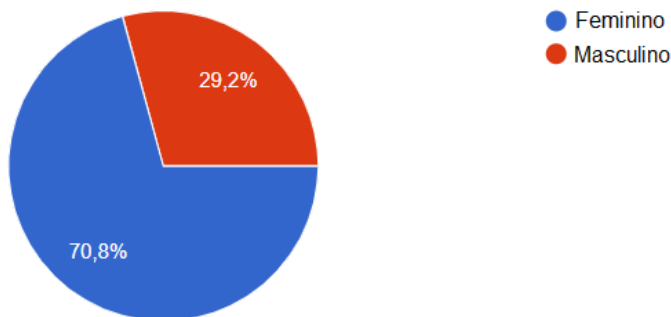
Concernentes aos procedimentos para efetivação das inscrições, coleta dos dados dos inscritos e suas formas de participação, os processos foram gerenciados, com o uso do *Google Docs Forms*, no seguinte endereço <https://forms.gle/bq6CfR3GsrEzLsfK7>, ocasião que a ficha de inscrição apresentava-se formatada para atender em três idiomas: espanhol, inglês e português, considerando que o CILCER 2020 atingiria públicos oriundos de diversos países do planeta.



As exibições das palestras aconteceram por meio de diversos endereços do *Google Meet* (anteriormente *Hangouts Meet*), via videochamadas.

O CILCER 2020 contou com 1.258 inscritos, resultando no seguinte perfil:

Relacionado ao sexo:



As origens institucionais dos inscritos e das inscritas são as apresentadas a seguir, considerando que muitos se apresentaram como aposentados, sem vínculo, visto que

são egressos de IES, mas não empregados e, outros ainda, por estarem em formação continuada pós-médio, não estão ingressos o ensino superior:

Banco Millennium Atlântico (Angola)  
CEJA 15 de Outubro  
Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú - CAPI  
Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco - CESVASF  
Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Rondonópolis-CEFAPRO  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET MG  
Centro Social Clodoveu Arruda  
Centro Universitário Cesumar  
Centro Universitário Claretiano  
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste  
Centro Universitário de Goiás - Uni-Anhanguera  
Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES  
Centro Universitário do Sagrado Coração  
Centro Universitário Favoni  
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG  
Centro Universitário IESB - Instituto de Educação Superior de Brasília  
Centro Universitário Inta - UNINTA  
Centro Universitário Internacional - UNINTER  
Centro Universitário Mauricio de Nassau - UNINASSAU  
Colégio Educar  
Colégio Estadual Professor Jairo Alves Pereira - CEPJAP

Colégio Nilson Ribas  
Colégio Pedro II  
Colégio Santa Teresa de Jesus  
Colégio Sesi Internacional Londrina  
Conselho Municipal de Educação  
Descomplica  
E.E. 13 de Maio  
E.E. 19 de Julho  
E.E. André Antônio Maggi  
E.E. Angelina Franciscon Mazutti  
E.E. Antonio Casa Grande  
E.E. Cremilda de Oliveira Viana.  
E.E. Dr. Anísio José Moreira  
E.E. Edison Nolasco  
E.E. Indígena Pé de Mutum  
E.E. Maria Arlete Toledo  
E.E. Paulo Freire  
E.E. Raimundo Pinheiro da Silva  
E.E. São José do Rio Claro  
E.E. São Lourenço - SEDUC MT  
E.E. Técnica Monteiro Lobato  
E.E. Tiradentes  
E.E. União e Força  
E.E. Wilson Camargo  
E.M. Helena Kolody  
E.M. Jacinta Enéas Orzil  
E.M. Paulo Freire  
ECIT José Luiz Neto  
Edições do Balão  
Editora Record  
EMEB Maria Elazir Corrêa de Figueiredo  
EMEB Nossa Senhora Aparecida  
Escola Alto da Glória

Escola Benfica  
Escola de Ensino Médio Deputado Manoel Rodrigues  
Escola de Referência em Ensino Médio Quintino Bocaiúva Camo  
Escola Dom Antônio Campelo  
Escola Emanuel Pinheiro.  
Escola Estadual Enio Pipino  
Escola Idalina de Farias  
Escola João Rodrigues Cardoso  
Escola Júlio Muller  
Escola Olegário Moreira de Barros  
Escola São Francisco de Assis  
Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação - ESAMC  
ETEC de Itanhaém  
Exército Brasileiro  
Faculdade Adventista de Angola (Angola)  
Faculdade Católica de Pouso Alegre  
Faculdade Católica de Rondônia – FCR  
Faculdade Católica do Mato Grosso  
Faculdade Católica Paulista  
Faculdade Católica Rainha da Paz - FCARP  
Faculdade Ciências Biomédicas de Cacoal - FACIMED Cacoal  
Faculdade de Ciências Aplicadas de Belo Horizonte  
Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO  
Faculdade de Educação de Tangará da Serra - FAEST/UNISERRA  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo - FEUC  
Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM  
Faculdade Educacional da Lapa - FAEL



Faculdade Eugênio Gomes - FAEG  
Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE  
Faculdade Integrada Instituto Souza  
Faculdade Plus  
Faculdades Integradas de Cacoal - UNESC  
Faculdades Nova Esperança – FACENE Mossoró  
FATEC Itapira  
Fundação de Apoio ao Ensino Superior Divino  
Educativo – FAESDE  
Fundação Educacional Unificada Campograndense  
Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ  
GE Livros de Artista  
Grupo de Estudos de Livro de Artista com Fabiola  
Norari  
IEE Wilson Camargo  
Institutional Linkage  
Instituto de Arte - UNESP  
Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESFMA  
Instituto de Estudos Brasileiros – USP  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
Baiano - IFBAINO  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
Catarinense - IFC Camboriú  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
da Paraíba - IFPB  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
de Alagoas - IFAL  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
de Brasília - IFB  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
de Goiás - IFGO  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
de Minas Gerais - IFMG

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFC  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso - IFMT  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul - IFMS  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IF SERTÃO  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - IF Goiano

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
Norte de Minas Gerais - IFNMG  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
Sul-Rio-Grandense - IFSul  
Instituto Humanitas Unisinos - IHU  
Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla  
- ISCED (Angola)  
Instituto Superior Deolinda Rodrigues (Angola)  
Instituto Superior Politécnico do Kwanza Sul  
Instituto Teológico Franciscano  
MAC ADUANESIO  
Museu Nacional do RJ-PPGAS/UFRJ  
Museu Nacional/UFRJ  
Núcleo de Ensino Superior de Boca do Acre  
Pachamama Editora  
Patrulheiros Campinas  
Platos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC  
Goiás  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais -  
PUC Minas  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-  
SP  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul - PUCRS  
Secretária da Educação do Estado de São Paulo  
Secretaria de Educação de Pernambuco  
Secretaria de Educação do Amazonas  
Secretaria de Educação do Distrito Federal  
Secretaria de Educação Municipal de Diadema  
Secretaria de Educação Municipal de Guaíba  
Secretaria de Educação Municipal de Magé

Secretaria de Educação Municipal de Nova Mamoré  
Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais -  
SEE-MG

Secretaria de Estado da Educação de Rondônia -  
SEDUC-RO

Secretaria de Estado da Educação do Ceará –  
SEDUC-CE

Secretaria de Estado da Educação do Maranhão  
Secretaria de Estado da Educação do Piauí - SEDUC-  
PI

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso -  
SEDUC - MT

Secretaria Estadual de Educação de Alagoas

Secretaria Estadual de Educação da Bahia

Secretaria Municipal de Educação de Blumenau-SC

Secretaria Municipal de Educação de Guajará  
Mirim/RO

Secretaria Municipal de Educação de Nova  
Mamoré/RO

Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho -  
SEMED Porto Velho

Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis  
Universidad Internacional Tres Fronteras –  
UNINTER (Paraguai)

Universidad San Lorenzo - UNISAL (Paraguai)

Universidade 11 de Novembro - UON (Angola)

Universidade Aberta (Portugal)

Universidade Aberta do Brasil - UAB

Universidade Agostinho Neto - UAN (Angola)

Universidade Candido Mendes - UCAM

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Universidade Católica do Salvador - UCSAL

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Universidade Cruzeiro do Sul - UNISUL  
Universidade da Amazônia - UNAMA  
Universidade de Brasília - UnB  
Universidade de Caxias do Sul - UCS  
Universidade de Coimbra (Portugal)  
Universidade de Cuiabá - UNIC  
Universidade de Franca - UNIFRAN  
Universidade de Macau - UM (Macau)  
Universidade de Pernambuco - UPE  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -  
UERN  
Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES  
Universidade Estácio de Sá  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB  
Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS  
Universidade Estadual de Goiás - UEG  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
Universidade Estadual de Maringá - UEM  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -  
UEMS  
Universidade Estadual de Montes Claros -  
UNIMONTES  
Universidade Estadual de Roraima - UERR  
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Universidade Federal de Goiás - UFG

Universidade Federal de Grande Dourado - UFGD

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Universidade Federal de Lavras - UFLA

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Universidade Federal de Santa maria - UFSM

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Universidade Federal de Viçosa - UFV

Universidade Federal do Acre - UFAC

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE

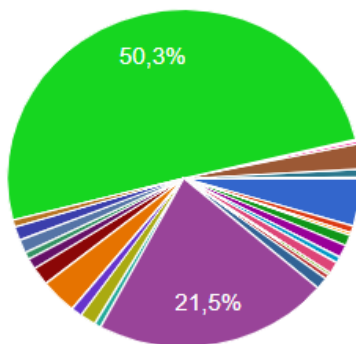
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Universidade Federal do Ceará - UFC  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -  
UNIRIO  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul -  
UFMS  
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
Universidade Federal do Paraná - UFPR  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -  
UFRB  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte -  
UFRN  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
Universidade Federal do Tocantins - UFT  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e  
Mucuri - UFVJM  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA  
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE  
Universidade José Eduardo dos Santos - UJES  
(Angola)  
Universidade Luterana do Brasil - ULBRA  
Universidade Mandume ya Ndemufayo - UMN  
(Angola)  
Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES  
Universidade Paulista - UNIP

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
 Universidade Pública de Cabo Verde (Cabo Verde)  
 Universidade Regional do Cariri - URCA  
 Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI  
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UFTPR  
 Universidade Vale do Itajaí - UNIVALI  
 Universidade Veiga de Almeida - UVA  
 Université de Rennes II (França)  
 Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR

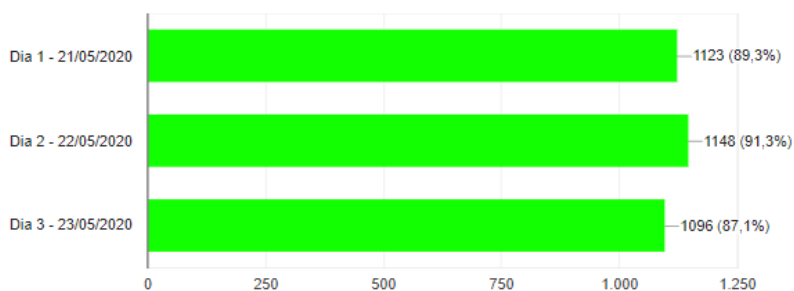
Quanto a origem geográfica, tivemos as seguintes respostas:



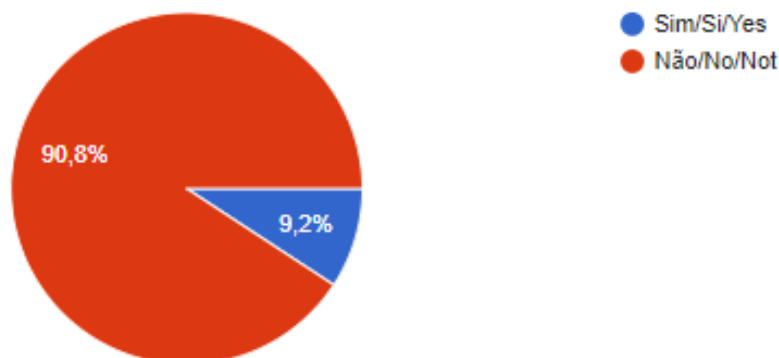


Sendo que 97 inscritos preencheram o item: **outros**, apresentando-se oriundos dos seguintes países: Angola, Bolívia, Cabo Verde, Chile, Colômbia, Equador, França, Guatemala, Macau, México, Moçambique, Peru, Paraguai, Portugal, Timor-Leste e Venezuela.

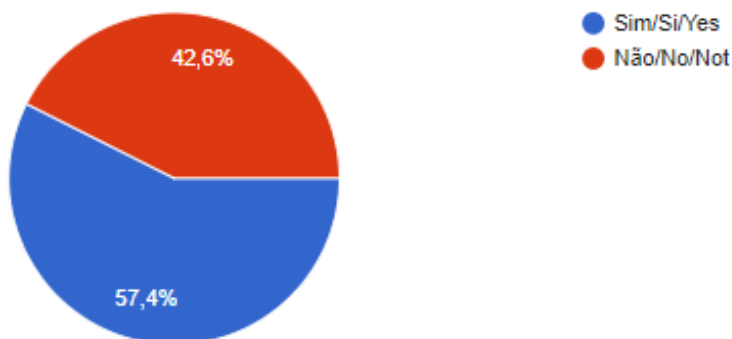
Quando questionados em quantos dias pretendem participar durante o CILCER 2020, assim se manifestaram:



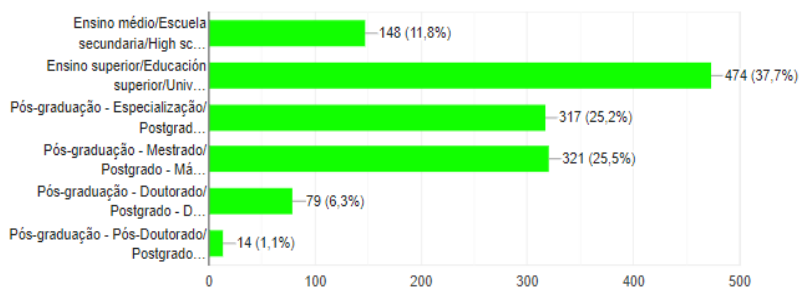
Indagados se apresentarão comunicações orais nesta edição do CILCER 2020, tivemos as seguintes posições:



Na possibilidade de uma próxima edição do CILCER, indagou-se sobre o interesse de o participante apresentar Comunicação Oral, ocasião que responderam:

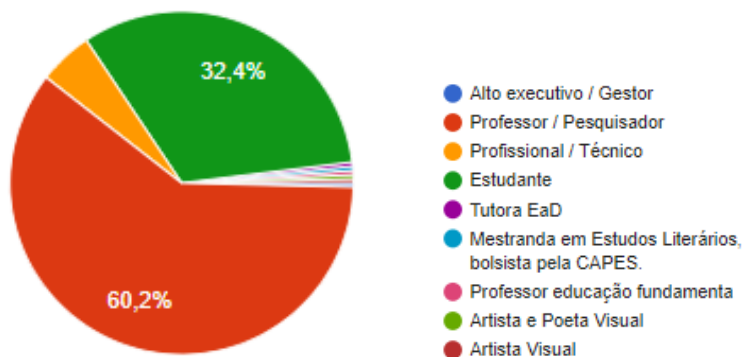


Sobre a formação acadêmica dos participantes, o público foi constituído por:

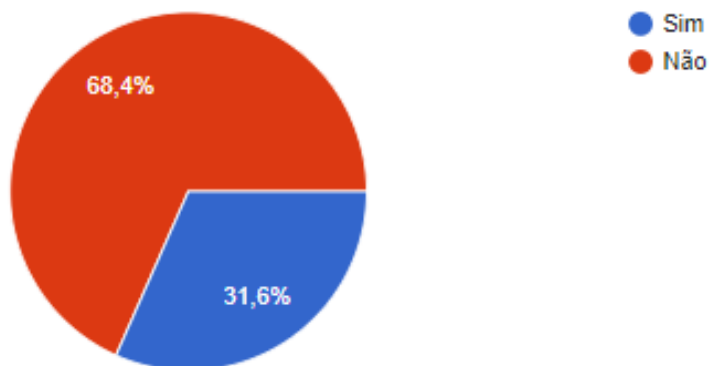


Ao término do CILCER 2020 foi aplicado um questionário de avaliação nos mesmos moldes do formulário de inscrição, ou seja, no *Google Docs Forms*, disponível no seguinte endereço <https://forms.gle/RXrVq1jTpTaPdRpM6>, cujas considerações passa-se a descrever:

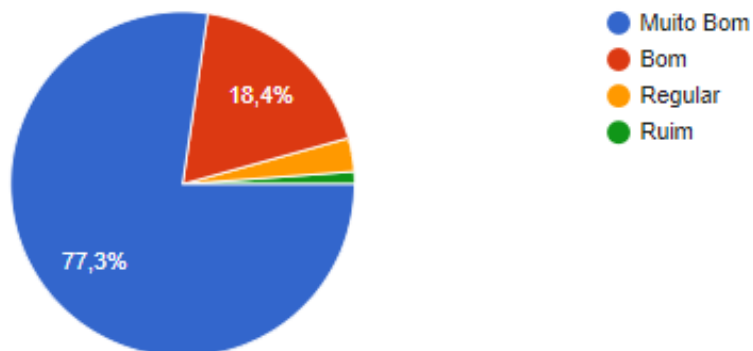
Concernente a atuação funcional dos participantes:



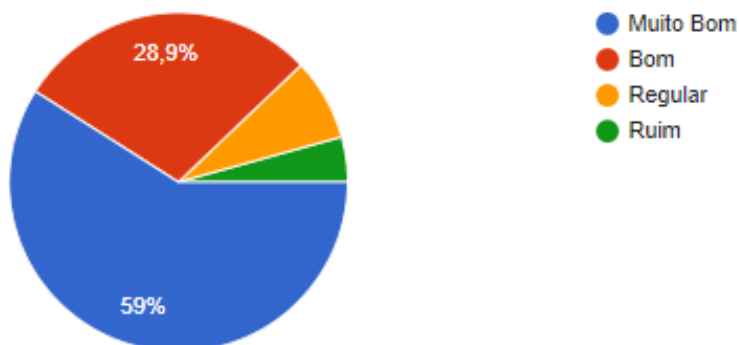
Perguntou-se se o participante já havia participado de outros eventos realizados pela UNEMAT e o resultado assim se apresentou:



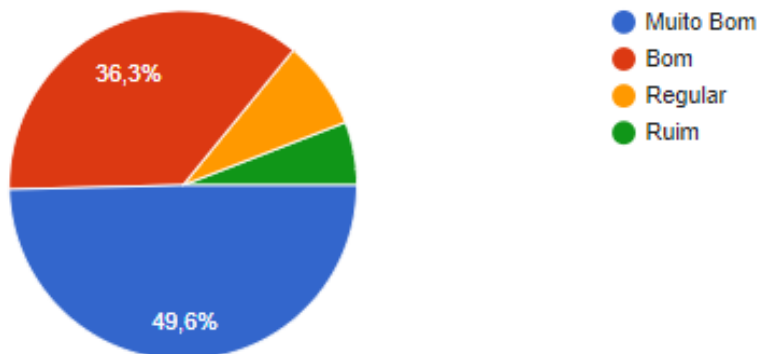
Solicitou-se que avaliassem acerca da programação ofertada e o resultado foi muito bom, como podemos constatar em:



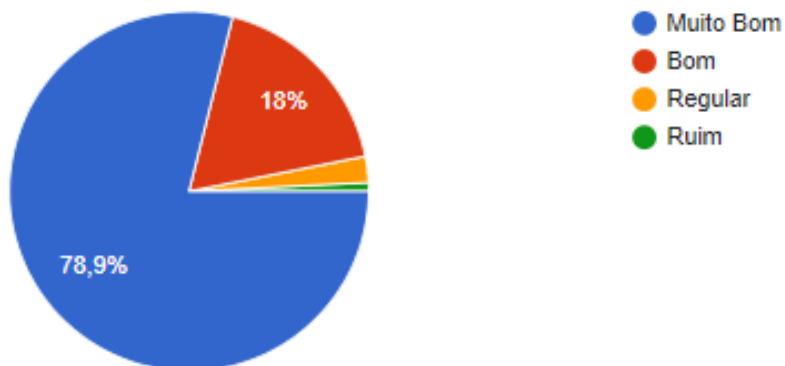
Sobre a organização do CILCER 2020, como avaliariam?



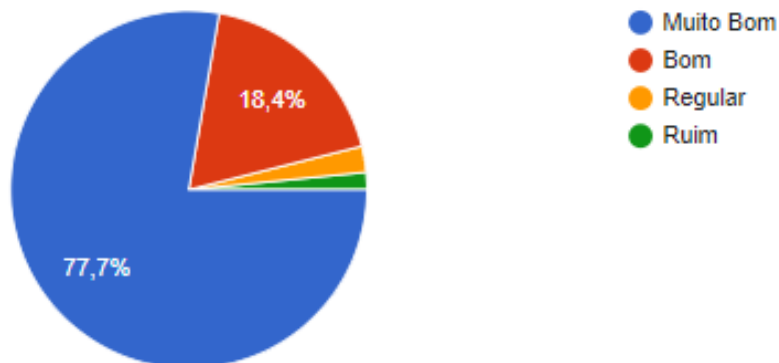
Acerca da distribuição das salas:



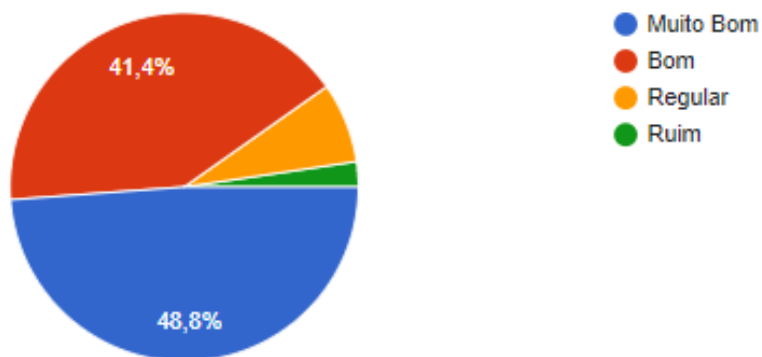
Sobre os temas abordados durante o CILCER 2020:



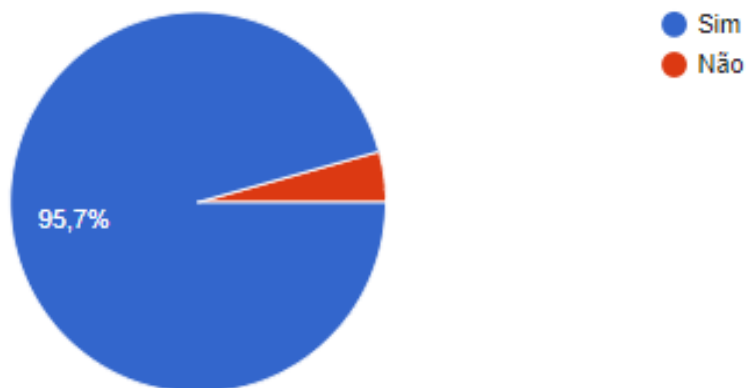
Acerca dos conhecimentos dos palestrantes e comunicantes:



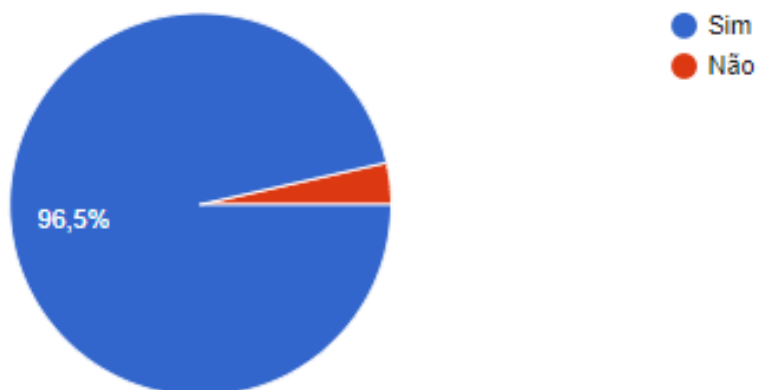
Concernente a carga horária de execução do CILCER 2020:



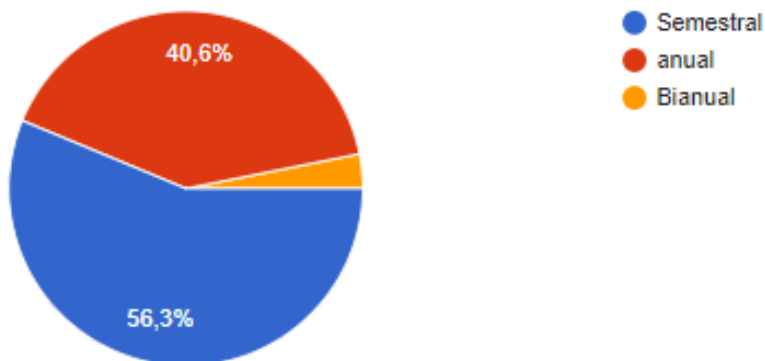
Indagados sobre a indicação dos CILCER's subsequentes a outras pessoas:



Sobre a sua participação nas edições futuras do CILCE:



Sobre a periodicidade de realização do CILCER, responderam:



Pediu-se, por fim, que avaliassem, sugerissem temas e nomes de futuros expositores para os próximos CILCER's e as respostas foram:

### Temas:

- A Constituição da forma- sujeito Índio nos discursos;
- A leitura Literária e a formação do leitor digital;
- A Literatura como vida e a vida pós pandemia;
- A literatura de Lygia Bojunga;
- A Literatura e o Cinema no Ensino da Diversidade Inclusão Social;
- A literatura no ensino de língua estrangeira, em especial o espanhol;
- A mulher na Literatura;
- A pessoa com sequela de Paralisia Cerebral e o processo de Inclusão;
- A Terminologia na Era da Informática Educativa;
- Abordagens na área de Sociolinguística;
- Abordagens sobre fonética;



- Assuntos relacionados a Ecocrítica;
- Como contar histórias;
- Como incentivar a produção escrita nos anos iniciais do ensino fundamental;
- Cultura dos Imigrantes no Brasil;
- Cultura e identidade amazônica
- Currículo e a BNCC;
- Desafios para o ensino da literatura no ensino de línguas estrangeira;
- Descolonização e colonização;
- Discussões sobre a BNCC e metodologias ativas considerando que além de pesquisadores somos também professores da Educação Básica;
- Diversidad y poder;
- Economia indígena;
- Educação das escritas;
- Educação de Surdos;
- Educação e as novas abordagens diante dos dilemas;
- Educação em ambiente prisional e remição de pena por leitura;
- Educação especial;
- Educação literária e metodologias ativas;
- Educação pós-pandemia;
- Ensino de línguas;
- Escrever textos durante a alfabetização;
- Escrita feminina;
- Estética da Recepção de literatura indígena de autoria indígena com público de alunos indígenas;
- Estética da recepção;
- Estudos culturais da mídia
- Estudos de gênero e Representações;
- Estudos e correntes linguísticas;
- Estudos realizados por Saussure;

- Estudos sobre a linguagem e novas mídias digitais;
- Formação de professores;
- Gênero e Metaficção historiográfica;
- Gênero, raça, sexualidade;
- Harmonização Linguística;
- Histórias de assombração, medo, insólito;
- Identidade e letramento literário;
- Inclusão social e diversidade cultural da pessoa com deficiência;
- Leitura de Cidade (Análise do Discurso);
- Leitura de mulheres negras e indígenas;
- Leitura e produção de contos;
- Leitura literária nos meios digitais;
- Leitura subjetiva;
- Leitura, Literatura e Ensino;
- Letramento literário em Língua Estrangeira;
- Letramento literário;
- Linguagem e resistência;
- Literatura a partir da perspectiva indígena;
- Literatura Africana de Escrita feminina;
- Literatura Africana de países falantes da Língua Portuguesa;
- Literatura Africana e Afro-brasileira;
- Literatura brasileira;
- Literatura e comportamento - Cultura clássica e Grotesca;
- Literatura e dramaturgia
- Literatura e ensino: os desafios da educação literária no sistema de ensino da BNCC;
- Literatura e ensino;
- Literatura e migração;
- Literatura indígena;
- Literatura Infantil e Juvenil;
- Literatura infantil e literatura popular;

- Literatura infantil e tecnologia;
- Literatura infantil em Braile;
- Literatura infantil;
- Literatura infantojuvenil e politicamente correto;
- Literatura Latino Americana;
- Literatura LBTTQI+;
- Literatura marginal;
- Literatura mato-grossense
- Literatura para Surdos;
- Literatura pós-colonial de países anglófonos;
- Literatura queer;
- Literatura regional;
- Literaturas africanas de língua portuguesa;
- Livro-aplicativo;
- Livro-objeto;
- Memorícidio;
- Metodologia da pesquisa;
- Multiculturalismo na Literatura;
- Multiletramentos;
- Narrativas de filiação e como a ideia de resistência;
- O Enfrentamento de uma renovação pós pandemia;
- O fazer científico nos estudos literários;
- O novo currículo, BNCC, e perspectiva de uniformização frente a resistência e cultura da sociedade contemporânea;
- O silêncio e a fúria - poetas do corpo;
- Periferia poética;
- Poema e prosa do Modernismo brasileiro e suas influências na literatura africana;
- Poema pós-modernismo;
- Poesia e Prosa;
- Poesia feminina nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste;
- Poesia periférica, negra, poesia de resistência;

- Poesia/Linguística/Inglês como idioma mundial;
- Poesias;
- Poéticas de reexistência;
- Poetry Slam;
- Práticas Inovadoras como metodologia de ensino;
- Práticas Literárias;
- Preconceitos e estereótipos - nos contos;
- Produção literária das minorias;
- Prosa histórica, social e urbana;
- Quadrinhos e Literatura;
- Questões de feminismo na literatura;
- Relações de gênero, sexualidade, etnia-raça;
- Semiótica e HQs;
- Semiótica e literatura indígena;
- Semiótica peirceana aplicada;
- Sexualidades, Literatura Escrita e Ditadura Militar;
- Sobre a poética de Hilda Hilst;
- Sobre Bakhtin na Linguística e na Literatura;
- Sobre religião e Educação Especial, ambos no formato para Dança;
- Tecnologias na Educação;
- Telenovela e racismo;
- Temas de África;
- Temas voltados ao mundo pós-pandemia;
- Temáticas indígenas;
- Temáticas ligadas ao ensino nos seus diversos níveis e modalidades;
- Temáticas rurais e acerca do campesinato;
- Teoria literária;
- União da arte erudita e da arte popular;
- Variação linguística no Português Brasileiro;
- Vitalização de línguas indígenas: Língua Kokama;

**Nomes indicados**

- Adriana Fernandes;
- Aline Bei;
- Altaci Rubim/Kokama;
- Amara Moira;
- Ana Maria Gouveia Cavalcanti Aguila;
- Ariceneide Oliveira da Silva.
- Bethânia Moreira;
- Bruna Toso Tavares;
- Caique Fernando da Silva Fistarol;
- Clarissa Loureiro Marinho Barbosa;
- Claudia Cordeiro;
- Conceição Evaristo;
- Cynthia Agra de Brito Neves;
- Daniel Munduruku.
- Djamila Ribeiro;
- Edinho (Edvaldo Santos);
- Eduardo Mahon;
- Eduardo Martins;
- Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (Eliane Galvão);
- Eliane Robert Moraes;
- Elizabeth Sanches;
- Enilde Faustich;
- Gerson Rodrigues de Albuquerque;
- Helvio Gomes Moraes Junior;
- Hugo Monteiro Ferreira;
- José Flávio da Paz;
- Lendro Karnal;
- Lisiane Oliveira;
- Lucilene Silveira Rodrigues;
- Magda Soares;
- Marcia Dias dos Santos;
- Maria José da Silva Morais Costa;

- Maria José da Silva Morais Costa;
- Maria Verônica Tavares Neves Cardoso;
- Marianne Stumpf;
- Marisa Lajolo;
- Moita Lopes;
- Natália Borges Polesso;
- Néstor Raúl González Gutiérrez;
- Nilma Lino Gomes;
- Noelia Nascimento da Silva Sena;
- Noemi Jaffe;
- Patricia Aparecida Gonçalves de Faria;
- Patrícia Pereira da Silva;
- Paulina Chiziane;
- Renato Caetano;
- Rodrigo Machado;
- Ronice Quadros;
- Rosangela Hilário;
- Rosiane Xypas;
- Samuel Lima;
- Silvânia Núbia Chagas;
- Walnice Aparecida Matos Vilalva;
- Wesley Chaleghi de Melo.

### **Avaliações, críticas e sugestões:**

- Devia ser utilizado outra plataforma, tentei acessar várias vezes e não consegui de forma alguma;
- Acredito que os temas abordados foram relevantes.
- Deveram fazer um convite dirigido aos alunos filiados ao Programa de Mestrado Profissional em Letras. Os trabalhos são muito ricos com temáticas voltadas para práticas ensino na Educação Básica.
- Acredito que poderiam trazer autores regionais (Rondônia, Mato Grosso)..

- Creio que as temáticas abordadas foram variadas e contemplaram muitas questões a respeito do aspecto literário.
- Os temas foram ótimos;
- Convidem palestrantes do nordeste
- Eu achei os temas bem diversificados e muito interessantes. Não sugeriria outros, porque acredito que com os temas abordados, podem surgir outras palestras. Mas, quando essa pandemia passar, gostaria de ver a fonte de pesquisa (Pessoas, lugares), de muitos palestrantes. Com certeza a continuação de muitas palestras seria gratificante, já que o tempo foi muito curto!
- Amei o congresso, pena que não consegui assistir todas as *lives*;
- Que prazer ter essa oportunidade!!!
- Obrigada por esse evento maravilhoso!!!

## Anexos

### CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA, CULTURA E RESISTÊNCIA

*Parecer n 152/2020-PROEC “Eventos e Cursos” –  
Vinculado ao Edital 004/2020-PROEC*

On-line via Meet Google

21 a 23 e maio de 2020

Inscreva-se: <https://forms.gle/i8UiNqY5JCTFCr2i7>

### P R O G R A M A Ç Ã O

21 DE MAIO DE 2020

#### 09h – LITERATURA INFANTO-JUVENIL: RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO

**Palestrante: Larissa Gotti Pissinatti** - *Doutoranda em Educação - Universidade Estadual de Maringá-UEM; Mestra em Estudos Literários - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Especialista em Gestão Supervisão e Orientação Escolar - Faculdade de Educação de Porto Velho-UNIPPEC; Especialista e Graduada em Filosofia - Centro Universitário Assunção-UNIFAI; Especialista em Gestão Educacional - Faculdade Porto Velho-FGV/FacPORTO; Prestou Exames do PROLIBRAS - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Brasil. É docente lotada no Departamento de LIBRAS na Universidade Federal de Rondônia-DLIBRAS/UNIR.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/3047273542545380>

#### 10h – PERSPECTIVAS POLIFÔNICAS DA/NA LITERATURA ANGOLA: CENÁRIO ATUAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

**Palestrante: Edilson do Rosário Jorge de Ngunza** – *contista, ator, dramaturgo e publicitário angolano da cidade de Sumbe,*



*provincia de Kwanza-Sul. Escritor premiado no Brasil e em países da África.*

### 11h – HISTÓRIAS PARA OUVIR ANTES DE DORMIR: A POÉTICA NOS LIVROS DE ARTISTA NO BRASIL

**Palestrante: Marcia Rosenberger** - *Artista Visual e Especialista em Estética e História da Arte - Faculdades Integradas Coração de Jesus, FAINC/FATEA e em Educação Comunitária - Universidade Anhembí Morumbi. Arte-educadora e editora do selo Loreley Books. Desenvolve as linguagens da aquarela, fotomontagem e livro de artista. Participa de exposições e feiras de arte nacionais e internacionais.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/4393539414986440>

### 13h – O “INVASOR” OUVINTE CONTRIBUIU COM A LITERATURA SURDA? REFLEXÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES DO OUVINTE À LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS

**Palestrante: Shirley Barbosa das Neves Porto** - *Doutora em Doutorado em Educação - Universidade Federal da Paraíba-UFPB; Mestra em Linguagem e Ensino - Universidade Federal de Campina Grande-UFCC; Especialista em Educação - Universidade Federal da Paraíba-UFPB; Licenciada em Pedagogia/Hab. Educação de Surdos - Universidade Federal de Campina Grande-UFCC; docente do curso de Licenciatura em Letras/Libras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande-PPGLE/UFCC.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/4960345947344178>

### 14h – HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA NA OBRA LITERÁRIA “EMPATE”, DE AUTORIA DA ESCRITORA ACREANA FLORENTINA ESTEVES

**Palestrante: Manoel Messias Feitosa Soares** – *Mestre em Letras: Linguagem e Identidade e Graduado em História - Universidade Federal do Acre-UFAC; Especialista em Psicologia Educacional e Escolar - União Educacional do Norte, UNINORTE; Professor Mediador do Sistema Público de Ensino do Município de Rio Branco Acre.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/7908825005583820>

## 15h – A GENTE NÃO VAI AO CHÃO SEM LUTA, SEM RESISTÊNCIA

**Palestrante: Paulo Eduardo Benites de Moraes** - *Pós-Doutorando na Universidade Católica Dom Bosco-UCDB; Doutor em Letras e Mestre em Estudos de Linguagens - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS; Graduado em Letras - Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. É docente do magistério superior lotado no Departamento de Línguas Estrangeiras-DLE/UNIR e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia-PPGEL/UNIR. Líder do Grupo de Pesquisa em Poéticas Moderna e Contemporânea (UNIR/CNPq) e Membro/Pesquisador do Laboratório de Humanidades (Labuh/CNPq) da Universidade Católica Dom Bosco. e do Grupo de Pesquisa Psicologia & Fenomenologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).*  
CV: <http://lattes.cnpq.br/3962134722733310>

## 16h – A AVALIAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PROVA DE REDAÇÃO DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

**Palestrante: Renato de Oliveira Dering** – *Doutorando em Letras e Linguística - Universidade Federal de Goiás-UFG; Mestre em Letras - Universidade Federal de Viçosa-UFV; Graduado em Letras Português - Universidade Federal de Goiás-UFG. É docente do magistério superior no Centro Universitário de Goiás-Uni-Anhanguera, Supervisor da Área de Pesquisa Científica (SAPC) e líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores de Línguas e Literatura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-FORPROL/UFVJM.*  
CV: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165>

## 17h – A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS E ATIVIDADES DE RESISTÊNCIA PARA SUA PRÁTICA DOCENTE

**Palestrante: Deise Leite Bittencourt Friedrich** - *Doutoranda em Letras - Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Mestre em*

*Linguística Aplicada - Universidade do Vale dos Sinos-UNISINOS; Especialista em Estudos do Texto e do Discurso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Educação - Centro Universitário Internacional-UNINTER. Licenciada em Letras: Língua Portuguesa - Universidade Franciscana-UFN; Letras: Língua Espanhola - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS. É professora de Língua Espanhola e Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-IFRS, campus Porto Alegre.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/8443370679013081>

## **18h – POESIA COMPLETA DE ALBERTO DA CUNHA MELO. “ESTRANHA BELEZA”: DO VERSO MEDIDO À CRÔNICA DA ETERNIDADE**

**Palestrante: Cláudia Cordeiro Tavares da Cunha Melo** – Especialista em Literatura Brasileira (2003), graduada em Letras (1985) – Inglês, Português e respectivas literaturas -- pela Faculdade de Filosofia do Recife - FAFIRE. Escritora pernambucana, estudiosa e divulgadora da Poesia, sua vida é dedicada a essa arte, sobretudo à obra de Alberto da Cunha Melo. A monografia, resultado de sua especialização, *Faces da Resistência na Poesia de Alberto da Cunha Melo* foi publicada e lançada na Universidade de São Paulo – USP – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Pós-graduação, em 15 de outubro de 2003, quando presidiu conferência de mesmo título. Organizadora e prefaciadora de diversos livros, destacam-se, entre os mais recentes: *Poesia completa de Alberto da Cunha Melo*, pela Editora Record, 2017, e *Estranha Beleza. Antologia Brasileira da Retranca*, Editora Mondrongo, 2018. Na área de incentivo à literatura no meio digital, foi editora, organizadora e coordenadora dos prêmios *Poesia ao Vídeo* (2007 a 2011), *TOC 140, Poesia no Twitter* (2011 a 2015) e *Maratona do Conhecimento Literário* (2011), no âmbito da *Fliporto – Festa Literária Internacional de Pernambuco*. Gerente de conteúdo de vários sites literários, entre eles o primeiro site pernambucano dedicado à poesia: [www.plataforma.paraapoesia.nom.br](http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br), atualmente nas redes sociais, especialmente no seu canal do YouTube. Edita e mantém o site oficial do poeta Alberto da Cunha Melo: [www.albertocmelo.com.br](http://www.albertocmelo.com.br)  
E-mail: [clau.cord@gmail.com](mailto:clau.cord@gmail.com)

## 19h – A LITERATURA COMO HORIZONTE HUMANIZADOR

**Palestrante: Weslei Chaleghi de Melo** - *Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR; Especialista em Educação Especial e Inclusiva - Faculdade São Luís-ANEAS; Psicopedagogia Clínica e Institucional e Ensino Religioso - Faculdade Única de Ipatinga, FUNIP. Gestão Escolar: Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção - Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras-FACEL; Graduado em Pedagogia - Centro de Ensino Superior de Maringá-UniCESUMAR. É docente do magistério superior na Faculdade Paraná-FAP e Coordenador Pedagógico no CMEI - Ciranda do Saber.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/1435734968991252>

## 20h – LA ESCUELA COMO TERRITORIO DE PRÁCTICAS DE RESISTENCIA EN ESCENARIOS DE EMERGENCIA SOCIAL, TORIBÍO-CAUCA: “EL QUE ES NASA RESISTE”

**Palestrante: Camila Andrea Hernandez Castillo** - *Mestra em Desenvolvimento Educativo e Social, Membro do Grupo de Pesquisa: Historia en las Disciplinas Escolares da Universidad del Tolima. Licenciada em Educação com ênfase em Educação Especial - Universidad Pedagógica Nacional. Professora universitária em programas de Educação, na modalidade de Educação Virtual, Educação a distância e presencial em universidades públicas e privadas na Colômbia, tais como: a Universidad del Tolima, Corporación Universitaria Iberoamerica e Colegio Odontológico Colombiano. Também é professora concursada da Secretaria de Educação de Bogotá. Tem experiência em trabalho com pessoas surdas em docência e interpretação em língua de sinais e espanhol oral, bem como no planejamento e implementação de políticas, estratégias, planos e projetos de intervenção social com ênfase em comunidades em situação de desvantagem e pessoas com deficiência.*

E-mail: [camilaahc@gmail.com](mailto:camilaahc@gmail.com)

22 DE MAIO DE 2020

## 08h – CORPO, MÍDIA E SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

**Palestrante: Rafael de Souza Bento Fernandes** - *Doutorado em Letras - Universidade Estadual de Maringá-UEM; Mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade e Graduação em Letras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE; Especialista em Docência no Ensino Superior - Faculdade Sul Brasil-FASUL. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE e Membro/Pesquisador do Grupo de Estudos em Análise do Discurso da Universidade Estadual de Maringá-UEM-GEDUEM/CNPq.*  
CV: <http://lattes.cnpq.br/9990747028801215>

## 09h – AS REPRESENTAÇÕES DE SI DO(S) OUTRO(S) NOS MO(VI)MENTOS DA RUA: LUGAR DE CULTURA E RESISTÊNCIA

**Palestrante: Lucas Rodrigues Lopes** - *Doutor em Linguística Aplicada - Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP; Mestre em Linguística - Universidade Federal de São Carlos-UFSCAR; Bacharel e Licenciado em Letras Português/Inglês - Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUC Campinas; É docente do curso de Letras Inglês na Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário do Tocantins/Cametá.*  
CV: <http://lattes.cnpq.br/8141687357119122>

## 10h – LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL

**Palestrante: Eduardo Dias da Silva** - *Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada - Universidade de Brasília-UNB; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira - Centro Universitário Internacional-UNINTER; Graduação em Letras Francês - Universidade de Brasília-UNB; Graduação em Letras: Português e Inglês - Instituto de Ciências Sociais e Humanas, ICSH; Graduação em Pedagogia - Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz-FACIBRA,*  
CV: <http://lattes.cnpq.br/5262032700960455>

**Palestrante: Robson Coelho Tinoco** - *Pós-Doutorado - Universidade de São Paulo-USP; Pós-Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP; Doutor em Literatura - Universidade de Brasília-UnB; Mestrado em Língua Portuguesa - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP; Graduação em*

*Letras - Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena-FSFCL. Professor Titular do Instituto de Letras - Departamento de Teoria literária e literaturas-TEL/UnB/Departamento de Linguística-LIP/UnB.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/4786357071287726>

### **11h – ESTUDOS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS PARA PENSAR UMA HISTÓRIA DO PRESENTE: ATRAVESSAMENTOS E POSSIBILIDADES DA ANÁLISE FOUCAULTIANA DO DISCURSO**

**Palestrante: Éderson Luis Silveira** – *Doutorando e Mestre em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; Graduação em Letras Vernáculas - Universidade Federal do Rio Grande-FURG. É bolsista de doutorado do CAPES/CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/9636609353277293>

### **13h – LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA: ESPAÇOS POSSÍVEIS COM OBRAS DE AUTORIA INDÍGENA**

**Palestrante: Márcia Dias dos Santos** - *Mestra em Ciências da Linguagem, Especialista em Linguagem e Educação e Graduada em Letras - Universidade Federal de Rondônia-UNIR. É Poeta, escritora, docente do magistério superior lotada no Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia-DACL/UNIR - Campus de Guajará-Mirim e membro da Academia Guajaramirense de Letras-AGL.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/2106406700714396>

### **14h – SEMIÓTICA E CULTURA EM TEMPOS DE CONVICÇÕES**

**Palestrante: Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes** - *Doutor em Teoria da Literatura e Mestre em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP; Especialista em Língua Portuguesa - Universidade Federal de Rondônia, UNIR; Bacharel em Direito - Faculdades Integradas de Cacoal-UNESC; Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; É docente do magistério superior lotado no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UNIR-Campus de Vilhena. Editor do sítio [www.teoliterias.blogspot.com](http://www.teoliterias.blogspot.com).*

CV: <http://lattes.cnpq.br/2434028210611714>

## 15h – PRÁTICAS DISCURSIVAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CENSURA CULTURAL

**Palestrante: Anísio Batista Pereira** - *Doutorando em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Uberlândia-UFU; Mestre em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Goiás-UFG; Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica - Faculdade da Academia Brasileira de Educação e Cultura-FABEC; Licenciado em Letras - Universidade Federal de Goiás-UFG; Licenciado em Informática - Universidade Estadual de Goiás-UEG. É docente do magistério superior: graduação e pós-graduação, membro do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia-LEDIF/ ILEEL/UFU/CNPq) e bolsista do doutoramento em Linguística da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG/UFU,*

CV: <http://lattes.cnpq.br/5123270216969087>

## 16h – HISTÓRIA E LITERATURA: OS FIOS NARRATIVOS ENTREMADOS PELA MEMÓRIA

**Palestrante: Auxiliadora dos Santos Pinto** – *Doutora em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP; Mestra em Linguística, Especialista em Administração Pública, Ensino Superior, Gestão de Recursos Humanos, Administração Empresarial e graduada em Letras: Português e Literaturas Portuguesas - Universidade Federal de Rondônia-UNIR. É docente do magistério superior lotada no Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia-DACL/UNIR - Campus de Guajará-Mirim, Vice líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre as Fronteiras Amazônicas-GEIFA/UNIR e membro da Academia Guajaramirense de Letras-AGL.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/9380284076167461>

## 17h – A LITERATURA NO NOVO CAMPESINATO CONTEMPORÂNEO

**Palestrante: Katryna Cabrini (Paulo de Tarso Cabrini Júnior)** - *Doutora, Mestra e Graduada em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. Poeta, membro da*

*Academia Bauruense de Letras e docente do magistério superior no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo-IFSP – Campus Avaré e pesquisadora nos Grupos de Pesquisa em Expressão Poética, de Bauru no Grupo de Formação de Professores em Línguas e Literatura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-FORPROL/UFVJM.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>

## 18h – A NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA DE VOZES FEMININAS NEGRAS NO BRASIL

**Palestrante: Mônica Maria dos Santos** - Doutoranda em Estudos Literários – Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT, *Mestra em Letras, Especialista em Gestão Escolar e Graduada em Letras: Língua e Literatura - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Especialista em Libras - Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA. É docente do magistério superior na Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/2810283550094313>

## 19h – LITERATURA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA PERNAMBUCANA DOS ANOS 80: O MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO

**Palestrante: Jose Eduardo Martins de Barros Melo** – *Doutor e Mestre em Teoria da Literatura – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP; Especialista em Língua Portuguesa - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Graduado em Letras - Faculdade Frassinetti do Recife-FAFIRE. Poetadocente do magistério superior lotado no Departamento Acadêmico de línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-DALV/UNIR, líder do Grupo de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-GPFENNCO e membro/pesquisador nos Grupos de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea (GEPEC) e Literatura, Educação e Cultura: caminhos da alteridade.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/4265515216692794>

## 20h – LITERATURA BRASILEIRA E RESISTÊNCIA: (RE)SIGNIFICADO DA HISTÓRIA



**Palestrante: Walnice Aparecida Matos Vilalva** – *Pós-Doutora - Universidade de São Paulo-USP; Doutora em Teoria e História Literária-Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP; Mestra em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP; Graduada em Letras - Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT; Professora e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/8755570206486476>

## COMUNICAÇÕES ORAIS – 23 de maio de 2020

**09h00 – A TRANSTEXTUALIDADE DE GENETTE NA OBRA "A NOITE DA ESPERA" DE MILTON HATOUM**

**Comunicadora: Andrea Tavares Ishimoto** - *Mestranda em Estudos Literários e Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas - Universidade Federal de Rondônia-UNIR.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/1601231436291551>

**09h30 – BOACÊ METLON: "PALVRA É CORAGEM"**

**Comunicadora: Aline Rochedo Pachamama (Aline do Carmo Rochedo)** *mulher Originária do povo Puri. Historiadora, escritora e ilustradora. Doutora em História Cultural pela UFRRJ. Mestre em História Social e Especialista em História do Brasil - Universidade Federal Fluminense-UFF. Idealizadora da Pachamama Editora, (editora formada por mulheres). Participa dos Movimentos dos Povos Originários com ações em prol da valorização e preservação de suas Línguas e do Projeto Arquivo Multimídia da Poesia (em Línguas Indígenas) dos países da CPLP, no âmbito da Cátedra UNESCO da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-Lisboa. Atua na região da Mantiqueira, entre o sul de Minas e o Rio de Janeiro, com mapeamento de mulheres do Povo Puri e o registro de suas histórias, também com a proposta de "Troca de saberes itinerante" com encontros em escolas e espaços públicos e ações pela preservação da Mantiqueira e suas águas minerais.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/8223931279799638>

**10h00 – O ATO DE CRIAR MUNDOS: AJUREMAR, AFRONIZAR, ENCANTAR, VIVÊNCIAS DE UM TERREIRO NA AMAZÔNIA**

**Comunicador: Anderson Lucas da Costa Pereira** - *Doutorando e Mestre em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduado em Antropologia - Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA; Graduação em Administração - Centro Universitário do Estado do Pará-CESUPA. É membro/cofundador do Coletivo de Negros e Negras Marlene Cunha do Programa de Pós-graduação do Museu Nacional/UFRJ, integrante do Núcleo de Antropologia Simétrica-NanSi e bolsista de doutorado do CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/8406667115384744>

**10h30 – ENTRE O KALUNGA GRANDE E O KALUNGA PEQUENO: TERRITÓRIOS INVISÍVEIS, IMAGENS ARQUETÍPICAS E ARTES DA ESCURIDÃO**

**Comunicadora: Lucinea dos Santos Ferreira** - *Doutoranda Mestra em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduação em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC-RIO; Graduação em Letras - Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Bolsista de Doutorado do CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/7450998278378894>

**11h00 – RE(SIGNIFICAÇÕES) DO PASSADO: A LITERATURA ORAL E O TRABALHO COLETIVO**

**Comunicadora: Girlene da Cruz Ferreira** - *Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural, Especialista em Estudos Literários e Graduação em Letras Vernáculas - Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/4355217440827523>

**11h30 – FRAÇÕES DA VIDA FULNI-Ô: POR UMA ETNOGRAFIA DOS POSSÍVEIS**

**Comunicadora: Ellen Fernanda Natalino Araujo** - *Doutoranda em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de*

*Janeiro-UFRJ; Mestra em Antropologia - Universidade Federal Fluminense-UFF; Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais - Universidade Federal Fluminense-UFF. Integrante do Núcleo de Antropologia Simétrica-NanSi*

CV: <http://lattes.cnpq.br/3444423019737285>

### **13h00 – POESIA E PERSEGUIÇÃO 'SOCIAL' NA OBRA YACALA, DE ALBERTO DA CUNHA MELO**

**Comunicadora: Josimeire Santos da Mata** - *Mestranda em Estudos Literários e Graduada em Pedagogia - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Especialista em Arte-Educação - Faculdade Integrada De Araguatins-FAIARA. É Membro/Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-GPFENCO; Poéticas Moderna e Contemporânea e em Letramento Literário: Estudos Literários da/na Amazônia, todos vinculados à PROPESQ/UNIR/CAPES.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/2260783932463344>

### **13h30 – 'MINHA VIDA É ANDAR POR ESSE PAÍS': DESLOCAMENTOS DE UM PEÃO DE TRECHO**

**Comunicadora: Luana Braga Batista** - *Doutoranda e Mestra em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduada em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. Bolsista de Doutorado do CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/6655571187590876>

### **14h00 – NAS FRANJAS DO ESTADO: O CASO DA POLÍTICA DE REABILITAÇÃO PARA O TRABALHO**

**Comunicador: Wagner Guilherme Alves da Silva** – *Doutorando e Mestre em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduado em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/0957544620984580>

### **14h30 – LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

**Comunicador: José Flávio da Paz** – *Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Estudos Literários - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; É professor lotado no Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-DALV/UNIR, vice líder do Grupo de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-GPFENNCO; Membro/Pesquisador dos Grupos de Pesquisa: Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq. e Ética, Estética e Filosofia da Literatura - UNIR/CNPq e Bolsista do Novo Prodoutoral da CAPES/CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

### 15h00 – ENFERMEZAS APÁCH Y "LA MÁQUINA QUE EL DETECTA EL SIDA": MEMORIAS, NOCIONES Y EXPERIENCIAS DE INTERMEDICALIDAD AWAJÚN ASOCIADAS AL VIH/SIDA (AMAZONÍA PERUANA)

**Comunicadora: María Ximena Flores Rojas** – *Doutoranda e Mestra em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduação em Antropología - Pontificia Universidad Católica del Peru-PUCP. Integra o projeto "Prácticas de autoatención, intermedicalidad y adherencia al tratamiento entre personas viviendo con el VIH/Sida en cuatro pueblos indígenas de la Amazonía", do Grupo de Antropología Médica y Salud Intercultural da PUCP.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/7508568531935568>

### 15h30 – RELIGIOSIDADES MARANHENSES - ANOTAÇÕES INICIAIS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA PAJELANÇA

**Comunicadora: Stefânia Pereira da Silva** – *Doutoranda em Antropologia Social e Mestra em Planejamento Urbano e Regional e Políticas Públicas - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduada em Ciências Sociais - Universidade Federal Fluminense-UFF; Graduada em Relações Internacionais - Universidade Estácio de Sá-UNESA. Integra o Grupo de Pesquisadores do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza, vinculada ao Núcleo de Planejamento Conflitual ETTERN/NEPLAC) e bolsista de doutorado do CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/3040992721398339>

## 16h00 – LITERATURA Y EXPRESIÓN. UNA REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA Y LA COMUNICACIÓN DE LA PERSONA SORDA EN CONTEXTOS ESCOLARES

**Comunicadora: Bibiana Jacqueline Prado Rivera** - *Especialista em desenvolvimento integral de infância e adolescência (Universidad Iberoamericana). Licenciada em Pedagogia Infantil (Universidad del Tolima). Funcionária Pública do Instituto Nacional para Surdos. Atualmente é coordenadora do grupo de Qualidade Educativa da subdireção de Gestão Educativa do instituto. Pesquisa em temas relacionados à primeira infância, família, surdez, literatura e educação para surdos.*

E-mail: [Bibiana.prado@insor.gov.co](mailto:Bibiana.prado@insor.gov.co)

**Comunicador: Néstor Raúl González Gutiérrez** - *Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; Especialista em Ensino de Língua Espanhola - Universidade Cândido Mendes-UCAM; LIBRAS: Docência, Tradução e Interpretação - Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte-FATERN; Licenciado em Letras: Português e Espanhol - Universidade Cidade de São Paulo-UNICID; Licenciado en Educación con énfasis en Educación Especial - Universidad Pedagógica Nacional. É professor do magistério superior em cursos de graduação e pós-graduação e tradutor/intérprete da Língua Brasileira e Colombiana de Sinais e suas respectivas línguas orais (Espanhol/Português) e bolsista UNEMAT/FAPEMAT/CAPES.*

<http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>

## 16h30 – LITERATURA E OUTRAS ARTES: A CONFIGURAÇÃO DA CULTURA E DA RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA DE CIRO GUERRA – “EL ABRAZO DE LA SERPIENTE”

**Comunicador: Néstor Raúl González Gutiérrez** - *Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; Especialista em Ensino de Língua Espanhola - Universidade Cândido Mendes-UCAM; LIBRAS: Docência, Tradução e Interpretação - Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte-FATERN; Licenciado em*

*Letras: Português e Espanhol - Universidade Cidade de São Paulo-UNICID; Licenciado en Educación con énfasis en Educación Especial - Universidad Pedagógica Nacional. É professor do magistério superior em cursos de graduação e pós-graduação e tradutor/intérprete da Língua Brasileira e Colombiana de Sinais e suas respectivas línguas orais (Espanhol/Português) e bolsista UNEMAT/FAPEMAT/CAPES.*

<http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>

### **17h00 – CORPOÉTICA E LITERATURA DE RESISTÊNCIA FEMININA: UM ESTUDO NAS/DAS OBRAS “CORPOS EM CENA” E “BALÉS” DAS POETAS SUSANNA BUSATO E BRUNA BEBER**

**Comunicador: José Flávio da Paz** - *Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Estudos Literários - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; É professor lotado no Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-DALV/UNIR, vice líder do Grupo de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-GPFENNCO; Membro/Pesquisador dos Grupos de Pesquisa: Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq. e Ética, Estética e Filosofia da Literatura - UNIR/CNPq e Bolsista do Novo Prodoutoral da CAPES/CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

### **17h30 - LITERATURA INFANTIL: ENCANTOS, APRENDIZAGEM, EMOÇÃO E DESCOBERTAS NA ALFABETIZAÇÃO**

**Comunicadora: Rute Barboza da Silva** - *Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar - Faculdade Porto - FGV e em Libras - Faculdade Interamericana de Porto Velho-UNIRON e Graduada em Pedagogia pela mesma IES. Cursando Letras Libras na Universidade Federal de Rondônia-UNIR. É docente das séries iniciais da educação básica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho-SEMED/PVH.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/8399278196508977>

## COMISSÃO ORGANIZADORA:

### **JOSÉ FLÁVIO DA PAZ**

*Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Estudos Literários - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; Especialista em Língua Portuguesa - Redação e Oratória e em Educação e Sociedade - Faculdade Educacional da Lapa-FAEL; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes e em Metodologia do Ensino, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva - Faculdade Futura; Filosofia e Sociologia, Produção Textual e História e Cultura Afro-Brasileira - Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI; Cultura e Literatura e Alfabetização e Letramento - Universidade Candido Mendes-UCAM; Linguística e Formação de Leitores, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Comunicação, Cultura Organizacional e Tecnologia, Pedagogia Empresarial - Faculdade Integrada De Araguatins-FAIARA; Educação Ambiental e Geografia do Semiárido - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN; Educação Inclusiva e em Psicopedagogia Institucional - Universidade Cidade de São Paulo-UNICID; Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas - Universidade de Brasília-UnB; Bacharelado em Letras Libras - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; Habilitado para o Ensino de Língua Portuguesa - Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. É professor lotado no Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia-DALV/UNIR, vice líder do Grupo de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-GPFENNCO; Membro/Pesquisador dos Grupos de Pesquisa: Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq, e Ética, Estética e Filosofia da Literatura - UNIR/CNPq e Bolsista do Novo Prodoutoral da CAPES/CNPq.  
CV: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>*

### **JOSIMEIRE SANTOS DA MATA**

*Mestranda em Estudos Literários e Graduada em Pedagogia - Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Especialista em Arte-Educação - Faculdade Integrada de Araguatins-FAIARA. É Membro/Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa em Poesia de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do Brasil-*

*GPFENNCO; Poéticas Moderna e Contemporânea e em Letramento Literário: Estudos Literários da/na Amazônia, todos vinculados à PROPEQ/UNIR/CAPES.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/2260783932463344>

## **LUCINEA DOS SANTOS FERREIRA**

*Doutoranda e Mestra em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Graduada em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO; Graduada em Letras -Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Bolsista de Doutorado do CAPES/CNPq.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/7450998278378894>

## **NÉSTOR RAÚL GONZÁLEZ GUTIÉRREZ**

*Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; Especialista em Ensino de Língua Espanhola - Universidade Candido Mendes-UCAM; LIBRAS: Docência, Tradução e Interpretação - Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte-FATERN; Licenciado em Letras: Português e Espanhol - Universidade Cidade de São Paulo-UNICID; Licenciado en Educación con énfasis en Educación Especial - Universidad Pedagógica Nacional. É professor do magistério superior em cursos de graduação e pós-graduação e tradutor/intérprete da Língua Brasileira e Colombiana de Sinais e suas respectivas línguas orais (Espanhol/Português) e bolsista UNEMAT/FAPEMAT/CAPES.*

<http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>

## **WALNICE APARECIDA MATOS VILALVA**

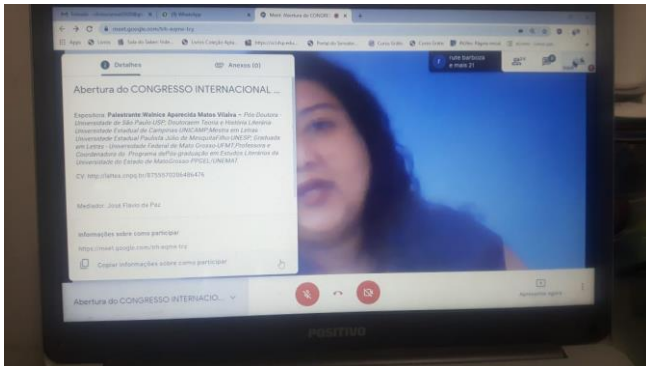
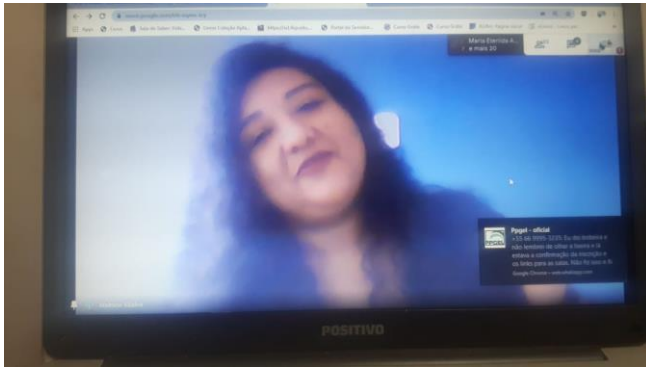
*Pós-Doutora - Universidade de São Paulo-USP; Doutora em Teoria e História Literária-Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP; Mestra em Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP; Graduada em Letras - Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT; Professora e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT.*

CV: <http://lattes.cnpq.br/8755570206486476>



## Evidências, *por* Néstor Raúl González Gutiérrez

### 21 DE MAIO ABERTURA DO EVENTO CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA, CULTURA E RESISTÊNCIA



## 21 DE MAIO DE 2020

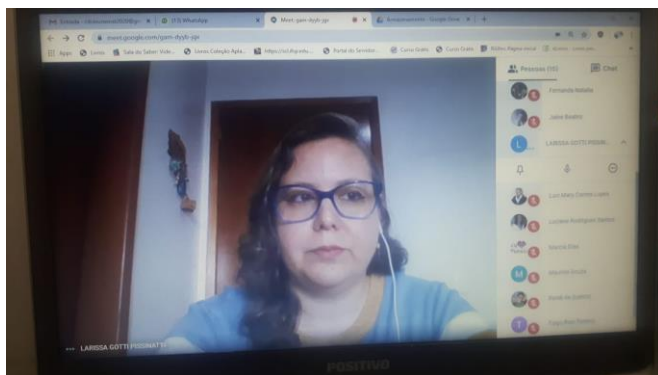
### 09h – LITERATURA INFANTO-JUVENIL: RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO

Link da sala virtual: [meet.google.com/gam-dyyb-jgx](https://meet.google.com/gam-dyyb-jgx)

Mediador: José Flávio da Paz

Palestrante: Larissa Gotti Pissinatti

CV: <http://lattes.cnpq.br/3047273542545380>

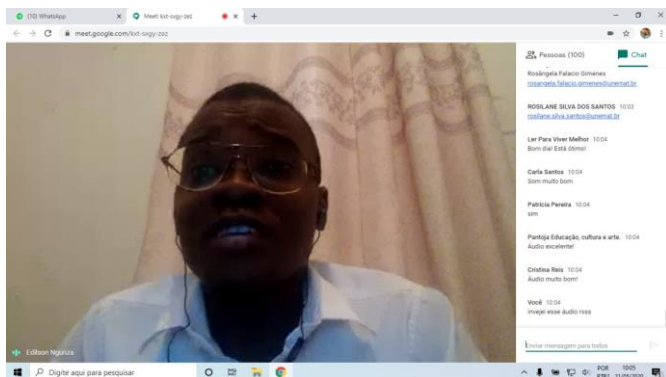


### 10h – PERSPECTIVAS POLIFÔNICAS DA/NA LITERATURA ANGOLA: CENÁRIO ATUAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Link da sala virtual: [meet.google.com/kxt-sxgy-zez](https://meet.google.com/kxt-sxgy-zez)

Mediador: José Flávio da Paz

Palestrante: Edilson do Rosário Jorge de Ngunza



## 11h – HISTÓRIAS PARA OUVIR ANTES DE DORMIR: A POÉTICA NOS LIVROS DE ARTISTA NO BRASIL

Link da sala virtual: [meet.google.com/ata-uvpn-duf](https://meet.google.com/ata-uvpn-duf)

Mediador: José Flávio da Paz

Palestrante: Marcia Rosenberger

CV: <http://lattes.cnpq.br/4393539414986440>



## 13h – O “INVASOR” OUVINTE CONTRIBUIU COM A LITERATURA SURDA? REFLEXÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES DO OUVINTE À LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS

Link da sala virtual: [meet.google.com/zyo-zimz-bov](https://meet.google.com/zyo-zimz-bov)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Shirley Barbosa das Neves Porto

CV: <http://lattes.cnpq.br/4960345947344178>



## 14h – HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA NA OBRA LITERÁRIA “EMPATE”, DE AUTORIA DA ESCRITORA ACREANA FLORENTINA ESTEVES

Link da sala virtual: [meet.google.com/oaz-qtba-ftp](https://meet.google.com/oaz-qtba-ftp)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Manoel Messias Feitosa Soares

CV: <http://lattes.cnpq.br/7908825005583820>



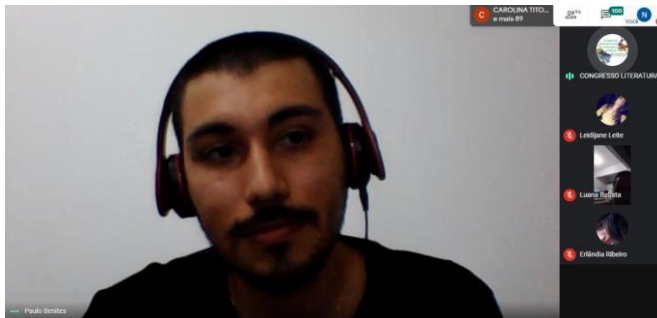
## 15h – A GENTE NÃO VAI AO CHÃO SEM LUTA, SEM RESISTÊNCIA

Link da sala virtual: [meet.google.com/ysu-fkvz-mht](https://meet.google.com/ysu-fkvz-mht)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Paulo Eduardo Benites de Moraes - CV:

<http://lattes.cnpq.br/3962134722733310>



## 16h – A AVALIAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PROVA DE REDAÇÃO DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Link da sala virtual: [meet.google.com/vpj-mrig-pgy](https://meet.google.com/vpj-mrig-pgy)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Renato de Oliveira Dering

CV: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165>



## 17h – A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS E ATIVIDADES DE RESISTÊNCIA PARA SUA PRÁTICA DOCENTE

Link da sala virtual: [meet.google.com/eet-xoya-unk](https://meet.google.com/eet-xoya-unk)

Mediadora: Josemeire Santos da Mata

Palestrante: Deise Leite Bittencourt Friedrich

CV: <http://lattes.cnpq.br/8443370679013081>



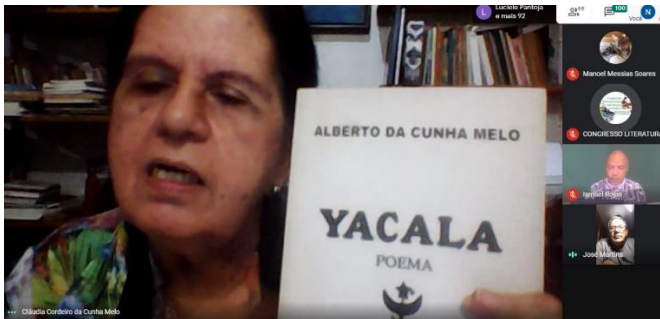
## 18h – POESIA COMPLETA DE ALBERTO DA CUNHA MELO. “ESTRANHA BELEZA”: DO VERSO MEDIDO À CRÔNICA DA ETERNIDADE

Link da sala virtual: [meet.google.com/okh-xirh-nks](https://meet.google.com/okh-xirh-nks)

Mediadora: Josemeire Santos da Mata

Palestrante: Cláudia Cordeiro Tavares da Cunha Melo

[www.albertocmelo.com.br](http://www.albertocmelo.com.br)



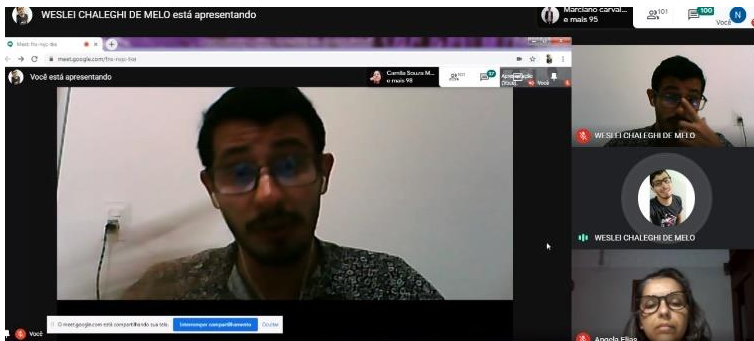
## 19h – A LITERATURA COMO HORIZONTE HUMANIZADOR

Link da sala virtual: [meet.google.com/fns-nxjc-tke](https://meet.google.com/fns-nxjc-tke)

Mediadora: Josemeire Santos da Mata

Palestrante: Wesley Chaleghi de Melo

CV: <http://lattes.cnpq.br/1435734968991252>



## 20h – LA ESCUELA COMO TERRITORIO DE PRÁCTICAS DE RESISTENCIA EN ESCENARIOS DE EMERGENCIA SOCIAL, TORIBÍO-CAUCA: “EL QUE ES NASA RESISTE”

Link da sala virtual: [meet.google.com/iwq-cxxk-czq](https://meet.google.com/iwq-cxxk-czq)

Mediador: Néstor Raúl González Gutiérrez

Palestrante: Camila Andrea Hernandez Castillo - E-mail:

[camilaahc@gmail.com](mailto:camilaahc@gmail.com)



22 DE MAIO DE 2020

## 08h – CORPO, MÍDIA E SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Link da sala virtual: [meet.google.com/him-rxba-whp](https://meet.google.com/him-rxba-whp)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Rafael de Souza Bento Fernandes

CV: <http://lattes.cnpq.br/9990747028801215>



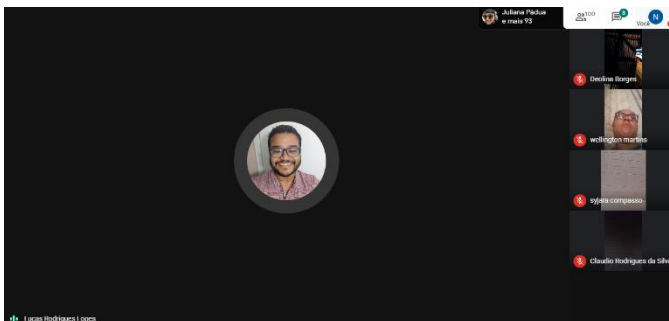
## 09h – AS REPRESENTAÇÕES DE SI DO(S) OUTRO(S) NOS MO(VI)MENTOS DA RUA: LUGAR DE CULTURA E RESISTÊNCIA

Link da sala virtual: [meet.google.com/iqi-sqgz-yii](https://meet.google.com/iqi-sqgz-yii)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Lucas Rodrigues Lopes

CV: <http://lattes.cnpq.br/8141687357119122>





## 10h – LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL

Link da sala virtual: [meet.google.com/hch-qrip-jpt](https://meet.google.com/hch-qrip-jpt)

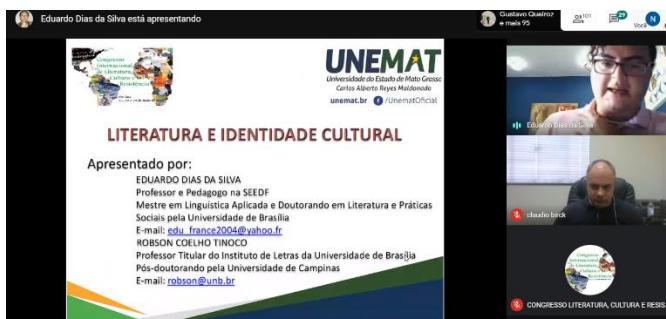
Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Eduardo Dias da Silva

CV: <http://lattes.cnpq.br/5262032700960455>

Palestrante: Robson Coelho Tinoco

CV: <http://lattes.cnpq.br/4786357071287726>



## 11h – ESTUDOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS PARA PENSAR UMA HISTÓRIA DO PRESENTE: ATRAVESSAMENTOS E POSSIBILIDADES DA ANÁLISE FOUCAULTIANA DO DISCURSO

Link da sala virtual: [meet.google.com/hdp-kdzi-pip](https://meet.google.com/hdp-kdzi-pip)

Mediadora: Lucinea dos Santos Ferreira

Palestrante: Éderson Luis Silveira

CV: <http://lattes.cnpq.br/9636609353277293>



## 13h – LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA: ESPAÇOS POSSÍVEIS COM OBRAS DE AUTORIA INDÍGENA

Link da sala virtual: [meet.google.com/hmg-svzb-ish](https://meet.google.com/hmg-svzb-ish)

Mediadora: Josimeire Santos da Mata

Palestrante: Márcia Dias dos Santos

CV: <http://lattes.cnpq.br/2106406700714396>



## 14h – SEMIÓTICA E CULTURA EM TEMPOS DE CONVICÇÕES

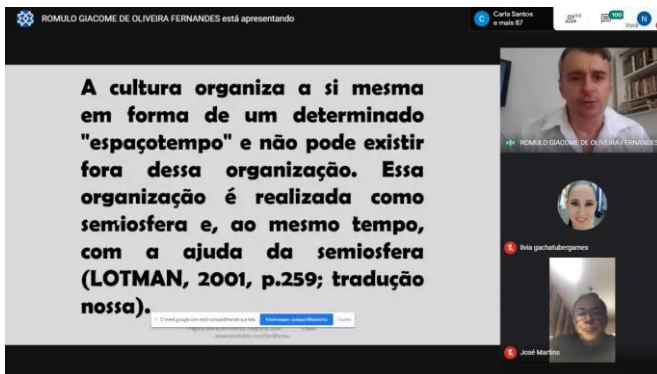
Link da sala virtual: [meet.google.com/zim-bvzj-vwt](https://meet.google.com/zim-bvzj-vwt)

Mediadora: Josemeire Santos da Mata

Palestrante: Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes

[www.teoliterias.blogspot.com](http://www.teoliterias.blogspot.com)

CV: <http://lattes.cnpq.br/2434028210611714>



## 15h – PRÁTICAS DISCURSIVAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CENSURA CULTURAL

Link da sala virtual: [meet.google.com/uph-yxoh-yas](https://meet.google.com/uph-yxoh-yas)

Mediadora: Josemeire Santos da Mata

Palestrante: Anísio Batista Pereira

CV: <http://lattes.cnpq.br/5123270216969087>

Anísio Batista Pereira está apresentando

Edição Número 9  
9 maio 19

UNEMAT  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado

Comunidade  
Destacada  
de  
Pesquisadores

Programa de  
Pós-graduação  
em Estudos Linguísticos  
PPGEL

**PRÁTICAS DISCURSIVAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CENSURA CULTURAL**

Apresentado por:

**ANÍSIO BATISTA PEREIRA**  
Professor da Secretaria Municipal de Educação de Catalão-GO  
Graduado em Letras (Português e Literaturas) e Mestre em Estudos da Linguagem pela UFG (Catalão); Doutorando em Estudos Linguísticos – UFU, sob orientação do prof. Dr. Cleudemar Fernandes  
pereira.anisiobatista@ufu.br

Anísio Batista Pereira

CONGRESSO LITERATURA, CULTURA E RESI...

Lendo com atenção

## 16h – HISTÓRIA E LITERATURA: OS FIOS NARRATIVOS ENTREMEADOS PELA MEMÓRIA

Link da sala virtual: [meet.google.com/nfq-kedg-mzu](https://meet.google.com/nfq-kedg-mzu)

Mediadora: Josemeire Santos da Mata

Palestrante: Auxiliadora dos Santos Pinto

CV: <http://lattes.cnpq.br/9380284076167461>

Resposta Conect...  
9 maio 19

CONGRESSO LITERATURA...

Lidjane Leite

Sara Helena Souza Matos

Luís Carlos

ELSONEIRE ZAFONATO

Auxiliadora dos Santos Pinto

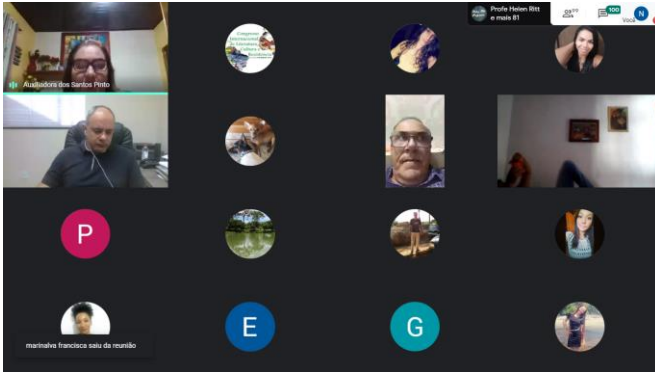
## 17h – A LITERATURA NO NOVO CAMPESINATO CONTEMPORÂNEO

Link da sala virtual: [meet.google.com/yye-ogbe-iux](https://meet.google.com/yye-ogbe-iux)

Mediador: José Flávio da Paz

Palestrante: Katryna Cabrini (Paulo de Tarso Cabrini Júnior)

CV: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>



## 18h – A NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA DE VOZES FEMININAS NEGRAS NO BRASIL

Link da sala virtual: [meet.google.com/vmu-mhne-jom](https://meet.google.com/vmu-mhne-jom)

Mediador: José Flávio da Paz

Palestrante: Mônica Maria dos Santos

CV: <http://lattes.cnpq.br/2810283550094313>



## 19h – LITERATURA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA PERNAMBUCANA DOS ANOS 80: O MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO

Link da sala virtual: [meet.google.com/hjs-vzaf-asp](https://meet.google.com/hjs-vzaf-asp)

Mediador: Néstor Raúl González Gutiérrez

Palestrante: Jose Eduardo Martins de Barros Melo

CV: <http://lattes.cnpq.br/4265515216692794>



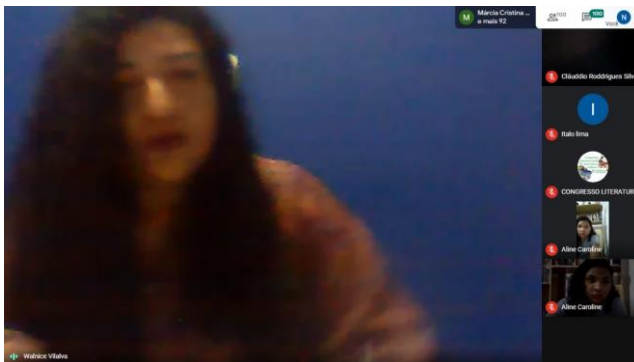
## 20h – LITERATURA BRASILEIRA E RESISTÊNCIA: (RE)SIGNIFICADO DA HISTÓRIA

Link da sala virtual: [meet.google.com/smz-bukd-mmi](https://meet.google.com/smz-bukd-mmi)

Mediador: Néstor Raúl González Gutiérrez

Palestrante: Walnice Aparecida Matos Vilalva

CV: <http://lattes.cnpq.br/8755570206486476>





## COMUNICAÇÕES ORAIS – 23 de maio de 2020

### COMUNICAÇÕES ORAIS – GT1

Link da sala virtual: [meet.google.com/gjv-yhte-mqa](https://meet.google.com/gjv-yhte-mqa)

Mediadora: Josimeire Santos da Mata

### 09h30 – BOACÊ METLON: "PALVRA É CORAGEM"

Comunicadora: Aline Rochedo Pachamama (Aline do Carmo Rochedo)

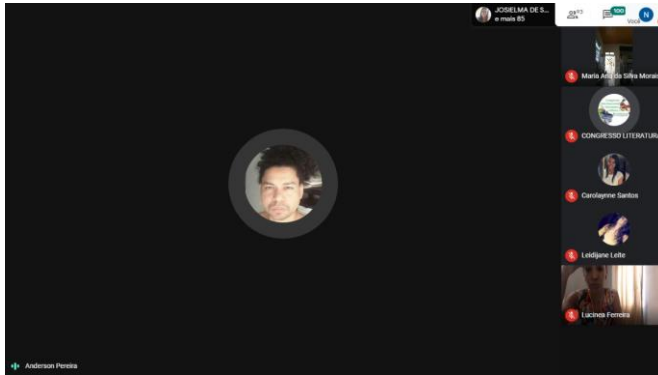
CV: <http://lattes.cnpq.br/8223931279799638>



## 10h00 – O ATO DE CRIAR MUNDOS: AJUREMAR, AFRONIZAR, ENCANTAR, VIVÊNCIAS DE UM TERREIRO NA AMAZÔNIA

Comunicador: Anderson Lucas da Costa Pereira

CV: <http://lattes.cnpq.br/8406667115384744>



## 10h30 – ENTRE O KALUNGA GRANDE E O KALUNGA PEQUENO: TERRITÓRIOS INVISÍVEIS, IMAGENS ARQUETÍPICAS E ARTES DA ESCURIDÃO

Comunicadora: Lucinea dos Santos Ferreira

CV: <http://lattes.cnpq.br/7450998278378894>





## COMUNICAÇÕES ORAIS – GT2

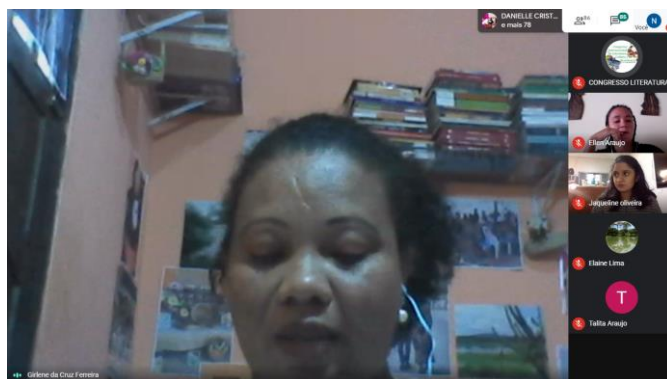
Link da sala virtual: [meet.google.com/bbd-dgmb-ixe](https://meet.google.com/bbd-dgmb-ixe)

Mediador: Lucinea dos Santos Ferreira

### 11h00 – RE(SIGNIFICAÇÕES) DO PASSADO: A LITERATURA ORAL E O TRABALHO COLETIVO

Comunicadora: Girlene da Cruz Ferreira

CV: <http://lattes.cnpq.br/4355217440827523>



## 11h30 – FRAÇÕES DA VIDA FULNI-Ô: POR UMA ETNOGRAFIA DOS POSSÍVEIS

Comunicadora: Ellen Fernanda Natalino Araujo

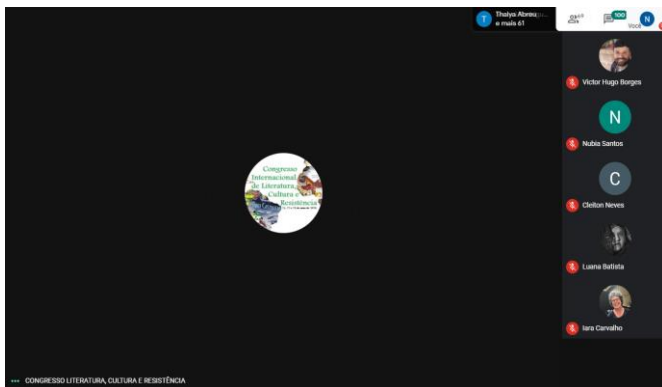
CV: <http://lattes.cnpq.br/3444423019737285>



## 13h00 – POESIA E PERSEGUIÇÃO 'SOCIAL' NA OBRA YACALA, DE ALBERTO DA CUNHA MELO

Comunicadora: Josimeire Santos da Mata

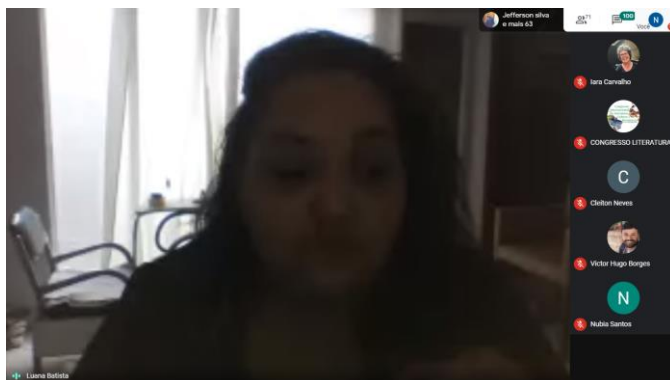
CV: <http://lattes.cnpq.br/2260783932463344>



## 13h30 – 'MINHA VIDA É ANDAR POR ESSE PAÍS': DESLOCAMENTOS DE UM PEÃO DE TRECHO

Comunicadora: Luana Braga Batista

CV: <http://lattes.cnpq.br/6655571187590876>



## COMUNICAÇÕES ORAIS – GT3

Link da sala virtual: [meet.google.com/ykh-dfhm-rri](https://meet.google.com/ykh-dfhm-rri)

Mediadora: José Flávio da Paz



14h00 – NAS FRANJAS DO ESTADO: O CASO DA  
POLÍTICA DE REABILITAÇÃO PARA O TRABALHO

Comunicador: Wagner Guilherme Alves da Silva

CV: <http://lattes.cnpq.br/0957544620984580>



## 14h30 – LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Comunicador: José Flávio da Paz

CV: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>



## 15h30 – RELIGIOSIDADES MARANHENSES - ANOTAÇÕES INICIAIS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA PAJELANÇA

Comunicadora: Stefânia Pereira da Silva

CV: <http://lattes.cnpq.br/3040992721398339>



## COMUNICAÇÕES ORAIS – GT4

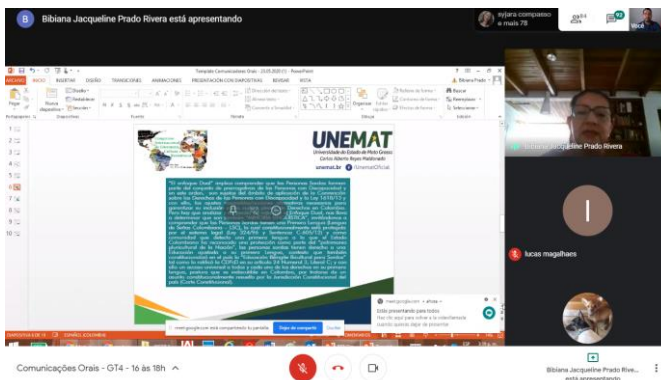
Link da sala virtual: [meet.google.com/zbs-aarr-kgp](https://meet.google.com/zbs-aarr-kgp)

Mediador: Néstor Raúl González Gutiérrez

### 16h00 – LITERATURA Y EXPRESIÓN. UNA REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA Y LA COMUNICACIÓN DE LA PERSONA SORDA EN CONTEXTOS ESCOLARES

Comunicadora: Bibiana Jacqueline Prado Rivera

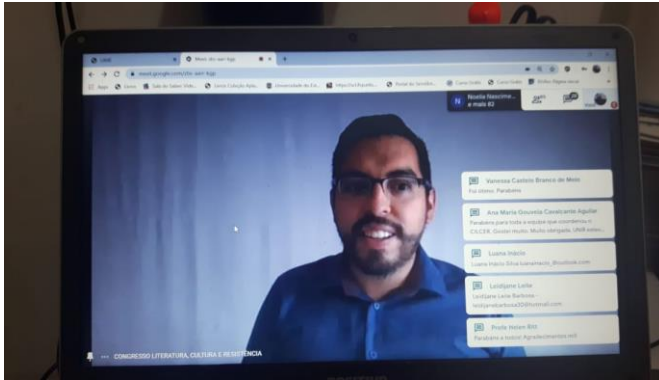
E-mail: [bibiana.prado@insor.gov.co](mailto:bibiana.prado@insor.gov.co)



## 16h30 – LITERATURA E OUTRAS ARTES: A CONFIGURAÇÃO DA CULTURA E DA RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE CIRO GUERRA – “EL ABRAZO DE LA SERPIENTE”

Comunicador: Néstor Raúl González Gutiérrez

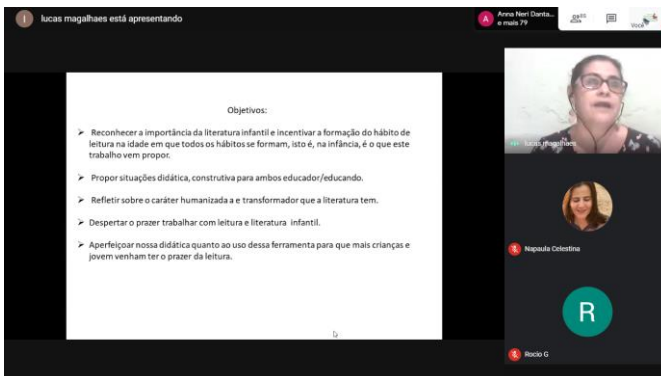
CV: <http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>



## 17h30 - LITERATURA INFANTIL: ENCANTOS, APRENDIZAGEM, EMOÇÃO E DESCOBERTAS NA ALFABETIZAÇÃO

Comunicadora: Rute Barboza da Silva

CV: <http://lattes.cnpq.br/8399278196508977>



ALGUNS  
RESUMOS



## PRÁTICAS DISCURSIVAS DE RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CENSURA CULTURAL

Anísio Batista Pereira <sup>107</sup>

### RESUMO

Considerando-se a constituição de sujeito na concepção foucaultiana, dada pelas relações de saber e de poder, acredita-se que a realização de uma análise pautada nesse suporte teórico metodológico agrega conteúdo analítico a essa área da linguística, possibilita pensar o cotidiano vigente a partir das suas condições de possibilidade. Como exemplo de discurso que ganhou repercussão na *internet* a partir do final de 2019 e que tomamos para análise é a composição *Vida em branco*, de Zélia Duncan, cantora e compositora da Música Popular Brasileira (MPB). Esse discurso atual e de resistência nos despertou para uma análise com base em alguns conceitos desenvolvidos pelo filósofo Michel Foucault (1995; 1996; 2007; 2008; 2010), tais como resistência e subjetividade, a noção de memória abordada por Michel Pêcheux (1999; 2011), com a contribuição de Pedro Navarro (2008) com o discurso midiático a partir das teorias foucaultianas. Nessa leitura, almejamos os seguintes objetivos: elucidar a prática discursiva de resistência em uma composição da cantora Zélia Duncan; refletir sobre o atual momento cultural brasileiro a partir do suporte teórico-metodológico foucaultiano e o *corpus* selecionado. Nesse contexto, acreditamos que as formulações foucaultianas e as complementares se constituem em terreno fértil para um olhar sobre o cenário atual das práticas culturais brasileiras. O sujeito enunciador materializado no enunciado em questão se dirige ao governo federal de modo a

---

<sup>107</sup> Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; Mestre em Estudos da Linguagem e Graduado em Letras Vernáculas (Português e suas Literaturas) pela Universidade Federal de Goiás (UFG/CAC); Membro pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF-UFG/CNPq). E-mail: pereira.anisiobatista@ufu.br

resistir sua indiferença em relação às artes como um todo, bem como questiona seus discursos pautados pelo ódio, trazendo referências culturais da música, da pintura e da literatura como práticas discursivas vinculadas a uma memória nesse cenário. Dessa forma, os fios do discurso são tecidos de acordo com as condições históricas da atualidade, de forma que o sujeito não entra nesse jogo de repulsa às artes, contornando suas subjetividades pelo olhar do enunciador artista.

**Palavras-chave:** Resistência, Subjetividade, Censura cultural, Memória, Zélia Duncan.

## LITERATURA INFANTO-JUVENIL: RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO

*Larissa Gotti Pissinatti*<sup>108</sup>  
*Nerli nonato Ribeiro Mori*<sup>109</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa versa sobre as evidências de resistência na literatura infanto-juvenil produzida por grupos excluídos e/ou minoritários. O objetivo desse estudo é apresentar evidências de resistência na obra Cinderela surda, de Carolina Hessel, Lodernir Karnopp e Fabiano Rosa. A escolha da obra se justifica por ser uma produção de um grupo cultural alvo de preconceitos e atitudes excludentes atualmente e que viveram um processo de colonização cultural, tendo sua língua e cultura negados pelo colonizador. A literatura infanto-juvenil pode ser compreendida em seu caráter resistente e descolonizador a partir do século XIX, em um contexto de confronto com o poder colonial vivido por povos culturalmente colonizados. Nessa perspectiva, a abordagem utilizada tem como base a teoria dos estudos pós-coloniais. Para tanto, faremos uso dos argumentos de Barbara Harlow, Alfredo Bosi, Wa Thiong Ngugi e Amílcar Cabral, a fim de discutir o caráter resistente presente nas obras. Os resultados confirmam o caráter resistente das narrativas e a possibilidade de oferecer uma formação descolonizadora de práticas

---

<sup>108</sup> Mestra em Estudos Literários; professora efetiva lotada no departamento de Libras na Universidade Federal de Rondônia – UNIR; Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – sob orientação de Nerli Nonato Ribeiro Mori; membro do grupo de pesquisa: Desenvolvimento, aprendizagem e educação-UEM/CNPq; membro do grupo de pesquisa Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia – CNPq.

<sup>109</sup> Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá-UEM; líder do grupo de pesquisa Desenvolvimento, aprendizagem e educação-UEM/CNPq.

excludentes a partir do contato com obras, contribuindo assim, no processo de descolonização das mentes.

**Palavras-chave:** Literatura    infanto-juvenil,    Resistência, Descolonização.

## E QUANDO O “OUTRO” É VOCÊ?: REFLEXÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA LITERATURA SURDA E O LUGAR DE FALA DO OUVINTE NESSE CONTEXTO

*Shirley Barbosa das Neves Porto*<sup>110</sup>

### RESUMO

O presente artigo é resultado da palestra com título O “INVASOR” OUVINTE CONTRIBUIU COM A LITERATURA SURDA?: REFLEXÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES DO OUVINTE PARA A LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS, apresentada no *Congresso Internacional de Literatura, Cultura e Resistência*, realizado pela UNEMAT e UNIR, em maio de 2020. Com a escolha do tema “a presença do ouvinte” na literatura surda e na literatura em língua de sinais, reflito sobre as condições de “invasor” e de “colaborador” por parte do ouvinte, ao adentrar neste campo de estudos, uma vez que esta literatura, como literatura de minorias, tem um núcleo constitutivo de resistência ao modelo de mundo instituído pela maioria ouvinte. Assim, é por meio dessa reflexão que busco construir um diálogo entre o tema do Congresso e a minha perspectiva de pesquisadora e professora da Literatura Surda da Literatura em Língua de Sinais. A direção deste texto tem início com a minha percepção da Literatura Surda como espaço da resistência surda, promovida por meio da elaboração de suas produções literárias, distinguindo-a da Literatura em Língua de Sinais. Esta última, tomada por empréstimos advindos da literatura ouvinte por meio de traduções ou adaptações, constrói-se na interseção entre a Literatura Surda e a Literatura dos Ouvintes, seja ela oral ou escrita. Na sequência, apresento o referencial teórico da

---

<sup>110</sup> Doutora em Educação, com mestrado em Linguagem e Ensino - área de concentração Literatura e Ensino -, Especialista em educação, Pedagoga, Professora da Licenciatura em Letras Libras - Unidade Acadêmica de Letras (UAL) - Universidade Federal de Campina Grande (UFGC). e-mail: sbportoneves@gmail.com. CV <http://lattes.cnpq.br/4960345947344178>

Estética da Recepção, utilizado por mim como uma possibilidade para investigar a produção, acesso, distribuição e absorção do texto literário sinalizado. Como pesquisadora e professora ouvinte, trato o meu lugar não como o de “invasora”, mas como o de “estrangeira”, que não “toma o sinal do surdo”, mas que colabora com os estudos sobre suas criações literárias, produzindo pela ciência da literatura a expansão da área.

**Palavras-chave:** Surdo, Libras, Literatura surda, Literatura em língua de sinais, Ouvinte